

DEPÓSITO LEGAL
O SÉCULO

Nº 1649 • 9-8-69 • preço 5\$00

Ilustrado

ALEX DINCES ESTEVE EM PORTUGAL

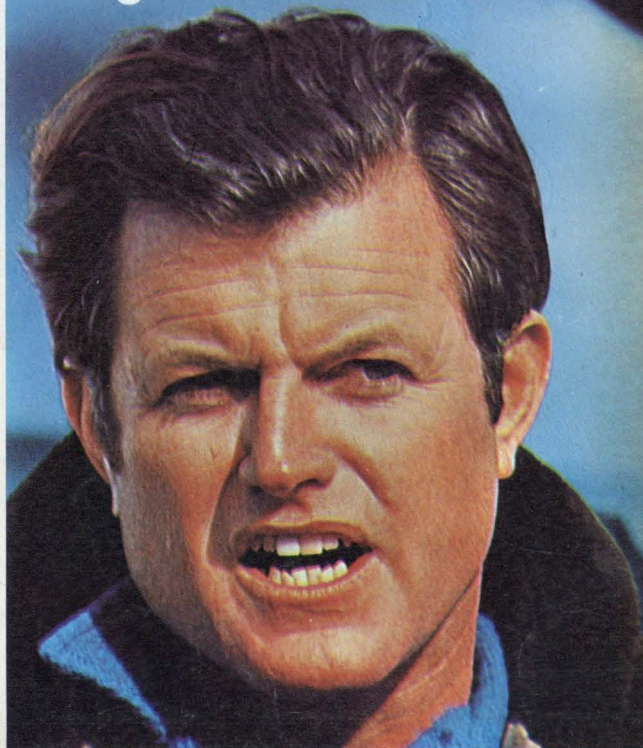
**"OS MEUS 5 ANOS
NAS PRISÕES RUSSAS"**



**A ESPANHA
VAI TER REI**



**TED KENNEDY:
os sonhos
afogaram-se no canal**



CONCURSO S I - TRÊS DATSUNS PARA VOCÊ!

desculpe...

rode a página para a direita...



O NOVO **SAGRÉS** EXTRA LONGO

É TÃO LONGO
QUE NÃO CABE
NA LARGURA DESTA PÁGINA

O CIGARRO QUE AGRADA SEMPRE*

TAMBÉM
NO TAMANHO
EXTRA LONGO

*SEMPRE E AGORA ... AINDA MAIS

NESTE NÚMERO:

«S. I.» ACTUALIDADES

| | | |
|---|------|----|
| O drama de Ted Kennedy | Pág. | 26 |
| A conquista do espaço | Pág. | 34 |
| D. Juan Carlos, à direita de Franco | Pág. | 58 |

REPORTAGEM «S. I.» DA SEMANA

| | | |
|---|------|----|
| O mundo fantástico do sr. Figueiras | Pág. | 18 |
|---|------|----|

«S. I.» REPORTAGENS

| | | |
|--|------|----|
| Os grandes criminosos portugueses: «Ladrão Fino» contra o chefe Miguel | Pág. | 24 |
|--|------|----|



O AMERICANO ALEX DINCES PASSOU 5 ANOS EM PRISÕES RUSSAS. PORQUÊ? APROVEITANDO A SUA PASSAGEM POR PORTUGAL, «S. I.» CONVERSOU COM ELE. A SUA DRAMÁTICA AVENTURA NA U. R. S. S. VEM NARRADA PELO PRÓPRIO NA PÁG. 50



SABE QUEM É «PAPA DOC»? NO HAITI, NINGUÉM O PODE IGNORAR. APOIADO NOS SEUS «TONTONS MACOUTE», «PAPA DOC» ESTABELECEU NAS CARAÍBAS UM EXECRANDO REGIME DITATORIAL — QUE «O SÉCULO ILUSTRADO» DENUNCIA NA PÁG. 28



TUDO SE FALSIFICA, HOJE EM DIA. O «S. I.», EM ARTIGO EXCLUSIVO PARA PORTUGAL, REVELA OS SEGREDOS DESSE MUNDO FASCINANTE, ATRAVÉS DO TESTEMUNHO DO FALSIFICADOR DE OBRAS DE ARTE, DAVID STEIN, QUE, ATÉ SER PRESO, «PINTOU» CERCA DE 30 MIL CONTOS DE «OBRAS-PRIMAS». VEJA NA PÁG. 54

... E AINDA

| | | |
|---------------------------------|------|-----------------|
| Há 30 anos | Pág. | 4 |
| TV programas | Pág. | 6 |
| Humor | Pág. | 8 |
| «S. I.» da próxima semana | Pág. | 10 |
| Extra | Pág. | 11, 13, 15 e 17 |
| Palavras cruzadas | Pág. | 60 |
| Horóscopos | Pág. | 62 |
| Pop | Pág. | 64 e 65 |
| Policítestes | Pág. | 66 |
| Os nossos comentaristas | Pág. | 67, 69, 71 e 73 |
| Teatro e cinema | Pág. | 74 |
| Sábado a sábado | Pág. | 75, 77, 79 e 81 |
| Strippy | Pág. | 82 |

si HÃ 30 ANOS

OLIMPIADAS EM HELSINKUA

No dia 12 de Agosto de 1939, «S. I.» publicou uma reportagem sobre Helsinquia, a capital da Finlândia, onde, em 1940, se realizaram os Jogos Olímpicos, apesar de a Europa estar em guerra. O articulista referiu-se nos seguintes termos aos preparativos finlandeses: «A Finlândia que é, sem contestação, a nação mais desportiva da Europa, prepara os Jogos com entusiasmo e com grandeza espectacular. O seu estádio comporta 61 540 lugares sentados, sem se contar com as tribunas dos convidados oficiais. A torre da Maratona é da altura de 73 metros, isto é, de mais um metro que a de Berlim, nos célebres Jogos de 1936.»



DIRECTOR: FRANCISCO MATA

CHEFE DA REDACÇÃO: Botelho Tomé. REDACÇÃO: Guedes de Amorim, Manuel de Lima, João Corredor, Carlos Plantier, Conceição Gomes da Silva, Joaquim Gaio, Paulo Figueira, Duarte Figueiredo. SECRETÁRIAS DA REDACÇÃO: Maria dos Anjos Mendes, Lucília Duarte. REPORTAGEM FOTOGRAFICA: Eduardo Gageiro, António Xavier, Augusto Cabrita, Beatriz Ferreira, Fernando Baião, Abel Fonseca. ARRANJO GRÁFICO: Baltazar Ortega, Luís Filipe da Conceição, José Araújo. COLABORADORES PERMANENTES: Carlos Ferrão, Leopoldo Nunes, Luís Alves, Pedro Alvim, Roby Amorim, Manuel Figueira, Manuel Alves Matias, Etevínia Lopes de Almeida, Edmundo Nery Motrena, Álvaro Duarte de Almeida, Lauro António, Carlos Pinhão, Ruben Tristão de Carvalho, Mário do Amaral, Mário do Rosário. COLABORADORES: Maria Helena de Freitas, Maria Antónia Palla, Manuela Martins, Olga Serra Cruz, José Mensurado, Artur Varatojo, Aníbal Mendonça, Oscar Alves, Francisco Santos. PUBLICIDADE: Mário Vidreiro. ASSINATURAS e AGÊNCIAS: António da Silva Neto, Eugénio Costa. EDITOR: Fernando Castro. Edição semanal de «O Seculo». Redacção e Administração: R. de «O Seculo», 41-63 — Lisboa-2. Tel. P. B. X. 36 27 51 — Oficinas: R. de «O Seculo», 59. Sucursal no Porto: R. Sá da Bandeira, 5. PROPRIEDADE: Sociedade Nacional de Tipografia.

ilustrado

Ano XXXII-N.º 1649-Preço 5\$00
2 DE AGOSTO DE 1969

SAI AOS SÁBADOS
PREÇO DE ASSINATURAS

Continente e ilhas:
trimestral, 65\$00; semestral,
120\$00; anual, 230\$00
Províncias Ultramarinas, Espanha
e Brasil: semestral, 130\$00;
anual, 240\$00
Estrangeiro: semestral, 160\$00;
anual, 300\$00

VISADO PELA CENSURA

LIBRAS OURO

COMEÇARAM A SAIR AS LIBRAS NA

PASTA COUTO VULGAR

1.ª 2.ª 3.ª 4.ª 5.ª 6.ª 7.ª 8.ª 9.ª 10.ª 11.ª 12.ª

JÁ ANUNCIADAS

13.ª — RUI MÁRIO VILAR — GAIA

14.ª — BERNARDA MARIA RAMOS — PORTO

A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a brancura natural
dos dentes e libras, mas a Pasta Medicinal Couto
DÁ-LHE A SAÚDE DA BOCA E DOS DENTES

NÃO PINTE

os cabelos

use

RESTAURADOR "OLEX"

e os seus cabelos voltarão à sua
cor primitiva

preço 27,50 • correio 2,50

Couto, Lda - Porto

FRIGORÍFICOS

| | |
|--------------------|----------|
| 145 Lts | 2.170 \$ |
| 175 Lts | 2.850 \$ |
| 215 Lts | 3.150 \$ |
| 270 Lts - 2 portas | 5.150 \$ |
| 280 Lts | 3.990 \$ |

condições especiais para revenda. Consulte-nos

ASTROTECNICA Rua dos Anjos 71 B

Lisboa

Av. António Augusto de Aguiar, 58-B

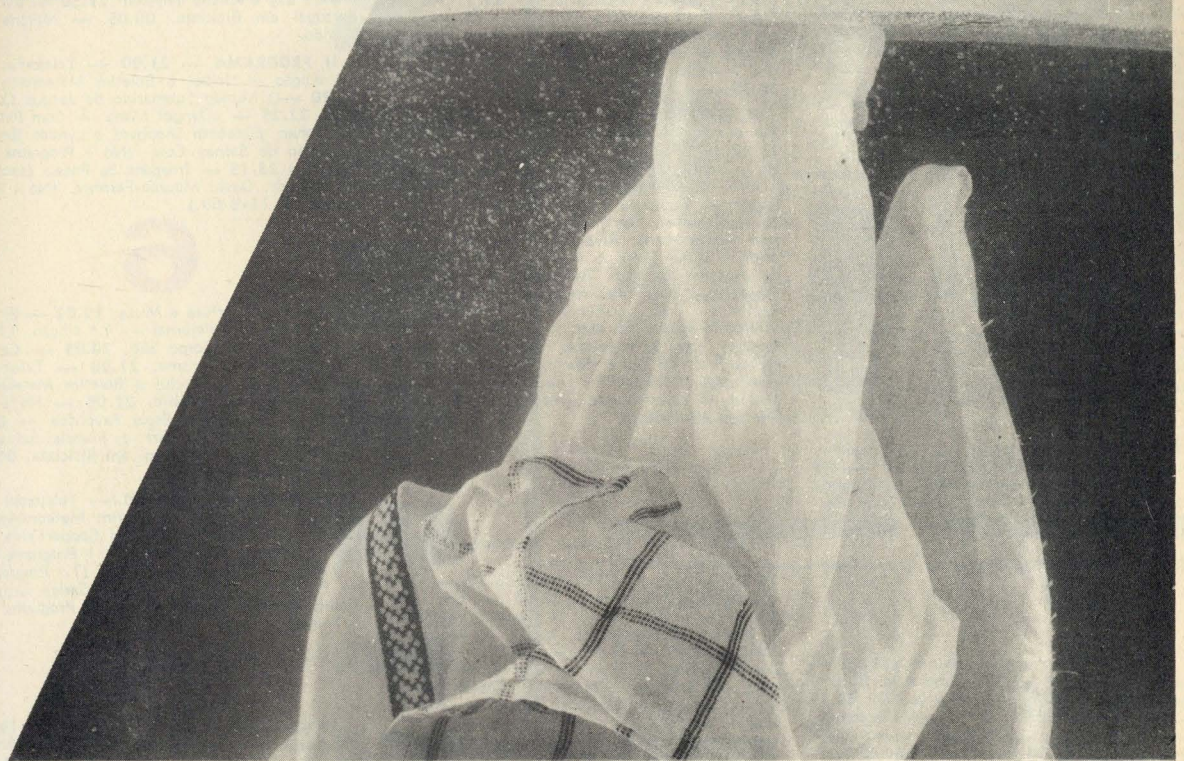
FAÇA AMIGOS EM TODO O MUNDO

Senhoras e senhores de 100 países gostariam de trocar
correspondência consigo. Brochura ilustrada será enviada
grátis.

HERMES. BERLIN IT BOX 17/22. ALEMANHA



com **Bio-tex**
não perde tempo
com a roupa



O maior problema da semana resolvido na sua ausência

Resolvido em três horas, tempo de inteira liberdade para si. Basta deixar o Bio-Tex sozinho (3 horas com água quente, 8 horas com água fria) a lavar a roupa toda da semana. Ponha uma chávena de Bio-Tex no tanque ou meia chávena na máquina. Ponha a roupa toda. Bio-Tex tem enzimas, substâncias biológicas que dissolvem na água toda a sujidade e mesmo as manchas mais difíceis: de ovo, gorduras, suor, chocolate, molhos, óleo, sangue, etc. Não esfregue. Na maioria dos casos basta passar a roupa por água limpa. Assim ela dura muito mais.

Bio-tex
torna a lavagem quase desnecessária

Na compra de qualquer embalagem de



Vale
2\$00

Troque-o no seu fornecedor habitual

(Carimbo)

Senhor(a) cliente: este vale será remido pelo nosso representante na próxima visita

B-3



D

12.55 — Abertura e Missa de Domingo. **13.30** — Eurovisão: Transmissão directa da Bélgica do Campeonato Mundial de Ciclismo (prova de estrada). **15.30** — Abertura. **15.32** — Eurovisão: Transmissão directa da parte final da prova de estrada do Campeonato Mundial de Ciclismo. **17.00** — Reportagem do exterior. **19.00** — Desenhos Animados: «Kimba — O Renegado». Na selva aparece um velho leão, o «Cauda Prateada», que atacou uma aldeia por ter fome e agora é perseguido por um grupo de caçadores. **19.30** — Telejornal — 1.ª edição. **19.45** — Barreira de Sombra. Programa de actualidades tauromáquicas. **20.05** — TV Rural. pelo eng.º Sousa Veloso. **20.35** — Folclore. **21.00** — Telejornal — 2.ª edição — Inclui: Boletim Meteorológico. **21.35** — O Mundo Submarino, de Jacques Cousteau. **22.35** — «Ladrão Precisa-se», com Robert Wagner, Malachi Throne, Suzy Parker, Donnelly Rhodes e David Hurst. Realização de Don Weis. **23.35** — Domingo Desportivo — Reportagem dos principais acontecimentos do dia. **23.50** — A Marcha do Mundo.

II PROGRAMA — 21.00 — Telejornal — Inclui o Boletim Meteorológico. **21.30** — TV 7. **21.55** — Noite de Cinema — «O Grande Ziegfeld» — Com William Powell, Louise Rainer. Transmitido no 1.º Programa de 19 de Janeiro de 1964.

2

19.02 — Juventude no Mundo. **19.30** — Telejornal — 1.ª edição — Inclui o Boletim Meteorológico. **19.45** — Enciclopédia. **20.15** — Momento Desportivo — Entrevista e comentários aos principais acontecimentos da actualidade desportiva. **20.35** — Tempo Internacional. **21.00** — Telejornal — 2.ª edição — Inclui o Boletim Meteorológico. **21.35** — Imagens da Poesia Europeia, pelo dr. David Mourão-Ferreira. **21.55** — Zip-Zip — Programa realizado no Teatro Vilaret. Produção de Raul Solnado, Carlos Cruz e Fialho Gouveia. Realização de Helder Mendes. **23.40** — Marcha do Mundo.

II PROGRAMA — 21.00 — Telejornal — 2.ª edição — Inclui o Boletim Meteorológico. **21.30** — Folhetim — «David Copperfield» — 17.º episódio. **21.55** — Concerto — Música portuguesa pela violoncelista Madalena de Sá Costa. Ao piano: Helena Sá Costa. **22.10** — Universidade na TV. **23.05** — TV Clube — Com Mara Abrantes.

3

19.00 — Abertura. **19.02** — Série Juvenil — «Gentle Ben» — «Uma Medalha para o Ben», com Dennis Weaver, Clint Howard. Realizador R. G. Springsteen — A tribo dos seminóles quer mandar os filhos à escola mas não há barco para os levar. Mark pede a seu pai que o

prémio que ele vai ganhar nas regatas seja para a compra desse barco. **19.30** — Telejornal — 1.ª edição. **19.50** — Segredo da vida animal. **20.15** — TV Social. **20.40** — Se Bem me Lembro. **21.00** — Telejornal — 2.ª edição — Inclui o Boletim Meteorológico. **21.35** — TV Clube — «O Mundo a Cantar» — com o Grupo Vocal Feminino Harmonia e com a acordeonista Siegfried Suug. **22.35** — «As Enfermeiras» — Com Shirley Conway e Zina Bethune. **23.35** — A Marcha do Mundo.

II PROGRAMA — 21.00 — Telejornal — 2.ª edição — Inclui o Boletim Meteorológico. **21.30** — Expedição. Um documentário da série «Grande Aventura». **21.55** — Noite de Teatro — «Os Independentes» — De Eugene Scribe — Tradução e adaptação de Rui Furtado. Intérpretes: Fernanda Borsati, António Manuel Couto Viana, Álvaro Benamor, Mário Jacques, Alberto Chira e Adelaide João. Cenários de António Botelho. Realização de Herlander Peyroteo. (No I Programa em 17-2-69). **23.00** Recital — Pelo pianista Joseph Palenicek, que interpreta música do século XX. Obras de Leon Janacek com os seguintes títulos: «Os nossos serões», «Uma Folha Voando», «A Virgem de Frydek», «A corujinha não voou», «Sonata 1905», «Presentimento e morte». (No I programa em 25-4-69.)

4

19.02 — TV Educativa — Educação Musical. **19.30** — Telejornal — 1.ª edição. **19.50** — Programa Feminino. **20.15** — Quer Saber Então Pergunte... **20.30** — Em Foco. **21.00** — Telejornal — 2.ª edição — Inclui o Boletim Meteorológico. **21.35** — Mesa Redonda. **22.05** — Noite de Teatro — «Quando o Mar Gaiçou a Terra» — Original de Armando Corte Rodrigues. Intérpretes: Emilio Correia, Irene Cruz e João Lourenço. **23.35** — A Marcha do Mundo.



II PROGRAMA — 21.00 — Telejornal — 2.ª edição — Inclui o Boletim Meteorológico. **21.30** — Folhetim — «David Copperfield» — De Charles Dickens. 18.º episódio. **21.55** — Se Bem me Lembro. **22.15** — Série do Oeste — «O Maioral» — Com Le J. Cobb, Doug McClure, James Drury, Larry Pennell, Joan O'Brien e Robert Shore.

5

19.02 — Desenhos Animados. **19.30** — Telejornal — 1.ª edição. **19.45** — Notícia das Artes Plásticas. **20.10** — Sangue na Estrada. **20.30** — Parada da Indústria. **21.00** — Telejornal — 2.ª edição — Inclui o Boletim Metro-

rológico. **21.35** — Museu do Cinema. **22.05** — Variedades — A final da 11.ª Taça Europeia para Cantores de Knokke — Le Zout (Bélgica). Nas eliminatórias participaram cançonetistas de Espanha e Grã-Bretanha. Orquestras dirigidas por Francis Bay e Roland Thyssen. **23.50** — Volta a Portugal em Bicicleta. **00.05** — Marcha do Mundo.

II PROGRAMA — 21.00 — Telejornal — 2.ª edição — Inclui o Boletim Meteorológico. **21.30** — O Mundo Submarino de Jacques Cousteau. **22.25** — «Danger Man» — Com Patrick McGoohan, Elizabeth Shepherd e Lyndon Brook. Produção de Sidney Cole. (No I Programa em 4-6-66.) **23.15** — Imagens da Poesia Europeia — Pelo dr. David Mourão-Ferreira. (No I Programa em 11-8-69.)

6

12.30 — Abertura e Missa. **19.02** — Ginástica. **19.30** — Telejornal — 1.ª edição. **19.50** — Vida Sã em Corpo São. **20.05** — Cartaz TV. **20.35** — Turismo. **21.00** — Telejornal — 2.ª edição — Inclui o Boletim Meteorológico. **21.35** — Literário. **22.05** — Noite de Teatro — «A Minha Espia Favorita» — Com Bob Hope, Hedy Lamarr e Francis Sullivan. **23.50** — Volta a Portugal em Bicicleta. **00.05** — A Marcha do Mundo.

II PROGRAMA — 21.00 — Telejornal — 2.ª edição — Inclui o Boletim Meteorológico. **21.30** — Folhetim — «David Copperfield» — 19.º episódio. (Transmitido no I Programa em 9-4-69.) **21.55** — Zip-Zip — (7.º Programa) — Programa de Raul Solnado, Carlos Cruz e Fialho Gouveia. (Apresentado no I Programa em 7-7-69.)

S

19.02 — Nos Bastidores da Aventura. **19.30** — Telejornal — 1.ª edição. **19.45** — Diálogos de sábado. **21.00** — Teledesporto. **20.30** — Um programa das Forças Armadas. **21.00** — Telejornal — 2.ª edição — Inclui o Boletim Meteorológico. **21.35** — TV Clube — Com Maria da Fé. **22.00** — TV 7 — Revista da Semana. **22.30** — O Fugitivo — Série dramática, com David Jansen no papel do dr. Richard Kimble. O neuropsiquiatra Mark Ryder, tenta por meio de um computador ajudar o tenente Gerard a capturar Richard Kimble. **23.30** — Volta a Portugal em Bicicleta. **23.45** — Marcha do Mundo.

II PROGRAMA — 21.00 — Telejornal — 2.ª edição — Inclui o Boletim Meteorológico. **21.30** — Tunel do Tempo — «Entre dois Fogos» — Com os intérpretes principais: James Darren e Robert Colbert. Realização de Nathan Juran. «Os dois viajantes do tempo são desta vez, transferidos para a época em que se trava a Guerra da Secessão, na América do Norte, e têm um encontro insólito com o célebre filósofo e alquimista medieval, Maquiavel. **22.20** — Tempo Internacional (No I Programa em 11-8-69). **23.45** — Variedades — Com Artur Agostinho, José Penicheiro, Ballet Stars Dancer's, Gerard Sotter, Florbela Queirós, Gabriel Cardoso, Paula Ribas, Conjunto de Vítor Campos, Jim Cuny et Marion, (equilibristas). (No I Programa em 17-7-69.)

TELEFUNKEN



televisores
rádios
gira-discos

RELOJOEIRO

CURSO POR CORRESPONDÊNCIA

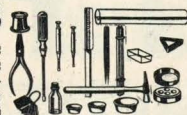
ESTUDE EM SUA CASA NAS HORAS VAGAS ESTA FASCINANTE PROFISSÃO!

O Curso mais simples e perfeito!
Mensalidades suaves!

UM DIPLOMA QUE SERÁ SEU ORGULHO PODE SER OBTIDO EM APENAS 6 MESES GARANTA O ÊXITO DE SEU FUTURO, COM ESTA RENDOSA PROFISSÃO!

GRÁTIS

com último jogo de ferramentas que lhe enviaremos gratuitamente. V. fará muitos consertos e ganhará bom dinheiro.



Muito agradeço vossa atenção. Estou formado e apto a trabalhar com qualquer relógio. Meus dois colegas estão ansiosos por possuírem o mesmo Diploma que eu.

Antonio Agra Amorim
Porto - Portugal

"Estou consertando tócas as marcas de relógios sem qualquer dificuldade, graças aos ensinamentos recebidos desse Instituto".

Antonio Guilherme P. Silva
Bissau - Guiné Portuguesa



DIREÇÃO DO ENG. DIMAS DE MELO PIMENTA

INSTITUTO BRASILEIRO DE RELOJOARIA

RUA EMÍDIO NAVARRO - LUSO (PORTUGAL)

Solicito enviar-me Grátis, Folheto ilustrado

NOME _____

RUA _____

CIDADE _____

PROV. _____

ESTUDE

RÁDIO
TELEVISÃO E
TRANSISTORES



A VIDA MODERNA EXIGE HOMENS PREPARADOS

Em sua casa, por correspondência, recebe lições, ferramentas, aparelhos de laboratório e material para praticar.

Em pouco tempo e economicamente será um verdadeiro técnico.

Peça o folheto grátis à

EURORADIO

Av. Manuel da Maia, 32
Lisboa I Telef. 43563



Nome _____

Morada _____

Localidade _____

S.I.

ACABA
DE
SAIR
NOVA
PLANTA
DE
LISBOA

10\$00

Atualizada, medindo 87 x 58 cm., a 5 cores, modelo portátil e encaixado, capa a duas cores e ainda com um pequeno mapa dos arredores, quadrícula, para a fácil consulta de indicações úteis, tais como transportes de camionagem, caminhos-de-ferro e fluviais, cinemas, teatros e outras diversões, locais turísticos, como museus, monumentos, parques, mercados e outras curiosidades.

Envie o seu pedido em carta com letra bem legível, incluindo o valor em selos do correio, a:

E. FIGUEIREDO

Rua de S. Marçal, 3-1.

LISBOA - 2

(Não se fazem envios à coranção nem se aceitam selos do Ultramar e estrangeiro).

LEIA

O

JORNAL

O SEculo

espere e fica pronto!



FOTOCOPIA EXACTA

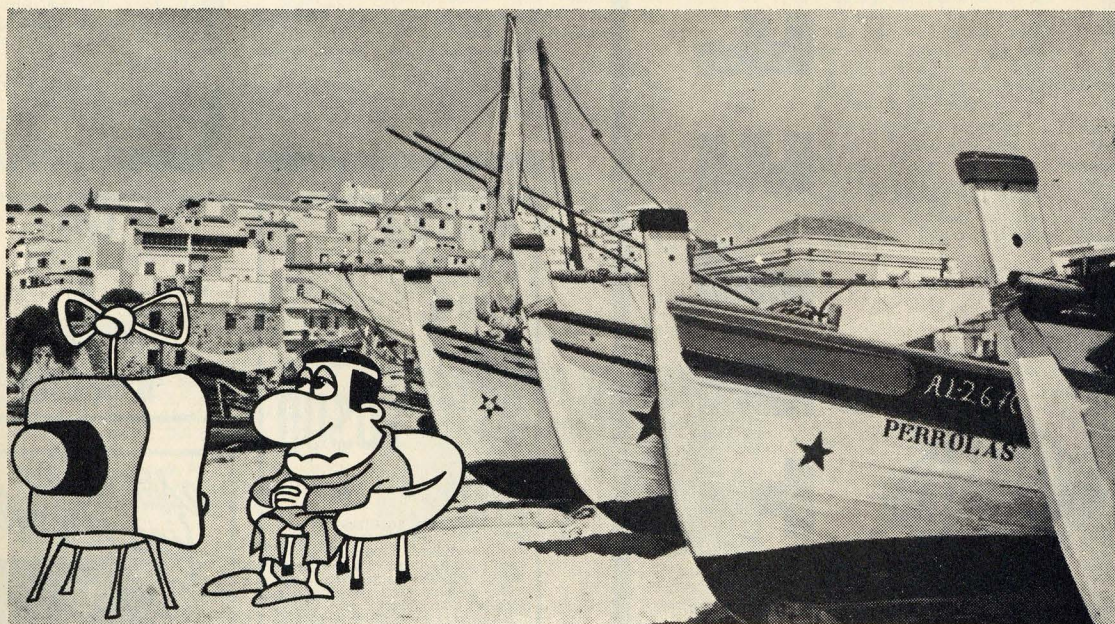
RAPIDEZ • PERFEIÇÃO

DISCRIÇÃO

BUCURSAL DE «O SEculo»
ROSSIO, 23

HA' SEMPRE UM PORTUGAL DESCONHECIDO

...QUE ESPERA POR SI



Nas suas férias, nos seus fins-de-semana, junte o útil ao agradável!
Conhecendo o PORTUGAL DESCONHECIDO, pode encontrar locais calmos e repousantes onde com todo o conforto terá o descanso e intimidade que tanto aprecia e de que tanto necessita. Ao mesmo tempo, ai descobrirá os sortilégios de uma vida popular e simples onde se mantém os costumes e tradições de Portugal antigo, o intacto esplendor da Natureza, também hospitaleira. Junto ao mar, as pitorescas aldeias de pescadores, como as terras montanhosas do interior, esperam por si. Consulte a sua Agência de Viagens e os Órgãos Locais de Turismo.
CONHEÇA O PORTUGAL DESCONHECIDO.



OS SEUS CABELOS PRECISAM DE **SYRIAL**

17 cores à sua escolha, para apagar os cabelos brancos, avivar as cores naturais ou embelezá-los com tonalidades novas e tudo isto, rapidamente, facilmente, em sua própria casa.

Bisnagas, 21\$50 — Carteiras, 13\$90

Envia-se a reembolso, J. SANTOS — Rua de Santo Ildefonso, 29 — Porto — Telef. 3 08 46.



ÁGUA DE LUSO

UMA DAS MELHORES ÁGUAS DE MESA

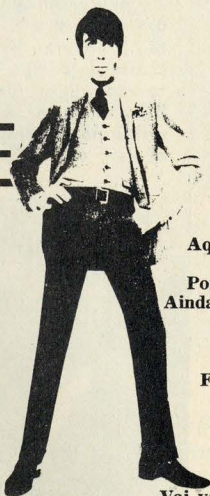
PEDIDOS A:
REVENDEDORA DE ÁGUAS, LDA.

Nas suas novas instalações na Quinta do Prior Velho — SACAVEM
TELEFONE — 2 51 13 02 — ENCOMENDAS
» — 2 51 07 68 — EXPEDIENTE

LEIA o jornal "O SECULO"

espiral

**PORQUE
TENHO
TANTO
CABELO
E VOCÊ
NÃO TEM?...**



Entre nós, meu caro amigo... é

PERSONAL

Aqui onde me vê, tenho idade para ser seu pai! Bem, seu pai não direi, mas seu irmão mais velho... Não acredita?

Por causa da cabeleira? Pois é, pareço um rapaz.

Ainda ontem a «Pat» me disse com certo sorriso: «trrrinta e trrrés...». Quer saber o segredo? Vê este frasco?

É Personal, o tónico capilar que evita a calvície prematura pois é uma loção cientificamente preparada.

Fundamentado em vitaminas, hormonas, antibacterianos, antimicóticos (são estas palavras difíceis que lhe garantem resultado tão fácil), Personal é o tratamento contra a calvície e a caspa. Faça como eu: aplique sistematicamente o concentrado Personal nocturno e a loção Personal diurno na sua toilette matinal.

Vai ver que, dentro em breve, outra «Pat» lhe dirá, também com certo sorriso «twenty trrrés...»

Mas que isto fique entre nós... Não vale a pena darmos a chave do êxito a toda a gente! Lembre-se da concorrência, é



PERSONAL

A venda na sua farmácia habitual

Representantes:  Aymami Peig, Lda.

Av. Grão Vasco, 45, r. c., Esq. Lisboa-5

DEPOIS
DE
OPILCA,
A PELE
APETECE



Porque não experimenta? Em vez de utilizar processos antiquados e pouco práticos, depile-se, suave e instantaneamente, com um depilatório brando e perfumado.

opilca

é o depilatório feminino que deixa em breves minutos, a pele fresca, atraente e tão macia...



Um produto OLIVIN

NO **si** DA PRÓXIMA SEMANA



As rendas sobem, diminuindo o número e a qualidade das casas. Aos olhos da maioria dos portugueses, estes são os dois principais reflexos do «problema da habitação». É igualmente o tema de uma reportagem que o «S. I.» publicará na próxima semana

TORREMO-LINOS, as suas noites loucas, a «féerie» de um paraíso para férias (quando férias não querem dizer descanso, evidentemente...), tema aliciante da completa reportagem de Botelho Tomé, inserida no próximo número do «S. I.»



Foram condenados à morte no Biafra e deviam ser fuzilados. Após 30 dias de prisão, os técnicos alemães Ludwig Boeck, Harald Prochaska e Heinz Teske regressaram ao seu país: «Tivemos um medo terrível», foi a primeira coisa que conseguiram dizer. Leia a palpitante reportagem publicada no próximo número do «S. I.»

O TEATRO «INVADE» O ULTRAMAR

por **Manuela Martins**

Súbitamente, no Verão de 1969, todas as companhias decidiram partir à conquista do Ultramar.

Primeiro, Henrique Santana fez uma curta «tournée» pelas ilhas, depois foi a vez de Laura Alves partir com destino às províncias ultramarinas. Jacinto Ramos e os três restantes elementos que constituem actualmente o teatro do nosso tempo (Laura Soveral, Luís Pinhão e Alberto Vilar) estrearam a 16 de Julho, no Teatro Avenida de Lourenço Marques, com a peça «Adorável Mentiroso» e vão percorrer Angola e Moçambique. O Grupo Gulbenkian de Bailado anda também em digressão através da África portuguesa e Eunice Muñoz e José de Castro preparam um repertório de peças e uma e duas personagens para partirem brevemente.

Porquê esta simultânea necessidade de abandonar a Metrópole?

Porquê esta invasão teatral das províncias ultramarinas?

Jacinto Ramos, dias antes de partir, explicava, naquele tom presunçoso que o caracteriza:

— Talvez seja resultado do nosso ambiente teatral, aqui na Metrópole, estar um bocado confuso. O público não tem ocorrido ultimamente e todos nós temos de procurar novos mercados. Por outro lado, não há dúvida nenhuma que existe uma necessidade, uma exigência mesmo, dessas sociedades de Angola e Moçambique por um teatro de maior nível. Pela minha parte, foi sobretudo isso que me guiou — responder a uma necessidade.

Foram portanto motivos de natureza altruísta divulgar o teatro e contribuir para a cultura das sociedades ultramarinas que guiaram Jacinto Ramos nesta sua iniciativa. O lucro não é, de modo nenhum, o objectivo principal, pois, embora a companhia seja barata, as peças já estivessem montadas anteriormente (com excepção dos vestidos de Laura Soveral) e disponha de cinco subsídios, a margem de risco é grande:

— Tem-se propagado que a nossa companhia auferiu subsídios muito elevados. Isso não é verdade, somos subsidiados pelo Ministério do Ultramar, pelo Governo-Geral de Moçambique, pelo Governo-Geral de Angola, pelo Fundo Nacional de Teatro e pela Fundação Calouste Gulbenkian, mas estes subsídios constituem apenas metade da verba que deveríamos ter. Claro, que é muito possível que, se a nossa companhia agradar e tiver o favor do público, as receitas previstas subam, é essa a nossa esperança... mas tudo isso são hipóteses e eu não gosto de navegar em hipóteses.

Afinal, parece que as hipóteses se concretizaram e as esperanças se realizaram, pois, numa carta que escreveu



após a estreia, Jacinto Ramos afirma:

«A estreia foi sensacional e o público aplaudiu de pé, o que parece ser invulgar. Os jornais aqui não dão grande relevo à crítica, consideram que é publicidade, o meu caso foi para eles uma excepção.»

Para Laura Soveral, a protagonista de «Adorável Mentiroso», a noite de 16 de Julho foi uma noite inesquecível, uma noite de triunfo. Mas, afinal, quem é Laura Soveral, a intérprete duplamente premiada de «A Estrada da Vida»? Como se sente depois de passada esta noite, que tanto temia?

«Já passou, tudo correu bem, não sei se me sinto aliviada, excitada ou se, agora, não sinto nada, só um vazio, um grande cansaço...»

«Toda a minha vida desejei ser atriz, mas parecia que esta noite nunca mais chegava. Durante longos anos, embora ligada ao teatro, mantive-me na sombra, dizia uns poemas de vez em quando, um pequeno papel numa peça de amadores, um folhetim... Fiz televisão, trabalhei como locutora, calculem que até abri um restaurante! Mas a grande oportunidade nunca mais chegava. Chamavam-me para coisas sem importância, criei aquela fama da boa rapariga, sempre pronta a fazer um favor, a ajudar num momento de aflição, a ouvir a confissão de um amigo... É verdade que sempre fui um pouco apagada, não gosto de me arranjar, não imaginam o sacrifício que é para mim ir ao cabeleireiro, pôr pestanas postiças. Sinto-me melhor de saia e camisola. Sem pintura, à vontade.»

«Mas um dia fiz a protagonista de «A Estrada da Vida» e foi o sucesso, todas as revistas falavam de mim, todos me felicitavam, pensei que finalmente tinha triunfado. Mas, em Portugal, um êxito representa bem pouco, como acontece a todos os actores, caí na engrenagem Vasco Morgado, os teatros fechados, as peças que não chegam a ir, os actores contratados para não fazerem nada, o público cada vez mais confuso... Quando me surgiu esta oportunidade de interpretar a «Mrs. Patrick Campbell» sentia-me desiludida, sem objectivo. Ao princípio a ideia assustou-me. Substituir uma atriz como a Eunice Muñoz é sempre difícil. Apesar de tudo, decidi aceitar, trabalhei, o tempo parecia-me pouco, os ensaios insuficientes... e, agora, tudo passou e sinto-me bem. Gosto de ser a «Mrs.» Campbell, sofisticada, espirituosa, brilhante. Gosto de me ver com estes vestidos, com este penteado e até com as odiosas pestanas postiças...»

«Talvez tenha de recomeçar tudo outra vez, em Portugal nunca se sabe, mas esta noite sei que triunfei, sinto-me bem e o resto não importa...»

Além de «Adorável Mentiroso», de Jerome Kilty, o Teatro do Nosso Tempo apresentará «O Diário de Um Louco», de Gogol, e «O Porteiro», de Peter.

MÃO PORTUGUESA NA LUA

A N. A. S. A. não contou apenas com os seus cientistas e astronautas para a conquista da Lua. Centenas senão milhares de trabalhadores anónimos concorreram para que o grande feito histórico se revestisse do êxito de todos conhecido. Neil Armstrong e Edwin Aldrin foram os primeiros homens a pisar a Lua, mas há que render homenagem aos que, em todos os sectores, ajudaram a construir a extraordinária epopeia. E, nesse número, conta-se uma portuguesa: Maria Isilda Ribeiro, de 23 anos, natural de Sosa, Vagos. Prima do actual ministro da Justiça, vive nos Estados Unidos, onde trabalha numa fábrica de bandeiras, a mesma unidade fabril que fez o pavilhão americano que Armstrong e Aldrin colocaram no nosso satélite.

Maria Isilda Ribeiro, a passar férias em Portugal, tornou-se, como é evidente, uma vedeta. Entrevistada pela Imprensa, rádio e televisão, ela a todos explicou que coseu a bainha da referida bandeira, feita de fibra de vidro.



MARIA ISILDA RIBEIRO, A PORTUGUESA QUE TRABALHOU NA BANDEIRA QUE HOJE ESTÁ NA LUA

Muito tímida, ela explicou-nos que casou com um português, Armando Ribeiro, o qual, além de ser funcionário de uma empresa de electricidade, estuda Engenharia na América. A fábrica da Isilda está situada em Nova Jérсия e, segundo afirmou, nunca pensou que aquela bandeira, apesar de lhe ter notado algumas diferenças, tivesse sido encomendada pela N. A. S. A.

Enfim, embora modestamente, o nosso País também concorreu para a viagem à Lua dos astronautas americanos...



MORTE DE UM REPÓRTER

por Eduardo Gageiro

No Hospital de S. José, para onde fora conduzido em estado desesperado, faleceu, esta manhã, o nosso prezado camarada de Imprensa José Nunes Correia, repórter fotográfico da revista «Flama», vítima de queda do Aqueduto das Aguas Livres, quando ali efectuava, anteontem, uma reportagem.

Para os amigos era apenas o Zé. O Zé do olhar triste, o Zé sempre cheio de problemas mas de quem nunca se ouvia um lamento, o Zé. O Zé sempre disposto a ensinar todos os

segredos da sua vasta bagagem de técnica fotográfica.

Era um excepcional fotógrafo de estúdio (tanto ele me ensinou!). Algumas das mais sugestivas capas de discos e das principais revistas, eram suas.

Há cerca de um ano, passou a dedicar-se mais à reportagem, chefiando a secção fotográfica da revista «Flama». Pôs tudo de parte, dedicando-se com toda a sua sensibilidade, com todo o seu coração, a uma faceta mais espinhosa da arte da fotografia. Integrou-se sem dificuldade e rapidamente se impôs.

Foi precisamente esse entusiasmo, esse amor que o matou! Sempre na esperança de obter o melhor ângulo, o mais difícil...

É assim a vida dos autênticos repórteres fotográficos. Dos autênticos, sim, que há muitos que morrerão de velhos!...

Paz à alma do Zé Correia. Que saudades eu vou ter dele...

BERNARDO SANTARENO interpreta GORKI

por

Maria Antónia Palla

— No fundo, em cada homem de teatro há um pouco de actor frustrado. Escrevemos peças, mas se um dia se nos depara a possibilidade de contactar directamente com o público, dificilmente resistimos à tentação.

Meio a sério, meio a sorrir, Bernardo Santareno confirma a sua estreia como actor. Naturalmente, não se trata de uma participação num espectáculo vulgar: Santareno entrará pela primeira vez em cena ao lado de um conjunto de profissionais e amadores que, por amor à arte, se uniram, sem quaisquer intuítos lucrativos, para representar uma peça que faz parte do sonho de qualquer artista ou de qualquer bom apreciador de teatro: «Bas-Fonds», de Máximo Gorki.

Se tudo correr como foi previsto, no dia 18 de Dezembro, 67 anos depois da sua apresentação em Moscovo, numa



BERNARDO SANTARENO

encenação de Stanislavski, a peça estreitar-se-á em Lisboa. Pela primeira vez, Gorki, o grande criador do teatro realista, será representado em Portugal.

A iniciativa deve-se à Cooperativa de Teatro «Palco». Mas sendo ideia de alguns, tornou-se rapidamente projecto de todos os que se encontram já ligados ao empreendimento: Jorge Listopad, que tem a seu cargo a encenação; Carmen Dolores, Manuela de Freitas, Carmen Gonzalez, Alina Vaz, Sinde Filipe, Pisani Burnay, Augusto de Figueiredo, João Guedes, actores profissionais, ao lado dos quais irão emparceirar o escritor Rogério de Freitas, o médico Luis Serra, os advogados e jornalistas Alexandre Babo e Orlando Neves.

— «Bas-Fonds» marca o início do grande teatro russo — explica Jorge Listopad. — Naturalmente, não foi por razões históricas que a escolhemos, mas porque há nesta peça uma riqueza de figuras, situações e texto que ultrapassou, em muitos aspectos, os próprios desígnios do autor. Não foi por acaso que Stanislavski a incluiu no seu relatório: como se sabe, este encenador dava muita importância à função do

actor e esta peça é uma peça para grandes actores. Na verdade, em «Bas-Fonds», nenhum papel é secundário. Todos terão de dar o máximo das suas possibilidades e têm oportunidade para o fazer, uns com mais, outros com menos recursos técnicos. A inclusão de amadores num espectáculo desta natureza tem uma explicação: em primeiro lugar, porque se trata de uma iniciativa de uma cooperativa de amadores de teatro e, por outro lado, porque a possibilidade de juntar estes a profissionais, num empreendimento comum, permitirá a cada participante retirar o máximo da experiência ou inexperiência dos outros, subordinando-se às exigências específicas do papel e à acção conjunta de todos os intervenientes, com vista a um resultado desejado.

Para Jorge Listopad será o emocionante reencontro com uma experiência antiga: um retorno a esses dias sombrios de 1938, quando os alemães invadiram a Checoslováquia, e Listopad

realizou a sua primeira encenação, sob uma ponte de Praga. A peça chamava-se: «Bas-Fonds».

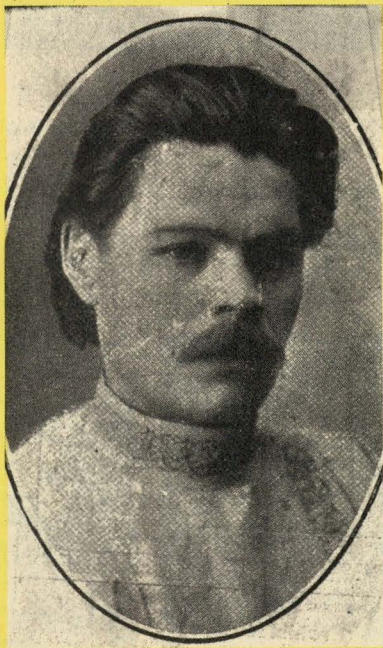
— Se o texto fosse já conhecido em Portugal como o é em todas as grandes capitais europeias, poderíamos tentar uma encenação muito moderna — diz o encenador. — Mas, infelizmente, Gorki é autor desconhecido dos palcos portugueses. Por isso, e porque foi um autor que, não obstante, exerceu grande influência nos escritores portugueses neo-realistas, teremos de ficar bem presos ao texto e a todo o ambiente gorkiano, sem com isto pormos de parte a ideia de modernizarmos ao máximo o que a peça tem, de facto, de actual.

«Bas-Fonds», traduzida por Orlando Neves, não tem ainda título definitivo na versão que iremos ver em Lisboa. «Albregue Nocturno», «Ralé» e «Escumalha» são designações provisórias para esta peça que dá a conhecer e nos envolve num submundo que busca, desesperadamente, reencontrar a sua condição humana, a sua dignidade possível.

No entusiasmo que antecede todos os empreendimentos que ultrapassam o simples acto de ganhar a vida e participam naquele gosto de trabalhar por prazer e para prazer dos outros, a Companhia do «Palco» marcou encontro para o dia 1 de Setembro.

— O estudo desta peça — afirma Listopad — vai ser emocionante. Vamos fazer uma coisa bonita e, sobretudo, aprender muitas outras. O público verá que existe uma grande peça e um autor extraordinário que há muito merecia conhecer.

João Vieira, sócio, como todos os demais, da Cooperativa, prometeu a sua contribuição. Mas, entretanto, embora sem confirmação, Listopad deixa adivinhar uma surpresa: a possibilidade de os cenários de «Bas-Fonds» virem a ser executados pelo famoso realizador de filmes de animação Jiri Trnka, seu amigo, que este Verão se deslocará a Portugal para passar férias e, quem sabe, para colaborar em alguma iniciativa de interesse para os artistas e para o público português, como esta que ao «Palco» deixa adivinhar.



MAXIMO GORKI

RUTH GASSMANN EM LISBOA

por
António Lopes Ribeiro

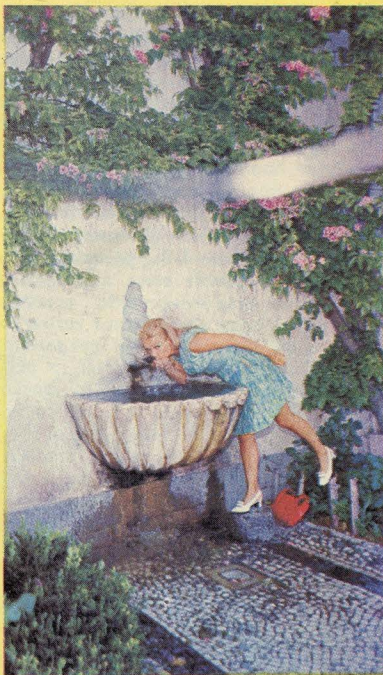
Não é uma estrelinha vulgar, preocupada com o efeito que produz a cada instante, essa rapariga alemã, que veio até Lisboa para assistir à estreia do filme de que é protagonista. Acompanhei-a desde que chegou ao aeroporto, em quase todos os seus passos, e posso assegurar que se entre as dezenas de atrizes de cinema que tenho conhecido, Ruth Gassmann tem jus a um lugar à parte, muito especial. Disso mesmo se aperceberam todos quantos tiveram ocasião de a conhecer, desde os jornalistas que a interrogaram ao público que lhe pediu autógrafos nos bilhetes e nos programas do Vox, na noite da primeira exibição de «Helga».

A rectidão do seu carácter e a justeza das suas opiniões acerca dos delicados problemas de que se ocupa o filme transparece na limpidez do seu olhar, na franqueza do seu sorriso, na pureza da sua voz, na firmeza dos seus passos. A artista, a quem soube talvez o papel teoricamente mais ingrato da história do cinema, o da mulher incumbida de revelar com o seu próprio corpo o segredo da maternidade, saiu-se dele com uma segurança, uma delicadeza, um bom gosto verdadeiramente exemplares.

E durante um breve passeio por Lisboa, que visitava pela primeira vez, Ruth Gassmann deu prova de aguda inteligência e rara sensibilidade, pela forma como viu e como apreciou o pouco que teve tempo para ver.

No Castelo de São Jorge, na Torre de Belém, diante do monumento ao Infante D. Henrique, Ruth interessou-se por completar o que já sabia do nosso passado, não só para nos ser agradável, mas também por desejo de saber.

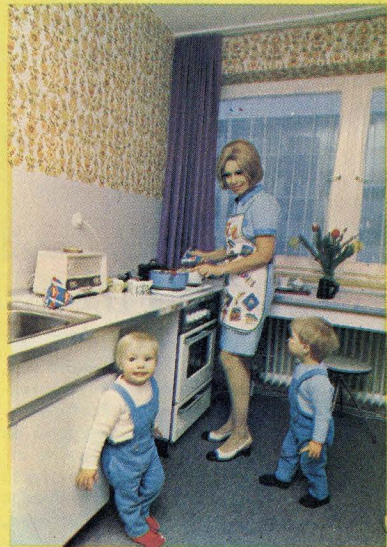
Mas foi no claustro dos Jerónimos, onde a «pura Helga», como lhe chamam os jovens ale-



gelical: de visita aos Jerónimos, o Coro Juvenil do Ohio, cantava na Sala do Capitulo!

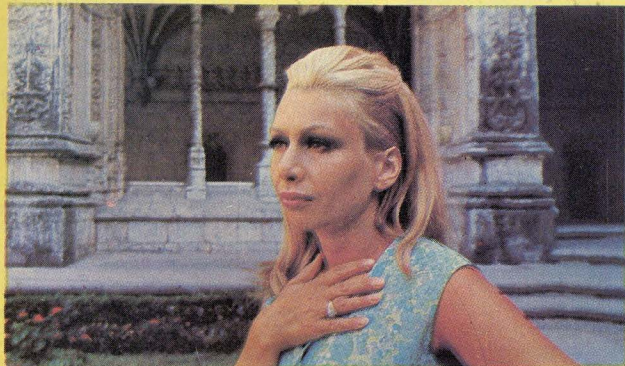
Os olhos de «Helga» marejaram-se de lágrimas. Quando intentei dar-lhe algumas explicações sobre o estilo arquitectónico da prodigiosa fábrica, ela fez-me calar com um gesto. E ali ficou, extática, imóvel, até que o coro terminou, num supremo acorde.

Depois desse breve passeio por Lisboa é que fiquei a saber como foi possível ao realizador Erich Bender fazer o filme que fez: foi por ter tido a sorte de encontrar Ruth Gassmann e o acerto de lhe entregar o primeiro papel.



mães, manifestou o alto quilate do seu espírito de eleição.

A visão do claustro provocou-lhe um verdadeiro choque emocional. Os seus belos olhos absorveram de súbito toda a beleza do lugar. A luz da tarde punha nas pedras lavradas e nas flores do jardim tonalidades mágicas. E, por surpreendente capricho do acaso, quando Ruth entrou no claustro souou um cântico realmente an-



**As provas de
 Montes Claros vistas
 por um dos vencedores
 UMA VITÓRIA COM
 GOSTO MUITO ESPECIAL**

**por Francisco Santos
 Fotos de E. Gageiro**

De novo, e este ano, pela última vez neste traçado, Lisboa teve o seu Circuito de Velocidade, uma prova já de longa tradição, diria mesmo o «coqueluche» do automobilismo nacional. Todos sabemos que Vila Real tem o melhor circuito português e um dos melhores em todo o Mundo, mas Montes Claros é... Montes Claros. É pequenino, aqui mesmo à beira-rio, quase dentro de Lisboa, podendo assim atrair muitos espectadores que para mais longe não iriam: tem aqueles recantos à sombra de um pinheiro, mesmo propícios para o piquenique tanto do apreço do nosso povo. E, para os concorrentes, Montes Claros tem um atractivo especial. É um circuito relativamente lento, um **verdadeiro circuito de estrada** com todas as suas dificuldades e encantos na resolução dos



O NOSSO REPÓRTER-PILOTO E... A SUA ALEGRIA POR UMA «VITÓRIA MUITO ESPECIAL»...

difíceis problemas de condução que ele nos apresenta.

Mais uma vez, Montes Claros foi um grande sucesso. O 100 à Hora entregou este ano a direcção da prova a um homem que já por várias vezes se mostrou um dirigente capaz, sabedor, ponderado e sacrificado. **Aires da Silva** e a sua equipa têm desde já o nosso voto para a melhor organização de todos os circuitos até agora disputados. Não houve problemas difíceis para resolver de emergência, como há um ano, é certo. Mas, note-se, nada foi deixado à sorte, ou má sorte do momento.

Em duas rodas

Como já é tradição em Montes Claros, e pena é que não o seja em outros circuitos portugueses, disputou-se uma prova de motos. Creio que há interesse geral entre o público pelo motociclismo, e praticantes certamente não faltariam se houvesse mais do que uma única prova de velocidade em todo o ano.

Tivemos a presença de pilotos espanhóis experimentados e cotados. Trouxeram-nos motos de 250 cc. verdadeiramente sensacionais. Ouvi falar em 12 000 rotações por minuto dos motores Bultaco, de fabricação espanhola.

Entre os portugueses, Carlos Marques, Fernando Ferreira e «Nani» constituíam o lote com maiores possibilidades. Carlos Marques, em Norton, obtivera nos treinos o melhor tempo, mas na prova teve de se cruzar perante a maior experiência de pista do espanhol Martinez, que numa espan-

tosa Bultaco 250 cc. ganhou a corrida com um minuto de avanço sobre o piloto nacional. Notável foi também a prova de «Nani». De todos os pilotos nacionais foi o que mais me impressionou.

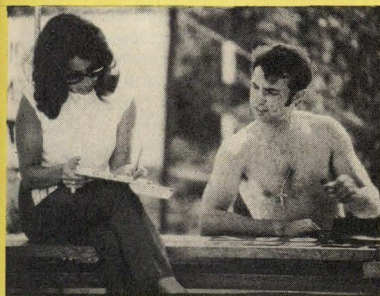
Algo ficou bem evidente neste confronto entre motociclistas nacionais e espanhóis — nada pode substituir um contacto assíduo com as pistas. Enquanto os nossos rapazes têm um **circuito por ano**, Martinez, por exemplo, faz mais do que um **circuito por semana**, durante todo o ano!

Campeão virtual

A segunda prova do fim-de-semana foi para carros de Turismo Especiais. Em todos os circuitos desta época tem sido notável a supremacia do BMW de José Lampreia em relação a todos os outros contendores. Os dois Escorts da equipa Ford-Palma não têm logrado aproximar-se daquele conjunto, até agora invencível, umas vezes por ava-



ERNESTO NEVES E CARLOS SANTOS: NEM MESMO AS COROAS DE LOUROS IMPEDEM UM PIROLITO FRESQUINHO...



COLLAÇO MARQUES, DE QUEM CONTINUA A ESPERAR-SE MAIS DO QUE TEM CONSEGUÍDO, NUM MOMENTO DE ATENÇÃO ÀS FOLHAS DE PROVA DE OUTRO CONCORRENTE

rias de maior ou menor importância, mas sempre por carência do andamento que os seus 1600 cc. não têm, comparados com os 2 litros do BMW e por uma menor estabilidade, que obriga os seus pilotos a fazerem quase «loucuras» para tentarem — em vão — manter o andamento de Lampreia.

Previam-se que Montes Claros fosse a grande oportunidade dos Escorts TC ganharem uma prova no Campeonato de Velocidade deste ano. Numa pista mais curta, com menos possibilidades dos cavalos do BMW galoparem como na Granja ou em Vila Real, e com zonas de travagem mais duras, o que poria à prova os travões mais débeis do BMW, os dois Escorts de Ernesto Neves e António Peixinho poderiam salvar a «honra» do modelo.

Logo no arranque da prova, Lampreia adianta-se e toma o comando para não mais o largar até final. Os dois Fords lançam-se em perseguição tenaz, com Peixinho em segundo lugar, enquanto «Nené» tomava confiança no carro após umas reacções estranhas na primeira volta. A quinta volta, «Nené» passa Peixinho e começa a ganhar terreno ao BMW, fazendo entretanto a volta mais rápida. Os 9 segundos de vantagem foram reduzidos em quatro voltas para apenas 3 segundos, parecendo que o primeiro lugar de Lampreia estava a perigar. No entanto, o Escort de Ernesto Neves começa a falhar e a perder tempo de volta para volta, à semelhança do que já acontecia com Peixinho.

Cá mais atrás, mas não muito, Fernando Baptista fazia mais uma prova sensacional, conforme nos vem já habituando. Desde Manuel Gião que não via ninguém curvar tão bem em Montes Claros num Cooper. Os «manos» Sá Nogueira andaram também muito bem, tendo agora gostado francamente mais de Domingos do que em provas anteriores. Pena foi que Bernardo tivesse avariado. Parabéns a Fernando Baptista pelo seu excelente segundo lugar.

José Lampreia, com este seu quarto triunfo consecutivo, sagrou-se campeão nacional em Grupo 5.

Outro campeão

Também em Fórmula V tem havido esta época um completo domínio de um piloto e do seu respectivo carro.

Ernesto Neves e o seu Palva V estão embatidos ao fim de quatro circuitos, o que confere desde já a «Nené» o título de campeão nacional de Fórmula V.

Muita celeuma se tem levantado em redor deste Palva V. Que anda mais do que os outros. Que «Nené» ganha tudo como e quando lhe apetece, etc.

O que me parece que está a acontecer é que, para além de Ernesto Neves ser um piloto de invulgares qualidades, e do seu carro andar um pouco mais do que os restantes, os outros pilotos estão a andar francamente menos este ano, em relação ao ano passado, à excepção de António Barros, que por isso mesmo se está a evidenciar mais esta época.

Nogueira Pinto, por exemplo, tem feito piores tempos do que na época passada.

Colaço Marques voltou a estar com pouca sorte. Despistou-se, embora sem grandes consequências. Piloto rápido, Colaço precisa de ganhar confiança e de «se encontrar».

Uma vitória especial

Para a prova de Turismo de Série estavam presentes quase todos os pilotos que este ano têm entusiasmo do público com duelos emocionantes. Apenas Filipe Nogueira e Burnay Bastos estiveram ausentes.

Mais uma vez lá estive com o meu «velho» Cortina Lotus entre as hordas dos BMW — nada menos do que cinco — e o magnífico Alfa Romeo de Peixinho.

Nos treinos, com o carro realmente impecável, depois de ter sido todo desmontado e montado pelo A. C. P., cedei a fazer o melhor tempo — 1 m. e 33,33 s. Experimentei depois outras regulações nos amortecedores traseiros, mas sempre sem a preocupação de «fazer tempo», porquanto convenci-me que já não seria melhorado até fim dos treinos. No entanto, Albio Pinto, já quase no seu termo logrou fazer menos três centésimos de segundo! Não há dúvida de que actualmente o Grupo I é o mais renhido e mais disputado. No fim dos treinos, quatro carros tinham rodado a 1 m. e 33 s. e a diferença entre o primeiro e o nono tempo, era apenas 1,6 s.!

A prova avizinhava-se, portanto,

cheia de interesse. Cheguei mesmo a afirmar antes do seu começo que deveria vir a ser a mais disputada do ano. Afinal enganai-me, contra todas as previsões.

Albio Pinto adiantou-se no arranque e eu segui-o de perto, literalmente colado à sua mala. Lampreia comandava o pelotão que seguia no nosso encalço. Mais atrás Romãozinho, que apenas fez uma volta nos treinos e por isso partiu na última fila, ganhava lugares. À quarta volta, passo Albio Pinto na aproximação da curva a seguir à meta e em duas voltas distancio-me 4 segundos. Fui aumentando gradualmente a diferença que chegou a ser de 16 segundos a poucas voltas do fim, quando comecei a abrandar um pouco o andamento. Entretanto, baixei o melhor tempo para 1 m. e 31 s.

As últimas voltas foram mais uma vez de sofrimento. O carro estava a trabalhar impecavelmente, mas à medida que o fim da prova que comandamos se aproxima, assim aumenta o terror de algo imprevisível acontecer, seja uma falha de mecânica, seja de condução. Mas desta vez, nem uma coisa nem outra houve de lamentar e pude alcançar uma vitória que teve um gosto muito especial, porquanto foi justamente em Montes Claros que em 1964, e também com um Cortina, venci o meu primeiro circuito.

Porsche de novo

Os circuitos deste ano têm sido marcados por uma vincada supremacia de uma marca em cada prova, à excepção do Grupo I. Em Grande Turismo e Protótipos, os Porsches venceram até agora todas as provas em Portugal. Carlos Santos voltou a repetir a sua vitória de há duas semanas nas 3 Horas. Nogueira Pinto esteve ausente, o que foi de lamentar, e Filipe Nogueira foi infeliz na primeira aparição do seu Carrera Cidla, porquanto, após uma prova excelente, viu-se obrigado a desistir por avaria eléctrica.

Ernesto Neves fez uma corrida pacata, sem preocupações, acabando em segundo lugar, e Américo Nunes conquistou mais um terceiro lugar que lhe concede uma excelente posição no Campeonato Nacional.

«GOSTAVA DE SER ASTRONAUTA»

Chama-se Mário Manuel da Rocha Gonçalves; é solteiro e tem 26 anos. Nasceu na Estrada de Chelas e mora há 13 anos na Rua 28 de Maio, 19, 1.º, direito, em Moscavide. É oriundo de uma família modesta; são cinco irmãos — ele e quatro raparigas — cujo pai é electricista de profissão e a mãe doméstica. Como habilitações literárias, possui a 3.ª classe.

Ao contrário do que se possa imaginar é hoje um homem alegre, entregue à vida, como o comprovam as actividades a que se dedica. Ouçamo-lo:

— Para mim não há complexos de ser assim. Sou um homem normal, um homem como outro qualquer, pois, além de ter estado empregado, já fui cobrador de um carrossel, já andei de patins, sei dançar, sei nadar, sou «manager» do conjunto Os Seis Latinos e jogo futebol. Nunca me acanhei, não sou daquelas pessoas que vê uma coisa e se sente acanhada e não vai lá porque tem complexos. Fiz uma operação quando tinha 9 anos de idade, no Hospital da Estefânia. Quando sofreu o ataque de paralisia infantil, a coisa andava ela por ela e nunca surgiu oportunidade para ser internado. Aos 9 anos, os vizinhos diziam que estava numa idade boa para ir para o hospital. Talvez estivesse melhor se tivesse sido tratado logo que sofreu o ataque; não sei se seria fácil ou difícil, mas tenho a impressão de que podia ficar um pouco melhor. Estive 6 meses no hospital e depois saí de lá sem muletas; andei com um aparelho um ano e tal. Como tinha muita «espertina», quer dizer, era um rapaz que nunca estava quieto, parti o aparelho e nunca mais o usei.

Dotado do físico que as nossas fotografias documentam, tenta afirmar-se.

— No futebol, sou avançado-centro. Jogo com diversos rapazes, a minha camisola é sempre o número nove. Estou sempre «à mama», como se costuma dizer. Nos patins, a princípio só andava; como tenho o braço direito muito forte e depois de me ter habituado a deslizar conseguia «stichar» e participar em jogos com os meus colegas...

— Quanto aos bailes...

— Como sou empregado no conjunto

Os Seis Latinos, sou muito conhecido. Comecei a dançar com uma pequena aqui há uns três anos, uma pequena que era ali do Bairro da Graça. Essa pequena é que disse: «Hás-de vir a dançar comigo.» Comecei e ela é que me ensinou. Danço melhor do que as outras pessoas. Danço tudo, yé-yé, tangos, só não danço «rock»... Muitas pessoas ficam admiradas.

— Com as moças, tem qualquer espécie de complexos?

— Complexos não tenho. Então... Conheço muitas. Tive uma em Coimbra, que gostava muito de mim, escrevíamos por cartas, mas como ela estava em Coimbra e eu em Lisboa, deixei de insistir... Ela não tinha complexos.

— E com os seus colegas? Como se sente sendo eles normais e você deficiente físico?

— Se me sentisse inferiorizado, se tivesse complexos, não jogava. Eles são também bastante camaradas, não têm desprezo por eu ser assim, são amíssimos meus. Eu estar ao lado deles é a mesma coisa que ter as duas pernas.

— Não o atrapalha ter ainda uma vida à frente condicionada por essa anormalidade? Preocupa-o o futuro?

— Se pudesse ir para o hospital tratar-me e curar-me, óptimo. Se não tiver cura, tenho de encarar a vida, andar com a muleta até ao resto da vida. Não me atrapalha nada.

O Mário Manuel da Rocha Gonçalves é um homem presentemente desempregado, ou melhor, não sabe se está desempregado ou não. Segundo nos confiou, perdeu o «papel da baixa» da Caixa de Previdência, não lhe foi pos-

sível arranjar outro, e também não gosta muito da actividade a que se tem dedicado: estofador de automóveis numa firma que fornece a UTIC.

Ganhava 55\$00 por dia. Os colegas foram aumentados em 15\$00 e ele apenas em 5\$00. Segundo nos diz, tal atitude não se justifica.

Mudámos um pouco de assunto. Uma vez que tivemos uma hora histórica a todos os títulos, o desembarque na Lua, perguntámos-lhe qual a reacção perante este acontecimento e perante aqueles homens que podemos considerar de um tipo físico completamente diferente do nosso.

— Uma coisa estrondosa, diz-nos. Os homens na Lua é uma coisa estrondosa. Olhe, se quando eu era pequenino houvesse o que há agora, talvez eu não ficasse assim e fosse bom. Da mesma forma, se eu tivesse o ataque actualmente, talvez as coisas se modificassem... A minha posição... não sei bem... Sei



que é uma coisa estrondosa. Esses três americanos para mim são extraordinários.

— O que é que você gostava de fazer, quais as suas ambições ou o que é a vida para si?

— Muitas coisas. Se fosse um homem normal, gostaria de ser jogador de futebol. É o emprego de maior futuro do homem, o que dá mais massa. Com esta deficiência posso fazer tudo o que me vier à mão. Gostava de andar na rua, ser caixeiro viajante, repórter, etc. Gostava de ser fenómeno, de me sentir superior, astronauta cá em Portugal.

Para terminar, diremos que a próxima actividade a que o Mário Manuel da Rocha Gonçalves se vai dedicar é ao toureiro. O sr. Joaquim Dias, autor das nossas fotos, está já a tratar de lhe dar as primeiras luzes e a tentar conseguir-lhe uma corrida.



O MUNDO FASCINANTE DO SR. FIGUEIRAS

Reportagem de Augusto Cabrita

Muitas pessoas que se dirigem para o Sul do nosso País, em busca do generoso sol algarvio tão cobiçado por portugueses e estrangeiros, se por acaso escolhem como destino a cidade de Portimão, ficam admiradas quando se lhes depara um homem ainda jovem, natural daquela cidade, José António Figueiras Henrique, de 33 anos, que impressiona pela sua simpatia pessoal, a diversidade das suas aptidões e pela convicção com que se dedica aos trabalhos manuais. Como se não se tivessem dado as revoluções industriais que originaram a substituição do artesanato pelo operário (embora ainda hoje, como é sabido, continuem a subsistir vários aspectos do artesanato), o sr. Figueiras mantém uma oficina própria, como que um enclave do passado em plena era industrial.

O sr. Figueiras, nome por que é conhecido familiarmente, é um homem simples e dotado de uma bondade natural. Alérgico às coisas modernas («beattles», gadelhudos, etc.) o seu gosto principal é ouvir música clássica. Passa horas a escutar os grandes mestres. Prefere Beethoven. Tem particular preferência pela **7.ª Sinfonia**, que acha a música mais avançada de todos os tempos, muito para além da sua época.

Em relação à pintura moderna, entende que já não vale a pena pintar. É preferível contemplar Boticelli, mesmo em reprodução, e os primitivos portugueses.

O sr. Figueiras revelou-nos abertamente o seu modo de ser, livre de preconceitos. Não se importa de passar por bota-de-elástico. Está demasiado ocupado nos seus trabalhos, vive tão intensamente o seu mundo que pouco se preocupa com o que possam porventura dizer a seu respeito.



Alguns cristos da sua famosa colecção





O sr. Figueiras exerce a profissão de entalhador e restaurador de estilos históricos, sem deixar de ser também um criador.

Um sonho gótico

No momento em que o encontramos, estava mergulhado num trabalho em que se empenhou ultimamente. Trata-se da criação de uma arca de estilo gótico. O sr. Figueiras pensa concluir esse trabalho, que é o seu maior sonho, dentro de 5 anos.

Para a concretização dos seus planos, é necessária uma grande perícia no trabalho, uma destreza a toda a prova, mão firme e uma perseverança igual à que possuíam os artesões antigos. O tempo não conta. Só o resultado final interessa ao sr. Figueiras.

Como se tivesse de obedecer às exigências de uma sociedade aristocrática e artesanal, o sr. Figueiras comprometeu-se, perante ele próprio, a realizar o seu sonho com o mesmo estímulo que teriam os antigos entalhadores, fazendo a sua obra sob a obediência dos princípios de valor e afirmação pessoal que estabelecem o cunho individual do artífice depois da obra concluída.

«O mais complicado — diz-nos o sr. Figueiras — é o ferramental. Eu próprio tenho de fazer as ferramentas. Faço-as de velhas limas.»

A aplicação do sr. Figueiras é, na verdade, impressionante. Com o orgulho natural de quem sabe fazer a sua autocrítica, apresenta-nos uma bela moldura e ajuda-nos a examiná-la com os seus comentários: «Veja a espessura.



O avô João Figueiras que além da sua velha «almotolia», também tinha um violino autêntico onde tocava as ja-neiras

É tão ténue que através dela se vêem a Lua e o Sol. A espessura é pouco mais do que o risco de um lápis. Está respigada entre duas tiras de marfim. Isto é quase uma loucura.»

E depois, mudando de assunto: «Conhece bem a Cruz de Portugal em Silves? Pois vou fazer uma exactamente igual de marfim.»

A sua grande paixão pelo antigo levou o sr. Figueiras a coleccionar cristos de arte popular, embora mais recentemente se tenha dedicado aos cristos de concepção artística erudita: esculturas renascentistas e barrocas.

O seu entusiasmo não tem limites quando nos mostra a excepcional colecção que possui: «Olhe para estes cristos. Um deles tem uma expressão chinesa, não lhe parece? E este? — indica-nos outro — Não lembra um alentejano? Olhe para este físico!...»

A terceira geração de «srs. Figueiras»

O avô do actual sr. Figueiras (de nome João) era uma figura popular em

Portimão. As pessoas que o conheceram admiravam, sobretudo, no velho João Figueiras, a arte com que ele sabia arquejar o violino. E não admiravam menos o violino de lata que o velho João Figueiras tinha construído e a que ele irónicamente chamava a sua «almotolia». Tanto o avô como o violino tiveram grande influência no actual sr. Figueiras, de que nos ocupamos neste momento. Na sua infância, o avô, arquejando a «almotolia», exerceu um grande fascínio no pequeno sr. Figueiras. Secretamente, foi alimentando o sonho de um dia construir um violino verdadeiro. Mais tarde, inspirando-se e informando-se em gravuras, diagramas, moldes dos grandes construtores da Escola de Cremona, criou finalmente o seu violino. Violinistas que têm passado por Portimão são unânimes em apreciar a qualidade sonora do violino do sr. Figueiras.

Uma nova paixão

Um dia, passando por um ferro-velho, despertou-lhe a atenção a cabeça de uma mulher... Apaixonou-se, para usar a sua própria expressão.

Era a cabeça de uma velha viola-de-gamba, objecto raríssimo em Portugal, que não se sabe como foi parar à loja do ferro-velho. Esse encontro com uma obra-prima do passado abriu uma nova perspectiva na carreira do bom sr. Figueiras. Desde o momento em que contemplou essa misteriosa cabeça de mulher, cuja história é desconhecida, o sr. Figueiras sentiu logo o impulso da criação. Assim, decidiu-se a construir uma



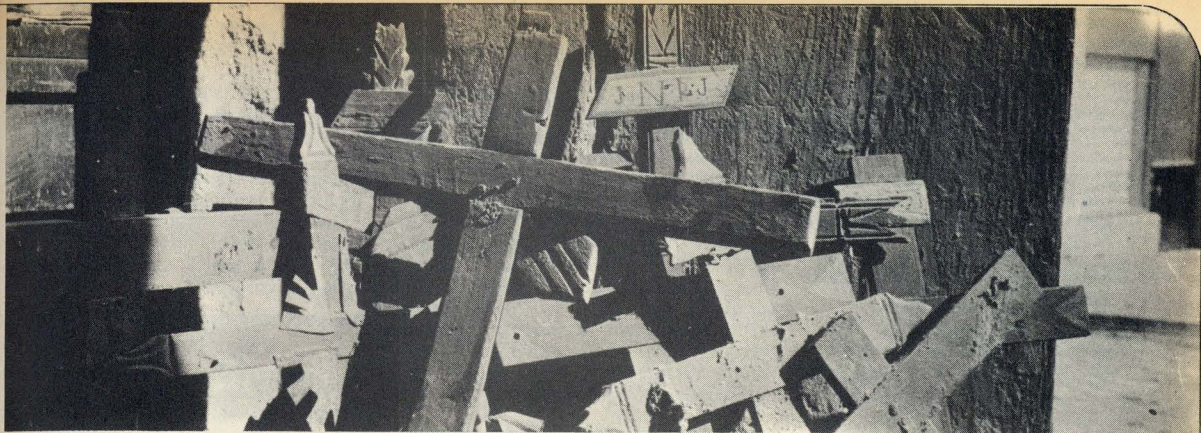
Com o violino da sua autoria. Ao fundo, a sua colecção de cristos



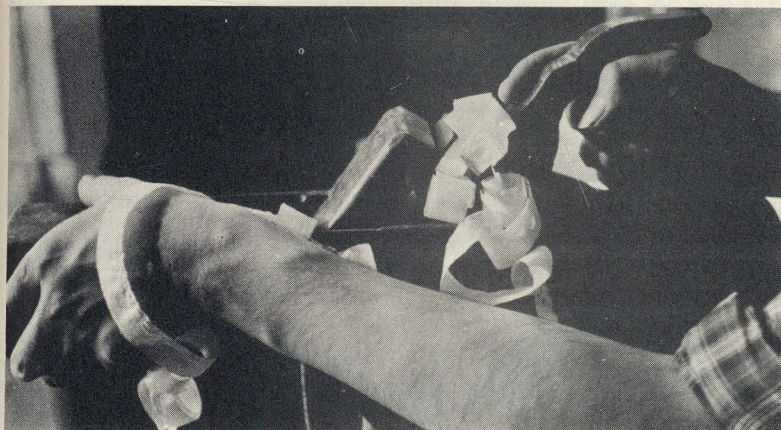
Ao lado do violino construído pelo sr. Figueiras, o violino de lata que tanto o fascinou na sua infância



Este trabalho em que está empenhado vai durar cinco anos



Os cristos foram arrancados a estas cruzes. O sr. Figueiras prefere-os pregados na parede



Pormenor de um trabalho de aplainamento

Alguns cristos encontrados pelo sr. Figueiras



viola-de-gamba. Podia dizer-se que, ao contrário das crianças que gostam de destruir os brinquedos para ver como são por dentro, o sr. Figueiras constrói estas obras para ver como são feitas, na prática.

Neste momento, o sr. Figueiras está a colher os elementos e os dados essenciais à construção de um autêntico instrumento congénere.

Para onde vai o sr. Figueiras?

Um diálogo com o sr. Figueiras pode conduzir a um clima estranho, dentro de um lógica própria. Ele mesmo não pode deixar de admitir um certo jogo de palavras que acaba por definir com maior precisão o seu mundo fascinante. A permanente aventura do sr. Figueiras pode dizer-se que não é para o **futuro-futuro**, mas para o **futuro-passado**, ao encontro do **moderno-antigo**, e fugindo ao **antigo-moderno...**

Tem sentido de humor suficiente para

aderir a uma crítica da sua atitude perante o mundo e a sociedade que o rodeiam. Porque, como manifestação do moderno, o sr. Figueiras só compreende verdadeiramente as viagens espaciais. Não é, portanto, hostil ao progresso. Depois, sem quase dar por isso, é também o que se poderia chamar um construtor de instrumentos «pop». Autodidacta por excelência, tem restaurado o verdadeiro artesanato. Possivelmente, conhecendo as técnicas das várias épocas, não é, de modo algum, um contemplador das obras mestras, mas um participante activo que jamais resiste à tentação de se sentir na pele dos seus ídolos de antanho.

Moderno sim, moda não

É preciso rectificar a intransigência do sr. Figueiras pelo moderno. Ele pensa, naturalmente, que ser moderno só porque é moda não passa de mera facilidade. Por essa razão teve há tempos um acto de revolta quando um «moderno autêntico», um «beatle» à portuguesa, lhe apareceu com a proposta de transformar um violino numa guitarra eléctrica. Como era de esperar, reagiu

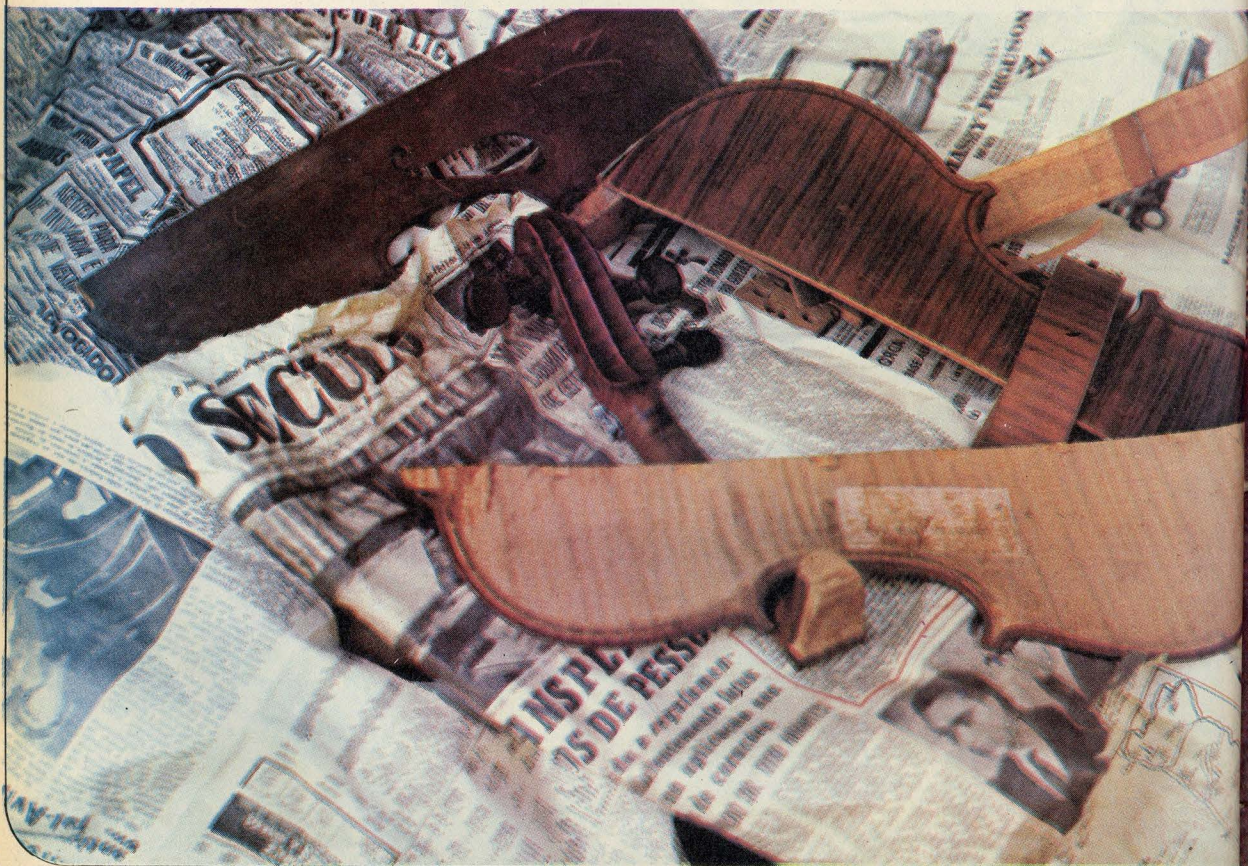
desfavoravelmente contra esta ideia bizarra e recusou-se a cometer tal acto de vandalismo. Pelo contrário, vai reunir os destroços e fazer ressurgir do caos o violino, aquele violino que, por enquanto, só o sr. Figueiras, acostumado como está a arrancar formas de entre ruínas, saberá reabilitar.

Quantas vezes não tem ele feito já reaparecer, de velhos destroços, peças antigas, tais como caixas de música, órgãos e espinetas!

Um viajante através do tempo

O sr. Figueiras conduz-nos ao mundo da fantasia. Acabamos por ver nele um viajante especial. Não daqueles que se deslocam no espaço, mas sim dos que se deslocam no tempo. O seu veículo é a imaginação e as suas mãos privilegiadas que sabem reconstruir as formas do passado, com um cunho de autenticidade que transcende as vulgares restaurações. As suas construções são de certo modo «originais», não são propriamente cópias. São objectos que, pelo seu rigor de construção, poderiam ter pertencido à época que representam.

Uma composição que lembra uma colagem de Schwitters. São os destroços de um violino para reconstituir



Um anjo de madeira, da colecção do sr. Figueiras



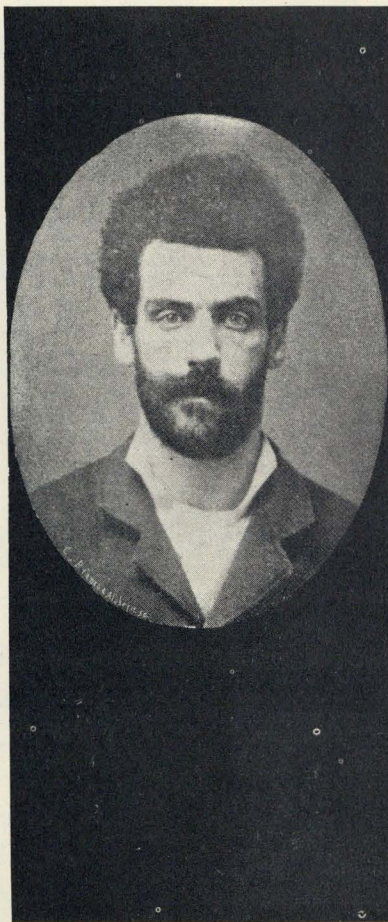
A «almotolia» do do avô e a cabeça da viola de gamba



"LADRÃO FINO"

CONTRA O CHEFE MIGUEL

Por A. Varatojo



Como autêntica sombra, ele esgueirava-se sempre antes da chegada da policia.

A princípio admitiu-se tudo. Quadrilha de estrangeiros. Participações falsas. Associações de malfetores. Tudo que pudessem explicar a série de arrombamentos feitos com a presteza de um perito e a suavidade dum fantasma.

Dum primeiro andar na Rua Passos Manuel tinham desaparecido 74 libras em ouro e diversos objectos de valor.

Mais tarde — no mesmo prédio —, no terceiro andar, novo arrombamento e nova colheita.

O empregado da alfândega qua all residia queixou-se da falta de 76 libras, 30 moedas de 2 mil réis, 5 de 5 mil réis (moedas

de ouro), em prata miúda, moedas de 500 réis que perfaziam 20 mil réis e certa quantidade de objectos em ouro, além de outros valores de índole diversa.

O gatuno fazia mão baixa de tudo que lhe parecesse e fosse convertivel em dinheiro. No terceiro andar do Largo de Arroios, n.º 8, roubou livros encadernados, no 16 da Rua Pascoal de Melo, também no terceiro andar, uma cadeira, uma abotoadura e 2 alfinetes, tudo em ouro, evidentemente, uma boquilha de espuma e um hábito de Cristo.

O Largo de Arroios, visitado de novo, desta vez o n.º 32, rendeu 26 libras, uma bolsa de prata com 4 mil réis, 1 par de botões para peitilho e 2 anéis.

Fizeram-se rusgas, buscas, prisões. Tão infrutíferas como as conjecturas mais bem arquitetadas para adivinhar-lhe os golpes. Subitamente, na Rua do Ouro, Travessa da Estrela ou Largo da Biblioteca surgiu o mesmo homem, o mesmo processo, a mesma sombra, ténue e fantasmagórica que o próprio meio criminal desconhecia. Chamavam-lhe o «Ladrão Fino».

A escória invejava-o, os locatários temiam-no, a polícia receava-o.

«Ladrão fino» diverte-se

O Carnaval chegara, com todo o seu cortejo de mascaradas, aproveitadas pelos garotos, pelos brincalhões... e pelos gatunos.

As jovens, evitando as seringas cheias de líquido dourado, mas sorrindo aos galanteios atrevidos, com um ruborizar de esperanças, corriam apressadas, patinando a lama das ruas.

Na Travessa da Estrela, um litógrafo estrangeiro, que ocupava o terceiro e quarto andares dum prédio, indiferente aos folgedos da Segunda-Feira Gorda, procurava repousar numa sesta os olhos cansados do trabalho, quando ouviu ruídos no andar de cima.

Abriu a porta da escada e passou por ele a sombra dum desconhecido carregando um embrulho.

O litógrafo teve uns segundos de indecisão e subiu o lance de degraus, para verificar melhor os motivos da sua desconfiança.

A porta entreaberta, arrombada, fê-lo gritar.

— Agarra que é ladrão!

Os seus gritos perderam-se no abafado da escada que o gatuno desceria vertiginosamente, alcançando a rua.

Só quando o litógrafo chegou à rua, os seus gritos foram escutados pelos transeuntes admirados.

A maioria sorriu admitindo ser o resultado de uma brincadeira carnavalesca, pois o gatuno, ao sair, deixara cair um objecto metálico e não perdera tempo a apanhá-lo. Era um escopro. Um «valente» como se dizia na gíria.

Alguém se baixou para apanhá-lo mas conteve-se a meio ante as gargalhadas e os gritos da multidão.

— Deixe isso, deixe isso. Não vê que o ferro está em brasa... É uma partida de Carnaval.

E ali ficou mais de meia hora a «arretecer», até que um carvoeiro o apanhou do chão.

Entretanto, o «Ladrão Fino» galgara a esquina e esfumara-se pelas ruas e travessas.

Uma patrulha da guarda municipal, vendo-o correr daquela maneira, começou a persegui-lo, mas as ruas repletas de gente dificultavam a perseguição.

Ao virar duma esquina, alguém lhe disse:

— O homem, a andar nesse passo, aqueles polícias podem pensar que cometeu algum crime.

O gatuno, que não tinha notado os polícias que conversavam pacatamente no extremo da rua, abandonou o passo e sorriu para o avisador providencial. Passou pelos polícias de coração acelerado e passo ritmico e tranqüilo, antes que se divisasse qualquer sinal dos perseguidores da guarda, que lhe tinham perdido o rasto no emaranhado das travessas.

Um suspiro fundo restituiu-lhe a respiração e a confiança.

Mais uma vez a boa estrela dos gatunos velara por ele...

O chefe Miguel

Relanceou mais uma vez os olhos pela lista dos roubos e cofiou o bigode.

— Maldito «Ladrão Fino»!

A leitura dos arrombamentos trazia-lhe sempre à boca um sabor amargo de descrença em si próprio. Tão bem lhe soubera a promoção a chefe, como a responsabilidade lhe fazia recordar o saudoso tempo em que apenas era o guarda n.º 58.

Repetia maquinalmente a descrição ténue que possuía do gatuno fantasma: «Vestia bem, aparentava trinta e tal anos. Umas vezes usava bigode, outras barba completa. Boa figura... e mais nada!» A descrição última de um militar graduado que assistira à perseguição na Estrela, pouco mais acrescentava.

Último assalto: uma casa da Baixa. Uma noiva ficara sem alguns cortes de seda e uma fofosreira de prata com as iniciais do noivo.

O chefe Miguel sentiu de novo saudades do guarda 58, que bamboleava os braços, no passo cadenciado da ronda, sorrindo aos amigos e mirando os fadistas de aspecto suspeito. A imagem do tempo de guarda começou a tomar forma mais concreta na sua imaginação e a empurrá-lo para a decisão subconsciente. Sentado na esquadra a folhear papéis, nunca mais deitaria a mão ao «Ladrão Fino».

Sentiu como que uma moia debaixo de si e quase saltou da cadeira, perante a surpresa dos subordinados.

O ar fresco da manhã revigorou-lhe o sangue e estimulou-lhe o apetite. Na taberna da esquina, o carvoeiro cumprimentou-o respeitosamente.

— Bons dias, sr. Miguel! Ainda se não habituara a chamar-lhe chefe, mas ele pouco se incomodava com o tratamento das palavras.

Entrou para beber um copo do «novo», daquele que as folhas de louro publicitavam na porta.

O calor fresco do líquido a aquecer-lhe o tubo digestivo coloriu-lhe as faces e fê-lo empertigar-se à saída.

— Maldito «Ladrão Fino», que não há-de ser tão fino que chegues pró Miguel!

A caçada vai começar

Depois de almoço custara-lhe mais a sair. As pernas doíam-lhe. Fruto da manhã infrutífera através das casas de peñhor, sempre com a mesma pergunta e a mesma resposta:

— Aqui não temos nada, chefe!

Mas ele não era homem que desistisse às primeiras. Bateu a lama das botas na soleira da porta e cumprimentou à esquerda e à direita.

O velho Samuel já o conhecia. Abriu-se num sorriso rasgado e subserviente, sob os óculos encavilhados na ponta do nariz adunco. O chefe Miguel ia a dirigir-lhe a mesma pergunta ritmada, quando deu com os olhos nos cortes de seda da prateleira. A campanha da porta que avisava a entrada dos fregueses badalava ainda num tinir frouxo, quando a face do chefe se iluminou de contentamento. Dentro dele retiniu uma campanha mais forte, que

soava a sucesso. Aí estavam as sedas do último roubo.

Nos livros de registo, o nome do empenhador era o da própria roubada, mas Miguel sabia que não fora injustamente apodado de «nino» o seu antagonista. A vitória esfumara-se um tanto.

Da fofosreira de prata, nem sinal. Ou o velho Samuel mentia, ou o «Ladrão Fino» decidira guardá-la para si, como recordação.

As sedas foram apreendidas, apesar das lamúrias do presamista, que «não se lembrava, nada, nada do seu cliente!»

Duas longas semanas de chuva miúda, a patinhar ruas e becos, espertando tabernas e bordéis, mirando caras, fazendo perguntas. De dia ou de noite, o chefe Miguel seguia o fantasma que lhe rouboava o sono mas lhe estimulava o orgulho de homem e o brío de polícia.

Deviam ser umas 9 horas quando decidiu voltar para casa à procura da ceia e adiar a perseguição por mais um dia. Doíam-lhe os pés e pensou num caldo verde quente que devia esperá-lo em casa.

A caminho da Praça de D. Pedro, à esquina da Rua do Amparo, um homem alto, de casaca até aos pés e cnapéu à Mazzantini, acendeu um charuto. A chama mostrou-lhe um rosto comprido, moreno, levemente bexigoso, olhos azuis, cabelo preto, abundante.

Mas a claridade deixara-lhe entrever também na mão do homem... uma fofosreira de prata.

Nada nele inspirava desconfiança. Contudo, o chefe Miguel aproximou-se para vê-lo melhor. Ao olhar treinado do polícia não passou despercebido o único gesto suspeito do outro. O carnuo não ficara aceso à primeira e o homem, em vez de fazer segunda tentativa, preferira guardar no bolso a fofosreira ao notar a aproximação do chefe.

Miguel passou por ele, fitando-o de relance, e foi tomar posição ao pé da estátua de D. Pedro.

— Se és tu, pensou, há-de-te afastar rapidamente da rua, na esquina da rua, tentaras descobrir se te seguem.

O desconhecido esteve parado um minuto mais, seguiu pela Rua do Amparo e quase a porta do antigo camoista Manças oinou para trás. Miguel sentiu dentro de si uma onda de entusiasmo, que o fez rejuvenecer e esquecer todo o tempo perdido. Começou a segui-lo. Principiara a grande caçada. A esquina da Rua Nova de S. Domingos o gatuno principiara a andar mais depressa. O chefe Miguel lá perto, deu uma corrida e jogou todo o peso do seu corpo no último pulo. Fluiu-o fortemente pela gola do casacaço.

O chapéu à Mazzantini rolou na rua enlameada, mas o homem estava bem seguro.

— O senhor está preso!

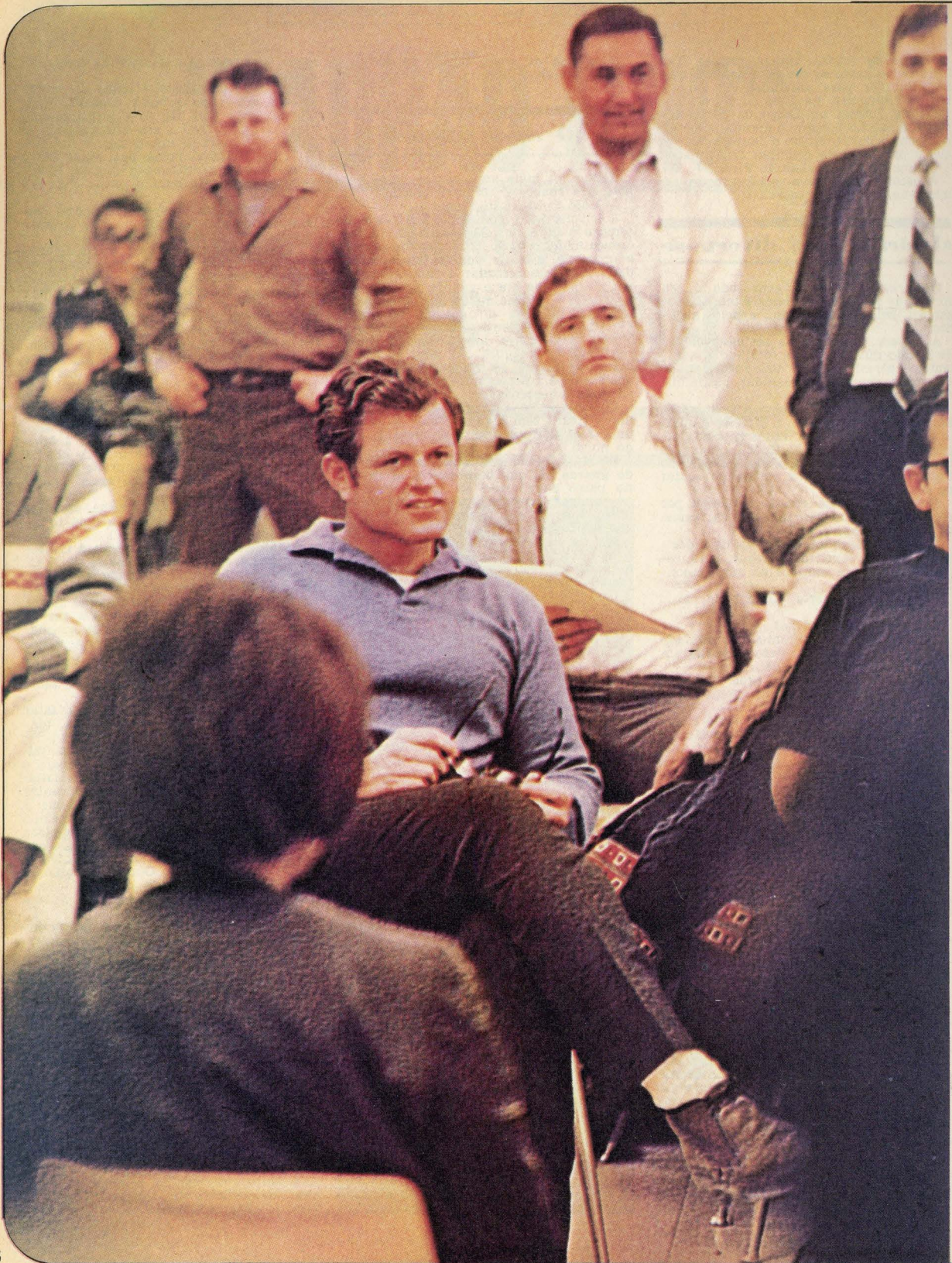
— Preso, eu? Deve estar enganado. Sou empregado na alfândega, como lhe posso provar. Resido em Almada e...

— Pois sim! Prova isso na esquadra. Agora acompanhe-me!...

No posto da guarda municipal do Teatro D. Maria II o preso manteve a negativa mas silenciou toda a resistência, quando o chefe Miguel lhe sacou do bolso a fofosreira de prata.

O sorriso de triunfo do chefe Miguel tinha mais luz do que a chama da lanterna a petróleo da esquadra.

As iniciais da caixa eram as mesmas das do proprietário do último roubo: L. F., Luis Filipe, mas que, por ironia, se adaptavam ao cognome de António Brás Monteiro. — «Ladrão Fino».



A SEGUNDA MORTE DE EDWARD MOORE KENNEDY

por Botelho Tomé

«A sorte é uma coisa que se faz, a pouca sorte é uma coisa que se aguenta.»

Robert Kennedy, 1964

Pouco tempo depois de ter sido morto a tiro Robert Kennedy, o actor Peter Lawford, que foi casado com uma irmã daquele e que continua, hoje ainda, intimamente ligado ao clã dos aristocratas de Hyannis Port, declarava ao «The National Enquirer», referindo-se aos boatos de que Ted Kennedy não tomaria o ceptro da família porque receava vir a encontrar-se, como os irmãos desaparecidos, no ponto de mira de outro atirador demente:

—Ted Kennedy não tem medo de ser assassinado. Ted tem demasiada coragem para desistir.

E rematou:

—Os meus anos de convívio com os Kennedys demonstraram-me que todos eles possuem uma grande coragem, um elevado sentido do dever e a necessária força moral para fazerem aquilo que considerarem justo, sem olhar a considerações de ordem pessoal. Ted Kennedy não constitui excepção. Conheço-o muito bem e sei que se sente na obrigação de continuar a obra dos irmãos. Em 1972 ou 1976, o espírito combativo dos Kennedys há-de levar as irmãs de Ted, bem como todos quantos estão ligados à família, a trabalhar pela nomeação e eleição de Ted para a presidência.

Em Setembro do mesmo ano (1968), a «Esquire», influente revista de reportagem, paródia, comentário e ficção («A revista para os homens»), proclama na capa desde 1932, ano de fundação, dedicou-lhe cinco páginas inteiras, sob forma de um estudo de carreira de Burton Hersh. Palavras que bem poderiam ficar na pedra tumular de um dos Kennedys, servir de balanço à recente voragem que se seguiu ao mergulho no canal de Chappadiquick ou concluir esse texto, diziam de entrada:

«Se a história perpétua da família Kennedy alguma vez atingir a forma literária, apresentar-se-á, por certo, como uma série de epílogos convulsivos, rematando vidas encurtadas, todas varridas abruptamente, uma após outra, pelas marés do destino.»

E, já em Março deste ano, a «Look» (tira-gem regular de quase 8 milhões de exemplares), ofereceu ao senador o último sobrevivente dos quatro filhos varões do embaixador Joseph Kennedy, uma capa de sorriso confiante e nove páginas encorajadoras, pela pena de Warren Rojers e pela objectiva de Stanley Tretick.

Portanto, eis que tudo rolava magnificamente, quando o carro do senador, com uma louca a bordo, cai da ponte abaixo, a fleuma senatorial desfaz-se e Edward Moore Kennedy, desorientado, passa 10 horas sem aparecer no posto de polícia mais próximo. (De resto, o escândalo reberitaria da mesma maneira se ele se tivesse apresentado 5 minutos depois; o que está em causa não é o que realmente se terá passado, o que está em causa é que a vida particular de um político, num país de Imprensa livre, só pode provocar uma ligeira ondulação para a inveja mordiscar, nunca fazer ondas que despertem o voo dos abutres para repasto farto).

A publicidade que estava a cair lentamente, como chuva miúda, sobre a opinião pública, passou a inundação e abateu-se como uma bâtega sobre Ted Kennedy: «Newsweek», «Time», «Paris Match», etc., tudo saiu com capa da cara do senador. Certas publicações entraram tão a matar, que parecia terem já os obituários prontos. E se, por um lado, todos se devem ter apercebido de que o nome Kennedy ainda tem muito mais importância e move muito mais gente do que se pensava, por outro ficou realmente, no ar, mais do que uma dúvida, a impressão de que «desta é que ele não se safará».

Mas não se safará mesmo? Antes de mais, convém relembrar que a Imprensa americana nunca foi exactamente entusiástica a respeito de Ted Kennedy — e isso não o impediu de subir o primeiro degrau do Poder (o assento no Senado) e o segundo (o de braço direito do líder dos senadores democráticos).

Scotty Reston, o mais influente colonista político americano exclamou: «Nepotismo!» E o «New York Times», também por ocasião da sua conquista do cargo, escreveu sibilina-mente que os familiares de personalidades de destaque deveriam dar algumas provas de talento, antes de fazerem o sacrifício de assentar praça como generais...O «Washington Post», ainda mais mordaz, louvou o neófito pela sua modestia e acrescentou que ele tinha realmente boas razões para ser modesto...

Depois, convém também lembrar que já não é a primeira vez que os jornais se entretêm a descobrir defeitos a Ted Kennedy e a fazer dele boato expiatório — e tudo isso passou, foi esquecido e enterrado e não parece ter prejudicado o senador: quem se recorda ainda de o

«Boston Globe» ter revelado que ele deixara Havard por se ter descoberto que... alguém fora fazer um exame de espanhol em seu nome?! E que nem sempre mostrou grande entusiasmo pelos direitos civis, até seu irmão se ter arvoado em campeão deles?

E, acima de tudo, Ted Kennedy, se lhe falta a experiência da ressurreição política (de resto moeda corrente nos nossos dias, vd. Nixon), soube já o que é ser dado por morto: em 1964, Junho, à noite, o avião fretado em que viajava embateu numa montanha e o jovem senador foi antecipadamente considerado por todas as fontes geralmente bem informadas, as direitas, as esquerdas intelectuais, os companheiros, os especialistas políticos, como liquidado, um inútil e irrecuperável para a sociedade (embora o presidente americano que mais tempo se manteve em exercício haja cumprido sempre os seus mandatos numa cadeira de rodas).

Mas porque há-de Edward Moore Kennedy, que já morreu duas vezes, procurar vir à tona? É jovem, tem dinheiro, gosta de velejar, de viajar, de música de arte, de literatura, talvez até goste da vida, porque não há-de gozar tudo isso sossegadamente sem ter que apresentar desculpas aos seus eleitores, sem ter que gritar em campanhas eleitorais, sem ter que sujeitar-se a levar um tiro, sem ter que engolir o veneno que lhe não-de entornar por cima por causa dos votos, sem ter que carregar com a cruz dos problemas do seu país e do Mundo? Ele próprio parece ter respondido, quando disse a Warren Rogers:

—...Apanham-se estas tradições de família, do meu avô, por exemplo, que era «mayor» de Boston e me ensinava o preço dos artigos e os salários dos operários; e depois, se se tem capacidade e experiência e ocasião, não prestar serviço público é um pecado. Perante tudo o que há errado no Mundo, se pudermos dar uma ajuda, é preciso tentar.

Serviço Público: como é insólito saber que há sítios no Mundo onde um político utiliza a expressão e onde, quando o servidor público escorrega, comparece perante os eleitores e sente necessidade de se justificar; onde, quando o servidor público escorrega apesar de ser pessoa respeitável e de meios, não quer ou não consegue abafar tudo e não aparece como se nada fosse. É que existem mesmo sítios assim!

ATÉ OS RATOS DESAPARECERAM

reportagem de Ion Bradshaw fotos de Alan Whicker

Haiti, a linda ilha das Caraíbas, com uma população de 5 milhões de pessoas, é considerado um dos países mais pobres do Mundo. Desde 1957, tem sido dirigido, com poder absoluto, pelo presidente François Duvalier, agora com 62 anos e conhecido familiarmente por «Papa Doc». Um exército pessoal de civis, os famosos «Ton Ton Macoute», apoiam «Papa Doc». Estes «Ton Ton Macoute» foram lapidariamente descritos por Graham Greene na sua novela «Os Comediantes».

Correm rumores de que «Papa Doc» sofreu um ataque de coração e se encontra diminuído. Outros rumores sugerem que se está a desenvolver uma luta pelo Poder dentro da sua própria corte, e até que ele foi já assassinado e que a filha, Marie Denise «Di-Di» Dominique, é agora quem dirige os negócios de Estado. Há poucas semanas, um avião sobrevoou Port-au-Prince, a decrepita capital do Haiti, e largou algumas bombas incendiárias sobre o palácio presidencial. Refugiados haitianos em Miami afirmaram-se mais tarde responsáveis pelo ataque, e determinado avião tem estado apreendido desde que aterrou nas Bahamas. Poucos dias depois, «Papa Doc» falou na rádio Haiti, procurando desmentir os rumores que se estavam a desenvolver em torno do seu nome. Em voz clara, negou ter tido um ataque de coração, e classificou o ataque aéreo como um «acto de pirataria».

Esta emissão de rádio, foi a primeira em que se ouviu Duvalier no período de um mês. As fotografias que publicamos constituem excepcionais documentos de «Papa Doc», conseguidos pelo conhecido repórter inglês de televisão, Alan Whicker, e foram tiradas imediatamente antes de ser posto a correr o boato do ataque de coração do presidente e, portanto, antes do mês de isolamento que se seguiu a esse boato.

Duvalier, começou a sua carreira como médico e foi-se gradualmente tornando político até ter sido nomeado secretário de Estado do Trabalho e Saúde Pública, tendo ascendido ao Poder em 1957, data em que se declarou a si mesmo presidente. Expulsou o embaixador inglês e o comércio com o exterior tornou-se praticamente inexistente. Quase todos os estrangeiros foram expulsos ou partiram voluntariamente. Nos nossos dias, é raro ver-se um branco no Haiti.

O facto de «Papa Doc» ter conseguido manter-se no Poder durante 12 anos não deve atribuir-se unicamente à guarda presidencial e aos omnípotentes «Ton Ton Macoute», com os seus característicos óculos de lentes escuras; a predominância da religião Voodoo é também um factor a considerar. Muita gente, no Haiti, acredita que «Papa Doc» é um «zombie» e portanto imortal.

Frequentes tentativas de assassinio, invasão e revolução foram já feitas e o ataque aéreo é apenas a mais recente. «Papa Doc» vive, portanto, no constante receio dos atentados. Raramente deixa o palácio e, mesmo assim, só no seu Mercedes à prova de balas e cercado de guardas armados.

«Papa Doc» tem um filho de 19 anos, Jean-Claude, e uma filha casada, Marie Denise Dominique, conhecida familiarmente por «Di-Di», e que, segundo determinado boato, recebeu o Poder das mãos do pai.

«Di-Di», casou com o coronel Max Dominique, a quem «Papa Doc», mais tarde, acusou de estar envolvido numa conspiração para assassiná-lo. Executou 19 outros oficiais, mas, em atenção aos pedidos da filha, então grávida, poupou o coronel Dominique. Foram ambos exilados para Espanha e, quando o avião estava prestes a levantar voo, o motorista de «Di-Di» e dois guardas-costas foram mortos à vista deles. Condenados à morte na sua ausência, o coronel Dominique e a mulher, foram mais tarde perdoados e voltaram a conquistar a simpatia de «Papa Doc».

Dois outras personalidades que deverão adquirir importância proeminente no caso de Duvalier desaparecer são o coronel Garcia e a sr.^a Rosalie Adolphe. Garcia é o comandante da guarda presidencial. A sr.^a Adolphe, mulher do ministro da Saúde, é, segundo tudo indica, o chefe dos «Ton Ton Macoute». Costuma trazer um revólver na sua malinha de mão.

O Haiti é um país onde o Voodoo reina com poder supremo e o presidente Duvalier faz os possíveis para que assim continue a ser. Tendo-se eleito a si mesmo presidente vitalício, ninguém duvida de que só a morte afastará Duvalier do Poder.

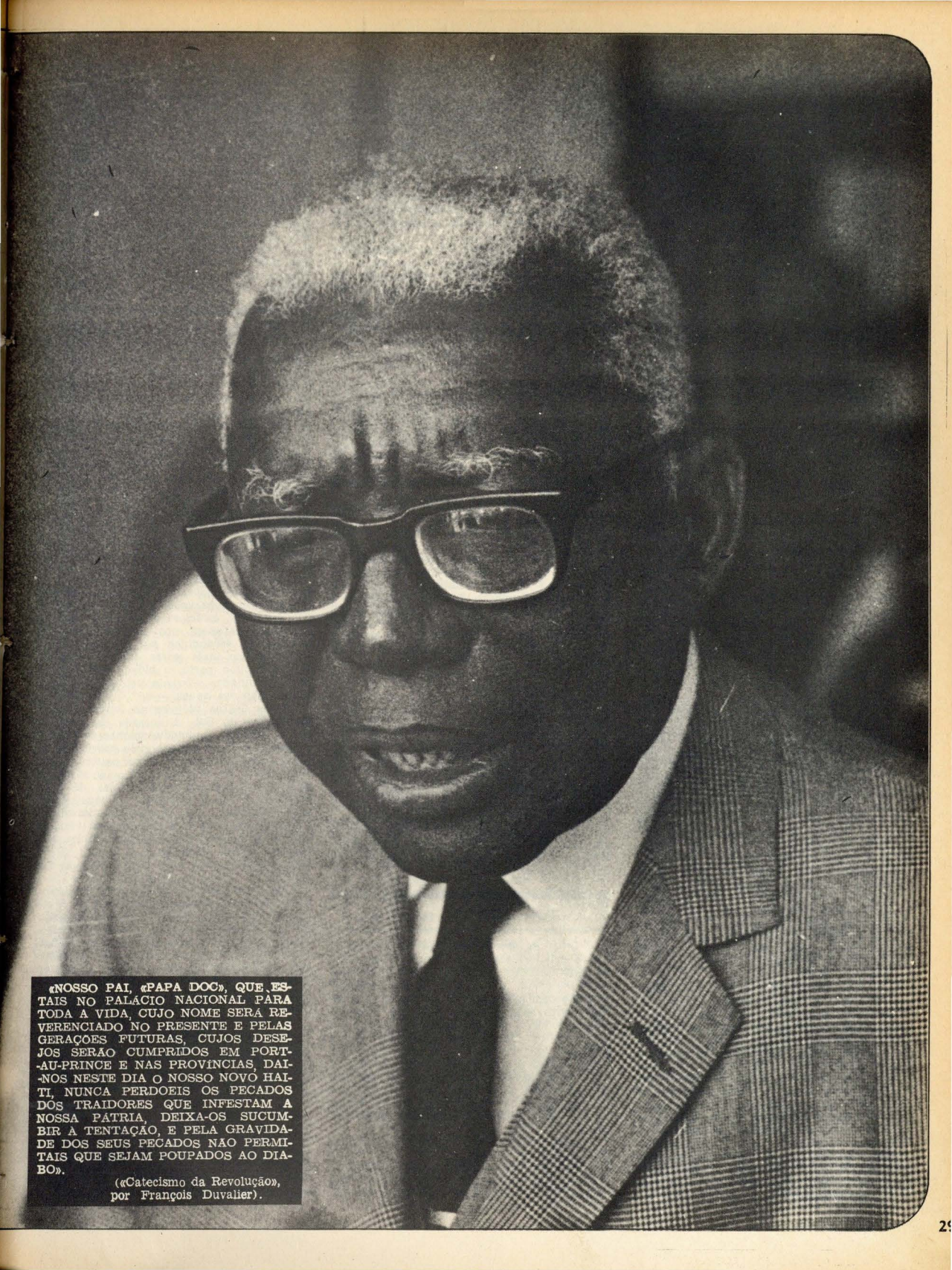
A reportagem que se segue, da autoria do jornalista Ion Bradshaw, foi publicada em Inglaterra no «Daily Telegraph Magazine», e adquirida, em exclusivo para Portugal, pelo «S. I.».

O jornalista, o coronel, os turistas americanos, todos estão a beber rum no bar do aeroporto. O jornalista, um homem excitável e minúsculo, está a informar o coronel acerca de um repórter canadiano, deportado por motivos de «sabotagem literária», no dia anterior. De vez em quando, por zanga ou para apoiar melhor o seu ponto de vista, bate com a bengala contra a parede do bar.

«Claro que lhe confiscaram todos os apontamentos», explica o jornalista. «Teve sorte em não ter sido aprisionado por um período muito longo.»

O coronel ri-se com pouca vontade. Há muitos anos que ajuda a purgar o país. O seu sentido de dever lembra um halo em torno dos seus traços solenes. Os dois homens aguardam o voo da manhã, de San Juan

para Santo Domingo. O coronel ajusta melhor os óculos de sol e, embora enfrente o jornalista, dirige a sua atenção incessantemente em torno do que o cerca. Os turistas partem, levando com eles cestos de verga, esculturas baratas e candelabros. Há poucos voos directos para o Haiti. Os visitantes, geralmente, são obrigados a passar através das Caraíbas, via Santo Domingo,



«NOSSO PAI, «PAPA DOC», QUE ESTÁIS NO PALÁCIO NACIONAL PARA TODA A VIDA, CUJO NOME SERÁ REVERENCIADO NO PRESENTE E PELAS GERAÇÕES FUTURAS, CUJOS DESEJOS SERÃO CUMPRIDOS EM PORT-AU-PRINCE E NAS PROVÍNCIAS, DAI-NOS NESTE DIA O NOSSO NOVO HAITI, NUNCA PERDOEIS OS PECADOS DOS TRAIADORES QUE INFESTAM A NOSSA PÁTRIA, DEIXA-OS SUCUMBIR À TENTACÃO, E PELA GRAVIDADE DOS SEUS PECADOS NÃO PERMITAIS QUE SEJAM POUPADOS AO DIA-BO».

(«Catecismo da Revolução»,
por François Duvalier).

via Kingston ou via San Juan. Uma vez chegados, há um pesado sentimento de isolamento, um sentimento de que este é o fim da linha, a última paragem, e de que, para voltar ao mundo familiar, é preciso como que reencontrar as pegadas deixadas para trás, como quem está no centro de um labirinto.

A sala de espera é grande e cavernosa, parecendo mais um escação de caminho-de-ferro de província às 4 horas do que um aeroporto internacional. Embora o edifício tenha sido construído há 10 anos, várias zonas mantêm-se ainda curiosamente incompletas, como se os operários, os arquitetos e os engenheiros, devido quer a uma falta de dinheiro, quer a uma falta de interesse, não tivessem voltado certa manhã; a fina poeira branca do desuso pega-se aos interiores por pintar. O terminal encontra-se praticamente vazio—turistas americanos, um homem de negócios sírio, um grupo de freiras negras com longos hábitos brancos e os soldados do costume. Como pessoas desocupadas ou evacuadas, movimentam-se sem objectivo à volta da sala, mandando-se pouco à vontade. O homem de negócios descobre que o coronel o está a olhar e olha apressadamente para outro sítio. Em cima, na varanda de observação, uma dúzia de haitianos esperam, como todos os dias, que haja sinais do voo da manhã. Incapazes de abandonar a ilha, encontram ainda uma certa satisfação em aproximar-se de um fictício momento de partida. Além disso, sempre há qualquer coisa que fazer, um sítio onde ir.

O voo de chegada é finalmente anunciado em francês e inglês. Acenando com a cabeça, o coronel dirige-se para os balcões da imigração. No outro extremo da sala vazia, vários homens vestidos de tecidos floridos, membros do «grupo nativo» do aeroporto, emergem com ar profissional da sala dos homens. Pegam nos tambores, nas guitarras, nas flautas, e põem-se a caminho da sala de recepção. O jacto vem completamente cheio, 120 passageiros; mas apenas 5 desembarcam no Haiti. Os músicos, com um sorriso largo estampado nas faces, principiam a tocar o merengue obrigatório.

O jornalista atravessa a sala até à recepção. Negro e careca, parece um «dandy» no seu impecável fato branco. Mas há algo de estranho nos seus modos, uma espécie de incerteza. Como é dado a acessos de «êlan», um tanto felino, as pessoas param e olham para ele. O seu nome é Aubey Jolicoeur. É o jornalista de mexericos mais importante do Haiti, está presente à chegada de todos os voos, uma ocupação que o leva ao aeroporto duas vezes por dia. O primeiro passageiro a passar pela Imigração é uma loura alta. Espreitando através do vidro divisorio, acena entusiasticamente para Aubey, quando o vê. O jornalista, com ar de quem ensaiou dúzias de vezes as suas reacções, levanta a bengala em saudação como se fosse uma espada.

—É aiemá, meu caro amigo—diz ele.—Estive na Alemanha muitas vezes, Munique, Salzburgo, Baden-Baden. Estive já em cerca de vinte países estrangeiros, incluindo a Suécia e a Côte d'Azur.

Olha para mim com o seu sorriso triste e fixo, como se, caso quisesse, pudesse ter mencionado numerosos outros países. Nessa mesma manhã, mais cedo, tendo-me convidado a ir com ele até ao aeroporto para discutir aquilo a que ele chama «a presente inundação de turistas», tinha tecido algumas comparações entre o Haiti, Nice, Cannes, Cap d'Antibes, saindo o Haiti muito favorecido. Fala inglês fluentemente, com uma pronúncia quase britânica. Indica três turistas que falam muito alto nos balcões da Imigração.

—Ouça-os, ouça-os. Tão ordinários. Tão «affreux». E, no entanto, são eles que trazem os dólares. Com esse objectivo, temos de fazer o que podemos.

Acena com a bengala, apontando a sala vazia.

—Felizmente, isso não é difícil na terra dos sorrisos—acrescenta e sorri.—Sabe, Maria Callas, a diva, foi quem se referiu ao Haiti como «A Terra dos Sorrisos».

No outro extremo da sala, alguns daqueles que tinham vindo para assistir ao voo da manhã descem as escadas do corredor de observação. Na sala de espera, um deles—um homem idoso, com a barba por fazer e bengala—persegue obstinadamente uma turista. Puxa repetidamente a manga do casaco.

—Por favor, «missus»—diz—, pode dar-me um níquel, por favor?

A turista vira-se para o outro lado. Na Imigração, um viajante inglês vê recusada a entrada por não poder pagar a tarifa de 2 dólares. Dispõe de 100 libras esterlinas, mas o esterlino não é aceite. Os outros passageiros dirigem-se, indecisos, para a alfândega. Atrás de uma porta fechada, o coronel verifica os passaportes, pela lista de indesejáveis.

Aubey é autorizado a entrar na alfândega. A loura alta levanta os braços em expectativa e agra-se para a frente. Dobrando-se pela cintura, Aubey tenta beijar-lhe a mão, mas é apanhado pelo braço dela.

—Querida—diz o homenzinho, quando finalmente ela o larga—, sentiste a minha falta? Diz-me que sentiste a minha falta ou ficarei desesperado.

A loura ri-se. A distância, o coronel observa a cena com ar reproador.

O jacto levanta voo para Kingston, a Oeste, deixando traços de fumo no céu de Verão. O «grupo nativo», regressa pela passagem interior, a caminho da sala dos homens, em fila indiana; os dois assistentes de terra da companhia de aviação, fecham os balcões; o coronel consulta as listas; os oficiais da alfândega vão continuar o sono interrompido, estendidos à sombra; um trabalhador empurra vagarosamente uma vassoura através do espaço vazio da sala de espera. Fica um ambiente parado de lugar deserto, um clima de teatro entre dois espectáculos.

Cá fora, as velhas «dimousines» americanas, utilizadas como táxis, estão indolentemente encostadas ao passeio. Os cartazes, desmaados pelo tempo, que representam «Papa Doc», coados nos vidros, exibem «slogans» como «Papa Doc, Presidente Vitalício» e «Duvalier ou a Morte». O retrato do presidente parece duro e inflexível. A bagagem da loura é arremada no carro do jornalista. Uma etiqueta foi colada em todas as malas. A etiqueta tem a forma de um tambor voodoo, é de um amarelo brilhante e diz: «Bienvenue. Bemvidos ao Haiti para umas saborosas férias, à francesa.»

«Escolhi-te a ti!»

O carro de Aubey Jolicoeur salta lentamente pela estrada do aeroporto, a caminho de Port-au-Prince. A fim de evitar buracos mais perigosos, o motorista guina habilidosamente com o volante. O sol vai alto, o céu está muito azul, a poeira corre em todas as direcções. É o décimo mês consecutivo de seca, explica Aubey, mas o governo tem o problema bem dominado. As colheitas foram muito fracas e o café dificilmente se aguenta. A falta de meios de irrigação, «Papa Doc» lançou apelos e proclamações. Nas últimas três semanas, os «houngans», isto é, padres voodoo, têm rezado diariamente para que chova.

—Compreendo—diz a loura.—E já houve resultados?

—Por enquanto ainda não—diz Aubey.

Aubey lança-me um olhar significativo. Em tempos, nesta mesma estrada do aeroporto,

grande cartaz apresentara «Papa Doc» vestido como o terrível anjo voodoo. Baron Samedi com uma pistola, de casaca preta e chapéu alto, também preto, ele ladeava a figura de Cristo, que envergava vestes brancas e um halo dourado. A mão de Cristo repousava afectuosamente no ombro de Duvalier e da boca do Salvador saía uma daquelas nuvens de conversa que se vêem nas anedotas e nas histórias aos quadrinhos. Não se lia: «Escolhi-te a Ti!» No Haiti, as panaceias são muitas e os milagres lugar-comum. A loura grande parece satisfeita. A terra em redor está ressequida e fendida, o calor parece sair do próprio chão. O carro dá grandes saltos através dos caminhos selvagens que se prolongam na direcção das montanhas, altas e rugosas, que se avistam ao longe.

Paris como modelo

Port-au-Prince foi em tempos uma belíssima cidade. Havia lindas florestas de carvalhos nas montanhas; porém, os camponeses, necessitados de combustível, foram-nas deitando abaixo. A erosão foi forte e, uma vez que não existem programas de repovoamento florestal, as montanhas, nuas e gastas, parece terem sido arrasadas por alguma estranha epidemia ou abandonadas após a exploração de um filão esgotado. Tendo Paris como modelo, a cidade foi fundada em 1749. Contudo, uma série de tremores de terra, incêndios e inundações afastou definitivamente este sonho e Port-au-Prince é hoje um amontoado em ruínas de ruas delapidadas, jardins abandonados e casas devastadas. Aqui e além—entre as lojas que vendem rum, os armazéns, os supermercados e os casinotos dos pobres—vêm-se as casas altas do século passado, cobertas de patina, que lembram castelos de brincar, enquanto os porcos passeiam nos jardins e os ratos brincam às escondidas nas salas escuras e vazias. Pouco mais existe. Embora disponha de um óptimo porto, a cidade está retalhada e arruinada, sufocada pelo calor e pelos sonhos não realizados.

Nuvens negras vêm-se ao longe, sobre as montanhas do Sul. A entrada da cidade, o carro abandona e imediatamente desparece a ligeira brisa provocada pelo movimento. O calor pesa densamente sobre os blocos desmantelados de apartamentos e a atmosfera está tão imóvel como uma poça de águas paradas. A rua é sossegada; grupos de pessoas vagueiam; um rapazinho aparece, segurando uma bandeira desfeita em cima da cabeça. Está coberta de gordura branca e na bandeira lê-se: «Não tenho inimigos, a não ser os inimigos do meu povo. François Duvalier.»

Mais atrás, grupos dispersos de homens e mulheres misturam-se. Param e olham à volta com hesitação. Alguém começa uma canção; os outros acompanham-no. O rapaz volta-se. Grita e onduia a bandeira. Os homens avançam, as mulheres seguem-nos. Descem a rua, preocupados e com um certo medo. Sobrepondo-se aos seus gritos e canções entrecortadas, ouve-se o rufar de um tambor e o grito agudo e doce das flautas e apitos.

—É o Carnaval—diz Aubey, gesticulando expansivamente com a mão aberta. Pronuncia esta palavra com uma espécie de orgulho paternal, reduzindo o que o rodeia a três sílabas suaves, como se pelo facto de dar um nome aos celebrantes tivesse provocado um acontecimento.

—É uma ocasião esplêndida, «nest ce pas?» A loura concorda com a cabeça; parece ligeiramente aborrecida.

—É claro, não é tão importante como a «Octoberfest»—diz Aubey.—Somos um país pobre. Muito pouco dinheiro—sacode a cabeça.—Vamos fazendo o que podemos.

—É muito bonito— diz a loura.

—Ohe para eles— diz Aubey, gesticulando outra vez. — Parecem crianças fora da escola.

Na rua vêem-se muitas crianças. Descalças e sujas, deambulam de um lado para o outro arrastando rodas de ferro com paus partidos. Um grupo musical começa a agitar-se ao ritmo de um velho tambor. O baterista vem à frente, descompassado, distraído, batendo os paus do tambor, com o ar perplexo de um homem a quem nada mais resta. Os flautistas e tocadores de pífaro, aparentemente desocupados, trazem os instrumentos no cós das calças, como se fossem punhais. Em Port-au-Prince, este grupo musical é geralmente considerado «o melhor grupo do Mundo».

Cerca de vinte metros atrás, surge o rei do Carnaval. O velho e corpulento rei traz uma coroa de bambu e passa de uma mão para a outra o ceptro de cartão. A sua capa de algodão está cheia de buracos. Embrutecido pela idade e pelo sol, tenta em vão parecer imponente. De vez em quando, pára para recuperar o fôlego. Sem fazer caso, os outros prosseguem: eclipsado pela sua corte, o rei desaparece.

A passagem do cortejo é sublinhada com gritos de incitamento. O rapazinho agita a bandeira; a banda aumenta de vigor; foliões dispersos acompanham a música. Parecem retardatários de um Carnaval acabado na véspera e que, devido ao cansaço ou ao esquecimento, julgassem que ainda continuava. Finalmente, sacudido por um estremecimento lento e pesado, o rei cai num dos lados da estrada. Os incitamentos continuam. Assistindo ao cortejo, grupos de pessoas andrajosamente vestidas parecem estar a divertirem-se. Pelo menos, é um acontecimento, um dos muito poucos.

—Muita desta gente chega a fazer 70 ou 90 quilômetros para tomar parte no Carnaval— diz Aubey. — Compreende, para eles significa muito.

Inclina-se para a loura com um sorriso sombrio, como quem diz que muitos deles nunca mais regressam. Aubey também não menciona que o Carnaval foi feito para renascer o ano anterior, a fim de celebrar o aniversário de Duvalier e promover o turismo.

—Tudo isto— continua Aubey, indicando a multidão com a mão— nada é comparado com as nossas festas do May Day.

E explica que vem gente de toda a ilha, que se junta perto do palácio para aplaudir o presidente.

—É um espectáculo maravilhoso, fantástico, acredite.

Mais uma vez não alude à parte que se refere às ameaças. Efectivamente, no May Day, milhares de camponeses e habitantes dos subúrbios são reunidos, metidos em camiões e trazidos para Port-au-Prince, para tomarem parte nas manifestações espontâneas a favor do regime. Os homens de negócios são obrigados a emprestar os trabalhadores e, «para bem do turismo e da unidade nacional», são lançadas taxas para cobrir as despesas do governo. Muitos camponeses das províncias perdem-se na cidade, o que deu origem a um dito lugar no Haiti: «Ah! parecem um daqueles pobres órfãos do May Day!» Os soldados desfiliam em frente de uma tribuna colocada diante do palácio nacional, dão a volta por trás do palácio e juntam-se outra vez à parada, de modo a dar uma maior impressão de força e solidariedade, ao povo reunido. Ao mesmo tempo, é anunciado em altifalantes que o exército haitiano é poderoso e que, se fosse preciso, seria capaz de vencer o exército dos Estados Unidos.

Neste Carnaval, contudo, vêem-se poucos soldados. De vez em quando, um camião cheio de milicianos passa tocando a buzina. Mas não parece estar em patrulha, apenas de passagem, com um destino específico. O carro de Aubey dá lentamente a volta ao Champ de Mars, o verdadeiro coração de Port-au-

Prince, e passa em frente do bonito palácio nacional. Coroado por uma cúpula central, ladeada por duas cúpulas mais pequenas, esta é a residência de «Papa Doc». Do Champs de Mars é possível ver duas peças de artilharia, mal escondidas no meio da vegetação, dois antigos tanques de guerra, ninhos de metralhadoras e a numerosa guarda disposta no terreno em volta.

Nas caves do palácio, o presidente armazenou todo o arsenal da nação. O palácio nacional é o quarto da História do Haiti, tendo os anteriores sido destruídos por explosões de munições na cave.

Aubey aponta um mulato que sobe os degraus do palácio, seguido de perto por oito ou nove negros pobremente vestidos, muito juntos, como lobos numa tempestade.

—É o ministro do Turismo, o cunhado do presidente.

—E quem são os homens que vão com ele?— pergunta a loura.

—São os guarda-costas.

—Os guarda-costas?

—Protegem-no nas multidões.

A loura sorri. Aubey volta-se para mim, pouco à vontade.

—Haiti é um país pacífico— diz Aubey súbitamente. — Não tivemos conflitos raciais nas ruas o Verão passado. Não tivemos manifestações contra a guerra do Vietname.

«O nosso malandro»

Pétionville, com o espectacular panorama do porto, é a mais bela área residencial da capital. A parte central da cidade lembra Richmond e nela se encontram as casas ricas dos homens de negócios, mulatos, os carros americanos mais em voga, as piscinas, a mais importante galeria de arte, o Country Club, os hotéis e «night clubs» caros, as embaixadas de maior prestígio e as vivendas espectaculares dos partidários negros de Duvalier. Bela, fresca, Pétionville ajuda a fazer crer aos turistas que no país reina a felicidade e a abundância. A excepção do esquadrão de Port-au-Prince, Pétionville é a única região que os turistas geralmente visitam— e, portanto, fica a constituir a principal recordação que levam da ilha. O verdadeiro Haiti fica por conhecer. Para o turista, instalado em Pétionville, é uma ilha igual às outras ilhas das Caraíbas.

O interior, o autêntico Haiti, mantém-se oculto. O local mais em voga de Pétionville é a Cabané Choucoune, réplica de um «kraal» africano, espécie de grande túnel invertido de palha e bambu, que parte de uma sala central. Assemelha-se a uma cripta fantástica. Diz-se que, antes de Duvalier, este «night club» era frequentado por mulheres mais belas e elegantes do Mundo. Nesta última noite de Carnaval, a única coisa que abunda é o espaço.

Numa grande mesa, próximo do centro da sala, Aubey oferece uma festa a alguns conhecidos— 2 haitianos crioulos, 2 turistas de meia idade e um jovem americano funcionário da embaixada. A mesa está cheia de garrafas de Coca-Cola, Seven-Up, um balde de gelo e duas garrafas de rum. Fala-se de política, ou seja, aquilo a que os habitantes se referem como «a situação». Os haitianos, quando falam de política, conversam em voz baixa e estão sempre a olhar à volta, para terem a certeza de não estarem a ser ouvidos. Quando o criado traz mais gelo, a conversa interrompe-se. Qualquer um pode ser empregado de «Papa Doc».

Entre os homens de negócios e os poucos membros do escol crioulo que ficaram, existe um sentido de ansiedade e preocupação. Todos estão perfeitamente conscientes de que podem ser afastados em qualquer momento, pela razão mais insignificante. Porém, continuam a conversar. Existe um ditado popular que diz que cada haitiano é um político ador-

mecido e a verdade é que o assunto os apaixonou. Fazem previsões pessimistas, consideram a força da corrente de exílio as possibilidades de invasão, a saúde de «Papa Doc».

—No Haiti— diz um deles— a política é a única indústria. —E vai bebendo rum como se fosse cicuta.

Aubey Jolicoeur dança animadamente com a loura alta. Ondulando como uma marioneta, segura a bengala na mão. Duas orquestras de 12 homens tocam merengue e cha-cha-chas. A música enche a sala. A pista de dança está povoada de negros e crioulos; os poucos brancos, saindo e entrando nos grupos, cintilam como pedras fosforescentes. Alguns dos dançarinos estão mascarados. O rei do Carnaval dança, completamente bêbado, com o ceptro amarrado na mão.

Vêem-se muitos «Ton Ton Macoute». Usam calças escuras, camisas desportivas e os inevitáveis óculos escuros. Um deles tem na cabeça um boné de marinheiro americano, onde está escrito a «báton» vermelho «Coca-Cola é a melhor». Ele e a sua companheira dançam muito agarrados, de caras encostadas, como adolescentes num baile de faculdade dos anos 50. A medida que ondula com a música, a camisa sobe e o grande revólver torna-se visível, fazendo volume na alveigera de trás. Todos os «Macoute» presentes estão, embora discretamente, bem armados. O coronel chega e um jovem casal crioulo cede-lhe amavelmente a mesa.

Aubey regressa à mesa, agitando a bengalina.

—Aubey— graceja um dos haitianos—, é verdade que o seu jornal é escrito para um público de uma só pessoa?

Toda a gente sorri. A posição pró-Duvalier de Aubey é encarada com certo divertimento entre os seus amigos crioulos.

—Nunca discuto as minhas convicções, à noite, meu caro— explica ele com um sorriso cinzento. —E nunca em público. E então uma coisa dessas!

—Costuma discutir os seus assuntos com o presidente— pergunta o americano— ou limita-se a receber uma lista de ordens pelo correio juntamente com o cheque?

Voltando-se rapidamente, Aubey mostra uma face enrugada como um carvão de péssimo.

—Vou-lhe dizer uma coisa— grita—, nós precisamos dele, todos os haitianos precisam dele. Quando uma criança comete um erro e se torna um delinquente, os pais têm de agarrar-lhe na mão e voltar a pô-lo no bom caminho. É isso que o nosso presidente faz pelo seu povo, 90% do qual são delinquentes juvenis. Conduz-nos pelo caminho certo, compreende?

Aubey bebe um gole de Coca-Cola e puxando a loura pela mão volta para a pista de dança.

—As vezes, consegue ser pior do que o patrão— comenta o haitiano.

—Aubey não vale nada— diz o diplomata americano.

Observando o modo como ele se agita entre os pares, o americano vai palitando calmamente os dentes.

—Já pusemos uma data de dinheiro nesta ilha— e, aludindo à velha anedota de Washington acerca do regime do Vietname do Sul, conclui; — talvez «Papa Doc» seja um malandro, mas é o «nosso» malandro.

«Não sabemos»

O automóvel desce a montanha a caminho das zonas baixas de Pétionville. O sol está prestes a desaparecer entre as árvores, as montanhas estão coroadas de vermelho e ouro. Os haitianos continuam a discutir a situação, o motorista negro faz comentários. Espalhado 50 metros mais abaixo, um cortejo fúnebre, constituído por pessoas vestidas de branco e preto, sobe silenciosamente a colina. O caixão é transportado por homens que caminham

ritmicamente, de um lado ao outro da estrada, para que, conforme crêem, a alma do falecido não consiga voltar a encontrar o caminho de casa. É o funeral de uma menina de 5 anos que morreu de subalimentação. Os funerais de crianças são comuns no Haiti; apenas uma em cada três, segundo parece, chega aos 5 anos. Uma mulher andrajosa, a mãe, arrasta-se colina acima, apoiada no braço do filho.

— Bem — diz o motorista negro, encostado à entrada de uma mansão imponente —, vamos, com certeza, a caminho de qualquer coisa, mas ainda não sabemos o que será.

A Avenida Roosevelt serpenteia ao longo do porto, passa pelo Carrefour e segue para Sul. Em Carrefour, um subúrbio de Port-au-Prince outrora sumptuoso, há pequenos jardins de palmeiras e as casas estão pintadas de cores vivas. Carrefour está moribundo e muito sossegado — o súbito som de um tambor, o ladrar de um cão, e é tudo. À noite, as luzes vermelhas, azuis e amarelas brilham febrilmente entre as árvores. Quem caminha ao longo dos hotéis desertos, erguidos como túmulos na sombra, sente-se atraído pelas casas iluminadas como por um Luna Park ou um «snack» aberto toda a noite.

A casa é uma construção em ruínas de madeira e chapa de zinco. No interior, amontoam-se cadeiras e mesas, um bar fingido, uma velha «jukebox» onde, por pouco dinheiro, canções arranhadas dos anos 50 estão disponíveis. As paredes de madeira estão nuas, só um calendário e um velho cartaz de Coca-Cola. Como na maioria dos lugares públicos, vêem-se muitas bandeiras haitianas, ao centro um retrato de «Papa Doc». Por motivos de segurança, é mais prudente colocar ambas as coisas bem em evidência. Na sala principal, as raparigas, de vestidos coçados, conversam entre si ruidosamente, arranjam o cabelo ou, quando entra um homem, sorriem convidativamente para a porta.

A nossa mesa está situada debaixo da única janela da sala. Pode ver-se perfeitamente tudo o que se passa dentro e na entrada. O meu companheiro, um antigo soldado, ofereceu-se para me trazer aqui. Os «Ton Ton Macoute» utilizam este local para descansar e conviver. Uma oportunidade de os observar de perto.

O antigo militar é um homem enorme originário de Saltrou, uma localidade no Sul. Pesa cerca de 100 quilos, tem cabelo branco e grandes suíças negras que pendem como frutos de ambos os lados da cara enrugada. Nasceu no tempo do presidente Sam, combateu com Magloire e foi derrotado por Duvalier. Retirou-se discretamente para Saltrou, onde se dedica à agricultura. Muitas manhãs, enquanto trabalha a terra dura e rochosa, pensa emigrar para o Canadá ou para os Estados Unidos. Sonha com um quinta modesta, onde cultivaria trigo, milho, onde haveria talvez um regato e uma casa de pedra — um lugar como Minnesota; gosta do som da palavra de Minnesota. Mas o regime tem sempre recusado dar-lhe um visto de saída. De qualquer maneira, o prego do visto está muito além das suas possibilidades. Confinado à ilha, cádm vez mais velho, mantém-se, contudo, irredutível.

— Não são os haitianos que precisam de um visto; o Haiti é que precisa de um visto — observa.

Lembro-me das queixas do director do Turismo:

— Porque é que estão todos contra nós? Será por sermos um país negro com um dirigente negro? Milhões de turistas vão a Espanha e à Jugoslávia, talvez por serem dirigidos por brancos. Será que os turistas não gostam de dirigentes negros? Será por isso que estão contra nós?

Não consegui arranjar uma resposta satisfatória.

A «jukebox» nunca pára de tocar as canções da geração passada. Rosemary Clooney canta «Come On To My House» e as raparigas começam a acompanhar a música. Entram dois

homens de camisas desportivas e óculos escuros. Um deles, na parte inferior do braço esquerdo, exhibe tatuagens de Duvalier, de uma mulher e da bandeira haitiana. Uma bonita negra aproxima-se mas ele afasta-a. Observa atentamente a sala. Descobrimo uma jovem crioula, sorri e agarra-lhe no braço. A rapariga está a desfolhar uma nectarina com os dentes. Cospe para o chão e afasta-se com arrogância. O homem grita; a rapariga dirige-se despreocupadamente para trás do balcão e entretém-se com as garrafas. O homem olha em volta. É claramente visível, na algebeira de trás, o volume do revólver.

— Estás a ver? Estas coisas estão sempre a acontecer — diz o velho soldado, sem tomar partido. — Contudo, ultimamente as coisas têm estado bastante calmas. Julgei até que o assunto estivesse encerrado.

O assunto é a disputa racial entre os negros e os castanhos. Embora haja ainda alguns crioulos da classe superior em Haiti, a maioria, aqueles que não foram detidos ou executados, emigraram. Os que decidiram ficar ou não tiveram possibilidades de fugir, ganham fortunas na arte, no café e nos têxteis. Mas estão desligados da política e limitam-se a gestos simbólicos para com o governo. Os crioulos mais pobres, que não podem dar-se ao luxo de uma tal atitude desinteressada, tornaram-se bodes-expiatórios apropriados, que o regime acusa de tudo o que não corre bem. Por muito estranho que pareça, uma pele clara é ainda sinal de prestígio em Port-au-Prince e muitos burocratas negros têm mulheres consideravelmente menos escuras do que eles.

— Menos escuras — diz o velho militar — mas não brancas. Eu próprio já ouvi dizer que os brancos não têm cor, são da cor da cinza. Têm dentes amarelos e um buraco em vez de boca.

E ri-se. A empregada do bar traz mais cerveja e alguma comida para o velho militar. A comida é grátis mas apresenta-me a conta da cerveja. Ela e o militar trocam sorrisos. O entendimento entre eles é tácito e evidente.

Até Duvalier subir ao Poder, tinha havido poucos desentendimentos entre as raças. Mas «Papa Doc» é negro, um apóstolo do negrofilismo. Nos primeiros tempos do regime, quando se dedicava à tarefa de transformar camponeses negros em «Ton Ton Macoute», dizia-lhes:

— Lembrem-se sempre de uma coisa. Vocês são pretos, são feios, cheiram mal. Mas são vocês que têm o Poder.

Em Haiti, o preto é mais do que uma cor. É uma atitude, um ponto de vista. Duvalier costuma dizer:

— O único sítio onde uso o branco é debaixo dos meus pés.

Duvalier é um homem frágil, de óculos, um tanto paralítico depois de um ataque. Fala numa voz entrecortada e diz-se que passa a maior parte do dia em pijama. Uma vez, contante o velho militar, quando estava sentado à secretária, Duvalier foi acometido por um ataque e começou a tremer incontrolavelmente na cadeira. Um auxiliar, alarmado, precipitou-se para lhe prestar assistência.

— Não me toques, idiota —, gritou Duvalier. — Não vês que sou o bandeira haitiana a flutuar ao vento!?

A empregada do bar sorri. Há outra história, conta o velho militar, e embora possa não ser verdade, não há praticamente um camponês que não a conheça numa das suas versões. «Papa Doc» e quatro dos seus ajudantes reuniram-se para decidir o que ele havia de fazer para tornar o povo feliz. O primeiro conselheiro sugeriu ao presidente que se metesse num avião, sobrevoasse Haiti, deixasse cair uma nota de 1000 dólares e tornasse feliz um haitiano. O segundo conselheiro sugeriu-lhe que deixasse cair 10 notas de 100 dólares e tornasse dez haitianos felizes. O terceiro sugeriu-lhe que deixasse cair 1000 notas de dólar e tornasse 1000 haitianos felizes. O quarto con-

selheiro, que desde então está refugiado na embaixada brasileira, sugeriu que o melhor era Duvalier saltar do avião e tornar assim toda a gente feliz.

A empregada ri-se silenciosamente; o velho militar sorri. Mas é uma alegria sem fundamento. A anedota é engraçada mas baseada numa lusão. Não pode haver felizes saltos de aviões. Se a alguma tentativa for feita, Duvalier promete «Himalaias de cadáveres e chamus, daqui até à Bermuda». A mulher do bar deixa de rir e afasta-se; o velho militar emudece. O médico negro ensinou-lhes que, muitas vezes, a cura é pior do que a doença.

A jovem crioula, sempre a brincar com a nectarina, dirige-se para a porta e sai do bar. Na entrada, um grupo desocupado de homens, de camisas desportivas e óculos escuros, conversa em sussurros graves e guturais, sublinhando os comentários com gestos solenes de cabeça. As luzes coloridas desenhavam na entrada sombras misteriosas. A rapariga, deslizando lentamente por entre os homens, parece viva e atrevida como um pássaro. Apoiando-se na balastrada, balança as pernas enquanto mordisca a nectarina.

Ssegredando, as vozes abafadas pelo ruído da «jukebox», os homens voltam-se para a espreita. Um deles, de barba por fazer, segura uma espingarda entre os braços. Espreita embaçado, acariciando involuntariamente a coronha da espingarda. A cena é visível através da janela aberta.

— Os «Macoute», agora, já não têm nada que fazer — diz o velho militar. — Duvalier retirou a maioria deles das ruas. Por causa dos turistas, compreende. Só se vêem pelos bares e pelas «bas-fonds». Agora trabalham quase sempre de noite. Mas nem sempre. Ainda na semana passada, escarece e é um amigo de Cap Haitien envolveu-se numa discussão com uns funcionários do Banco Nacional. Não queriam converter em dinheiro o seu cheque do governo. Foi levado pelos «Macoute» e interrogado. Nessa mesma tarde, foi atado a uma árvore e executado por um pelotão de fuzilamento. Ninguém pôde fazer nada.

Existem cerca de 6 mil «Macoute» na ilha. Espalhados entre a população, exercem uma autoridade comparável à de um exército de ocupação. O cálculo do número das suas vítimas varia, mas um oficial da polícia, fugido do país, levou registos de mais de 2 mil execuções. Azedos e irritados, pois ultimamente não têm sido pagos, castigam ao acaso, conforme a disposição.

Na sombra, à entrada, um homem puxa uma última fumaça e atira a beata para o jardim. A sua atenção está concentrada na rapariga crioula que continua a balançar as pernas. O homem desce para o jardim e vai avançando até ficar mesmo por baixo da rapariga. Com naturalidade, arranca-a da balastrada e arrasta-a para os arbustos. Ouve-se um grito abafado, o quebrar de um ramo. Frankie Laine canta «Ghost Riders in the Sky». Os homens de camisa de desporto continuam a conversar. O homem de barba por fazer pausa a espingarda. Sorri e limpa as palmas das mãos ao uniforme.

São 3 horas da manhã, a casa está prestes a fechar, mas as luzes multicores ainda brilham por entre as árvores. O pequeno grupo de homens de camisa de desporto mergulham na escuridão, bebendo «clairin», o rum barato da terra. A jovem crioula, estendida imóvel, entre os arbustos, parece embriagada ou adormecida. Os homens nem olham para ela quando descem os degraus para a rua.

CONTINUA



«Papa Doc» vive no constante receio de ser assassinado. Raramente sai do palácio e, mesmo assim, só no seu Mercedes à prova de balas e cercado de guardas armados

FIDÈLE A SON IDEAL, IL PROTEGE LES FAIBLES ET DEFEND LES OPPRIMÉS.

Cartazes que se vêem afixados nas ruas de Port-au-Prince: «Fiel ao seu ideal, ele protege os fracos e defende os oprimidos», «Graças a ele, o Estado e o povo estão hoje unidos por laços orgânicos e profundos»

Três membros dos Ton Ton Macoute, exército pessoal de civis que protege «Papa Doc». Os dois que viajam na moto trazem revólveres em coldres, à cinta, enquanto o que caminha em primeiro plano empunha uma metralhadora ligeira



«Papa Doc» conversa com a filha, Marie-Denise Dominique, que, segundo determinado boato, recebeu o Poder das mãos do pai



QUEM ESCOLHE OS ASTRONAUTAS QUE VÃO À LUA

reportagem de Oriana Fallaci

Quando esta magnífica reportagem chegou à redacção do «S. I.», pôs-se-nos o problema da sua actualização ou, mesmo, da sua não inclusão nas nossas páginas, uma vez que ela fora escrita antes do espectacular êxito obtido pelo lançamento da Apollo-11 e poderia, portanto, pecar por falta de actualidade. Contudo, após a sua leitura, optámos imediatamente pela publicação integral do presente texto de Oriana Fallaci, em virtude de os assuntos a que se refere e as opiniões que expressa serem de uma evidente oportunidade.

Ao lançar este caderno especial, totalmente dedicado à conquista da Lua, o «S. I.» orgulha-se de publicar, pela primeira vez em Portugal, duas espantosas fotografias, a cores, obtidas em solo lunar pelos astronautas Armstrong e Aldrin.

É Donald Slayton, apelidado «Dake», moderna versão de Tântalo. Chefe dos astronautas, ele mesmo também astronauta, nunca voou no Cosmos e nunca mais lá poderá voar: por causa de um pequeno defeito cardíaco que o mataria no momento do lançamento ou, no máximo, apenas, se chegasse à estratosfera. Foi seleccionado em 1957, com o primeiro e já histórico grupo composto de Scott Carpenter, Gus Grissom e Gordon Cooper. Devia ser ele, e não John Glenn a girar em volta da Terra, na cápsula Mercury. Mas, dois meses antes, os médicos descobriram nele uma fibrilação arterial idiópática: tiraram-lhe o voo que foi dado a John Glenn. A fibrilação não era então grave, parecia que Slayton poderia executar o voo seguinte. Mas, esse voo foi dado a Carpenter e depois de Carpenter a Schirra, depois de Schirra a Cooper, até que se viu claramente, que nunca o mandariam para o ar e que a sua carreira de astronauta tinha acabado sem ter começado. Então, «furiosamente desiludido terrivelmente dolorido» Slayton aceitou tornar-se chefe dos astronautas: um cargo que parecia honorífico e que era muito mais do que isso: entre outras coisas competia-lhe escolher quem deveria ir ao Cosmos e quem não deveria. É o que faz há muitos anos. Todas as equipagens dos voos Gemini e dos voos Apollo foram por ele designadas, para o que tem carta branca. É verdade, que a sua escolha deve ser aprovada pelo dr. Gilruth, de Houston, depois pelo dr. Miller, pelo general Phillips e pelo dr. Pennie, de Washington. Mas, a aprovação destes é uma pura formalidade e ainda não se deu o caso de algum daqueles médicos pôr o seu veto a uma decisão de Slayton.

Por isso, é espontâneo perguntar com que critério «Dake» Slayton escolhe um astronauta em vez de outro, uma equipagem em detrimento de outra. Na entrevista que segue, eu faço-lhe, também, esta pergunta. Mas é uma

pergunta destinada a ficar praticamente sem resposta, visto que o processo mental com que Slayton condena uns à glória e outros não, é um mistério para todos. Aposto que, também para ele mesmo. Só se pode tentar penetrá-lo, estudando a sua personalidade que por sua vez é impenetrável. Eu, que o conheço há quatro anos, ainda não compreendi o que ferve na sua cabeça e muitas vezes pergunto a mim mesmo se lá ferve alguma coisa. Slayton nasceu em Esparta, cidadezinha de Wisconsin, província das províncias. O seu pai era um camponês, seu avô era camponês e o seu bisavô, também. Se não tivesse eclodido a segunda guerra mundial e não o tivessem mandado para a aviação, muito provavelmente, também, teria sido camponês; mas, ao contrário, aprendeu a voar, bombardeou muito e em muitos lados na Itália e entre uma bomba e outra apaixonou-se pelos aviões. A tal ponto que, licenciado, inscreveu-se na Faculdade de Engenharia Aeronáutica de Mnesota, formou-se e tornou-se piloto de ensaio. Esta, a sua biografia inicial, que inclui, também, uma mulher e um filho de 12 anos. Ele tem 45.

Tem um físico belo, talvez o mais belo de todos; com aquelas linhas viris, nobres, aquele olhar triste, daquele corpo sólido e cardiopático. As mulheres ficam doidas por ele e ele atira-as distraidamente e ainda mais distraidamente as manda embora. É de carácter tímido, fechado e contrariado; fala sempre em voz baixa e move-se com gestos bruscos. Tem, porém, momentos de grande humanidade; quando o encontroi, há meses, ainda coxeava, devido a feridas que trouxe do México, e lhe contei o morticínio em que me tinha encontrado, os seus olhos encheram-se de lágrimas e pareceu-me prestes a chorar. A sua conversa é miserável, só fala bem quando tem na mão um copo de uísque, pois, bebendo um copo desta bebida, encontra coragem para vencer a timidez. A sua fantasia não existe, a sua cultura é limitada como em Neil Armstrong, ao mundo

dos aeroplanos e dos astronautas: a vida para ele é um corredor que vai de Houston até à Lua, com alguns desvios para o Alasca, onde vai caçar ursos. Não tem ideias políticas, é incapaz de distinguir um maquista de um conservador inglês. O seu sentido de Justiça é elementar como a sua mente, rígido quanto pode sê-lo, num colono luterano. De modo que duvido que certas decisões as tome por simpatia ou antipatia, pressões externas, interesses políticos. Teimoso como um burro, e muitas vezes até à obtusidade, inamovível e incorruptível, Slayton daria um tiro na boca, antes de fazer um favor a alguém, ou pecar por favoritismo. Pensa que o seu mais velho amigo Al Shepard nunca mais voltou a voar depois do primeiro Mercur e que o outro seu grande amigo, Gordon Cooper, nunca mais voou depois do Gemini 5. Qualquer pessoa cria que o primeiro homem na Lua teria sido Gordon Coope; ou Al Shepard: nem um nem outro foram ainda destinados a um voo Apollo. E como se tinha espalhado o boato de que Shepard comandaria a equipagem da Apollo-13, respondeu-me assim:

- Quem o diz?
- Todos, «Dake». E ninguém o desmente. Nem sequer Shepard. Já lhe perguntaram.
- Ninguém me perguntou.
- Então, pergunto-te eu, «Dake». Shepard irá à Lua ou não?
- Que eu saiba, não.
- E quem deve sabê-lo, «Dake»?
- O paizinho.

Os astronautas chamam-lhe o paizinho «The Fatner». E temem este pai mais do que a Lua e em volta dele fermentam mesuras, exibições de bravura, invejas, rivalidades mesquinhas. Mentalizados como homens superiores, heróis de alma pura, diante de Slayton tornam-se baíarinas, cada uma das quais daria a própria virtude para estar com ele a sós no Lago dos Cisnes. Ferem-se entre si, com despeitos, maledicências, bruxedos, procuram superar-se com sacrifícios inumanos, estudo redobrado, treino triplicado. E «Dake» Slayton muito afastado como um deus, observa-os sem se desmanchar. Depois, faz o que quer. Eis a entrevista sobre o assunto:

— «Dake, é verdade ou não que a escolha de Neil Armstrong não sobe à Casa Branca?»

«Se me pedires para dizer que Armstrong é o melhor não te digo, porque não é verdade»



— Irra... Não, não é verdade, os homens são escolhidos por mim e basta, a Nação e a bandeira não entram nisso para nada. Entra a capacidade. De qualquer modo eu não disse: «Neil deve desembarcar na Lua, em primeiro lugar.» Neil chegou como um número à roleta. E não estou nada seguro com o que caberá a Neil! Sabê-lo-ei, quando o seu LEM pousar na Lua. E se não pousa? Pode ser que no último momento, por uma avaria, sei lá o quê. As máquinas estragam-se e se Neil não pousar, pousará Neil Conrad na Apolo-12. E se não pousar Pete, pousará a Apolo-13. Que importa? Não me importa nada. Um vale o outro.. São todos iguais.

— «Dake», se são todos iguais, porque é que Stafford, Armstrong e Conrad se encontraram na final? como os escolheu? Pondo os 52 nomes das astronautas dentro de um saquinho, vendando um menino, como se faz em Itália para o fogo da lotaria; e fazendo-o extrair três nomes?

— Não! Ninguém é tão idiota que vá acreditar que todos os 52 astronautas estejam ao mesmo nível profissional. Há-os óptimos, bons e maus. Há alguns que nunca irão à Lua. Mas, aqueles que escolhi para os voos Apolo são substancialmente iguais: um grupo de rapazes idênticamente treinados, idênticamente competentes e idênticamente em grau de desembarcar na Lua e voltar para trás. E se me perguntares qual deles é o melhor — se o melhor é Armstrong, ou Stafford ou o Conrad —, não te sei dizer. E se me pedires para dizer que Armstrong é o melhor não te digo, porque não é verdade. Repito, há uma dúzia ao mesmo nível.

— «Dake», então com que critério escolheste essa dúzia? Já notaste que nem sequer eles ainda o compreenderam?

— Irra, que sei eu disso? Com o critério da competência. Durante estes anos vi-os, não é verdade? Segui-os nos voos Gemini, não é verdade? E alguns deles agradaram-me, outros não. E há dois anos tomei debaixo de outro uma dúzia, pu-los a trabalhar no projecto Apolo e, pouco a pouco, fiz as equipagens.

— E como se faz a formação das equipagens, «Dake»?

— Primeiro, escolho o comandante. Quer dizer isso que, além da competência tem uma aptidão particular para comando. Pois, muitas vezes um é valente como astronauta mas não sabe comandar. E se não sabe comandar, os outros dois homens da equipagem não funcionam nada. Depois, escolho o segundo comandante: isto é, aquele que guiará a cápsula Apolo, enquanto os outros dois desembarcam na Lua. Finalmente, chamo-os e junto com eles escolho o terceiro piloto. Por exemplo, a Neil Armstrong dei a Apolo-11. E disse-lhe: o segundo comandante é Mike Collins. Em seguida, juntámo-nos, eu, Mike e Neil, e foi escolhido o terceiro piloto, que é Buzz.

— Portanto, «Dake», é de «Dake» Slayton que depende a escolha, em certo sentido; cruel, do homem que ficará em órbita à volta da Lua, sem desembarcar. E se esse homem não fica contente?

— Se não ficar contente, pior para ele, esse homem tem uma tarefa muito importante. Compete-lhe trazer para casa os dois da Lua e se não conseguir, se não os receber, se o LEM não se eleva da superfície lunar, deve voltar sozinho: só, acompanhado pela sua dor. Bem sei que aquele que for destinado a ficar em órbita nunca estará contente: chegar até lá, ver a Lua e não poder tocar-lhe. Mas, que posso eu fazer? É a vida. Não podemos contentar a todos. É que a Lua deve ser vista ainda de mais longe, como eu.

Que acontecerá a Armstrong, Aldrin e Collins depois da Lua?

É a pergunta que todos fazem com preocupação. E a resposta mais sábia foi-me dada por Pete Conrad que desembarcará na Lua no voo seguinte: «O inferno. Cair-lhe-á em cima, o inferno. Greta Garbo, Lindbergh, Marilyn

No palácio de Buckingham deu-se a cerimónia da entrega de um globo lunar oferecido ao príncipe Carlos, em comemoração da conquista da Lua

Monroe, os «Beatles»: nada em comparação. Assim, eles perderão a cabeça e serão infelizes. Eu queria ser o primeiro, claro. Mas, quando meditei no que poderia acontecer-me depois, fiquei muito contente de ir em segundo lugar. Nenhum homem, a não ser que seja um santo, poderia resistir à adulação louca e desproporcionada que esmagará os três. «Dake» Slayton, ao contrário, disse-me: «Não quero pensar nisso, porque sei desde agora que a coisa escapará ao nosso «contrôle». Paradas, selos, convites de reis e de rainhas, estupidez de todo o género: espantoso. A única coisa a fazer é rezar por eles. Terão muito mais necessidade de Deus, sobre a Terra do que lá em cima na Lua.» Charles Berry, médico dos astronautas, disse-me: «Não queria estar no lugar deles. Quando todo o Mundo estende tapetes vermelhos diante de ti, é difícil manter humildade e inteligência. Eu temo que eles o não consigam. Pois, já hoje, se consideram importantes e julgam de nunca mais se enganarem. Nas nossas reuniões, por exemplo. Qualquer coisa que disserem, até mesmo a mais estúpida, dizem-na como se ela tivesse um significado imortal. E o mal é que os outros os escutam como se a coisa tivesse, na verdade, um significado imortal. Há uns dias, numa reunião havia alguém que sentenciava sobre o «contrôle» dos nascimentos. Dizia uma série de análises, mas todos o escutavam de boca aberta, mais do que fosse Paulo VI. Portanto, imagine o que acontecerá a Armstrong, a Aldrin e a Collins depois da Lua: o «Apol-cálpese».

O único que não me deu um juízo catastrófico é precisamente aquele que deverá conter e enfrentar as consequências psicológicas e sociais da sua glória: Julien Scheer, chefe das Relações Públicas da N.A.S.A., em Washington. «Geralmente falando, os três já estão conscientes de terem sido elevados à categoria de heróis. Portanto, estabelecer se lhes agrada ser heróis, ou se sentirão heróis, é uma discussão académica. Serão heróis quer lhes agrade, quer não, quer se sintam tais, quer não. E pela simples razão de o Mundo assim crer, impondo-lhes a etiqueta de novos Cristóvãos Colombo. Claro, que as consequências desta imposição mudarão de homem para homem: podemos prever, desde já, quem se comportará melhor e quem se comportará pior. Mas, eu sou optimista. Tenho para mim que os três aceitarão com relutância e com agradecimentos a obrigação de acabarem na história dos grandes homens». Façamos sobre isto um raciocínio. Serão heróis os grandes homens? São-no, é óbvio que não. Como indivíduos, já o temos visto, contam relativamente: o caso não foi generoso. Como navegadores e exploradores, os seus méritos são limitados e qualquer comparação com Cristóvão Colombo é simplesmente grotesca. Colombo estava só. A viagem à procura das Índias tinha-a idealizado sozinho, tinha-a organizado sozinho, fé-la sozinho contra o parecer de todos: e o parecer de todos era que a Terra era plana, e que em certo ponto acabaria por fazê-lo cair no vácuo. Armstrong, Aldrin e Collins, ao contrário, sabem muito bem o que vão encontrar: minuto por minuto, metro por metro. Desta viagem, que certamente não foi por eles idealizada, nem organizada, eles não são mais do que um instrumento escolhido, um apêndice da máquina. Mas há mais: enquanto durar a viagem, eles nunca estarão sós como aconteceu para os outros voos. serão seguidos da Terra, desde o momento da partida até ao do regresso. No Centro de Contrôle de Houston, estarão em contacto com eles 400 pessoas entre cientistas, médicos, directores de voo, astronautas e técnicos, e fora do Centro de Contrôle estarão outras 2000. Por exemplo, todos os engenheiros que participaram na construção da cápsula Apolo, do LEM serão protegidos, aconselhados, ajudados, sobre cada fio eléctrico, sobre cada desvio. O único



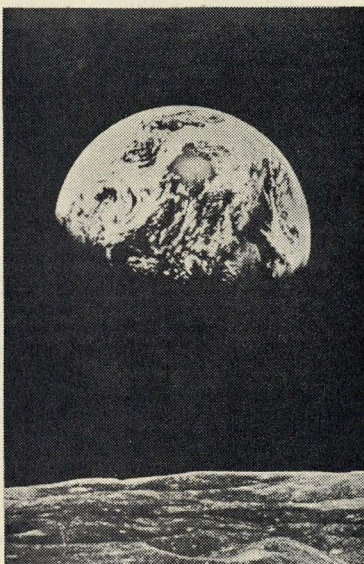
Omega

na terra, e agora na lua, tem a confiança do mundo! Foi um Omega Speedmaster o primeiro relógio usado na lua.

O relógio que a gravura apresenta, é o cronógrafo OMEGA SPEEDMASTER, o único relógio que a NASA emprega para todas as missões dos astronautas.

Desde 1965 que os astronautas americanos o trazem no pulso. Esteve no primeiro "passeio" no espaço. É, agora, o primeiro relógio usado na lua.

É um relógio excepcional, principalmente porque se trata de um relógio de série, igual aos que se encontram nas Agências Oficiais OMEGA; um relógio que, além da pulseira, não sofreu qualquer modificação e que, portanto, não foi fabricado para os vôos no espaço. Foi escolhido pela NASA depois de vários testes, porque satisfazia completamente e estava em condições de triunfar em todas as provas, como as de suportar uma aceleração que vai do zero até 40.000 km/hora; aguentar e normar diferenças de pressão e variações extremas de temperatura, sem falar já nas múltiplas acções de elementos pouco conhecidos que podem perturbar a precisão de um relógio.



Mas, pode perguntar-se: o que lucram com tudo isto os outros relógios OMEGA? É simples de compreender que o fruto de todas as experiências se vai reflectir, vai ter as suas aplicações nos relógios de todos os dias... se eles forem OMEGA.

Por isso, todos os relógios da famosa colecção OMEGA são universalmente reputados pela sua precisão, pela sua segurança, pela sua robustez. Os da colecção SEAMASTER, por exemplo, são relógios que possuindo a imperturbável precisão do SPEEDMASTER, se destinam principalmente aos desportos náuticos. Cada um deles tem as suas características próprias, para os fins a que o destinam.

A precisão, a segurança, a robustez dos relógios OMEGA, provam-nas os astronautas Apolo. Por isso OMEGA foi o primeiro relógio usado na Lua

Ω OMEGA

risco que lhes fica é o de morrerem sobre a Lua. Mas é um risco tão pequeno, tão afastado de todos que até certo ponto te pergunto se será necessário tanta coragem para ir à Lua. Se fosse necessária tanta coragem, porque é que os astronautas teriam pretendido e obtido «99,99 por cento e ainda 99 de probabilidades» de voltarem à Terra. Na verdade, não vejo nada de particularmente heróico nesta empresa. O último soldadinho que vai ao assalto de uma trincheira e o último vietcong que se atira contra um carro armado com três balas dentro da espingarda são mil vezes mais corajosos do que os astronautas que vão à Lua.

Admitamos, contudo, que não tenham êxito e que morram. A quase meio milhão de quilômetros da Terra, num planeta sem vida e sem atmosfera com um calor de 120 graus. Um fim medonho, de acordo. Mas, diz-me: se tu fosses um homem ambicioso como Neil Armstrong, ou vaidoso como Buzz Aldrin, e te dissessem que num dia de Julho de 1969 és condenado a morrer que morte escolherias? Eu, no lugar deles, a morte na Lua. Pensa que morte: perante os olhares de três bilhões de pessoas que sabem, escutam, rezam e choram por ti. Perante as câmaras da televisão e da rádio que transmite a tua epopeia, o teu sacrifício. Para a História, os altares. E, então, quem é mais corajoso, quem é mais herói: o soldadinho e o vietcong que morrem como cães, sem que ninguém o saiba, sem que ninguém os chore, de noite, sob bombas, dentro de uma trincheira, ou Neil Armstrong e «Buzz» Aldrin? A questão é que o conceito de heróico está totalmente distorcido porque se fundiu com o conceito de êxito, e herói tornou-se aquele que tem êxito: ainda que o seu êxito seja o último resultado de um trabalho colectivo ou de uma empresa tornada possível pelo emprego de bilhões. É certo que ninguém tira a Armstrong, a Aldrin e até a Collins a patente de herói. E as consequências serão três monstros que o Mundo invocará como anjos. A única esperança é que isto nos transforme de «robots» em criaturas e que o tempo os redime e lhes explique que são somente aquilo que são. Como diz Pascal, nem monstros, nem anjos: homens e basta.

Quanto custa a Lua e outras coisas

A verdadeira viagem e tudo o que for feito por Armstrong, Aldrin e Collins custam, somente, 220 bilhões e 850 milhões de liras italianas. Mas tal importância compreende, exclusivamente, o preço do foguetão Saturno, da capsula Apollo, da capsula LEM, já fabricados em série para vários voos. As despesas desde 1958 até hoje, para chegar à primeira viagem à Lua é ciclópica: 24 140 bilhões e 910 milhões de liras italianas. É verdade que isto inclui todos os voos do projecto Mercury, do projecto Gemini, do projecto Apollo, as experiências, os estudos, os ordenados pagos às 15 000 pessoas que trabalham para a N. A. S. A. em todo o Mundo, os vários edifícios da N. A. S. A. em Houston, a construção e a manutenção do Cosmódromo de Cape Kennedy, com as pistas de lançamento em Merritt Island, o Vertical Assembly Building, isto é, o edifício onde estão armazenados os foguetões Saturno e que é o edifício maior da Terra. Resta o facto de quase 24 141 bilhões serem um grande preço e de que desde 1958 até hoje a Lua custou aos Americanos 28 bilhões e 28 milhões de liras italianas, por dia: realidade perante a qual a N. A. S. A. se pode defender dizendo, apenas, que isso custa menos que a guerra no Vietname. E é isso, na realidade: desde 1966 até hoje, a guerra no Vietname custou 51 030 bilhões de liras italianas e, ao fornecer tal infor-

mação, o Pentágono acrescenta que em 1970 custará outros 15 750 bilhões de liras italianas.

Quem paga é o governo, isto é, os cidadãos, que pagam os impostos. Quem ganha, as grandes indústrias, como a General Motors, a IBM, a North American, Grumman Aircraft, a Air Bell System, mas a nação não protesta por ter visto que a Lua é um extraordinário instrumento de publicidade positiva: «Quando Armstrong pisar lá os pés, quase todos nos perdoarão o Vietname» — disse-me um funcionário de Washington. Apesar disto, ainda não se decidiu se se há-de colocar ou não uma bandeira americana na Lua. Algumas altas entidades da N. A. S. A. sustentam que merecem mesmo uma bandeirinha. Outros respondem que a Lua é de todos e não seria justo deixar lá a bandeira dos Estados Unidos, sendo mais justo deixar a bandeira das Nações Unidas. Outros ainda acrescentam que, na base de tal raciocínio, nem sequer a bandeira da O. N. U. ficaria bem lá, enquanto a China de Mao não fizer parte das Nações Unidas; ficaria bem deixar na Lua qualquer coisa de comemorativo, que represente toda a Humanidade. Mas que coisa? O Committee que estuda este problema, Committee of Lunar Artifax, ainda não chegou a acordo e desde há meses compulsa as cartas que chegam de toda a parte do Mundo, esperando encontrar nelas uma sugestão. Muitos pedem que se deixe lá uma Bíblia, mas o Committee pôs de lado a ideia, porque a Bíblia ofenderia os Muçulmanos, os Budistas, etc. Muitos propõem um dicionário de todas as línguas terrestres, e uma senhora ofereceu o seu marido: «Assim, vejo-me, finalmente, livre dele e para sempre.» Mas ainda não se chegou a acordo e os únicos objectos que parecem possíveis são um radiofarol que esteja sempre aceso e se veja desde a Terra, uma lápida que comemore os astronautas mortos, americanos e russos, um álbum de fotografias para que fique uma prova visível de como eram feitos os habitantes da Terra no momento de desembarcar na Lua. Tudo isto encerrado numa caixa de alumínio, a qual, cheia, não deve ultrapassar quatro quilos.

O facto extraordinário é que caixas de alumínio haverá talvez duas. E a segunda não conterà nada de belo: quando Armstrong e Aldrin tiverem necessidade de ir à casa de banho, a ordem é de não trazerem aquela caixa, mas de a deixarem na Lua bem fechada e com os dizeres «Don't open». Não abrir.

O desembarque na Lua passo a passo

Sabemos como se desenvolverá com todos os pormenores infinitesimais. Há já meses que Neil Armstrong e Buzz Aldrin repetem aqueles gestos, aqueles movimentos, aqueles passos, como uma bailarina que todos os dias faz exercícios diante do espelho e sabe de cor onde porá um pé, um braço, ou uma das mãos. Nada é deixado ao acaso, à iniciativa pessoal: tudo deve suceder no modo em que foi estudado e provado aqui na Terra. A mais pequena desobediência poderia custar a vida e a falência de toda a missão. De modo que, se no lugar dos dois homens estivessem dois verdadeiros «robots», seria a mesma coisa. Por exemplo, as zonas da aterragem. São quatro, rigorosíssimas. Duas no Mar da Tranquilidade, uma no Sinus Medii, uma no Oceano das Tempestades. A escolha depende da data da partida, visto ser indispensável que Armstrong e Aldrin alunem depois da alvorada do dia lunar, por causa da luz e do calor. O dia lunar dura 28 dias ter-

«O que querem em Houston é um pouco de Lua para estudar no laboratório»



restres e como a Lua gira treze graus em cada dia terrestre, Armstrong e Aldrin serão obrigados a perseguir aquela ao amanhecer. Isto é, se partirem a 16 de Julho, como é previsto, desembarcarão no primeiro ponto do Mar da Tranquilidade; se partirem com um atraso de 48 horas, desembarcarão no segundo ponto do Mar da Tranquilidade. Se partirem uma semana depois, desembarcarão no Simus Medii. E assim sucessivamente. Perdida a ocasião de desembarcarem também no oceano das Tempestades, têm de adiar de um mês a partida.

As quatro zonas são praticamente idênticas: sem montanhas, colinas, crateras grandes ou perigosas. Os vales não ultrapassam os 60 centímetros, o terreno é fácil, liso e compacto. Num relance de olhos faz lembrar o asfalto de uma autoestrada ou uma pista aérea. E isso é indispensável para que o LEM não poise inclinado. Contudo, na sua complexidade, o LEM é uma máquina ainda imperfeita e inclinada para além dos 30 graus não sabe tornar a partir. Não só o LEM tem excessivas liberdades de manobra: montanhas e colinas poderiam interferir na aterragem. (Em Houston não dizem aterragem mas «alunagem»). Não nos esqueçamos além disso de que a descida é o momento mais perigoso. «A pouco menos de duzentos metros do solo — explica o director de voo Cliff Charlesworth — o computador que regula a guia do LEM já não chega e o piloto deve arranjar-se sozinho. A descida daqueles duzentos metros dura cerca de 1 minuto: o tempo que a voz emprega para chegar pela rádio da Terra à Lua, ou da Lua à Terra é de 1 segundo e meio, e, portanto, naquele minuto não temos tempo de dar-lhe disposições ou discutir; o piloto do LEM deve fazer os seus cálculos à pressa e se errar um cálculo fracassa para não mais se levantar. É necessário, portanto, fazê-lo descer em zonas mais seguras.»

E agora vejamos o que acontece a partir do momento em que o LEM poisa, como uma enorme aranha de alumínio, com as suas quatro patas, no solo lunar.

Os motores não param imediatamente: do ventre do LEM as chamas saem durante outros dois minutos. Se Armstrong e Aldrin decidirem não ficar na Lua e levantar-se imediatamente, isso deve ser feito dentro de dois minutos — quando a cápsula Apolo, com Mike Collins, não estiver ainda na face oposta da Lua e se encontrar bastante perto para poder ser alcançada. A partir do momento em que o LEM se desprender da cápsula Apolo, Mike Collins põe-se a girar em volta da Lua, e essa órbita dura hora e meia; quando Mike Collins estiver na outra face da Lua, Armstrong e Aldrin não poderão comunicar com ele, pois as ondas da rádio não lhe chegarão. De qualquer modo, é improvável que Armstrong e Aldrin subam logo pouco depois de terem aterrado: «teriam de ver um dinossauro para o fazerem», diz Charlesworth. E passados aqueles dois minutos, os motores apagam-se. Porém, para se reacenderem imediatamente, a fim de verificarem se os instrumentos para a descolagem funcionam bem. Isto pode parecer estranho, mas não o é, se se pensar que a maior preocupação não é tanto a de chegar à Lua, mas a de voltar à Terra, e se o LEM não se reacender, já não voltam mais à Terra. A N. A. S. A., é evidente, não duvida que ele se reacenda: milhares de vezes, o LEM foi acendido e apagado na Terra. Mas na Lua nunca se fez a experiência e a N. A. S. A. quer que se faça logo a experiência, mais por motivos psicológicos do que técnicos. Com efeito, define-o assim: «moral building exercise», exercício para levantar o moral que tal exercício não garante a descolagem — pois pode muito bem dar-se o caso de o LEM se reacender agora e não se reacender depois — isso é outra questão. E depois disto passemos a observar a paisagem lunar, que Armstrong e Aldrin

vêm das suas janelinhas do LEM depois da prova dos motores.

É uma paisagem verdadeiramente feia. Todos aqueles que a viram antes deles, do alto, estão de acordo em dizer que é a coisa mais feia de tudo quanto foi criado. Bill Anders definiu-a como repelente: «Há qualquer coisa de repelente na Lua. Qualquer coisa de mau. Qualquer coisa que nos repele. Estou contente por não ir mais lá.» E não nos esqueçamos que depois do voo na Apolo-7, Bill Anders pediu a demissão de astronauta, e, agora, trabalha como empregado da N. A. S. A., em Washington. Jim Lovell admite, sim, que, como paisagem poderia definir-se interessante. Mas acrescenta: «Não queria viver lá nem cinco minutos. Aquela praia sem fim, sem mar. Brrr.» Quanto a Frank Borman, fala dela com a testa enrugada e uma careta na boca: «É um lugar mais que feio, é um lugar esquecido por Deus. Tão desolado... desolado... cinzas pardas e nada mais. Faz pensar no princípio dos princípios, na Gênesis, com um arrepio de horror.» Também Borman, depois da Apolo-8 deixou o ofício de astronauta: a partir de agora, dirigirá o centro de estações espaciais. E que dizer de Cernan, de Stafford e de Young? Perguntem-lhe acerca da Lua e eles repetirão: «Como a Terra, é bela.»

Por exemplo, aquela ausência de cores. Das janelinhas do LEM só se vê preto e pardo, quando muito castanho, preto o céu e parda a Lua, e sobre o pardo cai uma luz, que nada tem que ver com a nossa luz, pois a nossa luz é quente, amarela, azulada; na Lua, ao contrário, é lívida, fria. Luz e basta. «Para a imaginar — diz o professor Hoss, director científico da N. A. S. A. — é preciso pensar em um quarto de paredes negras e de tecto também negro, iluminado por uma potente lâmpada de néon. A lâmpada é o Sol. Mas, se no nosso céu o Sol é uma grande chama difusa, no céu lunar ele é um ponto que tem as dimensões de um centil, isto é, de um feixe concentrado de luz, que os oculistas usam para estudar a córnea. Tudo é tão diverso, irreal. E que farão Armstrong e Aldrin depois daquele primeiro contacto com o irreal? Põem-se a dormir. Primeiro, comem a ração de comida espacial e depois dormem.

A ideia original era que, apenas chegados, abrissem a portinhola e descessem. Mas logo a seguir, o dr. Berry e «Dake» Slayton decidiram que era mais avisado dormir um pouco «para acalmar os nervos e preparar o corpo». O dr. Berry até fixou a duração do sono: cinco horas exactas. «Pessoalmente, eu não seria capaz. Como seja possível vencer o impulso de descer imediatamente e dormir na Lua, e eu não o sei — disse o dr. Berry — mas isto é o que devem fazer e fá-lo-ão. Tanto mais que lhe demos pílulas.»

Por isso, disciplinados e obedientes, Armstrong e Aldrin engolem as pílulas e depois adormecem sentados no pavimento do LEM, pois nele não há espaço para se estenderem. De qualquer modo, estendidos ou sentados é a mesma coisa, porque na Lua há um sexto da gravidade. Em teoria, poderiam também dormir de pé. Não teriam sonhos maus por causa disso. Pelos diagramas em que da Terra seguem o seu repouso e a intensidade das ondas cerebrais, resulta que os astronautas em voo não sonham. Meses de treino habituaram-nos também a isto. E percorridas as cinco horas, acordam, provavelmente por si mesmos: as pílulas foram calculadas por minuto e segundo. Em caso contrário, chamam-nos da Terra, pois não devemos esquecer que eles estão em permanente contacto com a Terra: as comunicações nunca são suspensas. Nunca. «Agora levantai-vos e preparai-vos para sair», transmite da Terra um director de voo. De novo, disciplinados e obedientes, Armstrong e Aldrin levantam-se e preparam-se para sair. Enfiam a veste lunar, as botas lunares, o capacete, as luvas, apertam o todo e elevam-no à temperatura justa. Querem ver como estão

vestidos? Como dois cavaleiros medievais — disse alguém. Como mergulhadores ou os cartazes dos pneus Michelin — digo eu. Conhece, certamente, aquele cartaz que representa um homem formado por muitas rodas. Em contacto com a pele tem os instrumentos que transmitirão para Terra as informações sobre o funcionamento dos seus corpos: os «biomedical sensors». Além disso, um par de cuecas de plástico chamada Fecal Control System, isto é, sistema de «controlo» fecal. Servem para recolher de um lado a urina, que vai dar a um saco por meio de um tubo ligado ao órgão, e, por outro lado, as fezes que vão ter a outro saco, que se abre e fecha automaticamente, eliminando todo o mau cheiro. Sobre tudo aquilo, vestem uma espécie de camisola com pernas, de mergulhador, que os protege desde o pescoço aos pés, é fechado à frente por uma cinta, contendo numerosos engenhos, entre os quais uma cinta biomedicinal, que transmite para a Terra as informações biomedicinais, tais como o funcionamento do coração e dos pulmões. Sobre a camisa, vestem, finalmente, a muito incómoda veste lunar; mais do que uma veste, é uma astronave em forma de camisa. Don Lind, o astronauta-geólogo, define-a como «uma redoma pneumática, em forma de homem, mas não flexível», e Charles Lutz, director do laboratório, onde ela é construída, define-a como «sofisticadíssimo saco, cuja complexidade ultrapassa a do corpo humano.»

É composta de 28 estratos, pesa 25 quilos, e é, talvez, o vestido mais caro do Mundo, pois custa 38 milhões de liras italianas. (Agora, que a fazem em série). Cada um destes estratos, de plástico, de vidro ou de alumínio, está dividido do outro por tubos, cilindros, fios eléctricos, instrumentos vários, que servem para manter em condições normais o ciclo metabólico do astronauta e um ambiente terrestre. Os primeiros estratos, por exemplo, o Liquid Cooling System, isto é, o sistema líquido de resfriamento; nos tubos escorre água gelada, que defende o corpo do astronauta contra os 120 graus de calor, que encontrará na Lua. Por seu turno, os estratos superiores contêm o sistema de compressão, que é composto de cilindros, dentro dos quais passa o ar. Os fios de contacto, eléctricos, são tão numerosos que, vistos à radiografia, fazem pensar nos nervos e nas artérias do nosso organismo. Finalmente, aos estratos externos incumbe a tarefa de isolar o todo e protegê-lo dos micrometeoritos.

Por fora, a veste é branca, porque o branco repele os raios solares; o material é de seda incombustível. Quanto ao seu aspecto, ele é tão complexo, com todas aquelas juntas, bolsos, bolsinhos e bolsões, que os astronautas tiveram de fazer um curso de seis semanas para aprenderem o que aquilo é. Sobre o tórax vai uma espécie de colete para fixar neles os tubos ligados às baterias e aos depósitos de oxigénio que os astronautas levarão nas costas. Ao pescoço liga-se o capacete, de plástico transparente, chamado «Lexan», capaz de resistir a qualquer temperatura sem se esquentar ou resfriar; é tão duro que nem mesmo com marteladas ou atirado de um quinquagésimo andar se quebra. A altura dos olhos, o capacete tem uma viseira, que os protege dos raios ultravioleta, e uma outra que os protege dos raios infravermelhos. A segunda é de ouro. O capacete é fixo, quer dizer, dentro dele pode-se girar a cabeça a nosso belo prazer, mas ele não se desloca. O aparelho com que se liga ao pescoço da veste é igual ao engenho com que se ligam as luvas. E além das luvas, há as sobreluvas, como, além das botas, há as botas espaciais. Isto é prevenir no máximo a contaminação de possíveis germes lunares. Quando Armstrong e Aldrin tiverem vestido tudo, tomam o Life Support System, que são dois recipientes que contêm oxigénio e prendem-no atrás, à laia de mochila. Sobre a Terra aquela mochila pesa um quintal, sobre a Lua cerca de 17 qui-



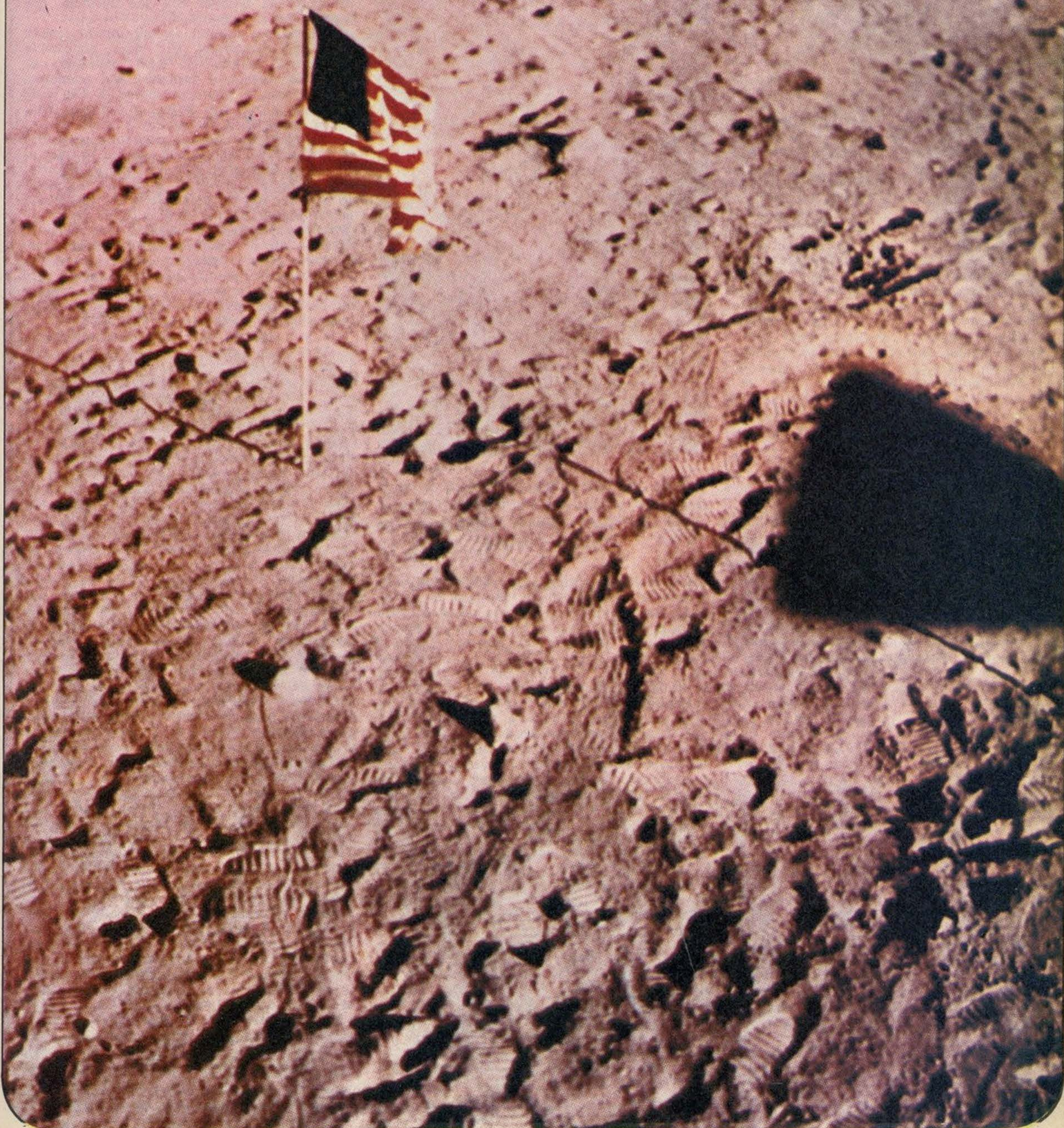
Uma pálida ideia dos milhares de curiosos que assistiram à partida de Apolo-11



Aldrin, o segundo homem que pisou o mar da Tranquilidade



Pela primeira vez na história da Humanidade, uma objectiva fotográfica, accionada por mão humana, disparou na superfície da Lua: a bandeira americana, as pegadas dos astronautas, a câmara de TV que transmitiu a reportagem para a Terra são visíveis nesta imagem colhida a partir do módulo lunar



ios, mas mais leve é impossível. O oxigénio, que contém, chega para pouco mais do tempo que caminharão sobre a Lua. Dentro do LEM têm provisões para cerca de dois dias, embora só devam permanecer lá 22 horas.

O primeiro passo na Lua: chamaram-lhe o «passo do menino»

Comprimida a veste lunar, aberta a válvula que leva oxigénio para dentro do capacete, Armstrong e Aldrin tiram a pressão à cabina do LEM e avisam o Centro de Contrôlo de Houston de estarem prontos a abrir a portinhola. Está sobre a escadinha de travessas, fixada a uma das pernas do LEM. O processo de sair e descer foi estudado com uma minúcia de relojoeiro, entre discussões acesas e provas exasperantes. Com efeito, os técnicos sustentavam que a escada era descida como todas as escadas de travessas, isto é, segurando uma travessa superior com as mãos e pousando os pés numa travessa inferior, fazendo, enfim, aquele movimento, que consiste em levar um pé a uma travessa inferior. Mas Aldrin descobriu que era muito mais simples segurar-se na escada pelos dois prumos laterais e depois deixar-se escorregar até cair com os dois pés unidos. A descoberta foi saudada com júbilo, enquanto resolvia, entre outras coisas, o dilema de pousar na Lua primeiro o pé direito ou o pé esquerdo, evitando, assim, aos psiquiatras, aos historiadores e aos políticos o incómodo de interpretar ou de explorar a escolha do pé esquerdo ou do pé direito. Pensa-se em tudo na N. A. S. A. E eis que Armstrong se prepara para escorregar.

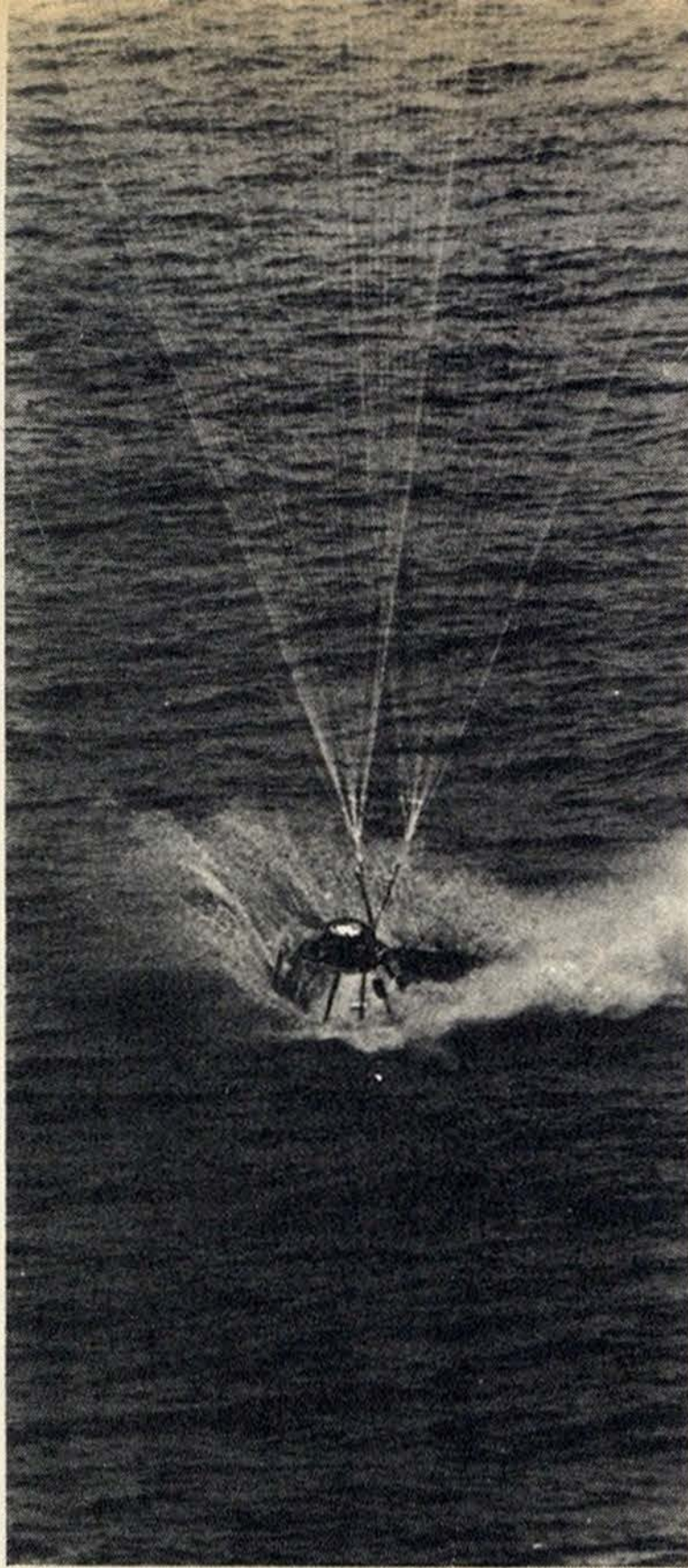
É Armstrong, de facto, quem desce primeiro na Lua, e lá fica a maior parte do tempo. Ao comandante estão reservados mais perigos e honras: durante 40 minutos, Aldrin deverá ficar dentro do LEM a fotografar Armstrong, ou retomá-lo com a máquina apropriada. Uma câmara de televisão já está pronta tora do LEM para transmitir as imagens para a Terra, a fim de proporcionar aos de Houston dar conselhos, e a todo o Mundo observar com a respiração suspensa.

Segundo as regras do espectáculo, Armstrong escorrega, portanto, toca o solo lunar e, antes de tudo, pisa-o para saber se é homogénio ou arenoso, e para o comunicar aos seneólogos.

Numa reunião, que decorreu com uma memorável cena, os senólogos convocados pela N. A. S. A. litigaram acerca desta interrogação: o solo lunar é homogénio ou arenoso? Mas o astrónomo Thomas Gold demonstrou que a Lua está coberta de um pó semelhante à areia, e a consistência da sua superfície é de areia molhada. Portanto, é de esperar que Armstrong se afunde um pouco com as suas botas espaciais. Feito isto, ele executa duas ou três flexões, a que a N. A. S. A. chama Mobility Evaluation, e que tem por fim verificar a sua capacidade de movimento. Finalmente vem o primeiro passo, aquele sobre o qual se escreverão discursos, se farão obras poéticas, se emitirão selos e se esculpirão monumentos para a eternidade.

Como é feito este passo?

O passo, é evidente, que os peritos definiram: um «baby step» — um passo de menino. Breve, cauteloso, hesitante: de menino que aprende a andar. E, como um menino que aprende a andar, Armstrong fá-lo, agarrando-se a qualquer coisa, isto é, ao tubo que gira à volta do estádio interior do LEM. Tal precaução é necessária, devido às dificuldades de movimento causadas pelo vestuário e pelo depósito de oxigénio. As razões por que o vestuário comprimido é muito incómodo são dadas pelo facto de dentro dele haver a sensação de flutuar como no interior de uma bola e de, com isso, todo o gesto se tornar



Depois de uma viagem sem o mais pequeno acidente, os três conquistadores da Lua chegam finalmente ao nosso planeta

dramaticamente difícil. Os tubos por onde circula o ar comprimido parecem de pedra. Para dobrar um braço ou uma perna é necessário «partir» aquela pedra. Tocar na cabeça, por exemplo, é impossível. Por outro lado, a cada impulso que se der ao corpo, parece ter-se a sensação de ir voar, de desaparecer na escuridão. Os depósitos de oxigénio arriscam continuamente os seus portadores a perderem o equilíbrio, a cair. A N. A. S. A. não quer quedas, pois estas são cheias de perigos. Prisioneiro, como está, dentro do vestuário, esmagado por todo aquele peso, quem o levantará? Se se cair para trás, fica-se numa posição de tartaruga virada, e girar é tão penoso como a uma tartaruga. Se se cair para a frente, fica-se mais paralisado do que um guerreiro medieval com a armadura. De modo que, lentíssimo, hesitante, Neil Armstrong avançará, apoiando-se ao LEM, única mancha branca naquele deserto pardacento. Girando em volta, verifica se o LEM ficou avariado na alunagem, dá com a escada, decide seguir mais cinco ou seis metros. Vamos com ele para ver o que ele vê. O absurdo. Se vista das janelinhas do LEM a paisagem era irreal, vista do solo é totalmente absurda. A Lua é tão pequena que o seu horizonte está sempre atrás, a uns dois quilómetros de distância e não mais. Para além daqueles dois quilómetros, parece que o Mundo acaba e se precipita numa voragem negra, sentimo-nos Gulliver no país de Lilliput. Mas um Lilliput

feito de nada, porque nesta zona as montanhas mais próximas encontram-se a 50 quilómetros, a seguir, além, o horizonte, e em volta de nós só se vê uma plataforma redonda, no meio da qual não há mais nada do que nós e o LEM. Claro que o LEM parece gigantesco, e, apesar de não ser fácil ajuizar das proporções e das distâncias — pois não existe nada para tomar como ponto de referência além do LEM e nós mesmos — mais do que sobre um planeta parece-nos estar num quarto sem paredes. Ao mesmo tempo, as sombras são tão longas, por causa do Sol, que bate com uma inclinação de 12 graus, que qualquer pedra pequena projecta uma sombra de três ou quatro metros, e qualquer buraco parece um poço profundo. De familiar só há a Terra, que roda com o seu azul, mas está tão afastada, também ela, tão pequena, que por sua vez parece uma Lua.

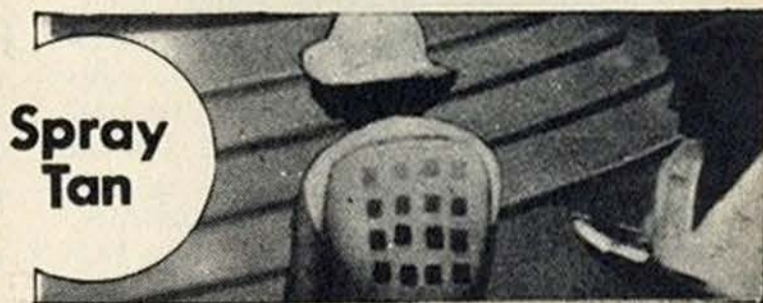
Um homem normal em tal cenário endoidece. Neil Armstrong, não. Para endoidecer ele deveria espantar-se, ficar pasmado, em suma, dar largas à fantasia. Ele treinou-se durante anos a não espantar-se, a não ficar pasmado, a não dar largas à fantasia, mas, sim, a controlar, a transmitir, e basta. E qual é a palavra que nesse momento transmitirá para a Terra? Corto o meu pescoço se não for a palavra «Fantastic». Dizem sempre «Fantastic». Assim o memorável e original comentário percorre 425 000 quilómetros em direcção à Terra, depois de segundo e meio chega ao Centro de Contrôlo de Houston, que responde «Roger», isto é «compreendi», depois outro segundo e meio o «Roger» chega ao ouvidos de Armstrong, que informa preparar-se para a primeira experiência do programa. Depois vai buscar os primeiros utensílios, que estão guardados na parte inferior do LEM.

O que querem em Houston é um pouco de Lua para estudar no laboratório, a fim de saber como ela nasceu e se nasceu juntamente com a Terra, ou antes ou depois, e se lá existe vida. 146 grupos de cientistas do nosso planeta aguardam com impaciência a sua preciosa porção de Lua: geólogos, selenólogos, biólogos, astrónomos. «Que colheita-zinha a que encontram!» — diz o geólogo dr. Bell, «pedras, areia, pó. Que encham os bolsos com isso, que apanhem o mais possível! E mesmo que tudo corra mal, se devem partir antes do previsto, aquele pouco de Lua deve chegar à Terra. Por isso é preciso que Armstrong a apanhe imediatamente, sem perda de tempo. Uma mancha de solo, por exemplo. Mas como? Dentro daquela veste de mergulhador, daquela armadura de guerreiro medieval, é impossível dobrar-se, e os peritos da N. A. S. A. ordenaram-lhe que nunca se pusesse de joelhos ou dobrasse a cabeça. Também lhe ordenaram que evitasse todo o contacto directo, mesmo com as luvas, por causa da contaminação: que usassem o instrumento e nada mais. O instrumento é uma concha de cabo comprido. A N. A. S. A. estudou isso durante anos, e milhares de dólares e assembleias foram reunidos para decidir o tamanho da concha, o comprimento do cabo, a sua forma e a sua substância. Venceram os que a queriam feita de alumínio, com um cabo de 83 centímetros e meio, o fundo com um diâmetro de 24 milímetros e completado por um saquinho de «teflon». A operação para colher o solo lunar é ainda mais complicada. Consiste no movimento que se faz com uma concha para tirar para cima um pouco de água. Fizeram-no executar essa operação centenas e centenas de vezes, embora ele repetisse: «Já compreendi!». O facto é que deve ser um movimento suave, quase imperceptível: com um sexto de gravidade qualquer movimento brusco levanta o pó a muitos metros e alguns grãos poderiam acabar entre os delicados engenhos do LEM.

Pronto. O saquinho de «teflon» está cheio. Lentíssimamente, Armstrong levanta-o, separa-o da concha, que repõe na caixa, liga-o com um fio de alumínio e põe-no num dos bol-

A Verdade acerca dos efeitos do sol e dos produtos para bronzear

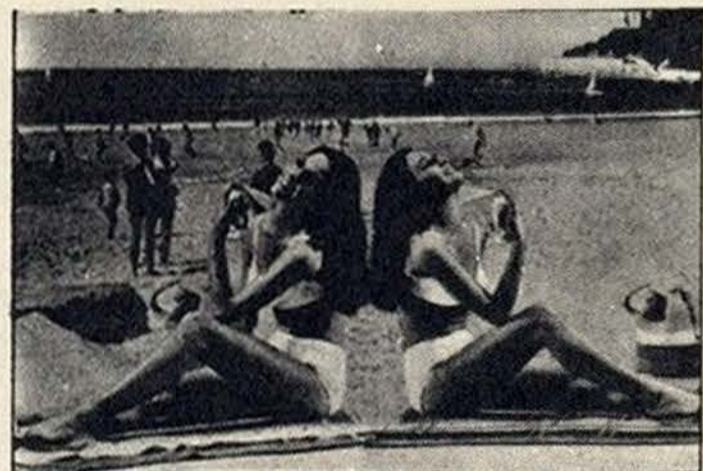
Uma franca declaração acerca daquilo que tem direito a receber contra o seu dinheiro, quando compra produtos das grandes marcas de bronzadores e, também, acerca das consequências da sua escolha para a beleza da sua pele, feita por «Spray-Tan», uma das principais marcas de produtos solares que pode encontrar em qualquer mercado da Europa.



Bronzear com ou sem sol?

Atenção: não confundir os produtos para bronzear naturalmente com os produtos cosméticos, para bronzeamento artificial (sem sol). O bronzeamento natural é o da verdadeira beleza e da saúde da pele. No entanto, não se deve expor a mesma ao sol sem empregar um verdadeiro produto de protecção solar: senão a pele «queima-se» e acaba por cair ou envelhecer antes de tempo.

As embalagens «Spray-Tan» ou creme «Spray Tan» são autênticos produtos científicos para um bronzear saudável e natural.



Hoje em dia, já é possível o fabrico de produtos para bronzear de duplo efeito, os quais pigmentam a pele desde a primeira aplicação dando-lhe um tom dourado protegendo-a do sol.

O «Bronze Solaire» é um deles. Apresenta-se sob duas formas: tubos e óleo-filtro em frascos. A sua acção é, de facto, sensacional. Pode parecer inacreditável, mas é verdade: com «Bronze Solaire» a pele começa a bronzear antes dos primeiros banhos de sol e, depois, intensifica o seu processo de pigmentação natural de forma espectacular. Desde a primeira aplicação, a pele reveste-se de um lindo pré-bronzado dourado que evita as queimaduras e lhe dá um aspecto imediatamente atraente. Sem maquilhagem, sem bronzeamento artificial!

Uma vez que o «Bronze Solaire» é um concentrado de óleos tropicais impermeáveis à água, a sua acção protectora só se elimina completamente com a utilização de sabão, ficando o rosto e o corpo totalmente protegidos do Sol durante todo o dia.

Para intensificar o seu bronzeamento

Quanto melhor a sua pele estiver protegida do sol mais intensos e duradouros serão os efeitos do bronzear. Mas, para isso, o produto escolhido deve conter um «filtro». Tais substâncias são mais ou menos activas (segundo

a intensidade de isolamento dos raios que queimam e a facilidade de passagem aos raios que bronzeiam) — e a sua actividade pode determinar-se com rigor e exprimir-se cientificamente através de graduações precisas: Percentagem de transmissão de raios bronzadores e índice de protecção contra as queimaduras.

O filtro «F 29 : 31» contido nos produtos Spray Tan (e somente nestes produtos) é de tal forma eficaz, que a sua actividade foi detalhadamente comentada nas revistas médicas e dermatológicas. Graças a este filtro de alto poder, o Creme especial Spray-Tan é hoje aquele que possui o índice de protecção mais forte e o único vendido com garantia de eficácia e segurança. No caso das peles ultra-sensíveis (a pele das loiras e das ruivas) ou no de um sol muito intenso (mediterrâneo ou montanha) aconselha-se o creme Spray-Tan, que tem dado resultados surpreendentes e conseguido o que até aqui tinha sido impossível com qualquer outro produto.

Experimente: seja onde for que aplique o creme Spray-Tan a sua pele bronzeará como nunca. Porém onde não o aplicar, «queimar-se-á».

Para acelerar o bronzeamento

Quanto menos esforços pedir à sua pele para se adaptar ao sol, mais depressa se bronzeará. Assegure-se de que adquire um produto solar perfeitamente adaptado aos problemas particulares da sua pele — pois que nem todas as peles reagem da mesma maneira aos efeitos do sol.

Não faça da sua pele uma «vítima do sol». Melhore, sim, as condições de receptividade aos raios bronzadores do sol e obtenha pig-

mentação natural e surpreendente. Escolha, desde já, o produto Spray-Tan, especialmente concebido para o seu tipo de pele.

Pele normal com tendência para secar?
Spray-Tan Hydratante (espuma de lanolina). Hidrata as células cutâneas à medida que o sol as desidrata.

Pele com tendência para engordurar?
Spray-Tan não gorduroso, loção solar com vitamina A. Protege a pele sem a engordurar e resiste à água.

Pele seca ou delicada?
Spray-Tan extra macio, óleo. Alimenta a pele e evita a formação das rugas de Verão.

Pele extra-sensível ao sol?
Creme especial Spray-Tan (ultrafiltrante): o máximo de protecção para um bronzear intenso.

Uma marca diferente das outras

Presentemente, todas as grandes marcas de perfumaria ou de cosmética fabricam também produtos solares mas, se a maior parte destes produtos são bons, os da marca «Spray-Tan» são obrigados a serem ainda melhores que bons, sob pena de perderem a sua reputação mundial de produtos diferentes dos outros. Com efeito, «Spray-Tan» ocupa-se unicamente de produtos solares destinados em especial a uma elite exigente e vendidos a preços relativamente acessíveis.

À venda em farmácias, perfumarias e todos os grandes estabelecimentos.

F. LIMA & C.ª SUCR., LIMITADA

Avenida Fontes Pereira de Melo, 17-4.º — LISBOA



Toda a gama de produtos solares — e só produtos solares

sos da veste: o da coxa esquerda. Ali ficará até à descolagem, ciosamente guardado, à espera de apanhar os seixos, um pouco mais longe do LEM, e, paciência, se aquela mancha de Lua não valer grande coisa.

Na aterragem, o solo nas proximidades do LEM fica contaminado de toneladas de fumo e gases de toda a espécie, sem contar o oxigénio libertado pela descompressão da cabina, de modo que é um solo mais contaminado que se pode imaginar. Esse problema continuará até ao momento de apanhar as pedras, mais além. Para ter noções bastante precisas sobre a química do solo lunar seria necessário colher pó e seixos, onde não chegaram os vapores do LEM; mas isso, só será possível no segundo voo, quando o comandante da Apollo-12, Pete Conrad, for 100 ou 200 metros mais além. Por agora, a distância máxima permitida a Neil Armstrong é de 30 metros a partir do LEM: nem um centímetro mais. Não é uma decisão tomada ao acaso. E, para compreender, é necessário comparar aquela caminhada de 30 metros com as braçadas de um homem que mal sabe nadar e que, pela primeira vez, se afasta do barco, lançando-se para o largo. A sensação de vazio, de solidão, de incerteza, aquele efeito de flutuar no nada e de se precipitar no nada, dobrará à medida que Armstrong for para a frente: absurda criatura vestida de branco e com capacete de ouro.

No Centro de Contrôle de Houston, os médicos seguem as suas pulsações com notável ansia e todo o respirar de Armstrong, todo o sorvo de oxigénio pelos computadores, enquanto o dr. Berry lhe vai transmitindo conselhos: «Slow up!» (afrouxa!). «Go on!» (continua!), «stop!» (para!). Sabe-se tudo sobre aquela caminhada de 30 metros, até mesmo quanto durará: 9 minutos e 45 segundos. Mas, não se sabe como reagirá o corpo humano. O dr. Berry teme que Armstrong comece a suar, que a sua temperatura suba e a engrenagem de refrigeração não se mostre suficiente. Teme, também, que Armstrong se emocione, apesar disso ser improvável para quem conhece Armstrong. Por isso, fala-lhe com voz amável, encorajadora: «Very fine, Neil» (Muito bem, Neil!) «Precisamente, como a um menino que se afasta, vacilando nos braços da mãe, ou como a um nadador inexperiente que se afasta do barco.

Na mão direita, Armstrong tem um martelozinho e, na esquerda, uma antena de televisão em forma de guarda-chuva. Tirou-a de uma caixa, depois de ter lá posto a concha e,

como se trata de objectos muito leves, aproveita o seu passeio para instalar a antena a 30 metros do LEM. Depois de 9 minutos e 45 segundos, chega ao ponto escolhido, crava a antena, batendo-lhe em cima, com delicadíssimas e imperceptíveis marteladas: se desse uma como se dá na Terra, sofreria tal impulso para o alto que voaria como um anjo.

A operação dura cerca de 10 minutos, passados os quais volta para o LEM e, a este ponto, já passaram 45 minutos, desde o momento em que desceu. É altura de Aldrin descer também, o qual até agora ficou a fotografá-lo e a recolhê-lo com o aparelho próprio para isso. «Ready?», (Pronto?) — pergunta Armstrong. «Ready». Então Armstrong tira de uma caixa, a sua máquina fotográfica «Hasselblad» e, por sua vez, fotografa Aldrin, que desliza para baixo. Aldrin cumpre os gestos ordenados pela Mobility Evaluation. Aldrin, que dá os primeiros passos, agarrando-se ao LEM, Aldrin que se lança a cinco ou seis metros de distância para tomar confiança com a Lua, habituar-se ao vestuário, perceber que, se a Lua é incómoda, o vestuário é insuportável. É de esperar que Aldrin tenha as mesmas reacções que teve Armstrong e que transmita para a Terra o mesmo comentário: «Fantastic!». A N. A. S. A. espera que ele não perca tempo com tolices semelhantes às que fez no voo da Gemini, quando, levado por imprevisto sentimento patriótico, se pôs a recitar claramente, no espaço, uma mensagem para veteranos da guerra na Coreia. Também, nós o esperamos. Mas há a temer um sermãozinho dirigido aos rapazes da igreja presbiteriana de Webster, no Texas.

E vem a hora em que devem trabalhar e trabalhar lá em cima será um morticínio

Neil Armstrong deve ficar fora do LEM 2 horas e 10 minutos. Buzz Aldrin deve ficar 1 hora. Durante esta hora, que passam jun-

Momento crucial na conquista do satélite da Terra: fotografado para a posteridade por Aldrin, o comandante Armstrong desce a escada do LEM e prepara-se para pisar o solo lunar

«Quando todo o mundo estende tapetes vermelhos diante de ti, é difícil manter humildade e inteligência. Eu temo que eles o não consigam»

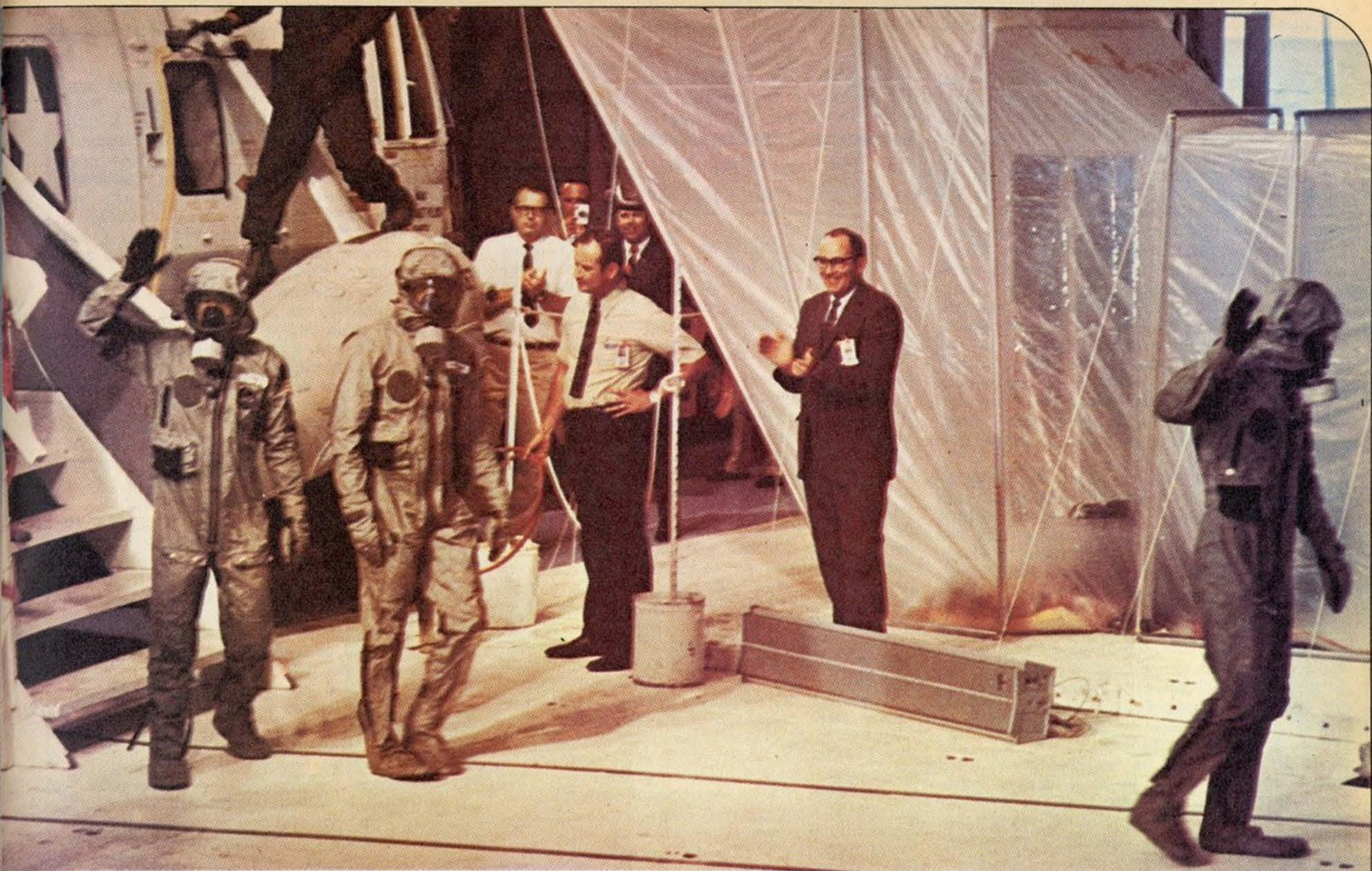
tos, acontecem as coisas mais importantes da sua missão. A primeira consiste em recolher pedras lunares. Com as pedras, outro solo: menos contaminado, espera-se, e mais variado do que aquele guardado no saquinho de «teflon». No total, o peso consentido é de 25 quilos. Os cientistas queriam o dobro, mas os engenheiros do LEM opuseram-se: meio quilo a mais poderia prejudicar a ascensão no LEM no momento da descolagem. A maior parte destes 25 quilos deve, de qualquer modo, ser constituída por pedras. Qualquer pedra deve ser apanhada no limite extremo daqueles 30 metros, na esperança de que o solo lunar seja menos queimado ou alterado pelo LEM, e também com a esperança de apanhar, com as pedras, qualquer microrganismo. Qualquer germe: é inútil dizer que o único modo de estabelecer se há vida na Lua é encontrar germes. Mas então sobrevém o problema: e se, com as pedras, trouxerem um verme terrestre em vez de um verme lunar? É indispensável que a colheita se faça com muito cuidado e que as pedras sejam isoladas em objectos especiais. Os objectos especiais são duas caixas de blocos de alumínio, com o comprimento de 48 centímetros e 26 milímetros, com a largura de 25 centímetros e 4 milímetros, e com a profundidade de 19 centímetros e 10 milímetros. Depois de as tirarem do contentor de LEM, Aldrin e Armstrong arrastam-nas para o limite de 30 metros, por meio de 2 cordas, visto não poderem dobrar-se para as deporem no solo, nem deixá-las cair, porque ressaltam. Arrastam uma de cada vez, depois abrem-nas, servindo-se de apetrechos com que as encherão.

Os apetrechos são dois. O de Aldrin consiste numa enxada normal, sobre a qual se discutiu até ao aborrecimento. A enxada é de alumínio e, junto com as pedras, apanha pó e areia. É evidente que Aldrin a usa com enorme cautela, com enorme lentidão. Calcula-se que, para encher a sua caixa, leve pelo menos meia hora. O de Armstrong consiste num instrumento, que lhe permite escolher as pedras e eevá-las para cima. É um objecto composto por um cabo comprido e de alguns dedos metálicos que agarram o seixo e o tapam. Uma espécie de tenaz. As pedras que Armstrong escolher não devem ser meteoritos de ferro, por serem muito pesados. Em número não devem exceder uma vintena, e a sua grandeza deve igualar a de um punho. Tal grandeza, junta com a variedade, basta para estabelecer se a Lua passou do estado incandescente ao estado glacial; se teve água e se ainda tem; se se formou, separando-se da Terra; se veio de outro sistema estelar ou se pertenceu sempre ao nosso sistema solar. Cheias as duas caixas, Armstrong e Aldrin levam-nas para o LEM, servindo-se da indicada corda que tinham fixa ao seu vestuário, depois, deslizando a corda, levantam-nas até as introduzirem na cabina do LEM. Nesta altura, só resta desfazer o embrulho por meio dos instrumentos científicos que ficam na Lua e colocá-las.

O embrulho chama-se EASEP, Early Apollo Lunar Surface Experiments, e contém um sismógrafo, um espelho, uma simples folha de alumínio. O sismógrafo é uma espécie de chapéu metálico, e tem o evidente fim de determinar os lunamotos, isto é, os terramotos lunares, e transmitir para Terra informações. O espelho é aquilo a que chamam Corner Reflector; e é composto de duas peças perpendiculares uma à outra. Da Terra emitem-

Os três astronautas devidamente protegidos para que a grande aventura não se transforme em perigosa ameaça





lhes um feixe de luz, esta voltará para trás, depois de o ter atingido. Isto permitirá estabelecer como e de quantos graus se move a Lua, visto ela não se mover só da direita para a esquerda, mas também de alto para baixo. Para se compreender isto, basta pensar na cabeça de um homem que segue uma partida de ténis, e, simultaneamente, faz o gesto de sim. A folha de alumínio serve para fazer a experiência mais sem esperança de todas: colher um pouco de atmosfera lunar. Os cientistas estão convencidos que há um pouco de atmosfera na Lua, infinitesimal, rarefeita até ao inverosímil, mas há. Estendendo aquela folha de alumínio e depois dobrando-a em quatro partes, eles esperam apanhar qualquer película. Têm de ter paciência, se, em vez de partículas atmosféricas, apanharem algumas partículas de néon, árgon, hélio, quer dizer, os componentes do vento solar, e algum átomo irradiado de Sol.

Sismógrafo, espelho e folha de alumínio são sistemados por Aldrin. Feitas estas três coisas, terá passado 1 hora, e Aldrin estará pronto para subir para o LEM, a não ser que qualquer imprevisto intervenha e altere o programa. Mas a N. A. S. A. exclui essa possibilidade: «Os riscos que os dois astronautas vão correr na Lua são exagerados. Nós consideramo-los praticamente nulos. O bombardeamento dos meteoritos é insignificante: é mais fácil ser vítima de um desastre de automóvel na Terra do que de um meteorito na Lua. As radiações são escassas. Dinossauros não há. Não, não prevemos qualquer drama. E talvez nos tenhamos habituado um pouco de mais à ideia de desembarcar na Lua; mas a nós não parece já uma façanha perigosa.» E não nos esqueçamos que o primeiro desembarque na Lua é, antes de tudo, espectáculo: um fantástico entretenimento a transmitir pela televisão.

E eis Aldrin, que sobe para o LEM. Armstrong, por sua vez, fica ainda 30 minutos, possivelmente para uma última experiência, que consiste em colher uma amostra do solo sob a superfície lunar. Uma amostra asséptica, que alguém comparou a um exame ao sangue. O aparelho que lhe deram para isso é o mais complicado de todos. Consiste num tubo que, no momento de ser espetado no solo, elimina a camada superior — a pele, digamos —, depois fura como uma agulha hipodérmica e suga o interior da Lua, a uma profundidade de 20 ou 30 centímetros. A profundidade depende da dureza do solo. Extraída do solo, esta grande agulha fecha-se automaticamente, e o que contiver deve ser material puro. Porém, a experiência é menos simples do que parece, e é duvidoso que Armstrong, já destruído pelo cansaço, esteja em estado de o fazer. É mais provável que o faça Conrad, com a Apollo-12, o qual prevê duas saídas para a Lua. A questão é que na Terra, e em condições normais, 2 horas e 10 minutos de trabalho nada são, mas na Lua e com a veste lunar no corpo, 2 horas e 10 minutos de trabalho equivalem a dois dias de trabalho ininterrupto.

Além disso, Armstrong tem tantas coisas a fazer, antes de subir para o LEM. Há que entregar a Aldrin a câmara «Hasselblad», as máquinas de captar imagens televisivas, assim como ordenar os objectos — recordação que o Committee of Luna Artifase tinha decidido deixar na Lua e a bandeira norte-americana, se é que a N. A. S. A. pensa erguê-la lá. Só então poderá entrar na cabina onde ele e Aldrin tirarão as botas espaciais, as sobreluvas. Fechá-las-hão numa caixa, depois fá-la-ão descer para as esquecerem juntamente com a enxada, a tenaz, as cordas, e os utensílios que já não servem para mais nada. Em seguida, tirarão o aparelho da televisão, que, fixado na portinhola do LEM, captou e retransmitiu todos os momentos daquelas duas horas e dez minutos. Finalmente, fecharão a portinhola, darão pressão à cabina, tirarão a pressão às vestes, põem em ordem as caixas

com as pedras, desinfectam-se e repousam. No momento de repouso, são passadas doze horas desde que aterraram na Lua.

Desculpe, dr. Hess, e se o motor não acender?

Restam dez horas. Como empregam aquelas dez horas. Antes de tudo, comendo quer tenham vontade, quer não. O dr. Berry exige que eles comam a sua ração de comida espacial, a qual oscila entre 2172 e 2530 calorias. Depende daquilo que tiverem trazido da cápsula Apollo, onde tinham à escolha umas 70 qualidades de alimentos. Comida desidratada para temperar com água, o que não é nada mau. Algumas rações consistem de aperitivos preparados com lagostins, frango com molho, doce de frutas e sumo de laranja. Outras, de almôndegas e macarrão, presunto com batatas, doce de bananas, sumo de ananás. Outras: sopa de ervilhas, vitela assada, salada de frango, salada de atum, sumo de «grapefruit». Têm, também, uma escova de dentes, uma bsnaga de pasta dentífrica, toalhas e detergentes. Comprimidos contra as náuseas, contra a diarreia, contra as nevralgias, contra a prisão de ventre e antibióticos em abundância.

Enfim, os famosos comprimidos para dormir, e estes são muito importantes, pois o dr. Berry quer que durmam de novo, assim que acabem de comer: seis horas e sete minutos. Nem mais um nem menos um. Eles dormem, mais uma vez sobre a Lua, disciplinados e obedientes, porque, se ficam com os olhos arregalados a pensar no que viram, no que fizeram, no que provaram, cansam-se e já não partem. Devem estar frescos, lúcidos como nunca, para a descolagem. Como no breve minuto que precedeu a aterragem, eles estarão sós e os milhares de peritos de Houston bem pouco poderão fazer. Pronto. Armstrong e Aldrin fecham os olhos. Já roncam.

Quando da Terra os despertem faltam duas horas para a partida. Uma lavagem ao rosto, um pouco de higiene pessoal, uma última inspecção aos preparativos e avizinha-se o momento em que o único foguetão do LEM será aceso por Aldrin, que se encontra ao comando dele. De Houston informam que Mike Collins está a passar pela outra face da Lua, e dentro em pouco aparecerá para se preparar o «rendez-vous». Estamos na fase mais dramática da viagem à Lua: a de que tantos falam e que todos temem, aquela que pode, na verdade, transformar um espectáculo numa tragédia e dois «robots» em dois mártires, isto é, a descolagem.

Se a centelha não salta, se o foguetão não se acende, nada há que fazer. Nada. Seria impossível recuperá-los. Mike Collins não poderia porque a cápsula Apollo não foi feita para aterrar na Lua. Outra astronave não poderia fazê-lo, porque faltaria o tempo, a viagem Terra-Lua dura três dias e meio, as provisões de oxigénio a bordo do LEM duram apenas dois dias, e seria impossível aumentá-las por causa do peso. Por outro lado, mesmo que o oxigénio durasse mais, e a viagem durasse menos, de nada serviria, porque outra astronave nunca conseguiria aterrar no mesmo ponto em que aterrou o LEM de Armstrong e de Collins. No máximo, poderia aterrar a cinco ou seis quilómetros, do qual seria impossível alcançá-los e levar-lhes socorro. Quem pode, hoje, caminhar cinco ou seis quilómetros sobre a Lua? Os russos, embora nunca tivessem querido imiscuir-se no programa espacial dos americanos, disseram sempre que estavam prontos a correr em seu auxílio, caso acontecesse uma catástrofe. Mas, embora gentil, a proposta é supérflua. O único auxílio que eles poderiam prestar seria no espaço, nunca sobre a Lua. Quais são, pois, as probabilidades de acontecer semelhante catástrofe?

Os directores do voo, isto é, aqueles que pilotarão a Apollo-11, Glynn Lunney, Pete Franck, Jerry Griffin, Milton Windler e Cliff Charlesworth, estão de acordo na resposta: «No máximo, uma sobre dez mil. Nós nem de longe queremos considerar esta hipótese: o LEM acendeu-se sempre e com maior razão se acenderá na Lua, onde descolar é sempre mais fácil, porque a gravidade é, ali, só de um sexto. De qualquer modo, se não descolar da Terra nada podemos fazer. Só lhes podemos dizer que nos reprovem.» O dr. Hess, director científico da N. A. S. A., responde: «Sim, existe uma pequeníssima, minúscula probabilidade de que o motor não acenda, nem o facto de se acender logo após a aterragem significa muito: numerosos factores podem ter intervindo para o alterar no decurso das 22 horas passadas na Lua. Se em teoria tudo nos torna optimistas, na prática subsiste alguma dúvida. Em suma: o LEM nunca foi examinado na Lua, e o único modo de o verificar é mandá-lo lá.

O dr. Bell, cientista multiforme, que se ocupa essencialmente de geologia e outro tanto de física, acrescenta:

«Tanto Armstrong como Aldrin são óptimos mecânicos. Se o motor não funcionar, talvez o possam reparar, e se não o reparam não podem fazer mais do que pedir auxílio a Deus. E se Deus não os ajudar, morrerem.»

A mulher do astronauta que no voo seguinte tomará o posto de Collins, disse-nos: «O que causa angústia a meu marido não é tanto a desilusão de ir até lá e não desembarcar, mas, sim, a ideia de poder ficar só. Quando soube que o tinham escolhido para a cápsula Apollo, pôs-se sério e disse: «Pensa lá se eu tivesse de voltar sozinho!»

É, também, uma hipótese que na N. A. S. A. discutem com relutância, e, por isso, com relutância dirão que, se Armstrong e Aldrin fossem condenados a não partir, a N. A. S. A. não lhes forneceu uma pílula para se suicidarem. Isto é, uma pílula semelhante àquelas que davam aos pilotos-suicidas e que Powers teve o cuidado de não tomar.

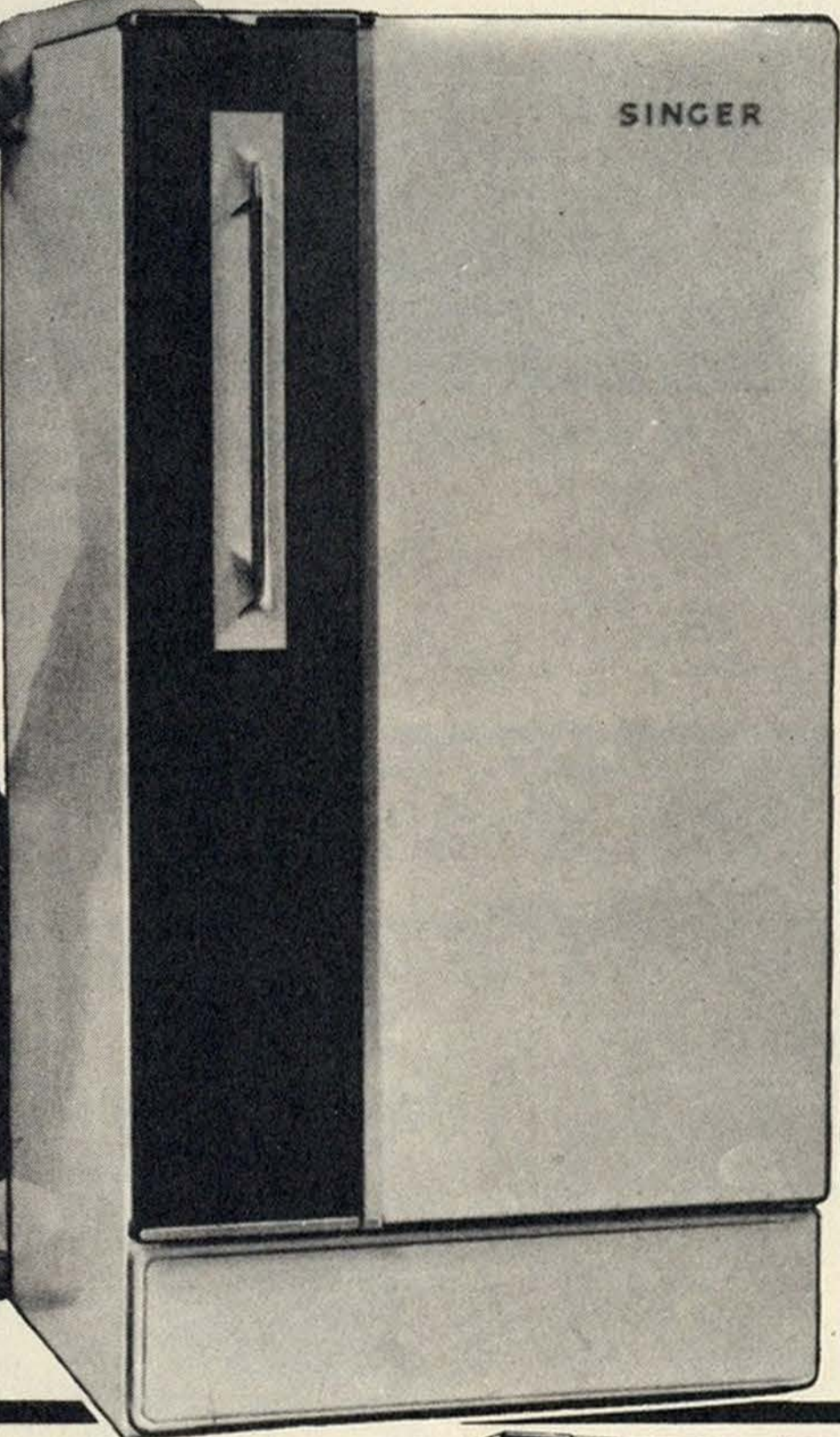
De resto, não há necessidade disso. Suicidar-se na Lua é muito fácil: basta tirar a pressão à cabina e abrir a portinhola do LEM. Ficar ali sem capacete rebenta-se imediatamente como uma bomba.»

Perguntei, assim, a Wally Schirra: «Wally, se não pudessem voltar, crês que se suicidariam?» Schirra respondeu: «Não. São pilotos verificadores. E os pilotos verificadores não se matam nunca, quando sabem que devem morrer. Primeiro que tudo, por esperarem sempre safar-se e, depois, porque têm a obrigação de transmitir até ao fim o que acontece. Quanto a mim, seria normal neles informar a Terra até ao último momento. E descrever até a aproximação da própria morte.»

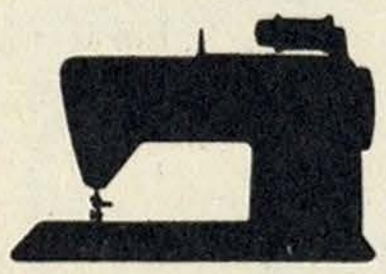
E o astronauta geólogo Don Lind, que trabalha no projecto Apollo: «Há outra eventualidade, que muitos não consideram, o motor poderia acender na primeira fase, dando todos um grande suspiro de alívio, e, depois, apagar-se na segunda. Isso seria ainda pior, porque grande parte do carburante se estragaria, não servindo já para nova tentativa. Mas nós estamos habituados a trabalhar na dúvida e o jogo vale a candle.»

De resto, todos estes raciocínios são supérfluos: o LEM acender-se-á e subirá. Reunir-se-á à Apollo e completará a viagem de regresso à esplêndida bolinha azul, a que chamam Terra, onde amará triunfalmente, com a maior ameaça que jamais pesou sobre o género humano, sobre todo o planeta em todas as formas da sua vida animal e vegetal. Uma ameaça, que é muito mais negra do que a da bomba atómica: a possível contaminação lunar.

**são só 105\$00
por mês**



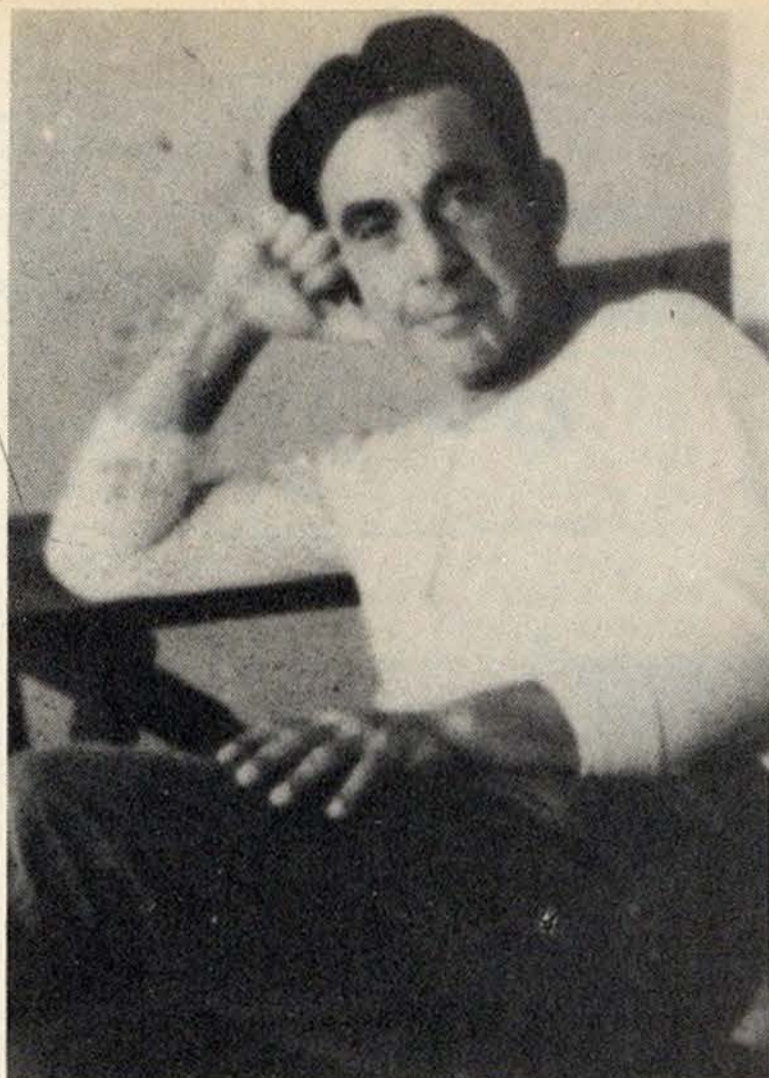
Motivo de orgulho e satisfação — um frigorífico Singer. Modelos de 135 l. a 315 l., desde 2.990\$00, todos com descongelação automática. Elegantes, espaçosos e seguros. E aliciantes facilidades de pagamento: crédito a 3 anos, sem pagamento inicial. Adquira um frigorífico Singer e terá um comprovado motivo de orgulho e satisfação.

* Uma marca de fábrica de The Singer Company



Dinces, com outro prisioneiro americano, um jovem estudante da Califórnia, Peter Landerman, condenado a 3 anos quando viajava pela Rússia como turista. A sentença foi devido a um complicado acidente de viação



Dinces no campo de concentração



Dinces, com o gato «Frosina», que estava treinado para levar mensagens de um campo a outro. As mensagens eram escondidas na coleira. Esta fotografia foi tirada em 1965

Vista parcial do campo de concentração para presos estrangeiros, com a respectiva torre de vigilância



"OS MEUS 5 ANOS NAS PRISÕES RUSSAS"

por Alex Dinces

Alex Dinces é um homem que tem dado que falar. Jornais e revistas de vários países, têm-lhe feito largas referências e ele próprio não perde a ocasião de dar uma entrevista para esclarecer o seu complicado caso.

Aconteceu-lhe ser preso na Rússia e sofrer uma reclusão de 5 anos. Passou recentemente pelo nosso País e não procurou furtar-se a tornar publica a sua triste aventura.

Alex Dinces é engenheiro, tem 41 anos e, actualmente, é cidadão americano. É oriundo da Lituânia e foi preso quando atravessava a Rússia. Isto passou-se em 1961 e a prisão deu-se quando Dinces viajava, vindo da Finlândia. A sua intenção era passar pela Polónia e dirigir-se à Alemanha Ocidental. Tinha os seus documentos todos em ordem, mas foi preso no comboio. Seguiu-se uma série de interrogatórios, um processo e, por fim, a prisão.

Aparentemente calmo, Alex Dinces não esconde um grande nervosismo. Na entrevista que nos deu, ficou bem saliente que o acontecimento de que foi protagonista o tinha fortemente atingido.

— **Se fossem apenas 5 meses** — respondeu-nos Alex Dinces — **seria diferente. Mas 5 anos é muito tempo na vida de um homem.**

— Qual o motivo da sua prisão?

— **Não houve uma razão concreta.**

— Há quanto tempo foi posto em liberdade?

— **Há dois anos.**

— A embaixada americana não fez nada por si?

— **Nada.**

Alex Dinces fez uma pausa e com um ar amargurado, acrescentou:

— **Fui acusado de actividades contra a União Soviética. Mas como isso não era verdade, eu não podia ser abrangido pelos intercâmbios que se fazem entre agentes de ambos os países.**

— Cumpriu a pena por inteiro?

— **Completamente.**

A posição de Alex Dinces presta-se a equívocos. Pode levantar-se a dúvida dele se ter tornado um «revanchista», incapaz de uma visão objectiva e desinteressada. Mas a prisão é uma experiência muito pessoal que merece a atenção de todos os que proclamam o direito à liberdade, em particular nos casos que não ficam bem esclarecidos. Dizer o que uma prisão é, e sobretudo o que não é, pertence a quem tenha vivido largos anos enclausurado.

— **A minha história é muito longa e muito complicada** — continua Alex Dinces. — **Julgo que o melhor será escrever um relato. Deste modo é possível avaliar com mais precisão este inexplicável acontecimento em que eu fui envolvido e tirar conclusões também mais precisas.**

O assunto apaixonou-o ainda hoje. Não é de esperar que Alex Dinces possa escrever uma réplica às célebres memórias de Dostoiewski, «Recordações da Casa dos Mortos». No entanto, o calor que Alex Dinces põe nas suas descrições verbais é tal que se pode concluir que, para cada pessoa, há a sua casa dos mortos...

O melhor será dar-lhe a palavra para que ele se liberte dos seus fantasmas. Sobretudo, para que nos elucide a respeito do confuso processo à Kafka (para usar a sua própria expressão) que lhe instauraram, e sobre o julgamento ainda mais confuso em que foi réu e saiu condenado a uma dura pena.

Finalmente, tudo tinha acabado. Estávamos, por fim, no ar. O Tupolev-124 de dois motores, da companhia de aviação soviética Aeroflot estava a caminho de Kiev. A hospedeira russa, uma loura alta e um tanto gorda, distribuía com eficiência entre os passageiros, impressos de declaração para a Alfândega de Kiev, onde se efectuaram as últimas formalidades de fronteira. Não conseguia habituar-me à ideia de viajar sozinho sem guardas, nem escolta de qualquer espécie. Era difícil acreditar que ninguém me observava. Até mesmo os turistas alemães e austríacos que se encontravam no avião de regresso aos seus países após curtas estadas na União Soviética, pareciam suspeitos. E no entanto, como gostaria de poder partilhar a minha alegria e as más recordações com alguém que me pudesse entender, alguém a quem eu contasse onde passara a noite anterior, e como me fora possível encontrar-me a bordo deste avião. Mantive-se, porém, calado. Uma experiência amarga ensinava-me que o silêncio é a melhor precaução. Procurei simplesmente aclimatar-me o melhor possível às novas condições em que me encontrava.

O passageiro do assento ao lado, um homem

de negócios, de meia idade, escreveu a data no impresso, com típico zelo germânico, 18 de Janeiro de 1967. Uma data que certamente pouco significado tinha para os outros viajantes, mas que se tornou, para mim, no dia mais inesquecível da minha vida — a concretização dos meus sonhos, a realização dos meus desejos durante os 1835 dias e noites de sofrimento, passados nas prisões de pesadelo do país que estava agora a deixar. Durante um momento, todo o passado me assaltou uma vez mais...

Estocolmo

Estocolmo, fins de Outubro de 1961. De visita a um amigo sueco, passeio certo domingo pelas estreitas ruas de Gamlastan, até que o pavimento empedrado e as áleas tortuosas acabam por trazer-me à mente a minha terra natal. Nasci em Vilnius, que após a segunda guerra mundial se tornou capital da República da Lituânia, incorporada na União Soviética.

— Se tens assim tantas saudades, porque não vais até lá, passar uns dias? — desafiou-me esse

amigo. — Estás agora muito mais próximo do que nunca da U. R. S. S.

— Escuta — repliquei —, estás a sugerir-me uma viagem que, a um sueco, parece natural, porque a liberdade te parece um estado natural. Não esqueças que as coisas são diferentes «do lado de lá»...

— Pois sim, mas tudo melhorou e continua a melhorar. Basta reparar nos jornais de hoje, por exemplo: dentro de poucos dias, o corpo de Stalin será removido do túmulo de Lenin e o Kremlin está a efectuar uma campanha de destalinização, destinada a acabar com os horrores do passado.

A nossa discussão prosseguiu durante o jantar, num restaurante e prolongou-se até tarde. No fundo, era agradável, porque o tema interessava a ambos. Como todos os jovens, tínhamos as nossas próprias opiniões em muito boa conta e ambos estávamos certos de ter razão. Mas, é claro, acabei por ser influenciado pela nostalgia. Os meus pais tinham fugido da Rússia para a Polónia, durante a revolução bolchevista e haviam-me ensinado a falar fluentemente russo, com uma ama e governanta russa, que esteve connosco até eu ter 10 anos. O factor emocional venceu todas as reservas e, dias depois, apre-

sentei-me no consulado russo, em Villagatan 17.

Ali, falei com um funcionário soviético, um estoniano alto e bem parecido. Prestou-me todas as informações sobre o modo de viajar como passageiro em trânsito, através da Finlândia, Rússia e Polónia, com regresso ao Ocidente. Os vistos vulgares para esse percurso eram válidos para 48 horas apenas, mas ele prometeu arranjar-me uma autorização de permanência na União Soviética para uma semana, em virtude da finalidade da viagem. Isto merecia uma festa e a verdade é que o persuadei, mau grado a relutância dele, a vir tomar uma bebida comigo.

Acabámos por optar por um restaurante chinês. Apesar da facilidade com que se exprimia em sueco, denotando um notável esforço de adaptação, pôs-se a tecer considerações desprimorosas para a sociedade sueca. Queixou-se, basicamente, de que embora a Suécia fosse um país de tendência socialista, mantinha, ainda, uma espécie de «socialismo das direitas», apropriado ao seu sistema realmente capitalista; e, depois, os suecos copiavam imenso os americanos, com a mania dos electrodomésticos e bens de consumo corrente, sem se preocuparem com os valores intelectuais. Não consegui levá-lo a sério e fiz bem, porque vim a descobrir que este discurso era uma espécie de «prelúdio político-padrão», habitual nos funcionários soviéticos. Ao sétimo ou oitavo copo de «vodka», porém, ele começou a falar do seu receio de ser chamado à pátria dentro em breve, findos os dois anos da comissão de serviço máxima, concedida pelos russos aos funcionários do seu escalão.

Desejou-me boa viagem e eu segui para os escritórios da agência de turismo Nhyman & Shultz, onde uma senhora, a simpática «mrs.» Kampe, se encarregou das formalidades necessárias à minha digressão. Poucos dias depois, juntei-me ao alegre grupo aglomerado no bar do navio a motor MS «Burger Jarl», em rota para a Finlândia... e os efeitos das bebidas espirituosas, de venda livre a bordo, eram bastante evidentes na manhã seguinte, em muitos dos passageiros, quando desembarcámos em Turku...

Um marítimo sueco que me ajudou a transportar as malas sentiu-se na obrigação de acautelá-lo-me quanto ao país que eu ia visitar.

— É um sítio onde acontecem as coisas mais inesperadas. Fui lá muitas vezes e sei do que estou a falar. Boa sorte!

É claro que não tinha, nessa altura, qualquer pressentimento quanto ao que me esperava, mas com o tempo as palavras do marinheiro tornaram-se sinistramente oportunas. Por coincidência, o mesmo aviso me foi proporcionado pelo carregador que colocou a minha bagagem no comboio, à partida de Helsínquia.

Leningrado

Seis horas depois de deixar a capital da Finlândia, o comboio chegou a Vainikkala, que eu viria a relembrar como o último posto avançado do mundo livre. A verdade é que comecei a ter saudades dele, apenas 15 minutos depois da partida, quando a composição se imobilizou em pleno campo sem motivo aparente. Trinta ou quarenta guardas fronteiriços russos subiram inesperadamente, para bordo das carruagens, formando uma espécie de atenta escolta ao longo do comboio, e assim, prosseguimos até Luzhaika, a primeira estação em território russo. O revisor esclareceu-me depois, que a formalidade da entrada dos guardas, era comum em todos os comboios provenientes do estrangeiro, destinando-se a garantir que nenhum «elemento indesejável» tivesse oportunidade de introduzir-se clandestinamente na Rússia. A operação de «contrôle» dos passaportes, principiada em Luzhaika, durou até Vyborg, uma hora mais tarde. Entretanto, os guardas fronteiriços procederam em todo o comboio, a uma busca escrupulosa, com potentes focos e com aguçados ferros que introduziram em numerosos orifícios, certificando-se de que nada nem ninguém neles viajava. Os passageiros ocidentais trocavam olhares de entendimento e muitos não conseguiram disfarçar a surpresa que sentiam. Por motivos desconhecidos

e não explicados, o oficial encarregado da verificação dos passaportes reteve o meu, logo que se apercebeu de que eu falava russo e que era natural da Polónia, tendo emigrado para os E. U. A. na 2.ª guerra. Mais tarde, porém, foi-me devolvido (em Vyborg), com calorosos votos de boa viagem.

Estava agora, a caminho de Leninegrado. O compartimento encontrava-se repleto de passageiros russos, que mostravam claramente, a sua curiosidade pelos passageiros ocidentais, oferecendo amavelmente a comida e bebidas que transportavam consigo. As crianças eram encantadoras, com os seus grandes gorros de pele e botinhas de cano, vestuário que já usavam, apesar de se estar ainda, em Novembro. Nas duas horas seguintes, comecei a sentir-me como se fizesse parte de uma só e grande família. Ainda não me passava pela cabeça o que iria acontecer.

Sentia-me cansado à chegada a Leninegrado, mas não consegui resistir a dar um passeio, à noite, pelas ruas da cidade. A antiga capital russa causou-me funda impressão, pois tinha presente, a pujança da sua inadiação cultural, no passado, como no presente. Durante a minha descoberta de Leninegrado, servi frequentemente, de intérprete a alguns dos meus companheiros de viagem ocidentais. A curiosidade deles, era especialmente despertada pelos numerosos cartazes de propaganda, visíveis por toda a parte. Eram gigantescos, tinham fundo vermelho e os «slogans» neles impressos, sobre os êxitos soviéticos, estavam, por vezes, em aberto contraste com a realidade conhecida de todos. Próximo de um cartaz alusivo a Fidel Castro, encontrámos um jovem estudante cubano do Instituto de Agricultura, que se referiu amargamente a um desses contrastes: queixou-se acerbamente da discriminação racial de que era objecto, no âmbito do próprio estabelecimento de ensino e investigação que frequentava.

Passei vários dias em Leninegrado, onde descobri, para minha surpresa, por diversas vezes, que era alvo de um interesse imprevisível. Desconhecidos aproximavam-se de mim e queixavam-se em conversa, do governo, procurando levar-me a tomar posição em tais assuntos. Contudo, um certo instinto de defesa protegeu-me nessas ocasiões, de modo que, quando as conversas tomavam esse rumo, eu mudava de assunto ou consultava rapidamente o relógio, fingindo estar atrasado para um encontro. O resto da minha estada, foi consumido na visita ao Hermitage, extraordinária galeria de arte celebrada pela sua rica colecção de mestres europeus, e recheada, também, de pinturas contemporâneas. Disse, finalmente, adeus à velha S. Petersburgo e parti para Moscovo.

Moscovo

A capital russa é por vezes citada como a cidade mais ordeira do Mundo. É fácil compreender porquê: nas ruas vêem-se literalmente milhares de membros das forças militarizadas, portanto, como não há-de a ordem impor-se como consequência natural? Além dos numerosos grupos de milícia, presentes em toda a cidade, vêem-se ainda polícias de Segurança Pública, patrulhas da Komsomol (organização da mocidade comunista) e grupos de unidades auxiliares de voluntários com braçadeiras. Tal como em Leninegrado, viam-se numerosos cartazes, alguns deles, de carácter não político, como por exemplo: «Jogo e «vodka», convidam ao crime»; «Feche a porta de casa, antes de sair»; e «Cuidado com os ladrões de carteiras». Um elemento da milícia, de serviço à porta do meu hotel de Moscovo, explicou-me que o motivo desses avisos era simples:

— O povo não está ainda preparado para o comunismo. Primeiro, é necessário educá-lo socialmente.

Nesse mesmo dia, 7 de Novembro, milhares de cidadãos tomavam parte numa grandiosa manifestação de profundo entusiasmo pelo 44.º aniversário da Revolução Bolchevista. Mas, a questão de saber se o faziam por convicção pessoal, revestia-se de reduzida importância. Para a maioria, tratava-se, apenas, de um feriado, um pretexto para uma certa despreocupação, além do de Ano Novo. Despreocupação, era também, a nota dominante entre os delegados cubanos

às comemorações, que me convidaram para uma bebida no hotel Leningradskaya, onde se encontravam alojados. O chefe deles tinha uns 22 anos, e recordou acontecimentos verificados seis meses antes, na Plaza Geron — mas a maioria dos cubanos presentes preferiu concentrar a atenção em certo número de atraentes jovens russas convidadas para uma festa do que dedicar-se aos problemas políticos domésticos.

A minha tarefa mais ambiciosa antes de deixar a União Soviética estava ainda por realizar: visitar a minha terra natal, para o que não conseguira ainda, autorização de qualquer funcionário soviético. Não queria responsabilizar-se por autorizar um americano a visitar uma cidade na zona dos Estados Bálticos, onde os sentimentos para com os soviéticos, estão ainda longe de ser cordiais. Após uma série interminável de visitas a diversos ministérios e após toda a espécie de esforços persuasivos, consegui finalmente, que a autorização me fosse concedida. Deixei Moscovo com uma autorização especial, embora «aliviado» de duas camisas americanas e de um isqueiro Ronson...

Minsk

O expresso de Berlim em que viajei estava repleto de russos e de estrangeiros sortidos. Entre os passageiros que viajavam no meu compartimento, via-se um jovem tenente do exército russo, um casal de meia idade e um homem silencioso que fumava cigarro atrás de cigarro sem nunca se dirigir a nenhum dos outros passageiros. Após algum tempo de viagem, o casal adormeceu e o meu vizinho, o tenente, começou uma conversa amigável. Acabámos por tomar ambos, lugar à mesa da carruagem-restaurant e quando eu me preparava para pagar a conta, ele reparou em diversas notas estrangeiras, na minha carteira. Quando voltámos ao compartimento, propôs-me cambiar dinheiro russo por dinheiro ocidental: explicou que estava a caminho da Alemanha Oriental onde, afirmou, o dinheiro ocidental, era altamente cotado.

Em breve, chegámos a acordo, havendo trocado 20 dólares e 300 marcos da Alemanha Oriental, que eu não conseguira cambiar em qualquer banco moscovita, por 70 rublos.

No dia seguinte, o comboio parou em Minsk, última escala do meu trajecto. Tratava-se apenas, de uma paragem rápida, mas para mim, foi a mais longa de toda a minha vida.

Três civis entraram no compartimento. Após se haverem identificado, ordenaram-me e ao tenente que saíssemos do comboio. Tudo se tornou claro quando, ao entrar no posto de milícia da estação de Minsk deparei com o silencioso russo que viajava no nosso compartimento: tirara o sobretudo e estava sentado atrás de uma secretária, envergando o uniforme do K. G. B. Apresentou-se como major Vasily Ivanovitch Kasitch, do K. G. B., o Comité de Segurança do Estado, ou seja, Polícia Secreta. Disse-nos sem rodeios que estávamos ambos presos por termos infringido as leis de câmbio de moeda da U. R. S. S. Descobri mais tarde, sem grande surpresa, que o jovem soldado servira de «comprador» de moeda estrangeira, apenas para fornecer ao K. G. B., um pretexto para a minha detenção.

Após ter sido cuidadosamente revistado, fui levado para as instalações do K. G. B., no centro da cidade. O carro foi obrigado a imobilizar-se por três vezes, no perímetro das instalações e atentamente examinado por guardas armados, antes de ser autorizado a prosseguir. Chegados ao destino, a minha bagagem foi selada, e apreendidos todos os objectos que se encontravam na minha posse. Poucos minutos decorridos, uma escolta de dois soldados acompanhava-me, passado um pátio, a uma prisão de dois andares, de forma circular, inescrutável do exterior, graças a um muro de sete metros de altura. Uma vez mais, fui inteiramente revistado numa sala de entrada, onde me deram vestuário prisional, em troca do meu próprio fato, que me foi confiscado. Percorri um corredor estreito e silencioso, até uma cela existente na cave. Vim mais tarde a compreender tratar-se de uma cela provisória. Disponha de um banco de ferro cravado no cimento do solo.

Uma hora depois, fui transferido para uma cela definitiva, com uma cama razoavelmente cómoda, dis-

pondo de colchão, lençóis, almofada e um cobertor coçado. Uma lista de deveres dos prisioneiros estava afixada na parede. Um odor peculiar desprendia-se de um dos cantos, onde no chão se encontrava um recipiente de madeira para fins óbvios, conhecido no calão das prisões russas por «paracha». A cela, de uns quatro metros, por dois, estava praticamente, às escuras, devido à grande chapa metálica fixada no exterior da janela, da qual resultava que apenas uma fracção da claridade solar conseguia infiltrar-se. Na minha qualidade de neófito, fui alvo de especial atenção: o guarda espreitava-me pelo postigo da porta, minuto sim, minuto não. A minha primeira refeição como prisioneiro foi o almoço: sopa com pão escuro. O jantar foi uma posta de arenque, pão escuro e água. Mais tarde, foi-me ordenado que voltasse a envergar a minha roupa particular, devolvida para o efeito, e que me preparasse para ser ouvido. De mãos cruzadas atrás das costas, como mandava o regulamento, saí escoltado.

Sala 419

A sala 419, do outro lado do pátio da prisão, lembrou-me uma sala de reuniões e não de interrogatórios. Compridas mesas cobertas de pano vermelho tinham em cima, jarros com água e blocos-notas sistematicamente dispostos. O mobiliário era constituído por confortáveis cadeirões e um sofá de cabedal.

O major Kasich deu-me indicação para que me sentasse. Olhou o relógio e anotou a hora num cartão verde que entregou ao guarda, após o que este se retirou. Durante um momento, reinou completo silêncio. Após ter marcado um número curto no telefone, disse qualquer coisa que se me afigurou uma expressão em código. Minutos depois, três «civis» entra-

ram, e Kasich pôs-se em sentido. Um deles apresentou-se como tenente-coronel Nordman. Baixo e forte, tinha mais aspecto de negociante próspero do que de oficial do K.G.B. Não parecia nada russo. Tal como os outros, estava excepcionalmente bem vestido, para cidadão soviético. Era ele, sobretudo, quem falava, enquanto os restantes ouviam, olhando-se por vezes, entre eles. A curiosidade dele, acerca das minhas impressões sobre a União Soviética era evidente e eu fui procurando ser amável. A nossa conversa era, de vez em quando, interrompida por outro «civil» que, a deduzir do comportamento de Nordman, lhe era superior. Mostrava-se interessado na minha vida, nos Estados Unidos e inquiriu se eu frequentara alguma «escola especial» naquele país. Insistiu em que lhe revelasse o que ele chamava «o verdadeiro objectivo» da minha viagem ao seu país.

— Sabe por que se encontra sob prisão? — perguntou.

— Sei, cidadão tenente-coronel — repliquei.

— Então qual é a razão?

— Cambiar moeda estrangeira a um cidadão soviético.

— Podemos facilmente esquecer isso como infracção sem importância — disse Nordman.

— Então porque não o fazem, para que eu possa seguir em paz?

— A liberdade individual é, na U. R. S. S., um privilégio.

— Mas eu não sou um cidadão soviético! — protestei.

— Está ou não no nosso território?

Fiz notar que o consulado deles, na Suécia me dera um folheto, «A liberdade individual na U. R. S. S.», em que se definiam os direitos legais de cada um. Nordman respondeu a isso que tais direitos eram aplicáveis a uma espécie diferente de pessoa, o turista autêntico.

— Mas é isso que eu sou!

— Aquilo que é, nós o sabemos. Você não é o que parece.

— Então o que venho a ser, afinal?

— Não nos cabe a nós dizê-lo. Aguardamos que ponha, primeiro, as cartas na mesa.

— Não tenho quaisquer cartas a pôr na mesa. Está tudo à vista.

— Bem vê — explicou ele pacientemente — gostaríamos que demonstrasse espírito de cooperação conosco. Estamos preparados para negociar e para oferecer melhores condições do que as de Washington. Se quiser candidatar-se, temos propostas a fazer e reservamos-lhe um tratamento de excepção.

— Não percebo do que falam ou onde querem chegar.

— Acima de tudo — avisou ele — não finja de inocente. Não precisa de dar uma resposta, agora. Volte para a sua cela e pense nisto tudo. Lembre-se, sobretudo, de uma coisa: pela nossa lei, o castigo para as infracções cambiais é de oito anos de prisão.

Salame

No regresso à minha cela, comecei a entender toda a terrível realidade de que era vítima e que nunca acreditara inteiramente, quando me chegavam ao conhecimento, depoimentos sobre o sistema soviético. «Não, não pode ser verdade» — repeti-me continuamente nessa noite, estendido na cama de ferro, da cela.

— Veja bem onde está! — vociferou um guarda de meia-idade, de fitas no peito. — Estamos a tratá-lo melhor do que vocês, fascistas, nos trataram há anos!

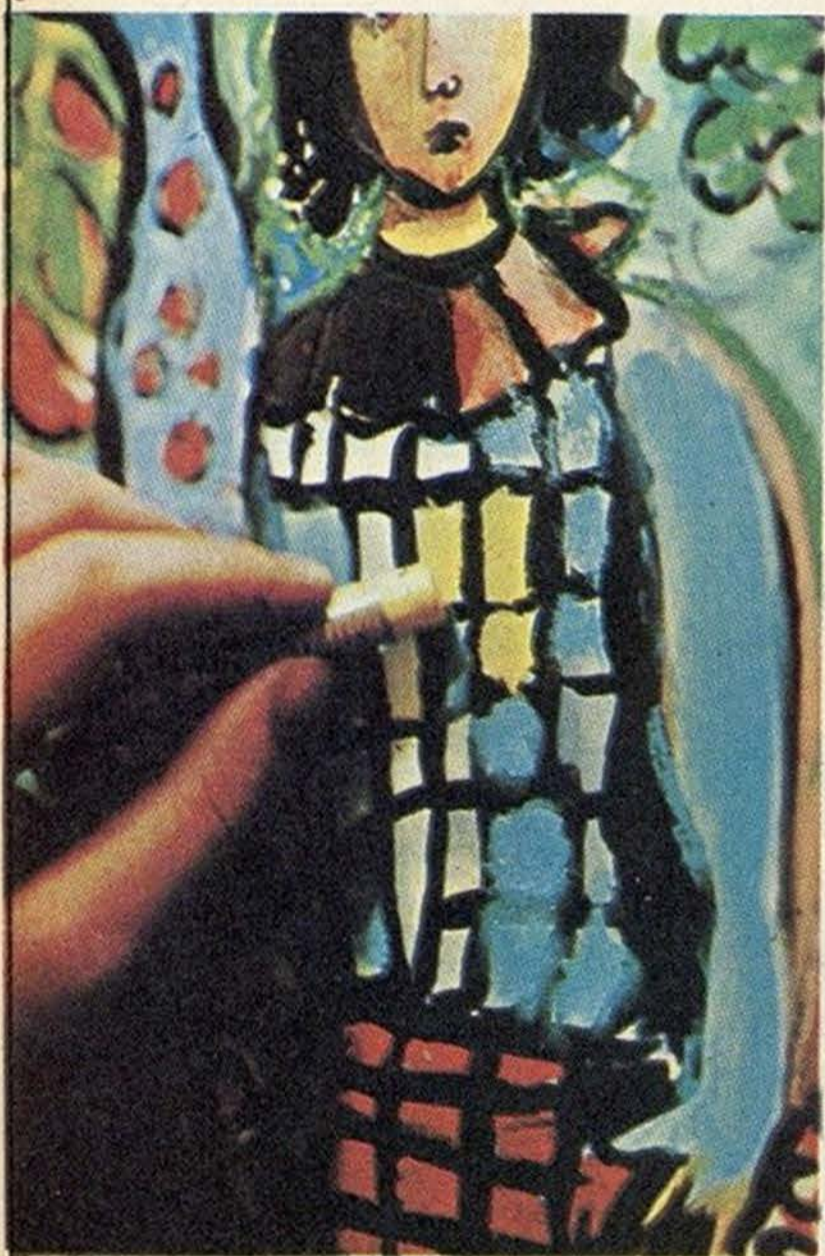
(Continua na pág. 70)

Carruagem posta ao serviço de transporte de prisioneiros, conhecida por «Stolypin», nome do ministro do czar assassinado em 1909. Outrora servia para transporte de passageiros. Dado como incapaz, passou para o serviço de transportes de presidiários

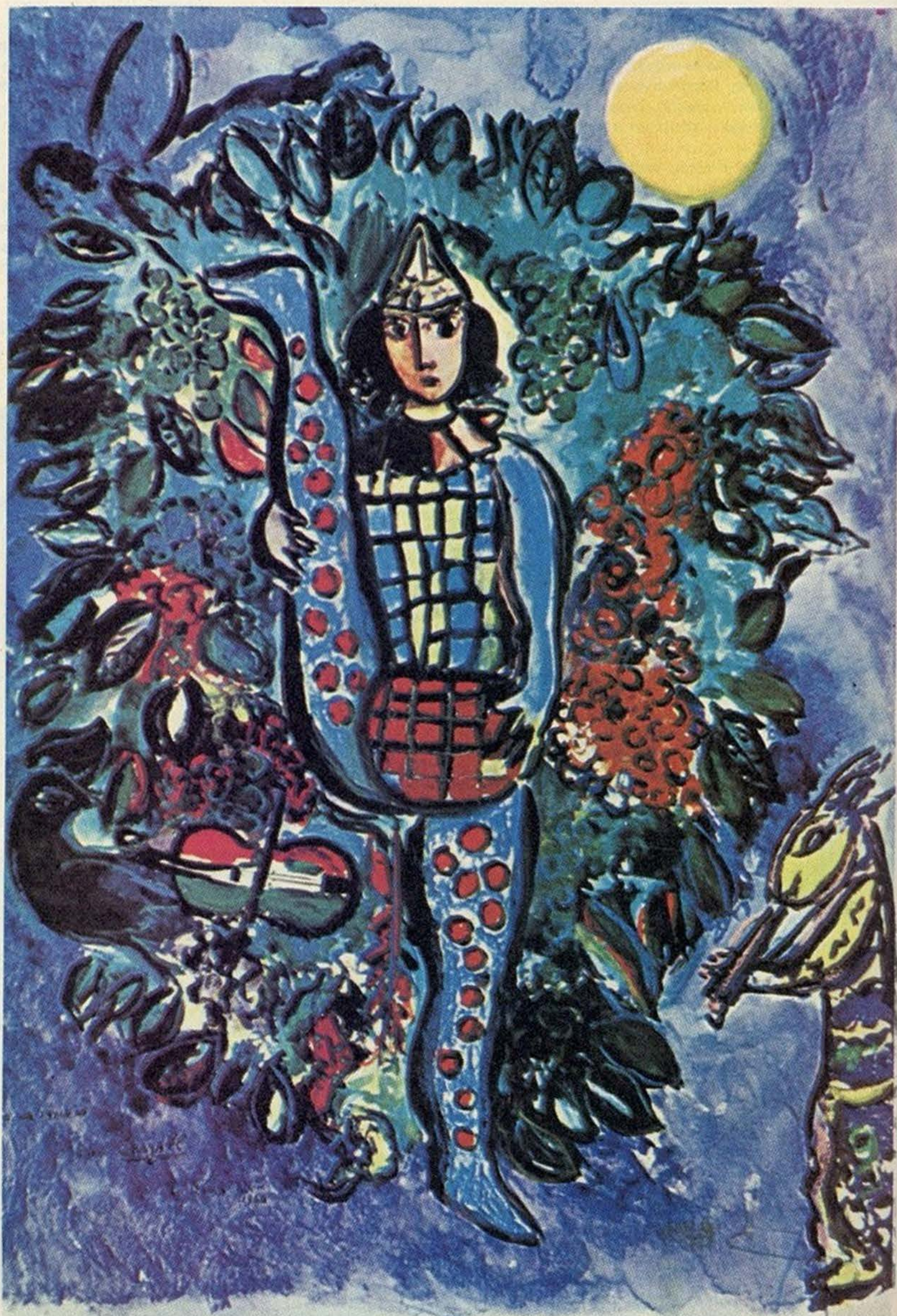


GANHOU 28 MIL CONTOS A FALSIFICAR OBRAS DE ARTE

David Stein, que construiu, à base de falsificação de obras de arte, um império de 350 mil libras (cerca de 28 mil contos), pintou um «Chagall», expressamente para demonstrar a sua habilidade e servindo de aviso aos colecionadores, quanto às armadilhas que os espreitam.



«Mestre» Stein usa o «pastel» para os retoques finais da sua falsificação de um «Chagall»



O quadro está pronto, assinado e prestes a receber a moldura. Tal como consegue imitar a letra de mais de uma dúzia de artistas, Stein, fabrica também «autênticos» certificados de autentificação



Fora mais outro longo dia de trabalho para David Stein, de 32 anos, um meio francês, meio inglês, mestre falsificador de arte e antigo rei dum império mundial de galerias de arte, da ordem das 350 mil libras (aproximadamente 28 mil contos).

Na mesa à sua frente figura um guache «Chagall, medindo 22 por 30 cm., fortemente colorido e mostrando um acrobata de circo colocado no inocente mundo da fantasia do simbolismo de Chagall.

Assinara-o calma e convictamente, «Marc Chagall» e, depois, para salvaguardar a legalidade das aparências habituais, juntou as palavras «no estilo de» antes da assinatura, e «David Stein, 1968», depois da mesma.

O trabalho tinha sido pulverizado para fixar as generosas aplicações do guache e os emblezamentos a pastel e, depois seco pela acção de uma lâmpada solar.

Outro artista deveria estar presente para testemunhar a expressão de agrado que transparecia na face redonda de David Stein, à medida que vigiava o seu trabalho manual.

— Nos velhos bons tempos isto seria um dia de trabalho que poderia valer 13 ou 15 mil libras — murmurou ele. — E isto numa venda rápida e fácil. Com um pouco mais de tempo para procurar comprador, e com bom certificado de autenticação, talvez rendesse 1600 contos. Sim, numa bela moldura de mais de 20 contos numa boa galeria, 1600 contos, ah! bons velhos tempos...

Para Stein, «os bons velhos tempos», tal como a vida fantástica pintada por Chagall, terminaram há cerca de um ano e meio, quando o Gabinete do Ministério da Justiça, o F. B. I., 8 polícias de Nova Iorque e uma furiosa vida real o aprisionaram. Enquanto duraram, os bons tempos trouxeram ao jovem Stein, com pouco mais de 20 anos, um sucesso espantoso

no mundo internacional da arte. Dirigiu a operação Galerie Trianon com uma galeria pública em Park Avenue, uma segunda galeria privada em Nova Iorque e outra muito próspera, durante a estação em Palm Beach. Após 4 anos e meio de vendas altamente lucrativas de trabalhos falsos em Londres, e em quase todas as mais importantes capitais da Europa, a operação americana rendeu-lhe 865 mil dólares (cerca de 24 mil contos) em menos de 18 meses de rápidas pinturas e rápidas vendas.

A medida que o seu negócio crescia, começava a negociar com obras legítimas.

Seis meses de prisão

Os bons velhos tempos também significaram um Rolls-Royce com um motorista romeno («é formidável a facilidade com que se vendem quadros dispendiosos, se se conduz um Rolls», declarou Stein) e inaugurações de gala com champanhe, sempre que uma colecção de falsificações estava pronta para ser apresentada ao público e se evidenciavam os sentimentos de orgulho e excitação, cuidadosamente reprimidos, ao ver exibidos um dos seus falsos Picassos, Chagalls ou Matisses, em colecções de trabalhos para venda, ou ilustrando catálogos de museu, com o acordo dos mais reputados comerciantes.

O golpe que sofreu provocou-lhe uma condenação por 97 trabalhos de falsificação e grande burla, cobrindo a venda, num total de 5500 contos de 41 desenhos falsos, aguarelas e guaches. Stein confessou tudo. Admitiu a sua culpabilidade, e foi posto em liberdade sob fiança, que começou por ser de 50 mil dólares (1400 contos) e foi progressivamente reduzida para 2500 (70 contos).

David Stein, de 32 anos, meio francês, meio inglês, mestre falsificador de arte, autêntico rei de um «belo» império, 6 meses de prisão, um futuro assegurado...

Contudo, antes de recuperar a sua liberdade, passou 6 meses na prisão, numa penitenciária de Nova Iorque, conhecida por «os túmulos». Entreteve-se na maior parte do tempo que esteve preso a executar desenhos de Picasso e guaches de Chagall, para convencer o Gabinete de Justiça de que tinha de facto executado as falsificações. Surpreendeu as autoridades ao concordar prontamente em cooperar na divulgação daquilo que sabia sobre o florescente negócio do mercado internacional das falsificações de arte. Indicou-lhes os canais através dos quais as pinturas falsas chegam aos mercados europeus e americanos, identificou os negociantes que têm comerciado com falsificações, permanente ou intermitentemente, indicou as técnicas para envelhecer o papel, fazer estalar a pintura e forjar autenticações, localizou grupos da suas próprias falsificações e, de um modo geral, espantou os representantes da lei com as suas revelações acerca da enorme divulgação que o negócio da falsificação de arte teve nos passados 10 anos.

Sendo um falsificador bastante agradável, tornou-se tão amigo dos detectives e dos homens do gabinete de justiça, que dia após dia, durante metade dos seus 6 meses de prisão, fez as confissões nas instalações de serviço, comendo óptimos almoços, e, por vezes, voltando à cela um pouco embriagado. Perto do fim, foi-lhe solicitado que fizesse um bonito retrato a guache do comissário da polícia de Nova Iorque. Rejeitou o pedido.

Filmes, livros, etc.

Enquanto estava sob fiança e aguardava uma sentença suspensa, como reconhecimento da sua cooperação com as autoridades, Stein recebeu muitas afertadas legítimas. Otto Preminger está a preparar um filme baseado na sua carreira como falsificador de arte, talvez com Jack Lemon personificando Stein. Vai ser publicado no próximo ano, em Nova Iorque, um livro de arte com ilustrações coloridas das suas melhores falsificações e, possivelmente, também em Londres. Acabou agora de assinar um contrato com uma importante revista americana para fazer uma reportagem em episódios.

Concordou também em tomar parte numa experiência única sugerida pelo «Daily Telegraph Magazine». Dirigimo-nos a ele com uma proposta que tornaria a sua confissão algo de domínio público, demonstrando a habilidade que tem para criar uma falsificação de arte, e permitindo-nos fotografar a operação, fase por fase.

Concordou e o trabalho foi levado a cabo na sala de uma pequena casa de praia, alugada em Lea Bright, na costa Atlântica de Nova Jérnia, onde Stein tem vivido com a sua mulher francesa e 2 filhos pequenos.

A falsificação começou às 10 e 30 da manhã e o quadro estava pronto às 7 e 30 dessa mesma tarde. Fizeram-se intervalos para almoçar e conversar com o oficial responsável pela liberdade condicionada que chegou a casa de Stein, dizendo alegremente:

— **Pelos vistos, ainda a pintar!**

Stein, que me faz lembrar uma mini-versão de Orson Welles, ligeiramente mais magro, procurava na sua biblioteca de arte livros de referência, quando o fotógrafo Stephen Grun Armytage e eu chegámos. Tinha nos joelhos o seu filho de 18 meses, Frederic. A turbulenta Cecília, a filha de 2 anos, mostrou-nos que era capaz de distinguir um Picasso dum Chagall, mas também declarou que estava farta de Chagall.

— **Prefere Miró — declarou o pai.**

Anne Marie, a mulher de Stein, afirmou: — Cecília tem visto serem pintados em casa tantos Chagalls... Eu própria já estou farta dele. É a única coisa que agora querem. Chagall, Chagall, Chagall...

Stein, nessa altura, decidiu aquilo que iria pintar. Achou o tema central na obra popular de Jean Cassore sobre Chagall. Era uma reprodução a preto e branco de «O acrobata», que Chagall pintou em 1955. Stein tem lidado com tantos Chagalls, e tem tido tantos exemplares em museus, que dispõe dum conhecimento seguro das cores a utilizar. A falta de cor na ilustração não o incomodou.

«Não copio exactamente»

Durante poucos momentos, folheou o livro para encontrar outros componentes para a pintura. A estranha criatura tocando flauta no canto inferior direito foi retirada de «Palhaço com violino», de 1956. Outro chagallismo, o violino vermelho e verde, com o pássaro imaginário, foi tirado do «Ramalhete e circo vermelho», de 1960.

— **Não copio exactamente uma pintura.**

David Stein em plena fase de «criação». Uma das suas pinturas, acompanhada por um certificado (falso) de autentificação, podia valer-lhe mais de 500 contos

É demasiado perigoso. Tento criar um quadro que, logicamente, Chagall poderia ter pintado — declarou Stein. — A primeira coisa que se tem a fazer é conhecer intimamente o artista que vamos imitar. Não apenas conhecê-lo, mas também gostar dele, gostar do seu trabalho. Penetra-se na alma do próprio artista... Quando pintei Picasso, tornei-me Picasso; quando pintei Chagall, fui Chagall. O mesmo aconteceu com Matisse e outros. Existem alguns pintores que poderia ter imitado mas não o fiz porque não gostava deles. Maçavam-me. Léger é fácil de falsificar, mas é demasiado frio como artista. Não gosto dele.

Stein estava pronto para a cerimónia do chá. O papel de desenho feito à mão pela fábrica French Arches, com 50 por 75 cm., que compra por 90 escudos cada folha, é o mesmo utilizado por Picasso ou Chagall. Contudo, tem um ar suspeitamente novo. O chá é a maneira mais simples de envelhecer o papel, amarelando-o. Stein prefere utilizar o chá Lipton. Descobriu com consternação, nessa manhã, que alguém em casa de Stein tinha usado o chá Lipton para consumo interno. Foi portanto forçado a utilizar uma marca diferente. O chá foi preparado, esfriado rapidamente no congelador do frigorífico e, depois, espalhado pelo papel com um pano de algodão.

— **É preciso fazer isto de ambos os lados — fez notar Stein. — Não terá um ar genuíno se se aplicar apenas dum lado. Não é verdade que está a ficar lindamente amarelado? Já parece ter 20 anos.**

O papel foi seco pela acção de lâmpadas solares. Estas seriam novamente utilizadas para endurecer e fazer estalar levemente o espesso guache (Chagall observou uma vez que «as cores deveriam ser tão profundas, que parecesse andar-se sobre uma espessa «carpete»). O imitador de Chagall, com o livro de Cassou numa mão, e o lápis na outra, tinha passado à fase do desenho. Desenhou um esboço da figura central, afilou as linhas com uma borracha, e começou a aplicar a cor do fundo.

— **Vai ser o azul Chagall — disse Stein,**

preparando as suas tintas English Winsor e Newton na paleta de papel.

— **A menos, claro, que prefira um vermelho Chagall!**

Era um pouco como estar a lidar com um alfaiate.

Stein já tinha a pintura bastante avançada quando parámos para almoçar, uma «guiche» lorena e uma salada que Anne Marie tinha preparado. Durante a refeição, e entre taças de champanhe, falou-nos sobre a sua vida e carreira...

«Pensei que sabia desenhar»

Stein nasceu em Alexandria. O pai, um médico inglês do Instituto Pasteur de Paris, trabalhava em investigação científica, no Egipto. A mãe é francesa. O jovem Stein cresceu em Paris, tem dupla nacionalidade mas escolheu a inglesa. Recebeu o grau de bacharel em Literatura Francesa, em Paris, e passou um ano numa Universidade de Westminster. A carreira que escolheu foi a da música, sobretudo o piano. Estava a estudar no Conservatório de Paris quando o pai morreu e ele teve de arranjar um emprego. Trabalhou como correspondente para a Press-L'Sutransigeant de Paris, como agente de Imprensa na Europa das companhias americanas de filmes. Assistiu e fez artigos sobre exposições de arte, sem nunca ter frequentado qualquer curso de formação artística.

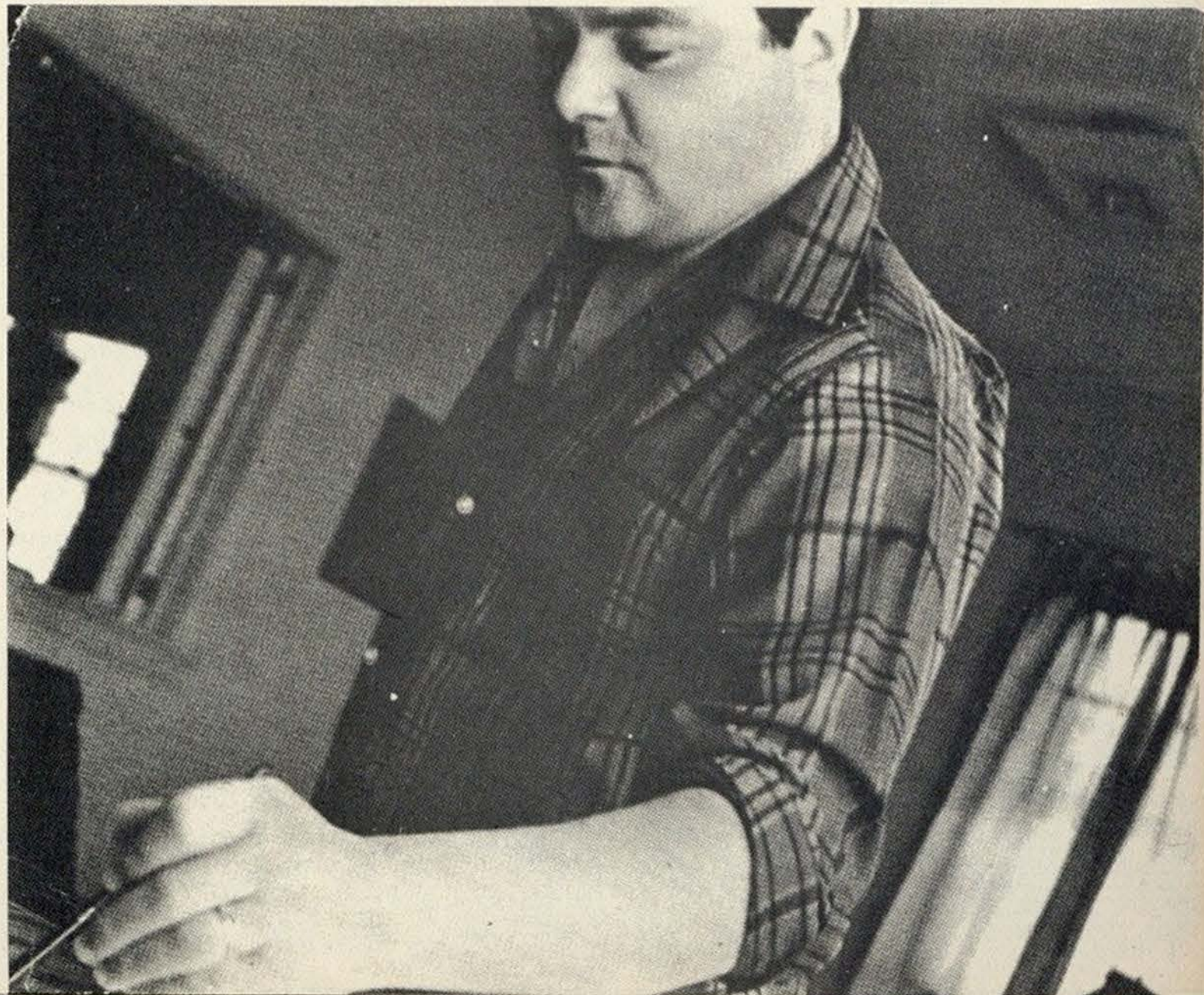
A sua vida familiar fora, no entanto, orientada no sentido da arte.

— **O meu pai tinha uma colecção bastante boa, alguns velhos mestres de menor importância, uma pintura de Dautier, um fragmento de um fresco de Típolo, etc.**

Perguntei-lhe se eram autênticos. Durante um momento, ficou calado.

— **Sim, é claro que eram — disse e depois reconsiderou, acrescentando: — Bem, talvez não fossem. Quem sabe? Os homens que os pintaram estão mortos...**

Durante algum tempo, trabalhou em Paris para Jean Cocteau, fazendo, por iró-



nico que pareça, a adaptação cinematográfica de «Tomás, o Impostor». Durante este período visitou a casa de Cocteau no Sul de França.

— Cocteau estava sempre a desenhar — recorda Stein —, a sua casa estava coberta de desenhos. Tinha um enorme Picasso numa parede, fiquei parado na sua frente e disse «é maravilhoso!». Cocteau concordou, e afirmou-me que fora ele próprio quem o pintara. Mostrei-lhe que estava assinado. «Bem, disse Cocteau, Pablo veio vê-lo, gostou muito e assinou-o.»

Foi nesse momento que uma semente se implantou no fértil cérebro de Stein.

— Pensei que tinha jeito para desenhar mas achei que só desde há 6 anos era capaz realmente de desenhar e pintar. Conheci os negociantes de arte e vi a hipocrisia do mundo da arte — era já como um mercado de câmbios. Um amigo meu de Paris trabalhava para um falsificador de pinturas na margem esquerda. Encontrei-o e começámos a falar sobre falsificações e sobre a maneira fácil como eram vendidas.

Com alguma orientação do negociante, Stein completou 3 «Cocteus» e um «Picasso». O «Picasso» foi adquirido pelo telefone por cerca de 25 mil escudos e os 3 «Cocteus» atingiram um total de aproximadamente 5 contos e meio.

— Nunca esperei que o meu amigo voltasse com algum dinheiro — declarou Stein —, mas as pessoas estavam tão desejosas de comprar aquelas coisas... Empurravam o dinheiro para nós, acreditem.

Em breve Stein estava estabelecido por conta própria, no negócio de falsificação. Durante os 5 anos seguintes produziu mais de 200 falsos Matisse, Picasso, van Dongen, Miró, Cocteau, Derain e, claro, Chagall.

Um quadro por 740 contos

Por tudo aquilo que fazia: aguarelas, desenhos simples, guaches, e óleos só muito raramente, o seu trabalho atingia óptimos preços de mercado. O preço mais elevado foi da ordem dos 740 contos. Os Chagalls atingiam à volta de 400 e mesmo 500 contos, no seu melhor período.

Os Stein, casados de fresco e sem família, começaram a vagabundear de uma capital europeia para outra.

— David fazia as suas pinturas falsas no nosso quarto de hotel; não nos importávamos que os criados vissem fosse o que fosse. Vendia-as rapidamente e, depois, tomávamos um avião para qualquer outro sítio — recorda Anne Marie. — De vez em quando as coisas pioravam um pouco, mas vivíamos bem.

Londres não constitui excepção. Ele e Anne Marie moraram e trabalharam durante algum tempo no Hotel Rembrandt. Daí saíram para o Hotel Rubins.

Stein diz que durante esse período em Londres vendeu 4 quadros falsos: 2 simples «Picassos», que lhe renderam 160 contos cada um, 2 «Chagalls» e um «van Dongen». Todos foram adquiridos por negociantes reputados, sendo um deles uma galeria famosa de Bond Street, que foi intrujada com um «Chagall» feito por Stein.

Alguns anos mais tarde, Stein viu o mesmo Chagall na sua frente, pendurado na parede de uma galeria americana que tinha solicitado a cedência de pinturas de várias fontes importantes, para uma grande exposição sobre Chagall. Fez algumas perguntas discretas e descobriu que a sua falsificação tinha sido vendida pelo negociante de Londres a uma galeria de Estocolmo. Aí fora comprada por um agente

para um dos mais prestigiosos negociantes de arte de Manhattan, que contribuiu com ele para a exposição de obras de Chagall. Pertence agora a um colecionador particular da América do Sul. (Quando o Gabinete de Justiça de Nova Iorque, instruído pela confissão de Stein para inquirir quais as localizações actuais dos quadros falsos se pronunciou, a galeria ficou muito indignada:

— Como pode ser uma falsificação! Proveio originalmente de uma galeria em Londres.

O próprio Stein esteve perto de se tornar vítima de outros falsificadores de arte. Quando dirigia a galeria em Nova Iorque e misturava obras genuínas com as suas falsificações, pagou um cheque de 250 contos por 2 desenhos de Gauguin que pareciam autênticos. Contudo, antes de o cheque ser descontado, tomou a precaução de tirar os desenhos das molduras e submetê-los ao teste da luz. A marca de origem do fabricante do papel apareceu claramente. O papel era fabricado na América, tinha a marca «Turkuy Tell» e provinha de uma fábrica que nem sequer existia quando Gauguin vivera. O homem que vendera os desenhos era um reputado negociante dos Estados Unidos.

— Ninguém é digno de confiança — observou Stein, com alguma amargura.

Stein cai na armadilha

Em Viena, certo dia saiu para comprar a Anne Marie um bracelete, com os presentes de alguns «Chagalls» falsificados. O joalheiro, ao saber que ele era um negociante, tirou do cofre um pequeno óleo de Chagall, de madeira, e disse-lhe que tinha sido trazido de contrabando através da «cortina de ferro». Era bastante parecido com um Chagall bem conhecido: o retrato de um «rabi» em tons de verde, que está actualmente numa colecção particular em Genebra. Existiam, na parte posterior do quadro, marcas que pareciam convincentemente russas, e Stein ficou impressionado. Tirou-lhe um retrato a cores, e mostrou-o ao genro de Chagall. Este também achou que era genuíno, mas Chagall levou apenas um escasso segundo a denunciá-lo como falso.

Stein declara que, pelo menos um dos seus «Chagalls», está ainda em exibição num importante museu europeu e tem sido ocasionalmente reproduzido em catálogos.

Recordando a sua carreira, Stein aponta-lhe 2 erros básicos: tornou-se demasiado confiante em Nova Iorque e meteu-se a imitar artistas que ainda são vivos.

— Se me tivesse limitado aos que já morreram... — diz, abanando tristemente a cabeça...

Em Nova Iorque, os seus próprios clientes e outros negociantes pediam-lhe Picassos, Chagalls, van Dongens e outros e, em muitos casos, vários compradores insistiam em receber certificados de autenticação. O melhor tipo de garantia é uma declaração feita pela mão do próprio artista, escrita na parte detrás duma fotografia da referida obra. Stein descobriu que era capaz de imitar a letra e assinatura de mais de uma dúzia de artistas.

No dia mais lucrativo da sua carreira, vendeu a um negociante de Nova Iorque, à uma hora da tarde, 3 aguarelas de «Chagall» que ainda não estavam pintadas quando se levantara, às 6 da manhã. No espaço de 7 horas, Stein envelheceu o papel com chá, inventou os assuntos, executou as obras em rápida sucessão, correu a arranjar molduras, arranjou rapidamente um fotógrafo para fazer fotostatos

das pinturas, voltou rapidamente ao estúdio para forjar certificados de autenticação e manteve o seu encontro com o negociante, ainda com alguns minutos de avanço.

— Ele ficou satisfeito e deu-me um cheque de quase 300 contos — relatou Stein.

O negociante pode ter ficado satisfeito com os quadros mas não com os seus preços. Stein tinha caído numa armadilha. Vendera atraentes «Chagalls» com papéis de autenticação, bastante abaixo dos preços do mercado.

E, precisamente nessa altura, o próprio Chagall encontrava-se em Nova Iorque!

Tinha lá ido para ver os seus enormes murais colocados no Metropolitan Opera House no Centro Lincoln. O negociante conseguiu uma entrevista com o velho artista e levou consigo os seus três Stein-Chagalls. Stein soube mais tarde que Chagall olhou para eles e explodiu:

— Diabólico!

— Ficou furioso — contou Stein. — Queria rasgá-los todos. Mas o assunto tinha de seguir para a polícia, e esta não o deixou destruir as provas.

— Vieram prender-me com 8 polícias — disse Stein. — A polícia entrou por uma porta e eu saí por outra, com um copo de uísque na mão. Voei para Filadélfia e depois para a Califórnia, onde fui preso. Subitamente, tudo terminara. Decidi confessar. Sem a minha admissão de culpa, o Ministério Público nunca poderia provar que eu falsificara as obras. Determinaria facilmente que eram pinturas falsas mas eu poderia replicar que as comprara de boa fé, no estrangeiro, aos senhores x ou y.

«Não existe a marca»...

Stein encara a perspectiva de cada vez aparecerem mais falsificações no mercado e mais falsificadores, a estabelecerem-se no negócio:

— As pessoas querem obras originais ou aquelas que pensam ser originais, têm imenso dinheiro e os pintores modernos não são nada difíceis de imitar... Não existe a marca do mestre. Não é o mesmo que imitar um velho mestre, o que pode significar um ano ou mais de trabalho.

Também encontrou um espantoso número de ignorantes entre os profissionais de arte. Um negociante de Nova Iorque, que o processou após ser preso, foi solicitado em tribunal para prestar esclarecimentos ao júri sobre Marc Chagall.

— Chagall é um dos mais famosos pintores impressionistas — respondeu.

Stein disse-me que estava agora decidido a manter uma vida honesta como artista. Se copiar pintores famosos assiná-los-á, tal como o fez na nossa demonstração, «no estilo de Picasso, ou Chagall, ou Matisse, etc., com o seu nome, David Stein».

Espera ter um dia uma casa agradavelmente cheia de obras de arte. De momento, engloba-se na categoria do sapateiro cujos filhos ficaram sem sapatos. Não tem uma só das suas falsificações penduradas nas paredes.

— Vendi tudo aquilo que fiz — fez notar. Reflectiu durante um momento e acrescentou:

— Sabe, ainda gosto de Chagall. Continuará a ser dos meus pintores favoritos. Gostaria de, um dia, ter um Chagall verdadeiramente bom pendurado na minha sala.

Disse isto com uma expressão séria. Estou certo que fez a observação sem compreender o seu lado verdadeiramente humorístico.

INSTAURAÇÃO DA MONARQUIA SEM REACÇÃO POPULAR

especial de Madrid por Fernando de Barros

No dia 22 de Julho de 1969, na presença de 519 procuradores e de todo o governo, Franco apresentava como seu futuro sucessor, a título de rei, D. Juan Carlos de Borbón y Borbón, resolvendo assim um problema que se mantinha em suspenso desde que o plebiscito de 1947 definira a Espanha como um reino.

Ao analisar as poucas reacções que esta medida provocou, convém salientar a data do acontecimento, no começo das férias de Verão e num período de dispersão estudantil. Por outro lado, o voto nominal e público das Cortes parece ter impedido maiores reticências que as manifestadas.

Esta votação pode, entretanto, exemplificar-nos o estado de espírito de algumas das famílias políticas presentes nas Cortes: a proposta adoptada começa por afectar profundamente os monárquicos carlistas, que sempre combateram o ramo dinástico rival. Procuradores como Goñi e Zubiaur, votando «não», traduzem a amargura de uma facção, dominante na Navarra, e que tanto contribuiu para a vitória nacionalista na guerra civil. O silêncio da sua imprensa acompanha-se das primeiras inscrições nos muros e edifícios navarros, protestando contra os «usurpadores».

Mas também não foi sem sofrimentos que os monárquicos partidários do conde de Barcelona, a quem consideram como legítimo descendente de Afonso XIII, receberam a nomeação de Juan Carlos. Parece que, pelo menos de momento, o conde cedeu, por uma questão de patriotismo, como se depreende do seu breve comunicado do Estoril, em que diz: «Nunca pretendi, nem pretendo agora, dividir os espanhóis.»

A imprensa a ele afecta acabou por, sem manifestações de entusiasmo e sacrificando certos princípios, prestar o seu apoio ao sucessor de Franco. Tal foi a atitude, por exemplo, de «ABC», que publicara a notícia da sessão das Cortes, sem comentários, e de «Vanguardia Española». O jornal «Madrid» considera como única solução provável a da regência.

A imprensa falangista, de início silenciosa, como «Arriba», assim que foi conhecido o sucessor proposto por Franco, apoiou a escolha deste. Com efeito, os falangistas, cujo antimonarquismo é público, a terem de escolher por um sistema monárquico, só poderiam aceitar aquele que lhes fosse proposto por Franco, isto é, aquele que respeitasse os princípios do Movimento.

«A monarquia é erotizante»

«Pueblo», jornal da Organização Sindical, de tendência socialista, pela pena de Emilio Romero, seu director, manifestou ser esta «a única monarquia possível», desde que respeite os princípios estabelecidos, afirmando: «A monarquia

é erotizante para os monárquicos e alarmante para amplos sectores do país.»

Numa entrevista concedida a «ABC», o tenente-general Garcia Valiño, figura prestigiosa da guerra civil, explicava o seu voto negativo: «Ao romper-se o automatismo sucessório, coluna vertebral que sustenta a Instituição monárquica... derruba-se a Instituição e entramos no campo da República, desta ou daquela classe.»

Também o director de «ABC», Luca de Tena, declarou haver votado «não» por considerar «a Ordem Sucessória como a maior e mais perfeita virtude da monarquia».

Na esquerda falangista, significativamente, Labadie Otermin, conselheiro nacional do movimento, explicou publicamente o seu voto afirmativo nas Cortes, precisando: «Embora para mim, assim como seguramente para muitos ou-

tros espanhóis de distintas ideologias, a instituição monárquica não seja a solução que desejávamos para o futuro, aceitei-a por ter sido proposta por Franco, convicto de que garante a continuidade do regime.»

Entre as personalidades que apoiaram a decisão de Franco, pode citar-se a de Navarro Rubio, ex-ministro, que se regozija por esta sucessão «não depender do jogo, sempre versátil, dos diferentes grupos ou grupitos políticos que pudessem existir no momento em que faltasse o prestígio da figura de Franco».

Joaquim Bau, presidente do Conselho de Estado, salienta a sua devoção ao caudilho, «cujas decisões foram sempre acertadas». Por seu lado, o marquês de Valdeiglesias declara ser esta a decisão correcta, tanto mais que os «partidários da regência são republicanos a prestações».

A reacção do povo

Quanto à reacção do povo espanhol, importa assinalar o facto interessante de até agora não se ter verificado a mais pequena manifestação pública de entusiasmo. É certo também que as reacções de desagrado se limitaram a umas pequenas manifestações de jovens, empunhando bandeiras republicanas, nos bairros de Vallecas e Ventas, em Madrid, e noutra insignificante tentativa, em Sevilha.

O mutismo geral deixa entretanto transparecer uma certa preocupação porque a forma monárquica venha a fazer gorarem-se muitas vezes das conquistas sociais obtidas com Franco. Algumas declarações a este respeito, por parte de cidadãos comuns, parecem orientar-se neste sentido. Assim, M. A. P., empregado de escritório, não concorda com a monarquia por esta poder «entrar em conflito com o exército, depois do desaparecimento de Franco». C. B., empregada, apoia o futuro rei, «por os países deverem ser governados por gente jovem». Uma estudante universitária não considerava importante o problema da monarquia ou da República, mas sim o bem-estar económico.

J. D., falangista e dirigente sindical, declarou que a monarquia viria desenvolver o neocapitalismo o que, como reacção, aceleraria o progresso das ideias socialistas.

P. F., professora de liceu, considera a solução de Franco a única possível, pois «todas as outras representariam o fim do sistema». No entanto, pessoalmente, não sentia entusiasmo pela monarquia, «que pode vir a cair nas mãos dos privilegiados».

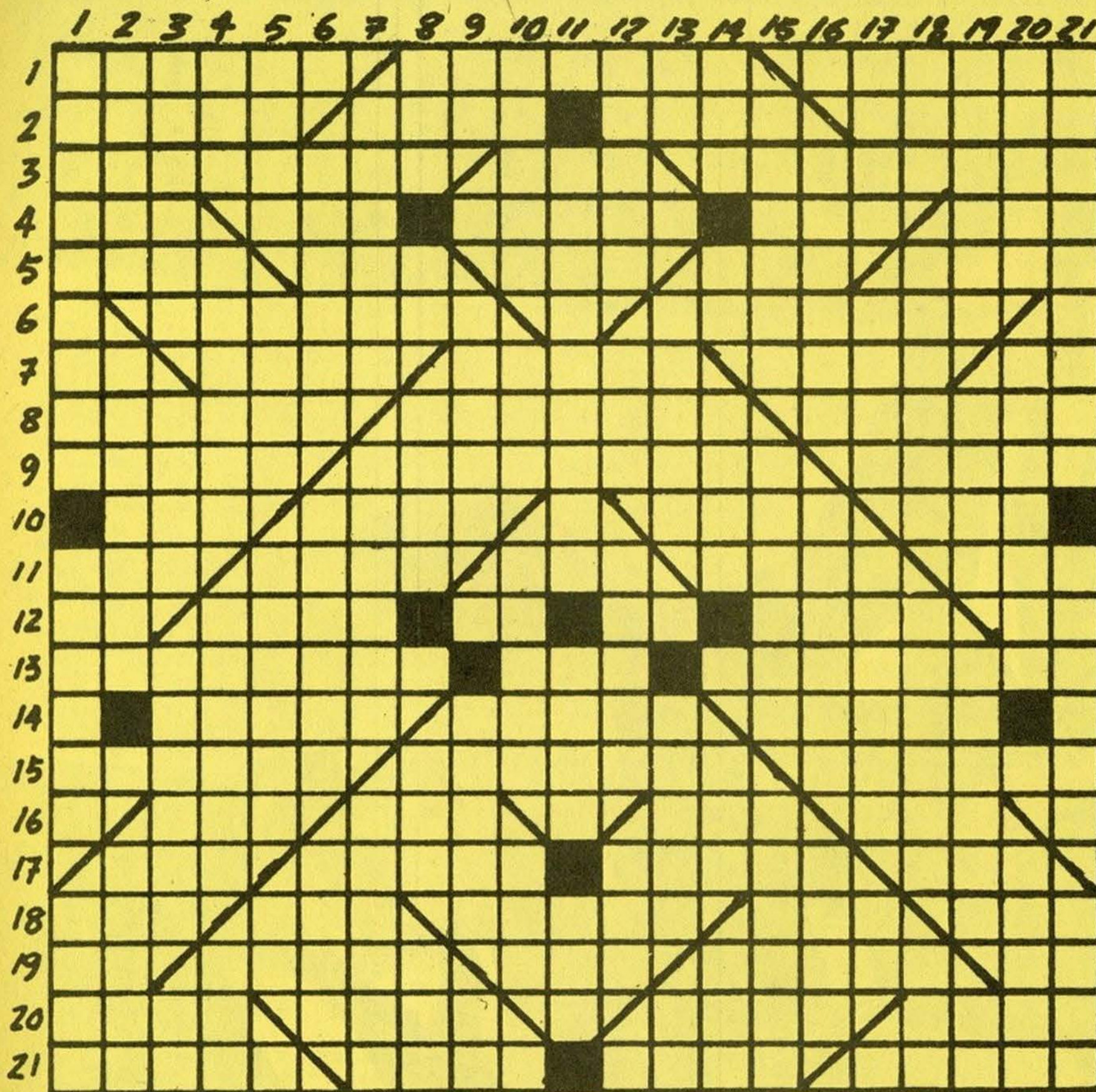
De forma geral, as pessoas interrogadas supõem que o verdadeiro problema se porá no momento em que Franco desapareça. Até lá, os diferentes interesses económicos e políticos estudarão a estratégia a seguir e as posições a tomar, o que irá transparecendo tanto melhor quanto mais autêntica for a liberalização espanhola.



O conde de Barcelona, a bordo do seu iate «Giraldo», quando da partida para um cruzeiro de 45 dias que o levará a Tânger, Cannes e Mediterrâneo. O início da viagem do conde verificou-se poucos dias após a histórica alocução de Franco



si PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA GIGANTE N.º 6

HORIZONTAIS: 1 — Torrente. Gabar. Carregue com lastro. 2 — Que cresce na areia. Queixar-se. Cantigas. Atravessam. 3 — Cercaras. Também. Grupo de línguas uralo-altaicas. 4 — Letra grega. Grande quantidade. Concentração permanente da pupila. Pessoa de mau carácter. O mesmo que vale. 5 — Vagueia. Poema lírico. Transpiro. Graça. Cada uma das diferentes aparências da Lua. 6 — Rebanho. Rústicos. 7 — Prep. Introduza. Cova para apanhar feras. Ilha, originada pela aglomeração e consolidação de polípeiros. Brisa. 8 — Fruto, o mesmo que **datil**. Agravara. Esquina. 9 — Espécie de talismã entre os cabilas. Reincidência. Lucros em dinheiro. 10 — Aquém (pref.). Deus do vinho. Ralam. Onda. 11 — Rente. Batráquio anuro. Visto. Camada superior da Terra. Reza. 12 — Pref. de **separação**. Tira. Pref. de negação. Batráquio. Abundâncias. Pref. que significa **duplicidade**. 13 — Moldada. Preceptor. Fatigaram. 14 — Lavrada. A língua dos árabes. Velhice. 15 — Cinza do lar. Edita. Atacar de flanco. 16 — Enal Em partes iguais. Avestruz. Alcinha de um «tio» que simboliza os E. U. A. 17 — Repetição. Acarício. Tapo. Grande talento. 18 — Apelido. Olá! Trabalho de joear a terra onde as ostras apodrecem para colher as pérolas. Órgão excretor onde se forma a urina, com a forma de um feijão. Malícia. 19 — Outra coisa. Anuvia. Origem. Voltas. Seis romanos. 20 — Enlace. Gemem. Caruma. Metal precioso. 21 — Curvas de abóbadas. Aranha grande. Verseja. Impudico.

VERTICAIS: 1 — Pano de fabrico nacional. Série de quadros de madeira (nas fábricas de tecidos) onde se põem as peças de pano a secar. Cova. 2 — Mondar a erva. Jovem na idade de ir para a tropa. O mesmo que balir. 3 — Unguento. Milho zaburro. Cedereis. Duzentos. 4 — Consagrai. Construí. Respeitantes à noite. Novo. 5 — Levantar. Simples. Confusão. De outro modo... 6 — Jogo só permitido em casinos. Baque. Primeira luz da manhã. 7 — Estado do Brasil. Cortada rente. O ponto mais distante do Sol, na órbita de um planeta. 8 — Aqui está. O mesmo que idem. Estúpido. Oh! Árvore cuja casca serve para aromatizar o vinho. 9 — Nota musical. Relativo ao ouvido. Arma branca. Nota musical. 10 — Rezaís. Rate. Planta leguminosa, cujas sementes têm aplicações terapêuticas. Quer dizer **montanha**. 11 — Barulhos. Barco de recreio. Nome de homem. 12 — Indemne. Parceiro. Planta (**Ervilha-de-pombo**). Timão do arado. 13 — Art. e prep. Estaquem. O Inferno. Significa duas vezes. 14 — Chefe etíope. Apelido. Preceptores. Governanta. Cheguei. 15 — Cicatrizara. Cestos feitos de esparto. Grande proeza. 16 — Pele de carneiro com a lã. Corrimão. Dor de cabeça. 17 — Insignificâncias. Toca de coelho. Plantas (O m. que **absintios**). Tumor dos animais. 18 — Sobressai. Respiração. Desculpas. Consta. 19 — Escuridão. Subterrâneo para armazenar cereais. Consumimos. Ribeira de Portugal. 20 — Baías. Boato. Lavoura. 21 — Cobres de farinha. Macaco do Brasil. Calcário branco e duro, para estatuária, a que se chama mármore.

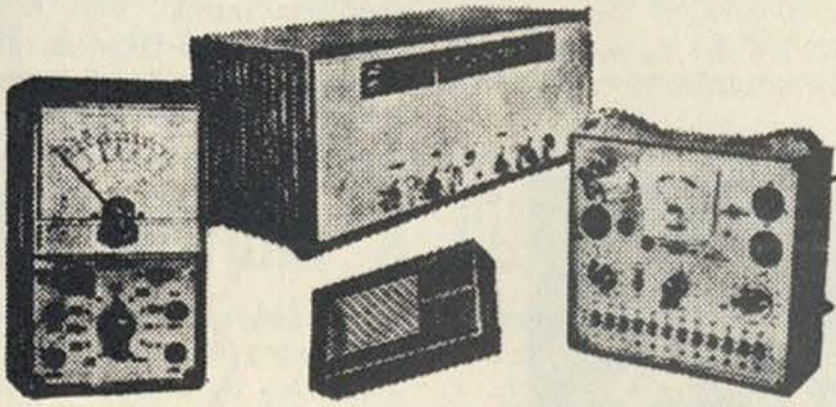
SOLUÇÃO DO PROBLEMA GIGANTE N.º 5

HORIZONTAIS: 1 — Demopsicológico. Apaga. 2 — Alacai. Alameda. Onerar. 3 — Natal. Apeio. Amonólise. 4 — Atarantais. Adamitas. 5 — Cima. Amir. Aferira. Tal. 6 — Ana. Anosos. Ato. Tora. 7 — Atrial. Salmo. Nica. 8 — Au. Ris. Lua. Arpoar. 9 — Pi. Sá. Passar Arraso. 10 — Origine. Aro. Aclimatar. 11 — Sinas. Adir. Loisa. Ala. 12 — Izar. Ás. Rois. Na. Li. Ti. 13 — Narcose. Atrairias. 14 — Li. Arrais. Crê. Aziar. 15 — Cadeia. Iriara. Aster. 16 — Araca. Crómio. Unar. Ali. 17 — Cado. Boa. Armando Gios. 18 — Apeados. Ainda. Mas. 19 — Ti. Recomendada. Cós. Cá. 20 — Uas. Da. Alão. Aluir. Mor. 21 — Arilo. Ileo. Amorsegara.

VERTICAIS: 1 — Dãnaca. Aposia. Cacatua. 2 — Elatina. Iriz. Larapiar. 3 — Matamatá. Inanidade. Si. 4 — Ocara. Rusgara. Ecoar. 5 — Pala. Ai. Ais. Raia. Dedo. 6 — Si. Nadar. Acra. Boca. 7 — Atmólise. Sor. Coso. 8 — Capais. Saíra. Mal. 9 — Ofeiros. Padreiro. Pele. 10 — Lais. Salário. Sima. Não. 11 — Omo. Lusório. Airado. 12 — Ge. Afamas. Cromia. 13 — Idade. Aal. Ara. Andam. 14 — Câmara. Arconte. Úndalo. 15 — Omitir. Lirar. Onda. Ur. 16 — Oniro. País. Ao. Ao. Cis. 17 — Anota. Normalizar. More. 18 — Pela. Tiara. Íris. Gás. 19 — Aristocrata. Iatais. Ma. 20 — Gás. Ara. Saltarelo. Cor. 21 — Aréola. Morais. Riscara.

GANHE MAIS DINHEIRO E ASSEGURE O SEU FUTURO!

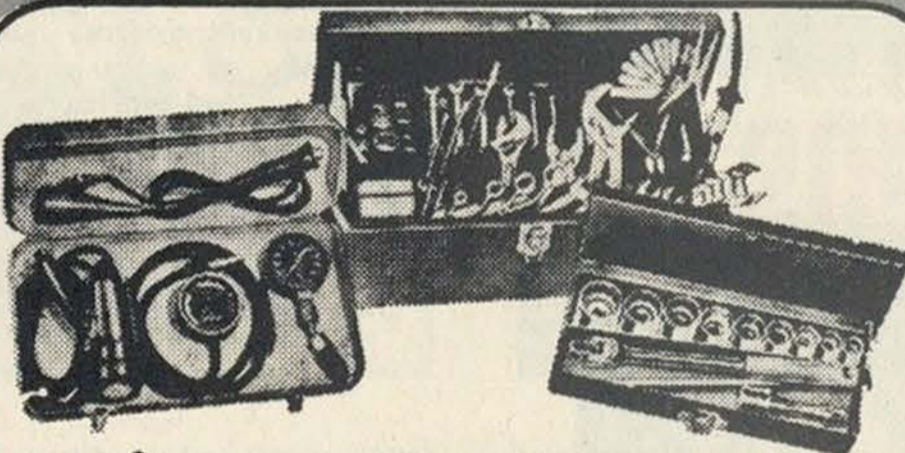
Melhore seu emprego e aumente sua renda!
Aprenda em seu lar — Nas horas livres



TELEVISÃO, RÁDIO E ELECTRÓNICA

Torne-se técnico em Rádio, TV, Electrónica Industrial, FM, Difusão, Sistemas de Alta Fidelidade, Registro de Som, Etc.

Receberá DOIS RÁDIOS um de válvulas e outro de TRANSISTORES, SOLDADOR e DOIS PROVADORES um de VÁLVULAS, outro de CIRCUITOS.



MECÂNICA AUTOMOTRIZ E DIESEL

Prepare-se em Reparação, Conservação e Afinação de Motores, Transmissões Automáticas, Sistemas Eléctricos e de Injeção, Motores Industriais e Marítimos. Receberá ANALISADOR, INDICADOR DE PRESSÃO, LÂMPADA DE SINCRONIZAÇÃO, FERRAMENTAS E CHAVES.



INGLÊS PRÁTICO, com DISCOS

Aprenda a LER, ESCRIVER, ENTENDER e FALAR Inglês na forma mais rápida e conveniente com DISCOS e LIÇÕES. Assegure-se um posto importante e bem remunerado. Receberá LIÇÕES, EXERCÍCIOS, AUDIÇÕES FONOGRAFICAS, DICCIONÁRIO BILINGUE, ETC.



**V. S. PODE PAGAR EM
MOEDA DE SEU PAÍS**

NATIONAL SCHOOLS
4000 South Figueroa Street
Los Angeles, Calif., U.S.A.

NATIONAL SCHOOLS

MUNDIALMENTE RECONHECIDA DESDE 1905

Prepare-se com o Sistema Rosenkranz de APRENDER FAZENDO de National Schools, Escola dedicada ao Ensino Técnico-Prático por mais de 50 anos. Uma Instituição capaz, responsável e séria.

4000 So. Figueroa St. Depto. PJX
Los Angeles, Calif., U.S.A. 90037

Envie-me informações completas sobre o curso de: (Indique somente um curso)

Rádio, Mecânica Inglês
Televisão Automotriz Prático

Nome _____ Idade _____

Endereço _____

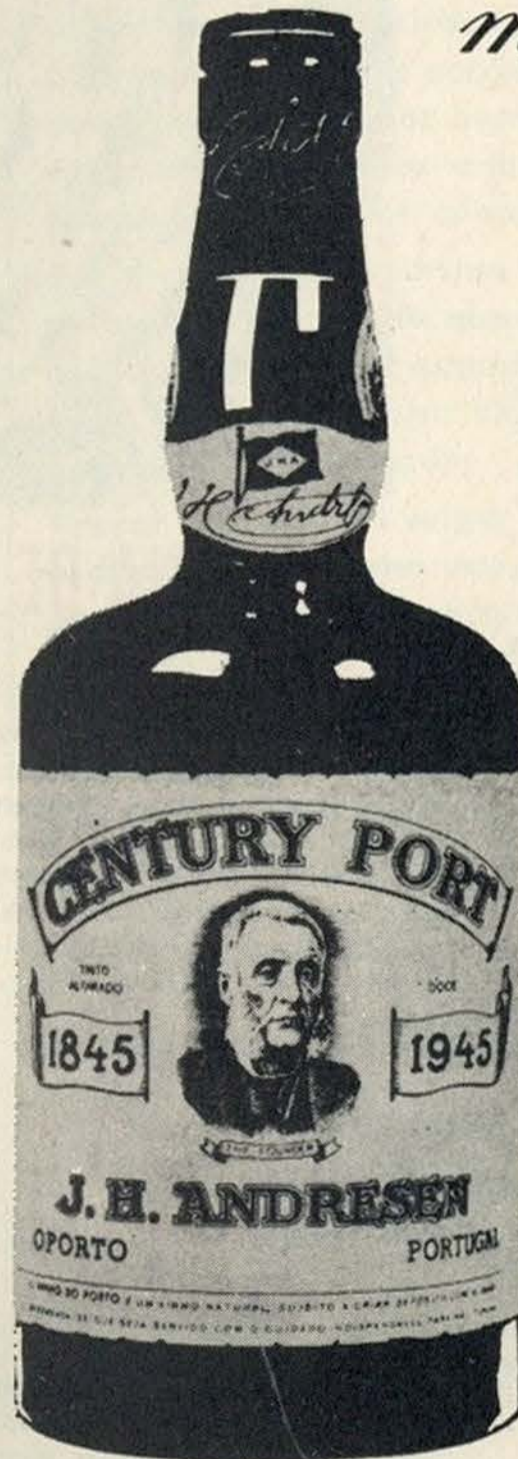
Cidade _____ Est. _____

MANDE ESTE CUPAO
HOJE MESMO



EST. 1845

*Mais de
um século.
de reputação
mundial*



ANDROSEN



Vida sentimental — O momento é favorável para a vida afectiva. A pessoa amada tudo fará para ajudá-lo nos seus problemas, mas não crie complicações... **Vida material** — Conduza a sua actividade com prudência e procure ser mais útil a si mesmo. Pode tomar felizes decisões nas suas actividades. Cumpra escrupulosamente os seus deveres. **Vida física** — Tudo correrá bem se evitar uma alimentação muito forte, excessos de café e de fumo.



Vida sentimental — No terreno afectivo terá muitas alegrias. Procure atrair a atenção dos seus íntimos, mas o melhor é não falar de mais... **Vida material** — Verificará que a sua intuição estava certa, e isso lhe dará grande ânimo para ir adiante. Saiba exteriorizar as suas qualidades. Bons resultados na sua actividade profissional. **Vida física** — É conveniente ter uma alimentação sadia e refrescante. Vigie o fígado.



Vida sentimental — Saiba utilizar todos os seus recursos pessoais para obter um bom clima de relações com os seus familiares, assim terá uma semana calma. **Vida material**. Procure fazer inovações no seu trabalho; poderá conseguir melhorar a sua posição no mesmo. Saiba dominar os seus nervos, para realização de bons negócios. **Vida física** — Vigie os seus dentes; talvez seja necessário consultar sem demora o dentista, e proteger, assim, a saúde.



Vida sentimental — O seu temperamento ansioso talvez o faça sofrer. Escute a sua intuição se ela lhe averte que empreendeu um caminho errado. **Vida material** — Saiba utilizar a sua intuição para tirar bom proveito das circunstâncias que se apresentarem. Seja previdente e não exagere as suas despesas. Boa actividade intelectual. **Vida física** — Indisposições passageira. Vigie os órgãos digestivos e especialmente a alimentação.



Vida sentimental — Bom clima para travar úteis relações com novos conhecidos. Neste sector nada tem a temer, pois tudo vai maravilhosamente.

Os que nasceram de 10 a 16 de Agosto são dotados de sentimento de grandeza, altivez, orgulho, necessidade de prestígio, carácter magnânimo, ambição realizadora desenvolvida, mobilização de forças íntimas na mais alta tensão interior, serviço de paixão dominadora. Senso do comando, do poder, das responsabilidades, mas têm a vida marcada por altos e baixos e só os seus próprios esforços indicarão o ponto em que ela se estabilizará. Caminham diante da vida confiantes, com uma abundância vital que lhe dá equilíbrio, certeza, audácia, sede de conquista de domínio e de ambições.



HORÓSCOPOS



SEMANA DE 10 A 16 DE AGOSTO

Vida material — A semana será favorável para as suas actividades. Boas possibilidades de obter vantagens económicas, mas não gaste demasiado. Não se deixe dominar por grandes fantasias ou irreflecções. **Vida física** — Se come muito depressa, procure corrigir-se, assim evitará distúrbios digestivos.



Vida sentimental — Pode expressar os seus sentimentos sem receio. Saiba obter a confiança daqueles com quem convive e estima. **Vida material** — Bom clima para actividades. Qualquer negócio parado há algum tempo por falta de inspiração deve ser retomado. Faça inovações no seu trabalho. **Vida física** — Vigie a garganta. Não faça imprudências. Cuidado com gelados ou mudanças de temperatura.

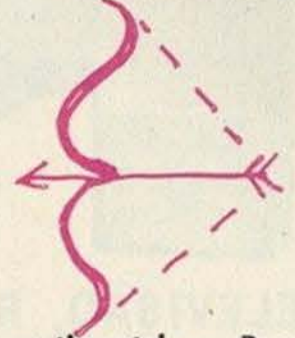


Vida sentimental — Semana propícia às reconciliações com a pessoa amada. Poderão surgir momentos muito agradáveis no plano afectivo. **Vida material** — As inovações no seu trabalho poderão dar-lhe bons resultados. As pessoas que o rodeiam estarão dispostas a auxiliá-lo no seu trabalho. Exponha as suas ideias. **Vida física** — Será satisfatória, mas relaxe os nervos por meio de longas caminhadas a pé.



Vida sentimental — Terá sucesso no domínio sentimental. Mas não erre por excesso de sentimentalismo ou de ima-

ginação. Harmonia na vida do lar. **Vida material** — Saiba utilizar a sua habilidade, a sua intuição, para tirar bom proveito das circunstâncias que se apresentarem. Sentir-se-á dono do seu bom equilíbrio mental. **Vida física** — Pequenas erupções cutâneas, provenientes de uma intoxicação alimentar, de uma alergia. Visite um médico.



Vida sentimental — Procure cooperar com a pessoa amada e terá muitos momentos agradáveis junto da mesma. Poderão surgir muitas novidades agradáveis no terreno sentimental. **Vida material** — Se for mais moderado terá êxito nas suas actividades. Seja persistente e tudo lhe sairá bem. Poderão aparecer muitas novidades interessantes, também, no campo profissional. **Vida física** — Será satisfatória no conjunto, se evitar excessos.



Vida sentimental — Dê mais atenção à pessoa amada, de contrário estará sempre em discórdia com a mesma, e muito se aborrecerá. É necessário evitar todo o excesso de ciúme. **Vida material** — Os seus esforços serão recompensados. Verificará que a sua intuição estava certa e encontrará um melhor equilíbrio financeiro. Óptimas perspectivas comerciais. **Vida física** — Seja prudente com a alimentação.



Vida sentimental — Não se deixe influenciar por falatórios alheios, siga apenas os conselhos da pessoa amada. **Vida material** — Pode escrever ao sabor da sua imaginação e criar, segundo a sua sensibilidade, mas não se meta em negócios. Não se deixe levar pelas aparências no seu trabalho. **Vida física** — Indisposições a temer. Organize a sua vida a fim de evitar esgotamentos; poupe os nervos.



Vida sentimental — É possível um aborrecimento de ordem sentimental; talvez por ciúme. Com calma tudo se arranjará. Nada de dúvidas ou complicações. **Vida material** — Não faça compras que possam vir a desequilibrar o seu orçamento. O momento é ainda desfavorável para tudo quanto envolva responsabilidades financeiras. **Vida física** — Estará boa, mas vigie a vista, não a fatigue com uma iluminação defeituosa.

CABELEIREIRO SALÃO ROSSIO

O MAIS CENTRAL DE LISBOA
MANICURE — MASSAGISTA — PEDICURE
Rossio, 93, 1.º, Dt.º Telefone 32 64 31

GRANDE NOTÍCIA A CURA DA CALVÍCIE

7 anos de conhecimento público que atesta por si este grande feito sem um caso de negação. A grande notícia é do CABELEIREIRO GOUVEIA, O PIONEIRO da cura da calvície.

ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES, 27, 1.º-DT.º — TELEF. 55 64 34

NÃO ESCRIVAM

N. B. — TODOS OS TRATAMENTOS SÓ SÃO FEITOS NA CASA. POR ISSO É INÚTIL ESCRIVEREM A PEDIR CONSELHOS. OBRIGADO!


PÊLOS

Extracção radical sem marcas, método recente. Tratamento executado e garantido por técnica diplomada pelas Escolas Oficiais de Paris.

INSTITUTO CIENTIFICO
DE BELEZA NANDY
Rua Filipe Folque, 34-6.º Dt.º
LISBOA — Telef. 4 99 12



ESTE SEMANÁRIO
E TRANSPORTADO
PARA TODO O PAÍS
NOS COMBOIOS DA



Emagrecer OBESYL

NORMAL ou LAXATIVO

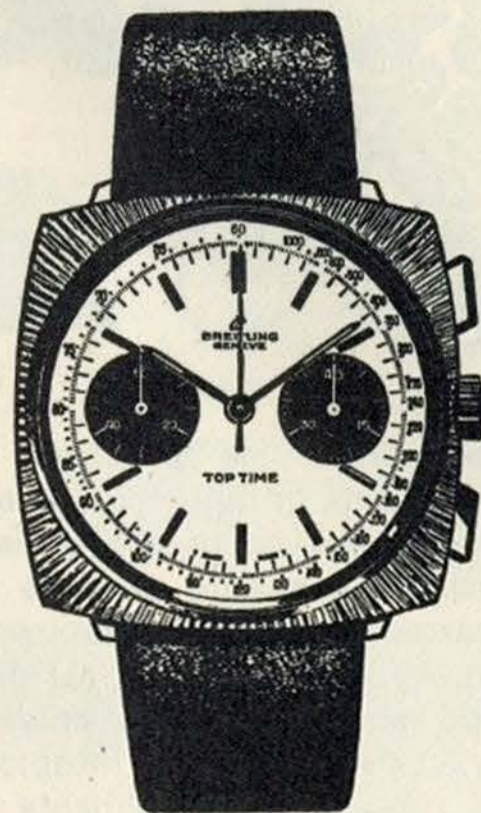
Elimina as gorduras, evita a assimilação, regula o intestino, normaliza o fígado e activa a função renal.

**Perca o peso que quiser
SEM FOME, SEM DIETA, SEM SACRIFICIO**

OBESYL Laxativo — A pontualidade intestinal sem cólicas nem acostumação.

Propaganda (grátis) da FAL — Apartado 2.142 — LISBOA

BREITLING



O cronógrafo não é um capricho da moda.

Pelo contrário, é o instrumento para a medição de tempos curtos, um relógio de múltiplos fins, praticamente um «instrument panel» usado por pilotos e corredores automobilísticos, navegadores e mergulhadores, por homens de negócios e, naturalmente, por todos aqueles que praticam desportos com tempos contados ou cronometrados. E... precisamente porque é um relógio com personalidade, um relógio que não somente nos indica as horas, mas que actualmente também faz cálculos, um relógio com vida própria, o cronógrafo desafia hábitos e modas.

Trocar um relógio vulgar por um cronógrafo não é disparate, é como dar um passo em frente do passado para o presente. Um cronógrafo equipa um homem — ou uma mulher — para a vida como é vivida actualmente.

BREITLING apresenta-vos aqui a primeira colecção do mundo em cronógrafos quadrados — a linha da mais moderna estética actual.

A título informativo queiram enviar-me gratuitamente

- o admirável mundo dos cronógrafos
- o catálogo especial dos modelos Breitling
(marcar com uma cruz o que interessar)

Nome

Morada

Cidade

I. WAKMANN, LDA.

Rua da Madalena, 237-2.º Esq. — Lisboa-2



A CAMINHEIRO DE UMA NOVA MUSICA POPULAR

Como se deve prever, se tentarmos fazer caviar com ovas de sardinha, temos de antemão garantidos dois resultados: não temos nem caviar, nem ovas de sardinha. Sucede que ovas de sardinha enquanto ovas de sardinha é muito bom, e caviar, extraído do conveniente esturjão e suas ovas, é igualmente bom. Agora, pretender tirar uma coisa da outra, dá como resultado não se conseguir coisa nenhuma, com a agravante de se não conseguir nem mesmo um produto que, se bem que mais simples, era igualmente de boa qualidade.

Veio a «parábola» a propósito do texto que se segue e que é um exemplo da megalomania que assalta alguns amadores de «pop» e que os leva a pretenderem exaltar a música sua amada pondo-a em contraste com uma «ultrapassada» música erudita, etc. Afigura-se-nos isto um profundo erro. A música «pop» possui valores próprios que não precisam para nada de comparações para serem considerados como tal. Bem pelo contrário, misturar as duas coisas ao fazer comparações deste teor, é arranjar uma salada de alhos e bogalhos onde quem acaba por ficar a perder é a música.

FLIPIE defende que a música ligeira tem um determinado papel na sociedade (o que é por demais óbvio, pois se não tivesse não existia!) e que é em relação a esse papel que tem de ser criticada, em relação à forma como o desempenha, etc. O mesmo se passa em relação à música clássica. Trata-se de planos diferentes de uma mesma manifestação, e aceitarmos como único critério valorativo a relação entre esses planos e não a forma como cada um corresponde às suas funções próprias é estarmos a fazer o jogo da mistificação e da ausência de espírito crítico.

A música «pop», dos anos 60 para cá, representa um enorme passo em frente em termos de música ligeira, um regresso da música popular às problemáticas reais dos homens, dando-lhes expressões claras, correctas e de forma acessível, significa uma evolução formal espantosa, sob todos os aspectos, que pedagogicamente elevou milhões de pessoas à qualidade de **ouvintes com ouvido**, em suma, a música «pop» foi simultaneamente causa e consequência de uma série de fenómenos de ordem social que, no campo da música, desempenharam o extraordinário papel de devolver a música ao quotidiano do homem, num prisma de qualidade que progressivamente se vai apurando.

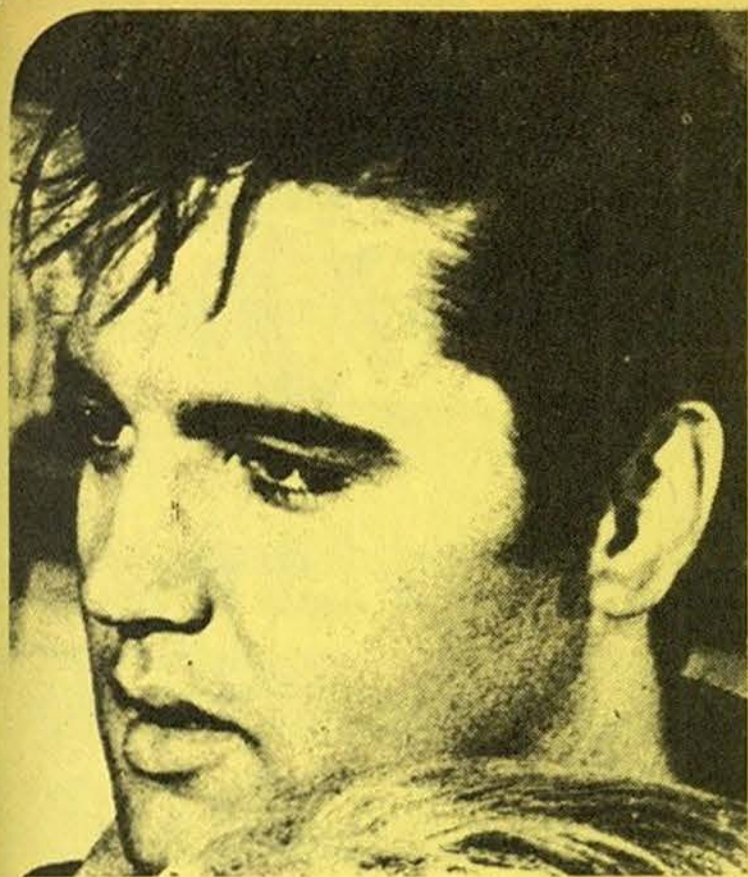
Pergunta-se: é pouco? Evidentemente que não.

Sendo assim, qual a necessidade de estar a sair deste vastíssimo campo de análise para se procurarem valores em comparações abstrusas?

Em todo o caso, o texto que se segue, embora enferme um pouco dessa óptica megalómana, apresenta o seu interesse e FLIPIE chama particularmente a atenção para os parágrafos sobre a guitarra-baixo e o papel da música «pop» enquanto pretexto para dança.

FLIPIE





componentes de uma sociedade com determinadas características e com uma determinada forma de viver.

Paul Hindemith colocou assim o problema: «A nossa música moderna, comparada com a música erudita original, atingiu um elevadíssimo grau de complexidade. Um compositor individual que desconheça este facto, quando quer contribuir para um presumível progresso de música erudita, apenas lhe vem acrescentar mais elementos que aumentam a confusão que essa música já insere — complicação técnica que asfixia o que existe de válido e de comunicação autêntica dentro do músico, tornando as suas composições um amontoado de sons totalmente ininteligíveis e que por vezes são autênticos enigmas totalmente indecifráveis.»

Elvis Presley, The Everly Brothers e outros conjuntos e artistas do tempo do «rock», trouxeram à luz a música negra quando nos anos 50 as suas interpretações atingiram os grandes êxitos de vedetas nos Estados Unidos. E só então artistas como Chuck Berry, Muddy

Waters, Ray Charles, e, mais recentemente ainda, Otis Redding, puderam sair do desconhecimento e produzir a sua música por forma a serem conhecidos e divulgados. Os Rolling Stones e os Beatles nunca fizeram segredo da sua grande admiração pela música «soul». Digamos que os jovens brancos se apropriam das formas musicais tradicionais dos negros, pois estas contêm uma dose muito mais vasta de autenticidade e de possibilidades de expansão de recursos acumulados e não aproveitados, juntando-lhe posteriormente algo de seu. As novas formas «pop» mais avançadas já nada contêm que se possa apontar pertencer directamente à «soul»: é uma nova música, autónoma e completamente elaborada. Jimi Hendrix aproveitou o som electrónico e psicadélico desta «pop music» e construiu em cima o seu novo estilo «supersoul».

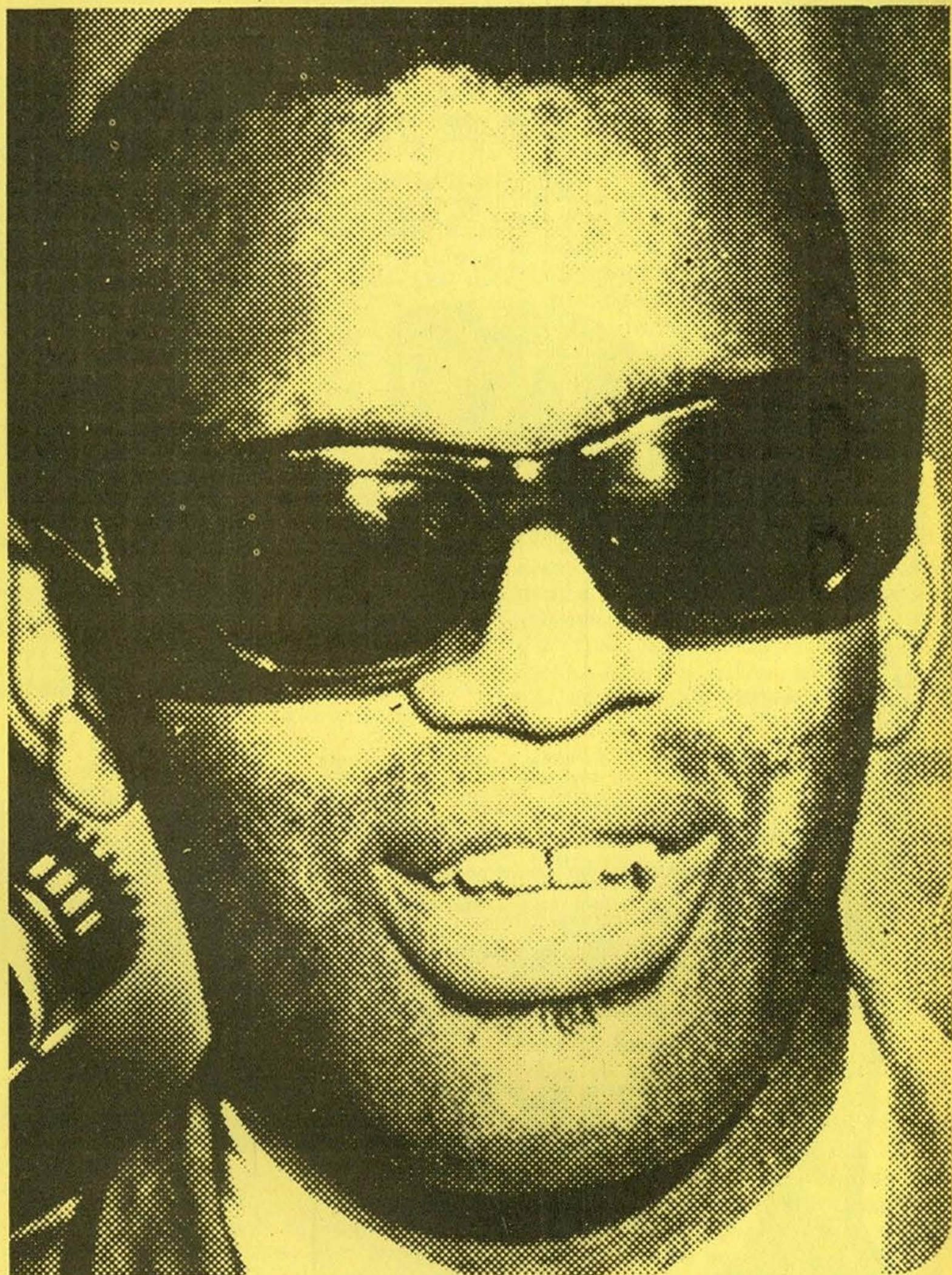
CONTINUA

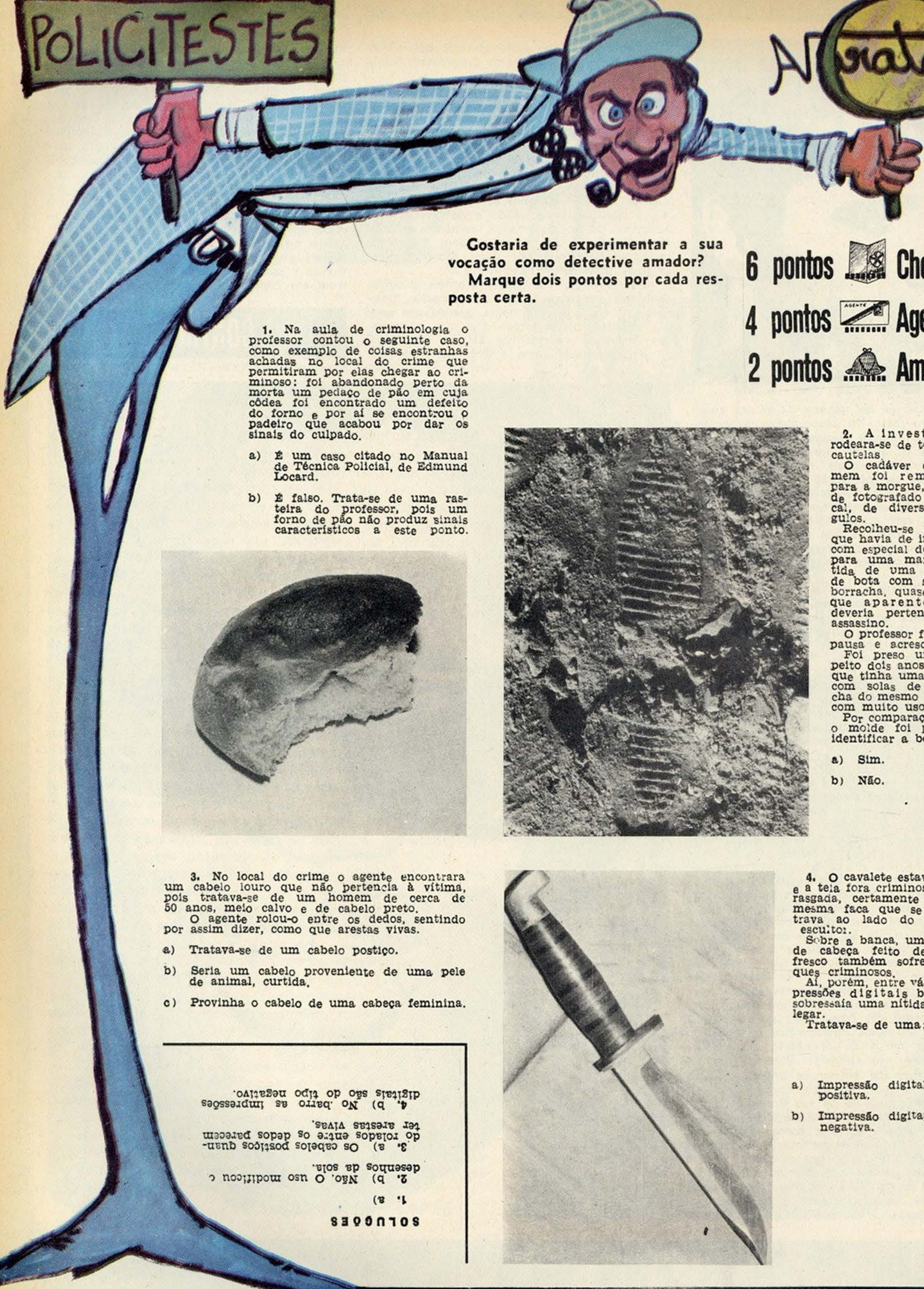
O «rock», um dos géneros da música «pop» que está na base do desenvolvimento posterior da actual música popular com tudo o que esta implica de difusão através das técnicas de divulgação cultural mais recentes e recém-aproveitadas, da introdução de novos instrumentos ou da sua divulgação em larga escala e da criação de um novo tipo de música anglo-americana, está actualmente um pouco esquecido embora todos os dias se encontrem e se ouçam composições directamente filiadas nesse movimento espontâneo mas cujos rótulos actuais são diferentes.

Henry Pleasance escreve no seu livro «A agonia da música moderna», escrito em 1955:

«A música erudita é uma arte morta. Foi esgotado o filão que deu origem a três séculos de incomparável produção musical, historicamente muitíssimo valiosa. Aquilo que hoje em dia é conhecido por música moderna não passa de pouco mais do que algumas pesquisas desenvolvidas no sentido de criar um novo estilo que permita aos músicos e compositores sair do «im-passe» em que se encontram.»

Pleasance deu particular atenção à evolução da música «pop» e do «jazz» embora seja comum a referência à música erudita como um género superior em relação aos géneros populares. A música erudita continua a ser ouvida, comentada, ruminada, para melhor dizer, por um estrato social que se recusa terminantemente a reconhecer o seu isolamento cultural e que reivindica valores sociológicos inadequados à sociedade actual. Toda a música que não seja susceptível de captar uma certa popularidade, pelo menos no seu tempo, revela deficiências: contrariamente ao que normalmente é aceite, a música que actualmente é incluída no conjunto da melhor música erudita foi tocada com inteiro sucesso no seu tempo. A música erudita tenta fazer perdurar um certo aparato técnico que deu origem a um determinado tipo de interpretações composições através das diferentes épocas, aparato esse que caiu totalmente em desuso com o aparecimento das novas técnicas aplicadas à construção de novos instrumentos e à difusão através dos meios de divulgação cultural de massa. Quem não aproveitar estes riquíssimos elementos para daí ensaiar os primeiros passos para a consolidação de uma nova música não está a fazer a música da sua época, e não o fazer significa que a música perderá a sua característica própria de arte como manifestação sociológica da maior importância. Os músicos que enveredaram pela carreira da música erudita gozam de um determinado estatuto socio-económico a que não querem renunciar, fazendo persistir a arte, embora estejam cada vez menos amparados e seja claro o seu significado como



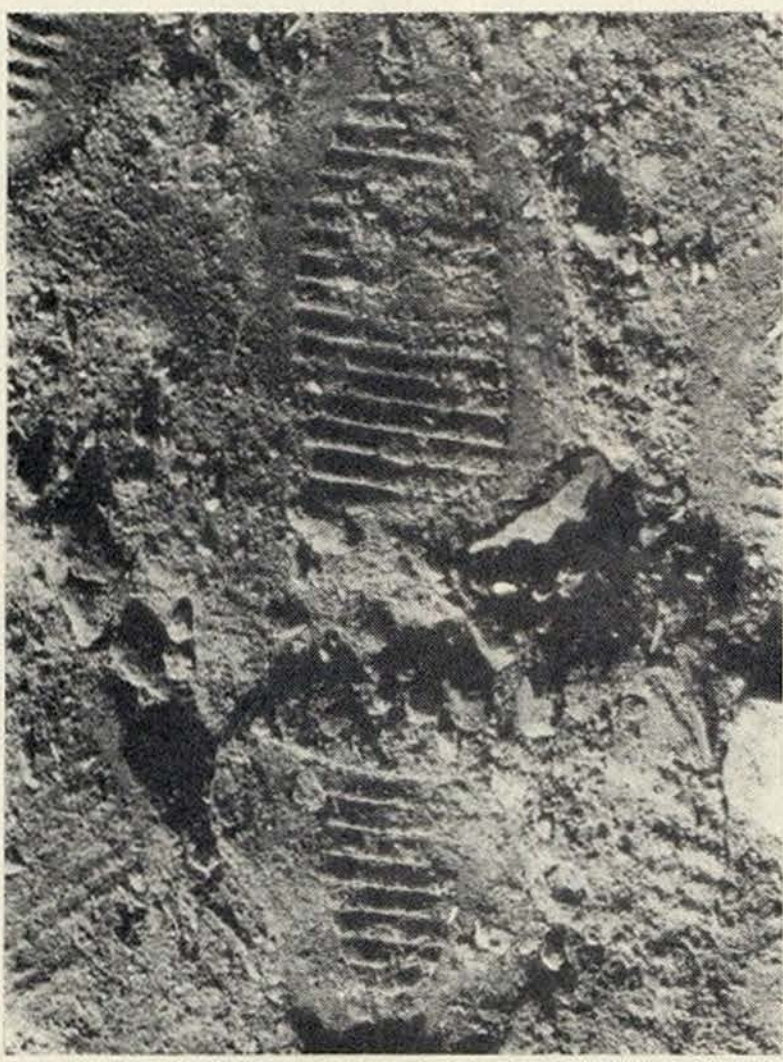
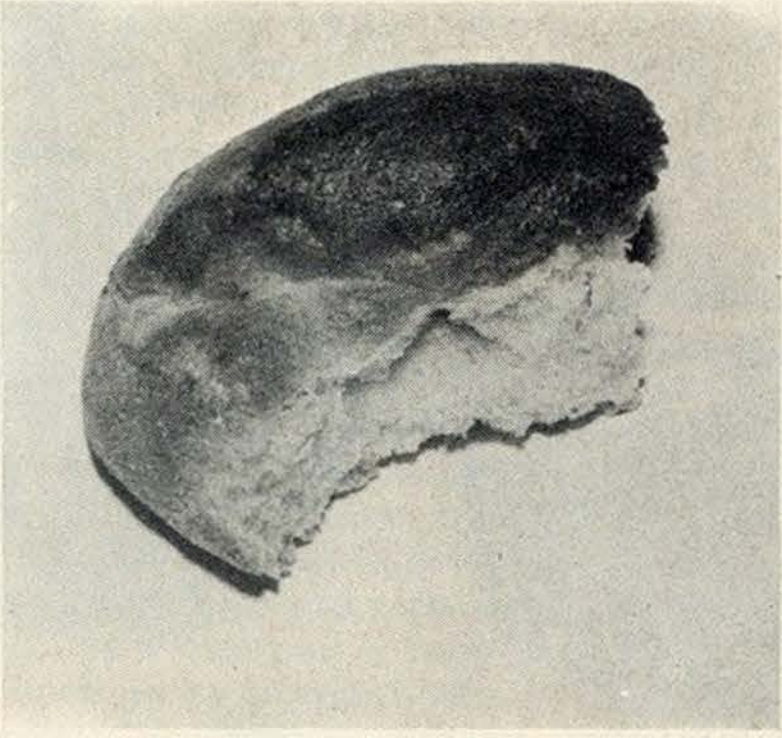


Gostaria de experimentar a sua vocação como detective amador? Marque dois pontos por cada resposta certa.

- 6 pontos  **Chefe**
- 4 pontos  **Agente**
- 2 pontos  **Amador**

1. Na aula de criminologia o professor contou o seguinte caso, como exemplo de coisas estranhas achadas no local do crime que permitiram por elas chegar ao criminoso: foi abandonado perto da morta um pedaço de pão em cuja côdea foi encontrado um defeito do forno e por aí se encontrou o padeiro que acabou por dar os sinais do culpado.

- a) É um caso citado no Manual de Técnica Policial, de Edmund Locard.
- b) É falso. Trata-se de uma ras-teira do professor, pois um forno de pão não produz sinais característicos a este ponto.



2. A investigação rodeara-se de todas as cautelas. O cadáver do homem foi removido para a morgue, depois de fotografado no local, de diversos ângulos.

Recolheu-se tudo o que havia de indícios, com especial destaque para uma marca nítida de uma pegada de bota com sola de borracha, quase nova, que aparentemente deveria pertencer ao assassino.

O professor fez uma pausa e acrescentou: Foi preso um suspeito dois anos depois que tinha umas botas com solas de borracha do mesmo tipo, já com muito uso.

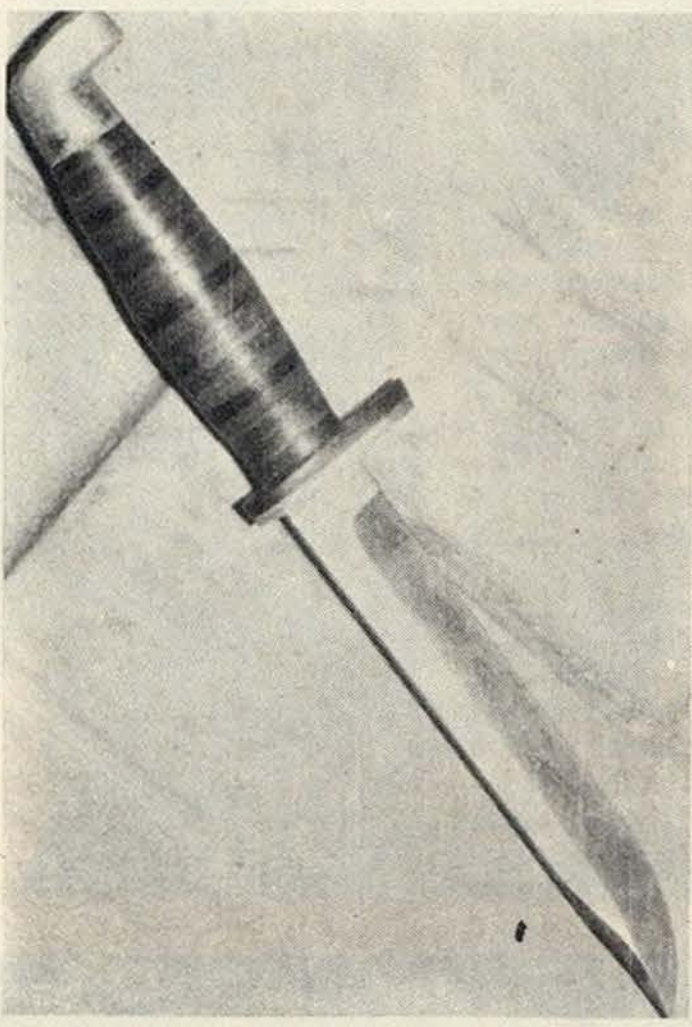
Por comparação com o molde foi possível identificar a bota?

- a) Sim.
- b) Não.

3. No local do crime o agente encontrara um cabelo louro que não pertencia à vítima, pois tratava-se de um homem de cerca de 50 anos, meio calvo e de cabelo preto.

O agente rolou-o entre os dedos, sentindo por assim dizer, como que arestas vivas.

- a) Tratava-se de um cabelo posticho.
- b) Seria um cabelo proveniente de uma pele de animal, curtida.
- c) Provinha o cabelo de uma cabeça feminina.



4. O cavalete estava caído e a tela fora criminosamente rasgada, certamente com a mesma faca que se encontrava ao lado do pintor-escultor.

Sobre a banca, um estudo de cabeça feito de barro fresco também sofrera ataques criminosos.

Aí, porém, entre várias impressões digitais borradas, sobressaía uma nítida de polegar.

Tratava-se de uma:

- a) Impressão digital positiva.
- b) Impressão digital negativa.

SOLUÇÕES

1. a)

2. b) Não. O uso modicou o desenho da sola.

3. a) Os cabelos postichos quando rolados entre os dedos parecem ter arestas vivas.

4. b) No barro as impressões digitais são do tipo negativo.

PARALELO SEM COORDENADAS

Roby Amorim



MATAR A PAISAGEM

O desencontro do português com a paisagem é cada vez maior. As aldeias, os casais, os «montes» abandonados por esse país fora devido ao apelo das grandes cidades ou do estrangeiro começam a esboroar-se, as empenas que seguram os telhados a abater fragorosamente. Há uma sensação de frio — mesmo no pino do Verão — de morte, com os seus laivos de patético. E há, realmente, alguma coisa que está a morrer: o velho mundo rural que nos acompanhava desde o início dos tempos.

E, contudo, o que nos fica para trás, não o vemos partir sem uma ponta de emoção. E, por outro lado, algo nos liga ao que passou: o sonho de infância perdida, a recordação permanente da desejada e sempre desaparecida idade do ouro.

Por isso, essas casas abandonadas, a desfazerem-se à margem dos caminhos nos fazem doer. A seu lado, vão surgindo as pequenas casinhas de férias. Arquitectura sem sabor, fria, barata, com o seu toque de ferro forjado a dar carácter (ao que supõem os proprietários, cimento e janelas fendidas sobre a paisagem. Uma paisagem que atraíam, em que se assemelham a um grito vivo de protesto.

Por esse Mundo fora (França e Inglaterra à cabeça) as vedetas da canção, os novos-ricos, a quem quer que saia a sorte grande ou o totobola debruçam-se sobre os velhos campos (quase tão desertos como os nossos) e compram uma velha quinta aqui, acolá um moinho, mais longe, até, uma cavalariça. O velho mundo de oitocentos, de seiscentos, muitas vezes, rejuvenesce sem perder o carácter, sem atraíam a paisagem. Enchem-se os casarões de mobílias compradas nos antiquários, ou, para os mais modestos, de cópias mais ou menos fiéis. E tudo volta a ser como era, crescendo-lhe as comodidades (?) do nosso tempo: a televisão, a electricidade, a sua piscina.

Mas nós ainda não tivemos tempo de pensar nisso.

LIVROS

Guedes de Amorim



LIVRO-MONUMENTO

Veio a notável biografia do malogrado poeta brasileiro Jorge de Lima das mãos honestas do seu ilustre compatriota Povina Cavalcanti. Ninguém de certeza mais indicado para escrevê-la, mesmo por ter vivido de perto, como de braço dado, muitos dos mais expressivos lances, na sucessão de fases convergentes, da «Vida e Obras de Jorge de Lima». Ora, tendo-se afirmado como médico, e, nos horizontes artístico-literários, até como pintor e romancista, o homem Jorge de Lima, admirável e extraordinariamente dotado, nasceu poeta e poeta sempre se consagrou. Povina Cavalcanti, que como ele veio ao Mundo em Alagoas, na mesma atraente cidade chamada União, às margens do rio Mundaú, lembra-o com afecto que não exclui inteira verdade biográfica e adequado espírito crítico. Que vida e exemplo! Na alma de Jorge de Lima aberta a tudo, de perto ou de longe, lá está, forte, genuína, ingénua, promovendo-se desde os encantos folclóricos da terra natal até à projecção no mundo subjectivo, e sempre forte ou amadurecida, a desentranhar-se em frutos de poesia gloriosa, a vocação verdadeira do poeta que não se esqueceu nunca de que era homem entre os homens. Povina Cavalcanti, recordando-o a si mesmo se vai recordando, já que, próximos um do outro, até por laços de família, na vida do biógrafo se gravaram indelévelmente, diga-se (quase), todos os gestos e pensamentos de quem, na hora de maior altura, escreveu «A Túnica Inconsútil». Por todos os motivos, preciso é conhecer, pois, «Vida e Obra de Jorge Lima» para definitivamente se conhecer a vida do homem-poeta a quem, por motivos assaz profundos, chamaram o Claudel brasileiro. Da legitimidade da classificação nos dá P. C. abundantes razões, pois a sua obra, na bem conseguida arquitectura biográfica, é também ensaio, valendo assim este livro grande de 300 páginas, com muitas gravuras, como monumento primeiro ao saudoso Jorge de Lima.

HUMOR

Carlos Pinhão



PRIORIDADE OU... PIORIDADE?

Conta-se que, ao tempo em que Armstrong corria para a Lua e Agostinho corria para Paris...

...Ou, se se preferir (porque aí, precisamente, é que está o busílis), ao tempo em que Agostinho corria para Paris e Armstrong corria para a Lua...

...O busílis é, pois, de prioridade (ou de pioridade?) e conta-se que (ao tempo...) fez-se algures, na nossa rádio, inquérito público precisamente sobre o assunto:

— A que atribui você mais importância: às proezas de Joaquim Agostinho na Volta à França ou à conquista da Lua pelos astronautas americanos?

Esmagadora maioria, fosse ou não por patriotismo, dava seu voto ao famoso ex-cavador que, por isso mesmo, de tanto cavar em Brejenjas, também naturalmente «cavou» nos Alpes e nos Pirenéus...

A Lua, ligeiramente mais acima, não suscitava assim tanto entusiasmo, até que desprevenida depoente saiu-se com esta:

— Eu acho que tem muito mais importância a chegada dos americanos à Lua...

...Isto numa altura em que Joaquim chegava à meta de Vincennes.

O locutor... teve que lhe dizer:

— Calcule que a senhora é a primeira pessoa que me dá essa resposta.

...Então, a senhora, confundida, envergonhada, gaguejou, desculpou-se como pôde:

— Bem... É que... Talvez... Sabe... Eu disso de futebol não percebo nada.

Ora eu tenho a certeza de que, se pusessem a questão ao próprio Joaquim Agostinho, homem bom, homem da Terra, ele seria o primeiro a dizer:

— Ó amigo, não brinque comigo... Então isso é lá coisa que se compare!

De qualquer modo, sempre pomos a questão também aos nossos leitores:

— Agostinho e Armstrong?

— Armstrong e Agostinho?

Ou, salomònicamente, para evitar melindres, na terra, no mar e no ar:

— Armstinho e Agostrong?

CONCURSO «TRÊS DATSUNS PARA VOCÊ!»

ATENÇÃO

Os cupões do concurso são independentes e a cada um corresponderá um número que habilitará ao sorteio.

Portanto, poderá habilitar-se com um só cupão ou com quantos desejar.

GOLF

IV CAMPEONATO INTERNACIONAL DO NORTE DE PORTUGAL

7 a 10 de Agosto/69

patrocinado por:



B.P.A.
C.SANTOS
CIDLA
CORTEL
EFACEC
HOECHST
LUSOTUFO
MOLAFLEX
OLIVA
ROBBIALAC
SANDEMAN
SICAL
SUPER-BOCK
TAP
VIDAGO

CLUBE DE GOLF DE MIRAMAR ••• PRAIA DE MIRAMAR

M/ 6 ANOS



espiral

— Está lá? É a Teresa? Ó filha desculpa maçar-te a esta hora, mas tenho de desabafar com alguém. Imagina tu que o meu casaco verde, sabes, aquele que tinha a raposa que o Zé me trouxe ... Quiz pô-lo ao ar, como costumo fazer durante a estação quente, e que vejo eu? Já não tem raposa. Tem gato. E pelado. A traça roeu a minha rica pele até ao pelo ...

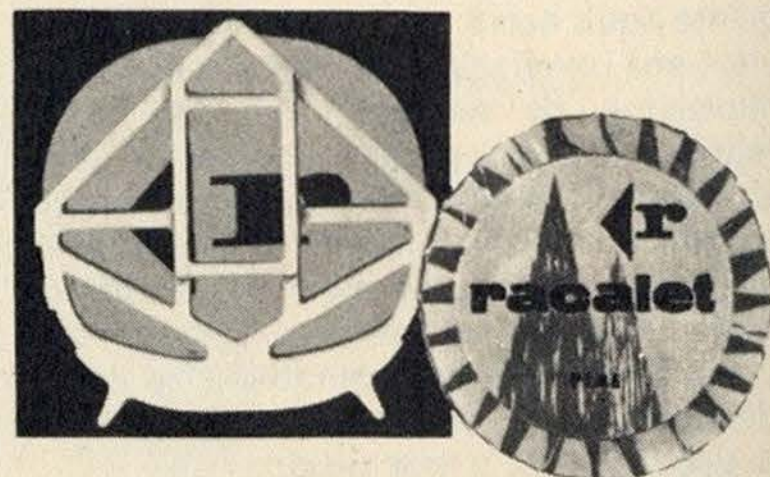
— Coitada! Mas olha que a culpa é tua. Pois não te lembras do que a Dona Helena nos disse em casa da Becas: «Pois eu, cá, minhas ricas, nem bolinhas nem bolotas. Apesar de ser velha não gosto de cheirar a naftalina! Ponho RACALET em todos os roupeiros. E, com RACALET, nem traça da traça!

— Tens razão. Agora me lembro que até acrescentou que RACALET perfumava o quarto ...

— Vês tu?

“QUEM TINHA RAZÃO ERA A DONA HELENA”

racalet combate a traça.



Representante exclusivo: **F. LIMA & Cª SUCR., LDA.**
À VENDA NAS MEHORES PERFUMARIAS E DROGARIAS

CINEMA

**Lauro
António**



REPOR KAZAN: «A LUZ É PARA TODOS»

Excelente exemplo do cinema newdealiano, com todas as suas irrealizáveis utopias, o optimismo dos grandes temas, o recurso confiante à consciência dos espectadores, o didactismo de quem pensa o cinema instrumento influente no jogo político e social de um país, eis *A Luz É para Todos*, filme datado de 1947, agora reposto, e onde Elia Kazan debate o problema do anti-semitismo. *Gentleman's Agreement* (assim se chama a obra no original) é pois um filme resolutamente comprometido numa luta pela justiça e pela liberdade. Elia Kazan viveu com ardoroso entusiasmo essa luta pelos direitos humanos, pela dignificação de todos os americanos, qualquer que seja o seu credo religioso ou político. 1947 marcava, porém, uma data na história política da América. Kazan teve talvez a consciência de que, dentro em breve, a intolerância e o fanatismo irão perder para sempre a herança de Roosevelt. A presidência de Truman descortinava já e perseguia «as feiticeiras» que mais tarde McCarthy caçaria com denodado empenho. Talvez prevendo os anos de escuridão, Kazan pôs na boca de um dos seus personagens uma frase como esta: «Todos nós somos americanos. Uns, porém, são católicos, outros protestantes, outros judeus. Não deturpemos uma Constituição que dá a possibilidade a todos de exprimirem as opiniões e os credos que entenderem». Também neste empenho pela salvaguarda dos textos históricos de Thomas Jefferson, Lincoln e Washington, também nessa confiança total nas Constituições votadas a quando da independência, também aqui poderemos ver um entusiasmo transbordante que tornava desmedida a confiança dos cineastas que atravessaram a época áurea do New Deal. Muita coisa se passou entretanto e o tempo curtiu amargamente o rosto de um continente. O de Kazan também.

ARTES PLÁSTICAS

**Fernando
Grade**



PINTURA ASIÁTICA...

Álvaro Lapa expõe na Galeria Buchholz uma pintura que tem que ver com o que de mais profundo e antigo anda no Homem: o seu poder para transfigurar as coisas, interiorizando-as. Mesmo a uma pessoa pouco familiarizada com o fenómeno artístico—se porventura entrar na Buchholz—acontece aperceber-se facilmente de que «há qualquer coisa de especial»... nestes trabalhos de A. L. Estamos, de facto, perante uma pintura sóbria, linear, mas de grande sedução, diremos mesmo uma pintura carregada de indisfarçável magia, que quase parece feiticismo. Se é verdade que o feiticista sobrestima a parte a desfavor do todo, também na arte deste A. é visível o processo em que a figura humana é reduzida à dimensão de um amuleto, um totem: o corpo humano não passa, intencionalmente, de um contorno muito tosco, primitivo, tudo isto contribuindo para a instauração de uma ideia fixa. Não obstante, manifesta-se em A. L., desde já, uma notável coerência interna, que lhe assegura um toque pessoal, um estilo cabalmente conseguidos.

Deparam-se-nos nesta mostra seis trabalhos referentes a Milarepa, que foi um poeta, eremita e feiticeiro tibetano. Apesar de todos os trabalhos se inserirem, tanto quanto possível, num plano rigoroso, os óleos sobre Milarepa denotam, pelo seu desnudamento—e mais do que quaisquer outros— a indiscutível solidão asiática. Destaca-se, nesta série, digamos assim, Milarepa no «Castelo do Lótus da Gruta», que se afigura como a proposta mais válida. Ao invés, a obra mais afectada por uma ideia representativa, tradicional, no que diz respeito a processos técnicos e ambiência, é, sem dúvida, «Homem sem esforço, sem propósito, sem utilidade».

«Excepto um coração alegre, nada lhe é deixado», «Longe do barulho dos homens e dos cães», «O construtor da casa» e «Na liberdade do seu próprio suporte» permanecem mormente na retina.

CLARO ESCURO

**José
Mensurado**



REGRAS ELEMENTARES

«Na grande razia que abala praticamente todas as ideias sobre as quais nós temos vivido ao longo dos séculos, uma evidência triunfa e que nada, pelo contrário, veio alterar: a necessidade de receber e de fazer conhecer, de procurar e de transmitir, de compreender e explicar— com a condição de tudo isto se fazer à margem de qualquer pressão e também de qualquer sistematização segundo as «grilhetas» antigas. A solidez das sociedades sabe-se que é feita através da soma das coisas preconcebidas. Quando as sociedades explodem, chega a hora dos mediadores.» (Jean Daniel in «Le Nouvel Observateur»).

É evidente que o jornalista assume, hoje, por todas as razões, uma importância redobrada, exigindo-se-lhe, talvez mais do que competência profissional e talento, exemplar integridade moral, honestidade, equilíbrio, bom senso, coragem, carácter e a noção exacta da tremenda responsabilidade que sobre ele recai quando reporta ou comenta, seja o que for. É importante amar as palavras, mas é fundamental que a esse amor não seja sacrificada a verdade, que os factos não sejam distorcidos em holocausto ao autodeslumbramento do exercício literário, que a análise e a crítica não se subordinem ao «parti-pris» (positivo ou negativo) e que a razão e a verdade não cedam à tentação da demagogia.

Sei que isto é primário. Sei que isto é o ABC da profissão. Mas apetece-me recordar estes princípios de uma ética que, de vez em quando, sofre tratos de polé por uns quantos frustrados que, investidos na função de plumitivos, esquecem o respeito que devem a regras elementares na sua sofreguidão de êxito e sacrificam tudo— pessoas e factos— à paranoia que deriva de uma longa hibernação e a traumatismos físicos e psíquicos de que ninguém tem culpa.

CINCO ANOS NAS PRISÕES RUSSAS

(Continuado da pág. 53)

Esclareci que não era nem fora fascista e ele perguntou-me de onde era eu oriundo. Ao saber que era americano, inquiriu dos preços da comida e das bebidas na América, mas eu estava demasiado preocupado para manter a conversa. Chegou então, com cumprimentos de Nordman & companhia, um completo lote de especialidades como manteiga, pão branco, salame, queijo holandês e excelentes cigarros, albaneses, cuja falta eu sentia mais do que o resto. Apontando para o enchido, o guarda comentou que eu devia ser um «cliente muito especial», pois tratava-se de produto vindo directamente do centro abastecedor do K. G. B., em Minsk e não estava à venda, nas lojas para o público. Custava, quando aparecia, seis rublos por quilo. Calculou imediatamente, que isso era o equivalente a dois dias e meio do seu salário, se quisesse e pudesse adquirir um quilo desse salame «tipo Moscovo». Ofereci-lho, inteiro, mas não quis aceitar: disse-me que seria melhor eu ficar com ele, pois não voltaria a ser contemplado com tal luxo durante muito tempo. E tinha razão. Quanto ao maço de cigarros **Dukat**, estava vazio, às 5 da manhã.

Apesar dos avisos ameaçadores do guarda que, à meia-noite, rendeu o anterior, pretendendo que parasse de caminhar na cela, continuei a fazê-lo. Na minha cabeça fervilhava toda a espécie de pensamentos diabólicos e aterradores. Inicialmente, abria e fechava os olhos para me convencer que estava onde estava. Tomei o pulso para me certificar de que batia e até me belisquei para me assegurar de que doía. De vez em quando, assaltava-me a esperança de me ter sido injectada alguma droga e que tudo não passasse de efeitos de uma alucinação prolongada. Mas, não era. Tudo em meu redor existia. Incluindo as letras russas do regulamento pendurado na parede.

Acordou-me um grito arrepiante proveniente de uma das celas. Era um grito invulgar, assustador, impossível de esquecer. Encostei o ouvido à pesada porta, mas o grito não se repetiu. Pela frincha existente entre a porta e o chão, viam-se botas a caminhar serenamente sobre a grossa passadeira do corredor. Houve um ligeiro reboço no extremo deste corredor e depois tudo sossegou. Mas, o grito repetiu-se quando alguém foi arrastado em frente à porta da minha cela. Perguntei a mim mesmo como seria a cara do que gritava.

Durante algum tempo, julguei-me com sorte. Mas Nordman em breve, decidiu exhibir a panóplia dos métodos soviéticos, que se incluem o pão branco, também, não excluem a brutalidade. À disposição dos prisioneiros encontravam-se publicações antiocidentais e clássicos marxistas, como depreendi da visita do bibliotecário da prisão, que além da oferta de material de leitura se prontificou ainda, a enviar para o correio, uma carta destinada à minha família, sob «palavra de honra comunista». Pareceu-me tão sincero, que confiei nele. Poucos minutos depois, de escrita, a minha carta estava em poder de Nordman.

Segredo

O guarda informou-me que, em consequência dessa violação do regulamento, iria passar cinco dias no segredo. Quando vieram buscar-me, recusei-me a sair. Um oficial ordenou a um guarda que trouxesse algemas. Encostei-me à parede e, como arma, agarrei na tampa da «paracha». O guarda fechou imediatamente a porta e abriu o postigo. Aconselhou-me calma e ofereceu-me um cigarro. Quando estendi a mão, através do orifício, para agarrar o cigarro, alguém escondido ao lado segurou o meu pulso e passou-lhe uma algema. Depois de reabrir a porta completaram a tarefa.

Lembro-me de, no segredo, ter lido a inscrição

«Made in Spain», gravada nas algemas e de ter procurado, febrilmente, uma explicação para isso. Incapaz de dormir, só conseguia pensar que os mais úteis e mais preciosos anos da minha juventude iam ser assim perdidos — previsão sombria que veio a confirmar-se.

Os meus conhecimentos do vocabulário russo não me permitiram entender a primeira parte do grito de um guarda, horas depois: «Podyon! (Levantem-se!), porém conclui serem seis da manhã e os presos estarem a ser acordados.

Apreendi a reconhecer as pancadas nas paredes, dadas pelos outros prisioneiros, para comunicarem, contudo, só depois de ter conseguido apanhar uma nota atirada do pátio, por prisioneiros em exercício, com o significado do código, passei a poder interpretar as pancadas. O meu vizinho indicou-me também como conversar com ele, por pequenos períodos, pelo expediente de falar para uma chavena de metal encostada à parede, e ouvir por ela, procurando, assim, minorar o isolamento.

Eram muito raros os guardas em quem podíamos confiar e aqueles que me mereceram confiança acabaram por me fornecer indicações preciosas quanto ao funcionamento da prisão e à secção de investigações. Só os guardas realmente russos se mostravam humanos; os bielorrussos, que eram a maioria, eram os piores e muito traiçoeiros. Reunindo as informações das fontes todas, apurei que o presídio albergava 84 detidos, que em princípio nada podiam saber uns dos outros.

Após três dias de desassossego e ansiedade, fui levado à sala 419. Foi-me, finalmente, apresentado um auto de prisão oficial contra mim. A instrução do processo cercava-se, agora, de mais formalidades. Kasich transcreveu todas as frases com que eu respondi às suas perguntas. Repetidas vezes Nordman entrou na sala com uma garrafa de «cognac» da Geórgia, manifestando a esperança de que uma bebida espirituosa me estimulasse e me fizesse perder a obstinação. Recusei educadamente, exclamando nada mais ter a confessar.

Certo dia surgiu outro «civil», que se apresentou como major. O estilo americano do fato que envergava surpreendeu-me. Fez questão de falar num inglês ligeiramente hesitante e acabei por saber que vivera em Nova Iorque. Informou-me que lhe haviam sido conferidos plenos poderes, incluindo o de promover a minha libertação. Mas o preço da liberdade era o mesmo que os outros já haviam proposto. Este episódio acabou por confirmar o papel duplo dos funcionários soviéticos em comissão no estrangeiro, do qual até então eu apenas ouvira falar.

O K.G.B. tentou, ainda, um outro truque medieval contra mim. Foi-me concedido um companheiro de cela, a fim de minorar o estado de depressão em que me encontrava. Era um prisioneiro autêntico, mas não tinha, realmente, aptidões para desempenhar bem o seu papel de «nasyedka» (calão russo para «espião na cela»). Teve vários deslizes, em conversa, e acabou por confessar, muito emocionado, que lhe havia sido prometido um encurtamento na pena se conseguisse obter informações valiosas acerca de mim. Tive pena dele e o nosso conhecimento acabou por tornar-se em amizade. Como não foi capaz de contar senão a verdade acerca de mim, acabou por ser transferido e considerado incompetente para o efeito.

Julgamento

O meu julgamento começou a 14 de Abril de 1962, no tribunal distrital de Minsk. Cinco soldados bem armados escoltaram-me até lá. Embora o julgamento devesse ser público, ninguém estava a assistir e a única testemunha de acusação era o tenente Issayouk, meu companheiro no expresso de Berlim. O juiz Nicolayev, presidente do tribunal distrital, e dois assessores, constituíam o «tribunal do povo», que os soviéticos proclamam orgulhosamente ser o mais justo do Mundo. O juiz Nicolayev, um bielorusso de fala mansa com cerca de 40 anos, começou por parecer-me culto e inteligente. A seu lado encontrava-se uma mulher bem nutrida, que me lembrou uma típica tractorista de «kholkoz» ou uma guarda de celeiro, das que aparecem em muitas

ilustrações na Rússia. Do outro lado via-se um homem pequeno, magro, de aspecto doente, com cerca de 30 anos. A julgar pela sua expressão ensonada, devia ter passado a noite a trabalhar, em horas extraordinárias, numa fábrica. Tinha a camisa suja e amarrotada e não estava barbeado.

Nicolayev leu o libelo acusatório. Continha, em primeiro lugar, a minha biografia, escrita de tal modo que eu parecia o tipo exacto de suspeito por espionagem. Eram destacados os meus antecedentes sociais e caracterizado como descendente de uma «clique burguesa hereditária», tendo os pais fugido em virtude da revolução de 1918. Referia a minha educação em «escolas especiais» americanas, as minhas viagens à América Latina «por razões desconhecidas» e a minha relutância em regressar à Democracia Popular da Polónia. Fazia referência a um bocado de sabonete embrulhado num impresso de hotel, que se presumia que eu deveria querer entregar a agentes estrangeiros! Até os meus contactos íntimos com uma senhora russa, em Moscovo, eram descritos.

As acusações oficiais ocupavam, apenas, uma página do volumoso processo. O procurador Zubar, que representava a acusação pública, discursou sobre o mundo capitalista e a baixa moral que ele engendrava. A sua alocução demorou uma hora e durante ela exaltou as virtudes da «gloriosa» revolução de Outubro, que trouxe «liberdade» e «felicidade» aos oprimidos. Nas suas invectivas, condenou especialmente os imperialistas americanos e alemães ocidentais, que nas suas convulsões decadentes de agonia, faziam todos os esforços para minarem aquilo por que os pais da revolução se haviam sacrificado. No seu discurso puramente político, que é típico nos processos soviéticos, Zubar afirmou:

— Camaradas juizes! Sob os golpes destruidores do heróico exército soviético, a gigantesca força negra do fascismo foi aniquilada e a Europa foi liberta da tirania. Há, ainda, porém, locais do Mundo, em que o clique fascista, com a ajuda e protecção da América e com a bênção do governo neo-fascista alemão, continua a impôr as suas directivas às classes trabalhadoras. Mas os seus esforços serão baldados. O tempo caminha a nosso favor e não se passará muito tempo até que os últimos bastiões da dominação fascista caiam por terra. A História será a nossa testemunha!

Fez-me perguntas sobre as minhas duas máquinas fotográficas, sobre o «flash» e os binóculos, bem como sobre os mapas de Moscovo e Leninegrado, encontrados na minha mala. Zubar perguntou-me se fora Washington ou Londres quem haviam financiado as minhas despesas de viagem. O seu discurso fora tão bem ensaiado que o estenógrafo não conseguia acompanhá-lo. Na sua declaração final, apontou o extremo «perigo social» do meu «crime», que contribuía para a subversão do sistema monetário soviético e referiu que a minha personalidade era um produto e um reflexo da mentalidade e do ambiente capitalista. Exortou o tribunal a condenar-me e a privar-me da liberdade durante cinco anos, devendo ser-me confiscados os objectos pessoais.

Em face do violento ataque contra mim, o meu defensor, nomeado pelo tribunal, foi incapaz de defender-me e lamentou apenas de que três dos meus dentes houvessem saltado na sala de «confissão», reconhecendo, assim, que eu fora brutalizado. Mas o tribunal não procurou investigar.

Após um breve conciliábulo, a sentença foi pronunciada: o pedido de Zubar foi satisfeito. Confesso honestamente que após 5 meses de investigações morosas e de 89 humilhantes e violentos «interrogatórios», senti-me aliviado. A minha experiência ensinara-me já a não esperar benevolência. Tudo o que queria era ser enviado para uma prisão vulgar, onde pudesse encontrar-me em paz. Enquanto era reconduzido do tribunal, lembro-me que me ocorreram súbitamente os felizardos que vivem, em paz, em Vainikkala, a pequena cidade fronteiriça da Finlândia.

Não obstante a sentença, que ordenava a minha detenção, nos dois primeiros anos, numa prisão comum, a minha partida só veio a verificar-se seis meses mais tarde. A K. G. B. tinha, ainda, esperanças de que eu «falasse». Nunca acreditaram que eu

MÚSICA**Maria Helena
de
Freitas****NA ESTUFA FRIA**

O Município lisboeta, numa intenção muito louvável, desde longa data que procura proporcionar à população mais modesta da capital manifestações musicais absolutamente grátis. E se os resultados artísticos nem sempre são dos melhores, o princípio em si está certo.

Na corrida permanente em que andamos todo o ano não nos tem sobrado tempo para assistir à maior parte dos concertos que se realizam na Estufa Fria. Mas lá pudemos agora dar uma saltada, precisamente numa noite bastante amena de temperatura. O programa era um tanto insólito: na 1.ª parte o Coral Luísa Todi e na 2.ª a Tuna Comercial de Lisboa.

O coro setubalense apresentou obras muito diversas entre si e de valor desigual, desde alguns trechos de Bach, Haendel, Vitória e Filipe de Magalhães a canções populares, cujas harmonizações nem sempre primaram pelo bom gosto. Nestas não incluímos, evidentemente, uma canção trabalhada por Fernando Lopes Graça, compositor de que também se ouviu, em 1.ª audição absoluta, um belo **Salmo**. Jorge Manzoni, o regente do Coral Luísa Todi, conseguiu versões escuras.

A actuação da Tuna Comercial de Lisboa, dirigida por Manuel de Sá Machado, revestiu-se para nós de um interesse misturado de curiosidade, pois tais conjuntos instrumentais são hoje, por assim dizer, anacrónicos. Mas, além de tudo isto, estava-nos reservada uma grata surpresa. A de ouvirmos duas excelentes vozes, a de António Silva, que cantou com expressão a conhecida **Serenata** de Tósselli, e a de Mercedes Muñoz, que demonstrou, ao longo da não menos conhecida valsa **Il Baccio**, de Ardit, qualidades que lhe permitem enveredar por um caminho cheio de êxitos. António Silva e Mercedes Muñoz (para nós, até agora, completamente desconhecidos): eis dois elementos que recomendamos à atenção do dr. Serra Formigal, director do Teatro da Trindade, para a Companhia Portuguesa de Ópera.

TEATRO**Manuela
Martins****O MISTÉRIO DOS ACTORES
DESAPARECIDOS**

Há uma coisa que sempre me fez muita confusão: o que acontece aos actores que saem, todos os anos, do Conservatório Nacional? Realmente nunca são muitos... 4... 5... mas 4 ou 5 pessoas não desaparecem, assim, sem deixar rasto!

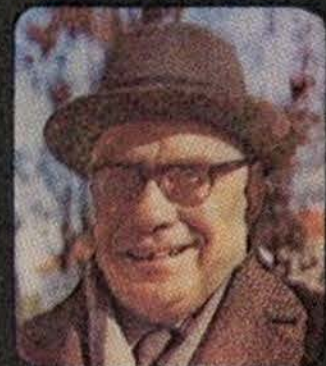
A Companhia do Teatro Nacional, por lei, é obrigada a contratar os dois melhores classificados, durante uma época. E, geralmente, é a isso que se resume a carreira das mais talentosas esperanças do ano — uma época na prateleira do Nacional, com direito a um pequeno papel, numa reposição que ninguém vê.

Carlos Avilez, que dirige a única companhia constituída quase exclusivamente por jovens (agora já um pouco menos jovens), diz que não quer actores que venham do Conservatório, defeitos por defeitos, que os apanhem directamente em Cascais.

Mas, se há tanta falta de gente nova no teatro, se os empresários andam sempre a queixar-se que não há «ingénuas», que não há «galãs», que não há... etc., porque é que estes actores não conseguem uma oportunidade, porque é que se contentam em representar no dia do exame, porque é que desistem? Talvez verifiquem que, afinal, tinham, era vocação para dactilógrafas, empregados bancários, locutores, jornalistas? Talvez as raparigas casem e os maridos as proibam de trabalhar no teatro, um meio tão perigoso...

E a nova geração continuará a ser eternamente o João Perry, o João Lourenço, o Rui Mendes, a Henriqueta Maya, a Maria do Céu Guerra, a Florbela, etc., a maioria dos quais nem tem o curso do Conservatório. E a Guida Maria e a Leonor Poeira continuarão a ter exclusivo das filhas do teatro português.

Se a maioria daqueles que conseguem ser actores não têm o curso do Conservatório e se a maioria daqueles que têm o curso do Conservatório nunca chegam a ser actores, para que serve afinal o curso do Conservatório?

POLÍTICA**Carlos
Ferrão****A POLÍTICA ASIÁTICA**

É de rezear que a digressão do presidente Nixon por alguns países asiáticos tenha aumentado, em vez de dissipar, a confusão que neles já reinava antes da sua partida de Washington. Na impossibilidade de ressuscitar a S. E. A. T. O. há muito morta, os lugares-comum do presidente foram fórmulas ultrapassadas. A sua promessa de defender a Tailândia de qualquer ataque lançado contra este país denuncia o ambiente de irreabilidade em que decorreu o périplo presidencial. Sobre a sorte do Laos ninguém tem dúvidas e a agitação que se propagou ao Camboja, e de que se registaram sintomas reveladores enquanto Nixon percorria as etapas da sua viagem, faz prever para breve novos acontecimentos nesses países. A profunda impressão causada pelo êxito da Apolo-11 não podia substituir e não substituiu a urgência de oferecer a povos directamente ameaçados pela subversão uma política diferente daquela que ruiu no Vietname e sem a qual a influência ocidental na Ásia corre o risco de desaparecer, talvez definitivamente.

O drama dos Estados Unidos resulta da sua incapacidade, neste momento, de definir a política e a estratégia a pôr em prática nesse continente de importância vital para o povo americano e para os aliados deste. São inconciliáveis a promessa de defender a Tailândia e a retirada dos americanos do Vietname e a decisão anunciada de aceitar a divisão — que seria a segunda, deste pobre país, pois essa divisão reeditaria a sentença da conferência de Genebra de 1954 e constituiria o prólogo de uma nova guerra em que os americanos seriam envolvidos, independentemente da sua vontade. São estas as consequências de não adoptar, oportunamente, as soluções cabais que os problemas impõem, substituindo-as por algumas receitas ditadas pelo oportunismo e pelo egoísmo nacional. A política e a estratégia dos Estados Unidos no Sueste asiático foram, até hoje, dessa espécie e daí a sua ineficácia.

nada tivesse para dizer. E os seus truques sádicos e habilidades pareciam não ter fim.

Transferência

Fui levado ao gabinete do chefe do K. G. B. na Bielorrússia, general Petrov, o funcionário de maior categoria em toda a República. Disse-me sem rodeios que, enquanto aguardava o resultado do apelo que interpuzera para o supremo tribunal da Bielorrússia, tinha, ainda, tempo para mudar de parecer. No caso de «confessar», ele próprio pediria ao tribunal que revogasse a sentença. Caso contrário, pediria ao tribunal que me julgasse ainda mais severamente, pois a sentença fora insuficiente. No regresso à cela um guarda, em tom de desculpa, comunicou-me que teria que passar quinze dias no segredo, por não ter mantido as mãos cruzadas atrás das costas, enquanto era escoltado, à saída do gabinete de Petrov!

Desde então, fui frequentemente posto no segredo, em cuja cela eram visíveis numerosas inscrições de estrangeiros que me tinham precedido. No final de Setembro, encerrados os esforços de Nordman e de Kasich, para me quebrarem, um guarda confidenciou-me que eu ia ser transferido de Minsk para uma prisão comum. A alegria apressou-se de mim. Nada podia ser pior do que o sítio onde estava.

A 4 de Outubro iniciei a minha viagem numa «Carocha Negra», o nome porque são conhecidas as carruagens-prisão do K. G. B. Dirigimo-nos para Mogilev, a cerca de 200 km a leste de Minsk. Uma vez mais vi uma grande porta fechar-se após mim — numa prisão que era realmente maior do que parecia de fora. Tinha dois andares, o primeiro em parte subterrâneo. Erguia-se em torno de uma praça, no meio da qual se situava a torre de vigia, de onde as sentinelas vigiavam o pátio de exercício. Havia 259 celas, cada qual de 4^m,30×3^m, para quatro prisioneiros, embora chegassem às vezes a conter oito. Conquanto o colchão que me foi dado estivesse abjectamente podre, a comida não pareceu, inicialmente, má, à excepção de uma mal-cheirosa sopa de peixe. Nunca morríamos de fome, mas na prisão aprende-se a comer tudo o que se apanha e eu utilizava uma caixa de fósforos para racionar o meu precioso açúcar.

A minha cela, tal como as outras da ala direita, ficava defronte do gigantesco Instituto de Economia, mas nada víamos dele, porque o taipal no exterior da janela encontrava-se num ângulo tal que tudo o que víamos era uma fina fita de céu, mesmo que nos chegássemos o máximo à janela. Durante uma hora por dia podíamos sair das celas, para ir até ao pátio de exercício, um pequeno terreno triangular. Avisavam-nos de que não devíamos procurar contactar os outros prisioneiros. Poucos dias decorridos, porém, todos sabiam já que um «inostranyets» (estrangeiro) tinha sido trazido e puseram-me a alcinha de «Amerikanyets». Comparada com a masmorra do K. G. B., esta parecia um paraíso.

Conquanto continuasse sozinho numa cela, o ambiente geral era muito diferente do da prisão secreta. Muitos dos condenados, russos, ficaram espantados ao saberem que eu fora preso, enquanto fazia turismo — e o orgulho pessoal deles parecia ingenuamente ofender-se à ideia de que a Rússia não tivesse sido hospitaleira para um viajante! Estabeleceram comigo um sistema de comunicação, mediante o qual, por meio de «ksiva» (notas), eu conseguia por vezes uma preciosa tijela adicional de sopa ou de batatas, através dos presos que trabalhavam na cozinha, cumprindo penas mais leves. Os guardas, na maioria, eram militares desmobilizados que preferiam um emprego na cidade, a terem que regressar aos «kolkhozes» (quintas colectivas), e graças ao seu soldo mensal de 55 rublos, facilmente se chegava a acordo com eles. Uma camisa usada estrangeira, um isqueiro ou até um par de meias podiam ser trocados facilmente por comida ou cigarros.

Havia várias categorias de prisioneiros. O regime dividia-se em «geral» e «severo». O último aplicava-se a todos aqueles que haviam sido expulsos dos campos de trabalho, devido à acumulação de in-

fracções nos mesmos. Eram mantidos num edifício à parte, e não podiam receber encomendas.

Especialmente impressionante era o espectáculo de mulheres com recém-nascidos nos braços, fazendo exercício no pátio. As crianças, nascidas no hospital da prisão e criadas pelas mães até aos sete meses, eram, depois desta idade, entregues a instituições. Muitas das presas eram empregadas de baicão condenadas pelos chamados «crimes económicos». Algumas, embora em avançado estado de gravidez, continuavam a lavar corredores, limpar enfermarias, etc. Uma cena que se me gravou na memória: certo dia cruzei-me na enfermaria com uma mulher muito pálida, de uns 35 anos, com um bebé no colo, que ela trazia ao médico. A criança atingia próximamente a idade de sete meses, pelo que ela implorou do médico que a deixasse ficar mais algum tempo, até se robustecer. Desesperada pela negativa, chegou a virar-se para mim e pedir-me que o levasse comigo, quando ficasse livre!

Também comoventes eram os delinquentes muito jovens, de idades compreendidas entre os 13 e os 18. A prisão de Mogilev não era a única onde eles se encontravam em grande número. O facto é que constituem uma séria praga na sociedade soviética, constituindo o terreno de onde brotam autênticos «exércitos» de criminosos profissionais. O problema data do caos gerado pela guerra civil, quando inúmeros jovens ficaram órfãos e virtualmente abandonados em vastos territórios. O governo soviético emergente procurou solucionar a questão, aproveitando-os e chamando-lhes «úteis filhos da revolução». Em grande número, foram guarnecer as fábricas e a construção civil, efectuando trabalho em regime forçado com os adultos. Porém, às centenas e aos milhares, foram-se escapulindo e procurando «governar-se». Uma vez que, na União Soviética, os que não dispõem de casa nem de emprego estão sujeitos a ser detidos, estes jovens «pioneiros» eram frequentemente presos e acusados de vadiagem, roubos, assaltos, etc. E assim as prisões se começaram a encher de «byesprizocniye» — crianças abandonadas.

Estes infelizes e os que se lhes seguiram constituem, no fundo, um reflexo do sistema em que se encontram. Desde há cinco décadas que o regime não consegue descobrir uma solução satisfatória, pois ao contrário dos países ocidentais, os soviéticos não recorrem ao auxílio de psicólogos e pessoal especializado na reeducação dos jovens delinquentes. Em vez deles, possuem um corpo de funcionários políticos não-qualificados, os «politvospit», encarregados de «educar» os jovens presos. Estes pedagogos políticos limitam a sua tarefa à efectivação bi-semanal de conferências políticas para menores. Os problemas que debatem são a história do Partido Comunista, o marxismo-leninismo e as biografias de vários heróis soviéticos... Após estas conferências obrigatórias, os menores regressam, praguejando, às celas e descrevem detalhadamente o que gostariam de fazer a Lenine, aos membros do governo e às suas famílias...

Num edifício especial com oito celas reservadas aos prisioneiros do K. G. B., encontravam-se menores sujeitos a investigação por tentativas de atravessamento de fronteira, para a Noruega, Finlândia, Polónia e Irão. O destino destes jovens era dramático. Mesmo após completarem as suas sentenças, seriam enviados para o exílio em locais remotos da União Soviética e sujeitos a apertada vigilância policial durante anos e anos. Os seus registos nunca poderiam ser apagados e esse «crime» marcá-los-á para o resto da vida.

Um outro grupo de prisioneiros em Mogilev eram os «Zakonniki», os reis sem coroa do mundo do crime. O termo indica que estes membros confesos do mundo do crime vivem segundo as regras do «Zakon», ou seja, o regulamento dos criminosos profissionais. A sua influência nas prisões e campos de trabalho é muito importante. Para eles, vão os cargos mais importantes ou as tarefas mais suaves, como, por exemplo, superintender nas brigadas de trabalho ou no pessoal de cozinha. Têm direito a empregados pessoais, recrutados entre os presos candidatos a «sócios de pleno direito» da confraria. Entre as suas funções conta-se servir refeições aos «reis», lavar-lhes a roupa, engraxar-lhes os sapatos, e roubar encomendas de comida recebidas por presos «sem cotação». Nos campos de trabalho, estes

senhores do crime, têm ainda, maior relevância perante as autoridades do que nas prisões, pois, cada «zakonnik», que tenha a seu cargo, uma brigada de trabalho, representa uma garantia de que a quantidade diária de trabalho é executada. As autoridades recompensam esses «testas-de-ferro», conservando-os nas suas posições privilegiadas.

Por vezes, efectuavam-se conferências políticas na prisão, mas regra geral, isso só acontecia quando algo de importância se verificava, do ponto de vista soviético. Por exemplo, em meados de Abril de 1963, o governo desenvolvia uma das suas campanhas regulares de propaganda, desta vez em prol da libertação comunista espanhol Julian Griman, que foi preso ao regressar a Espanha e sentenciado mais tarde à morte, por crimes diversos. O funcionário que tinha a seu cargo, a leitura da conferência, que se realizou num corredor da prisão, referia-se às atrocidades cometidas nas prisões fascistas e à indignação do povo soviético.

— Sabem do que ele é acusado? — gritava ele — De resistir à tirania fascista há 25 anos! Um quarto de século!

Contudo, pelo corredor adiante, os presos começaram a tecer comentários perturbadores, perguntando o que aconteceria a um caso semelhante, segundo o estatuto soviético, que não aceita a prescrição...

A conferência seguinte efectuou-se, quando da visita à U. R. S. S. de Fidel Castro. Quando o conferencista se referia à importância da revolução cubana e citava passos do discurso de Fidel, em Moscovo, atacando o regime de Baptista «por ter convertido Cuba numa semicolónia americana, por ter 30 mil prostitutas registadas em Havana», alguém da audiência interrompeu para informar que na sua cidade natal, Odessa, havia 60 mil prostitutas... e não estavam registadas! Todos desataram a rir e a alocação do conferencista resultou num fiasco. Não entendo, ainda, muito bem, de resto, o propósito destas conferências políticas, cujo conteúdo constava principalmente de ataques ao mundo capitalista, perante audiências de presos que deviam ser as únicas, em todo o país, capazes de levantar dúvidas.

P o t m a

No início de Novembro de 1963, a minha pena de prisão estava quase completa e foi-me indicado que em breve seria transferido para um campo de trabalho. Um comboio da K. G. B., com uma escolta armada de pistolas-metralhadoras, conduziu-me até à prisão de Orsha, 90 quilómetros a Norte, de onde após breve estada voltei a sair, numa carruagem-prisão alcinhada de «Stolypin», o nome de um ministro czarista. Do exterior, esta carruagem especialmente construída para o efeito parece uma carruagem de correio. É quase impossível adivinhar para que serve, pois as barras de ferro por detrás das janelas estão cobertas com espessas cortinas castanhas, tendo estampado o emblema dos caminhos-de-ferro soviéticos. Lá dentro, o panorama é outro. Cada compartimento pode conter 22 a 25 prisioneiros, deitados em tarimbas sobrepostas. O cheiro da transpiração é insuportável.

Os prisioneiros políticos encontravam-se reunidos nos primeiros compartimentos. Mulheres e menores eram levados ou trazidos em cada estação importante. De cada vez que deixávamos uma estação, o comandante do pelotão de escolta avisava os neófitos a quem ocorresse tentar fugir ou atacar um guarda:

— Se fazem alguma brincadeira, serão mortos imediatamente!

Os últimos três compartimentos eram para os guardas. Separava-os uma pesada porta de ferro que dividia o corredor, ao lado da qual, um soldado exibia uma metralhadora ligeira. A função deste, era vigiar enquanto alguém era escoltado até aos lavabos, na outra extremidade do corredor.

Para os sentenciados que dispusessem de dinheiro, ou de roupa para negociar, o «Stolypin», era um comboio-milagre. Por preços duas e três vezes superiores ao seu custo, os guardas vendiam «vodka», água-de-colónia, álcool e comida de toda a espécie. O soldado soviético dificilmente consegue viver com os seus três rublos e 80 «kopeks» e, assim, procurava aumentar os seus proventos.

Noite alta chegámos a uma das mais antigas cidades russas, Smolensk, a qual se preparava para as celebrações do 46.º aniversário da Revolução. Devido a um lapso dos oficiais encarregados da recepção, não fui isolado desta vez, mas sim, posto junto de um grande grupo de prisioneiros numa grande cela de passagem. A minha solidão foi assim, interrompida, pois ali, éramos 78. Tive possibilidade de apreciar as diferenças de população das prisões soviéticas. O grupo era muito heterogéneo, em idades e naturalidades. O mais jovem tinha 15 anos e encontrava-se a caminho de um campo especial para menores. Uma proporção substancial dos prisioneiros provinha dos Estados bálticos: a maioria eram letonianos a caminho de diferentes prisões e campos a Leste de Moscovo. Quase todos haviam sido condenados ao abrigo do parágrafo 58 do Código Penal Soviético, o qual define os crimes políticos. Embora, recentemente, esse parágrafo já não tenha o mesmo número, o antigo serve ainda, como genérico, e os prisioneiros políticos são simplesmente designados como os «58.º». Além de um grupo de presos russos, havia uma percentagem de jovens da Ásia Central soviética, na maioria refractários e objectores de consciência, que o governo não reconhece.

A 7 de Novembro recebemos um «bónus»: 300 gramas adicionais de pão, dois frutos e 100 gramas de carne de porco, como prova de que nem os condenados eram nesse dia esquecidos pelo Kremlin.

— Se não fosse a Revolução, nunca seríamos presenteados com estas «preciosas» ofertas e «artigos de luxo» — comentou sarcásticamente um preso, para o funcionário político encarregado de fazer uma alocução sobre a história e significado do acontecimento.

Pouco antes de deixar Smolensk, um guarda entrou na cela e pediu que se apresentasse o prisioneiro, cujo apelido começava por D. Compreendi imediatamente que era a mim que procuravam e que, certamente, alguém no «comité» de recepção devia estar a apanhar um raspanete por colocar inadvertidamente um estrangeiro entre os presos soviéticos. De nada servia conservar-se calado, pois o guarda tinha já na mão a minha ficha com a respectiva fotografia. Era, no entanto, doloroso, ter que deixar a companhia de seres humanos que, naqueles poucos dias, haviam demonstrado a maior hospitalidade e até amizade. O receio da solidão voltou a assaltar-me.

Porém, desta vez, tive sorte. Quando um guarda me disse que eu ia encontrar outro americano, julguei que estivesse a brincar comigo. Mas, na realidade, minutos depois era apresentado a um com-

patriota meu, da Califórnia, que havia sido condenado a 3 anos de prisão num campo de trabalho por «homicídio veicular», enquanto fazia turismo na Rússia. A nossa alegria foi extraordinária. Peter Landerman não ouvia falar inglês desde há muitos meses, e o russo era-lhe completamente desconhecido. Contou-me notícias relativamente frescas, das quais eu não tinha praticamente conhecimento desde há dois anos. Queixou-se amargamente de maus tratos na prisão e ambos ansiámos, a partir daí, pela chegada ao campo de trabalho.

Nesse mesmo dia, à meia-noite, foram-nos buscar para «etapp» — a transferência. Landerman e eu fomos reunir-nos a 800 prisioneiros, todos retidos nas celas de passagem de Smolensk durante o período das festas.

— Que pena não termos aqui uma máquina fotográfica — exclamou Peter. — Que bellissima fotografia se fazia agora!

No exterior dos portões da prisão viam-se doze «Carochas Negras», aguardando os prisioneiros. Três filas de soldados fechavam «hermeticamente» qualquer possibilidade de fuga. A primeira fila estava desarmada: a sua função era meter tantos prisioneiros quantos fosse possível dentro de cada «Carocha», até que mal se conseguissem fechar as portas. A segunda fila estava armada de revólveres e seguravam, à trela, cães-polícias. A terceira estava equipada com metralhadoras apontadas para os presos.

Terminada a viagem (de regresso a Moscovo), a mesma cena repetiu-se de manhã, quando desembarcámos. Os guardas da prisão de passagem começaram imediatamente a tratar-nos como espiões ou sabotadores. Para eles, os estrangeiros oriundos do mundo capitalista não podiam ser presos por nenhuma outra razão. Passámos um mau bocado devido a eles, especialmente Landerman, a quem, apesar de doente, foi recusada assistência médica e mesmo um cobertor adicional, não obstante a febre que dele se apoderou. Uma semana bem triste, antes da partida.

Dez horas depois da nossa partida da capital, chegámos a uma pequena estação de caminho-de-ferro, Potma, situada a 490 km a sudeste de Moscovo, na linha principal para Knibyshev. Iam começar os verdadeiros horrores.

38 nacionalidades

Sáimos do comboio e fomos levados, com várias centenas de outros presos, para um campo segregado, a poucos quilómetros. As mulheres foram

reunidas em frente a uma coluna, seguidas dos menores. Uma terceira fila compunha-se de gente idosa e inválidos. A cena mais dolorosa, para mim, foi um grupo de cegos auxiliando-se uns aos outros. Um deles revelou-me que fora objecto de uma sentença «benévola» de cinco anos, por andar a fazer agitação contra o sistema de «kolkhozes». O final da coluna era encerrado por soldados soviéticos com cães e carabinas automáticas apontadas aos detidos. Por mais que tentasse adaptar-me à nova situação em que me encontrava, sentia não ser capaz.

Potma era, apenas, o início de um gigantesco complexo de campos de concentração, situado ao longo de um troço de 54 km de linha férrea. O complexo chama-se Dubrovlag. Recebe principalmente prisioneiros das regiões oeste e noroeste da União Soviética, bem como do distrito de Moscovo. De Potma fomos transferidos para um campo especial destinado unicamente a estrangeiros, situado a 28 km a norte de Potma, nas proximidades da aldeia mordóvia de Loplei.

Este campo é uma subdivisão do grande campo n.º 5, para cidadãos soviéticos. Era conhecido por «Cinquinho» ou «Inozona» (abreviatura soviética de Zona Estrangeira). O nosso campo era o mais pequeno de Dubrovlag: continha 684 presos, número reduzido quando comparado com os outros campos, cuja média é superior a mil. Os meus companheiros eram de 38 nacionalidades, asiáticos na maioria. Entre outros, havia alemães, franceses, sírios, polacos, americanos, afgãos, espanhóis, libaneses e até um negro do Marrocos espanhol. Porém, os chineses, coreanos, gregos e iranianos constituíam os maiores grupos nacionais. Havia, ainda, instalações especiais para os prisioneiros políticos do estrangeiro. Estes encontravam-se confiados a uma baraca cercada por uma vedação alta e arame farpado. É o único campo soviético onde estão misturados diferentes categorias de regimes disciplinares, em virtude de os presos serem oriundos de países estrangeiros.

Continua

LPE-MORRISON, AGORA MEMBROS DA LEO BURNETT LPE INTERNACIONAL A 4.ª MAIOR ORGANIZAÇÃO DE PUBLICIDADE INTERNACIONAL

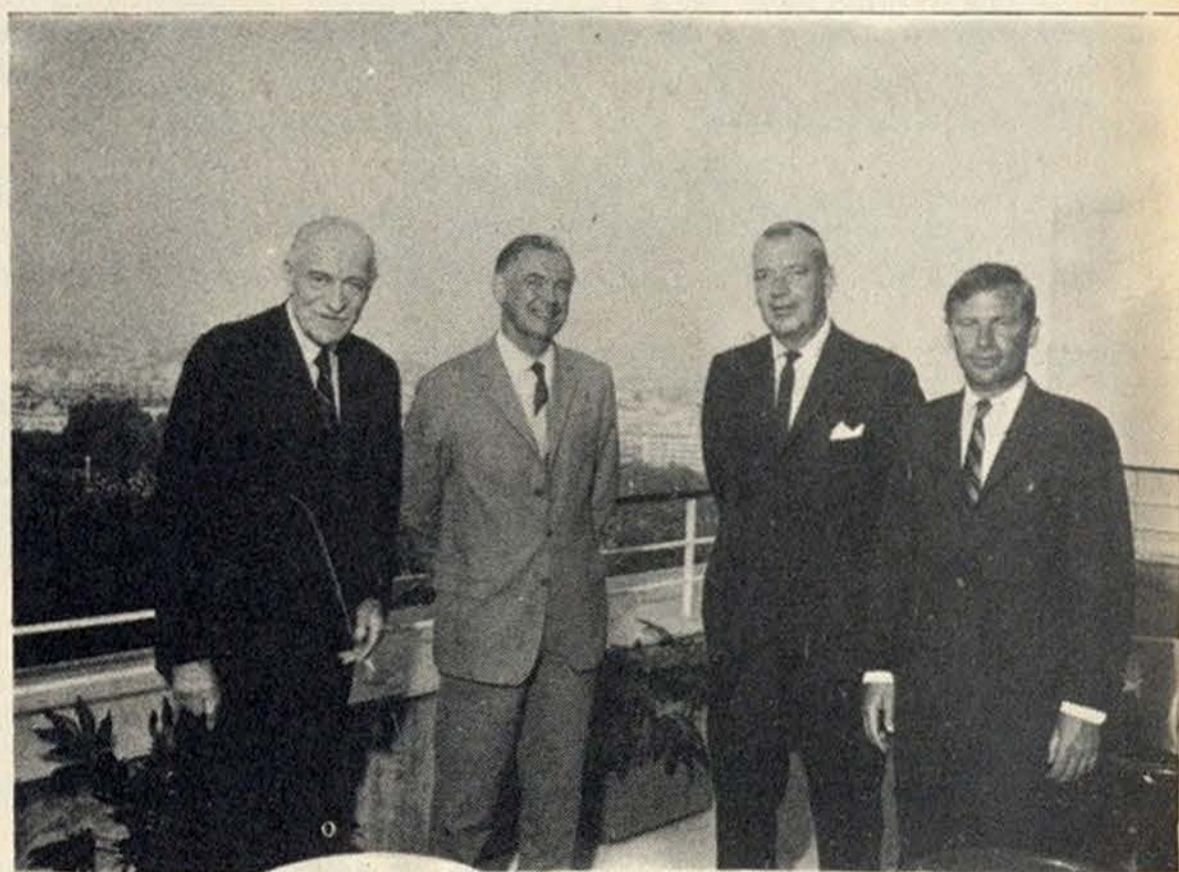
A LONDON PRESS EXCHANGE, LTD., agência inglesa de publicidade, e a sua congénere americana LEO BURNETT COMPANY, acabam de reunir os seus interesses comuns no plano internacional.

A nova organização será um dos maiores grupos internacionais de agências de publicidade em todo o Mundo. Com um montante de facturação que se eleva a 16 500 000 contos.

H. C. MORRISON LDA., a qual foi formada em Portugal em 1956 e mais tarde filiada em Espanha, permaneceu associada à LONDON PRESS EXCHANGE desde 1963 em Espanha e 1964 em Portugal.

LPE MORRISON LDA., tal como é conhecida actualmente, tornou-se agora membro desta vasta organização e continua funcionando tendo como presidente e director-geral Col. H. G. Morrison. Há um sem-número de benefícios a tirar das muitas facilidades proporcionadas pela fusão duma das melhores agências em capacidade criadora dos E. U., como uma das mais vastas e experientes empresas de publicidade europeias.

O sr. Ed. Thiele, presidente da LEO BURNETT COMPANY, juntamente com o sr. R. Sinclair, director-geral da sucursal lon-



drina, acabam de fazer uma breve visita aos escritórios da LPE MORRISON LDA., em Lisboa onde tomaram contacto com todos os membros do pessoal tendo-se depois reunido para um jantar com os directores e executivos de LPE MORRISON LDA.

O TEATRO QUE HÃ PARA VER

CLASSIFICAÇÃO: ★★★ — BOA. ★★ — MÉDIA. ★ — FRACA.

As classificações baseiam-se na opinião dos críticos dos jornais «O Seculo», «Diário de Notícias», «Novidades», «A Voz», «Diário da Manhã», «República», «Diário de Lisboa», «Diário Popular» e «A Capital».

| | AUTORES | ACTORES | COMENTÁRIO | NOSSA OPINIÃO | |
|----------------------------------|---------------------|----------------------|---|--|--------|
| RI-TE, RI-TE | MONUMENTAL | PARODIANTE DE LISBOA | FLORBELA, CAMILO E DELFINA CRUZ | Desta vez, os Parodiantes não acertaram no texto, mas o espectáculo salva-se pelos excelentes figurinos, cenografia e coreografia. | ★ |
| ANATOMIA DE UMA HISTÓRIA DE AMOR | VASCO SANTANA | LUZIA MARIA MARTINS | VASCO DE LIMA COUTO, JOAQUIM ROSA E HELENA FÉLIX | A actualidade do drama «Romeu e Julieta», numa peça baseada em textos de Shakespeare. | ★ ★ |
| OS DIREITOS DA MULHER | VARIÉDADES | ALFONSO PASO | HENRIQUE SANTANA, LIA GAMA E IRENE ISIDRO | Moral da peça: os homens devem trabalhar e as mulheres devem ficar em casa a coser as meias. | ★ |
| A MAÇÃ | GIL VICENTE Cascais | JACK GELBER | MARIA DO CÉU GUERRA, SANTOS MANUEL, ANTÓNIO MARQUES, etc. | Criada pelo «Living Theatre» em 1962. Jack Gelber tenta provar que o teatro e a vida podem confundir-se. | ★ ★ |

O CINEMA QUE NÓS VIMOS

| | REALIZADORES | ACTORES | COMENTÁRIO | NOSSA OPINIÃO | |
|--|--------------|-----------------|---|--|---|
| SPARTACUS (Spartacus) E. U. A., 1960 Reposição | MONUMENTAL | STANLEY KUBRICK | KIRK DOUGLAS LAURENCE OLIVIER CHARLES LAUGHTON e PETER USTINOV | Algumas ingenuidades e um certo esquematismo tiram a SPARTACUS o vigor épico e a denúncia furiosa que, a manterem-se, fariam dele um marco indiscutível. | 4 |
| O CASAMENTO (Le Mariage ou Mazel Tov) FRANÇA, 1969 | ESTÚDIO 444 | CLAUDE BERRY | CLAUDE BERRI ELISABETH WIENER REGINE e LUISA GOLPEYN | Claude Berri, que já nos surpreendera em O VELHO E A CRIANÇA, surge-nos agora numa comédia amarga e desiludida sobre o casamento. | 3 |
| DUELO DA VINGANÇA (GUNFIGHT IN ABILENE) 1967 — (E. U. A.) | EUROPA | WILLIAM HALE | BOBBY DARIN, EMILY BANKS E DON GALLOWAY | William Hale confirma as esperanças postas em «A Roleta da Morte», dirigindo um «western» cheio de intencionalidade e inteligência que é também um líbelo contra a guerra e a prepotência. | 3 |
| O CASO STRANGE (The Strange Affair) INGLATERRA, 1968 | IMPÉRIO | DAVID GREEN | MICHAEL YORK JEREMY KEMP SUSAN GEORGE e GARRY FANTONI | A corrupção na polícia inglesa e na sociedade britânica, vista com certa crueza por David Green. | 3 |
| HELGA (O Segredo da Maternidade) (Helga) — Alemanha Occidental, 1968 Versão portuguesa | VOX | ERICH F. BENDER | RUTH GASSMAN ASGARD HUMMEL e EDERHARD MONDRY | Cinematograficamente mau, cientificamente ineficaz, didacticamente pobre, HELGA é um filme feio e mórbido no seu oportunismo. | 0 |

CLASSIFICAÇÃO: 5 — EXCEPCIONAL. 4 — MUITO BOM. 3 — BOM. 2 — COM INTERESSE. 1 — FRACO. 0 — MAU.

si

DE SÁBADO A SÁBADO

ACTUALIDADE INTERNACIONAL OS ACONTECIMENTOS



INAUGURAÇÃO DO COMBOIO AÉREO

Este é o modelo definitivo do comboio aéreo que será posto ao serviço da linha Paris-Orleães.

Apresentado à Imprensa em Julho no aeroporto de Bowrget, este veículo pode transportar 80 passageiros a uma velocidade variável entre 250 e 300 km/hora.



CONDENADO A VIVER NA SOMBRA

Enquanto toda a gente na Inglaterra corre sôfregamente a saborear uma rara onda de calor, o pequeno Mark Diment, de 3 anos, têm de se esconder na sua casa no Bairro Lamberth, de Londres. Mark sofre de uma doença congénita no sangue, «pórra», que o obriga a viver permanentemente na sombra. O seu caso é extremamente raro em todo o Mundo. Registam-se apenas 77, e Mack parece ser a única pessoa na Inglaterra atingida por esse mal. Se ficar exposto ao sol, por pouco tempo que seja, a sua pele sofre logo terríveis erupções. Fica completamente desfigurado e sofre terríveis dores. Mesmo em casa não está inteiramente protegido. As janelas normais não o defendem

dos raios do Sol. É preciso conservar as cortinas corridas durante o dia. Além do perigo do sol, há ainda outro perigo para a vida do pequeno Mark. Qualquer lesão provocada por uma simples pancada, pode ser-lhe fatal. Embora esteja instalado num ponto da casa onde o sol nunca bate, praticamente, os pais de Mark procuram a todo o instante um alojamento mais apropriado. Por isso, na lista de Lamberth destinada à distribuição de casas, estão inscritos com prioridade.

O pai de Mark é operário e trabalha numa fábrica nos turnos nocturnos. Tem esperanças de conseguir uma casa própria com janelas absolutamente anti-sol. Só nessa altura o pequeno Mark poderá viver em maior segurança.

As únicas vezes que Mark sai é quando o céu está enevoado ou quando chove. Então, a mãe, a sr.^a Teresa Diment, de 24 anos, equipa-o com uma blusa de mangas compridas, luvas, um chapéu, óculos escuros, e leva-o, juntamente com a sua irmãzinha, de 2 anos, Michelle, ao jardim em frente. Nesses dias cinzentos e tristes, Mark pode ao menos brincar e é um pouco mais feliz do que nos restantes dias alegres que as outras crianças esperam ansiosamente e que bem raros são em Londres. Os especialistas do Hospital Escolar Real observam-no permanentemente.



MORTA EM CONDIÇÕES MISTERIOSAS

Esta jovem, primeiramente encontrada morta e completamente nua num pomar de Kent, foi agora identificada como Diana Davidson, de 21 anos. Os sinais encontrados no pescoço levam a presumir um estrangulamento. Diana

era assistente de pesquisas no estabelecimento de armas secretas do exército, no Forte de Halstead, perto de Sevenoakes. Trabalhava juntamente com seu pai, um cientista. O noivo era também empregado no mesmo estabelecimento, mas noutra sector.

Diana fora vista pela última vez ao regressar de um campo de «cricket» numa aldeia próxima, onde estivera a ver jogar o noivo. O seu corpo foi encontrado na noite de 28 do passado mês, por um transeunte que passeava acompanhado pelo seu cão.

Segundo as investigações, Diana deve ter sofrido uma morte violenta.



COM OS COMANDOS DA MORTE

Dois repórteres franceses foram recebidos pela Frente Popular de Libertação da Palestina num campo de treinos da fronteira de Israel.

Foi a primeira vez que a F. P. L. I., a que se deve a responsabilidade dos atentados de Zurique, Atenas e Jerusalém, se deixou fotografar durante os treinos.

Nas fotos podemos ver, respectivamente, uma série de exercícios físicos de destreza, e a colocação de uma mina.



Neste verão
tudo o que você
sentirá
é frescura

Os vestidos não têm costas. Os dias são despreocupados. Mas você ainda tem uma melhor maneira de lutar contra o calor do verão. Com os tampões Tampax, o meio mais moderno de protecção higiénica interna, você dificilmente notará a diferença entre os dias do mês.

NEM CINTOS
NEM ALFINETES
NEM CHUMAÇOS
NEM CHEIRO

Eles não podem ser sentidos quando colocados.

Eles deixam-na completamente livre e despreendida.

Eles evitam odor e irritação. E nunca apresentam qualquer problema para os fazer desaparecer. Agora, que você se está a sentir tão calma, não se sente limpa e fresca também?



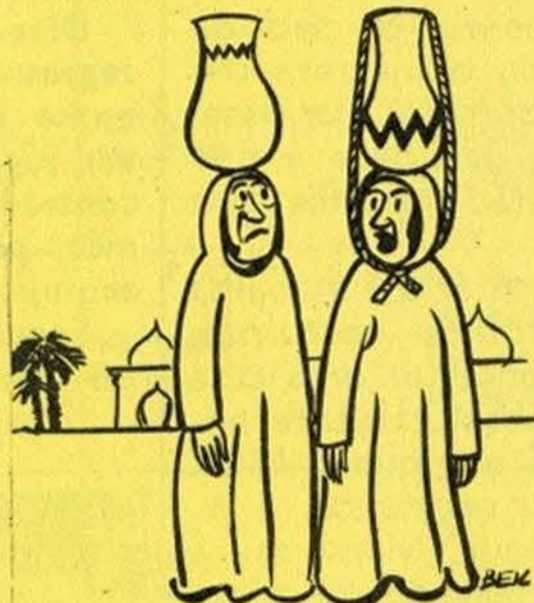
APERFEIÇADO POR UM MÉDICO
AGORA USADO POR MILHÕES DE SENHORAS.

PROTECÇÃO HIGIÉNICA PARA USO INTERNO

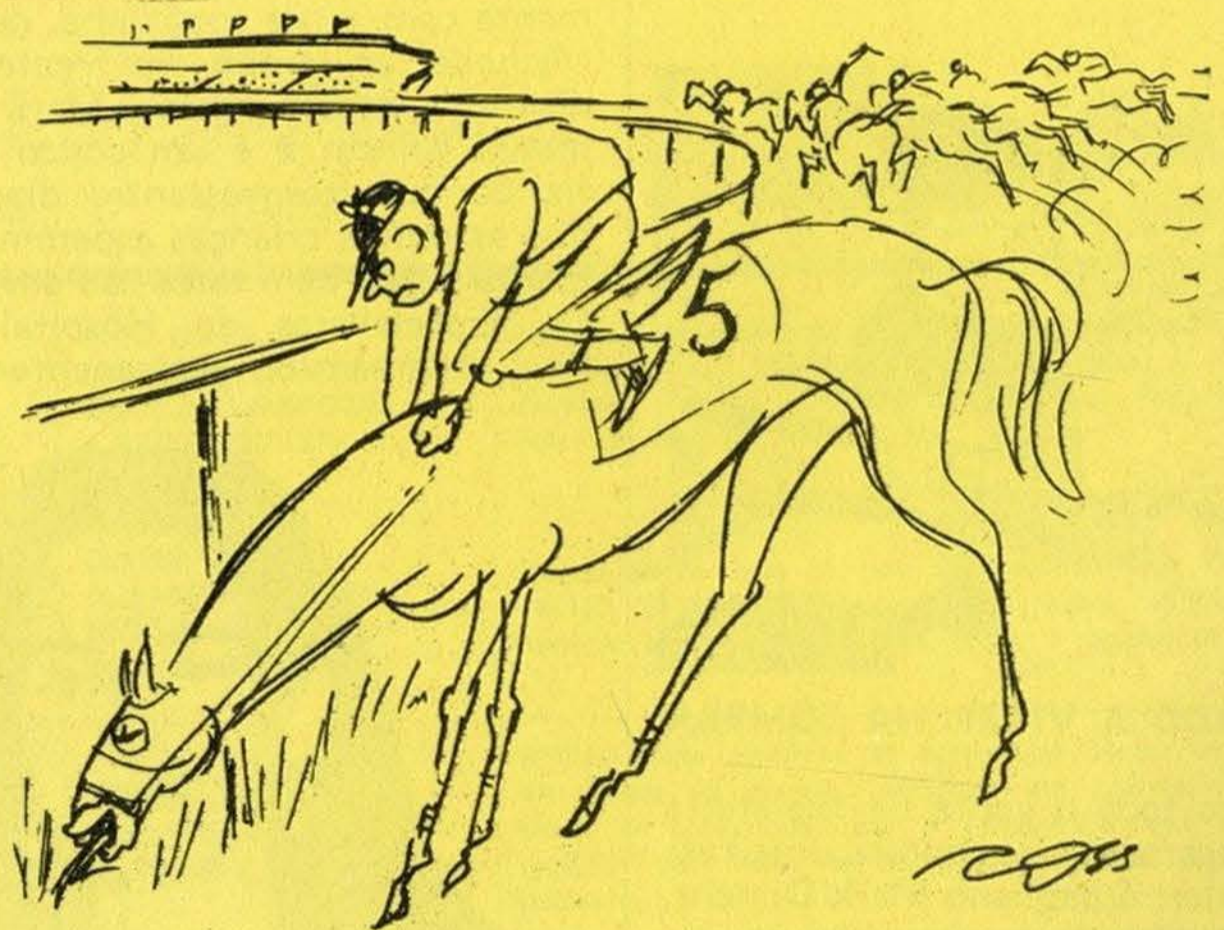
76 DISTRIBUIDOR: A. P. AGOSTINHO - LISBOA



— Para a próxima semana dá-me outra lição de pesca, valeu?



— Tenho de andar assim enquanto não me passarem os soluços!



Refrescante! Estimulante!

Gordon
e
Água
Tónica



O GIN que mais se vende em todo o mundo

IMPORTADO DIRECTAMENTE DA ORIGEM

AGENTES:

J. A. DA COSTA PINA, LDA.
LISBOA

COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
PORTO COIMBRA FARO

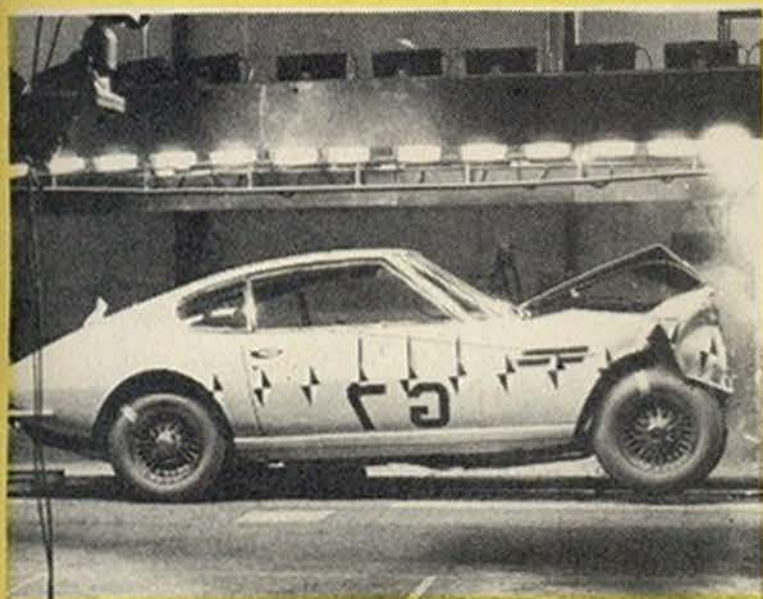
HUMOR

CETAVLEX
PARA AS QUEIMADURAS DO SOL

si

DE SÁBADO A SÁBADO

AS INICIATIVAS



ENQUANTO FOR A FINGIR...

O estado em que ficou este carro depois de ter embatido de encontro a um bloco de cimento de 200 toneladas! O choque foi deliberado, como teste sobre a resistência de materiais. Provou-se que a construção do veículo oferece uma considerável garantia relativamente à segurança dos passageiros. A experiência foi feita no centro de investigação automobilística de Nuneaton. O condutor ficou incólume e se houvesse passageiros ficariam igualmente ilesos. Esta experiência oferece inapreciáveis vantagens, e vem abrir novos pontos de vista no capítulo de acidentes de viação. Com a vertigem que caracteriza a condução nas estradas, este novo modelo pode ser portador de uma humanitária intervenção, que poupará muitas vidas.



CÃES COM ORELHAS POSTIÇAS

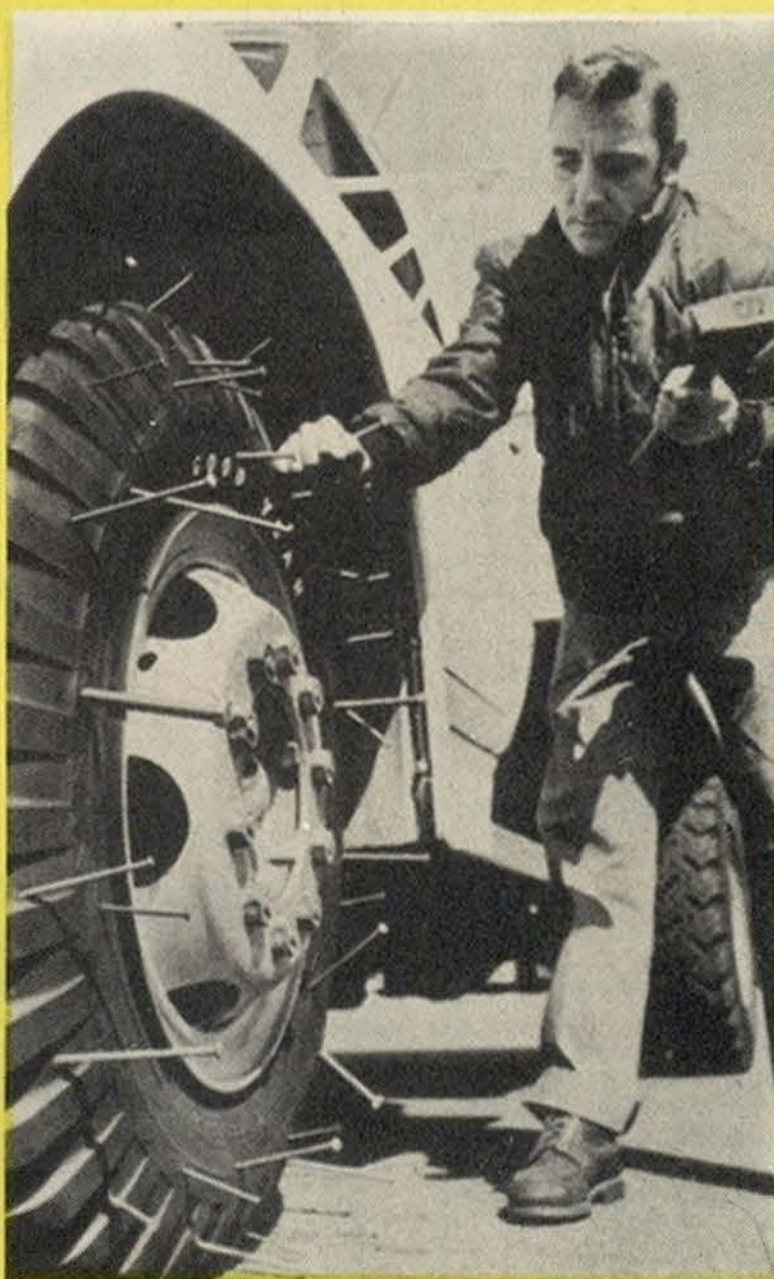
Estes são «Cito», «Centro», «Cedo», «Carina», «Centra» e «Cármén», seis cães perfeitamente conscientes dos seus velhos pergaminhos. São todos de raça «dobermann» e nas suas cédulas animais, consta o altamente nobre apelido

do «Von Fürstenfeld», pois estes animais são alemães.

O facto mais estranho é que os ilustres possuem, cada um, um par de arrogantes orelhas... postiças. Foi ideia do seu dono — o sr. Hermann Palmer, caixeiro viajante em Fürtenfeldbruck e apaixonado criador de cães de raça.

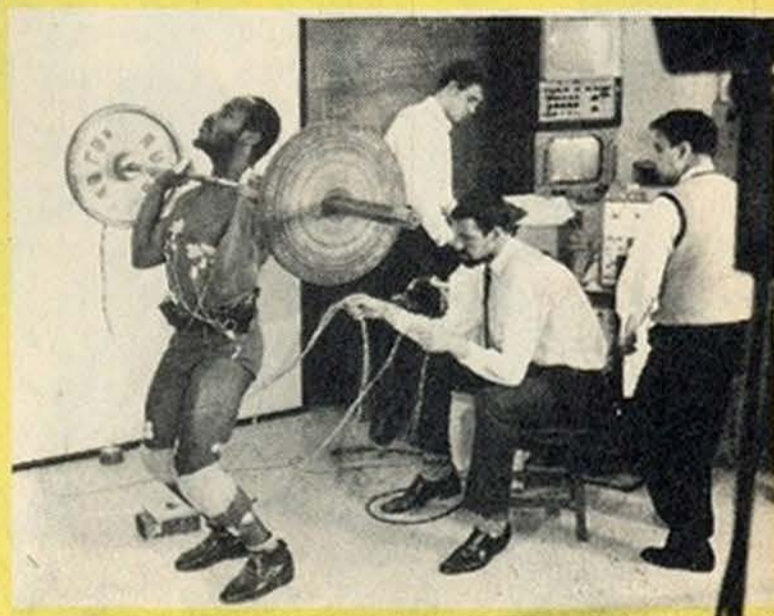
Quando os seus seis cães completaram seis semanas de vida, o sr. Palmer aparou-lhes as orelhas e arranjou-lhes, para proteger e apressar a cura, umas conceituadas orelheiras, que aqui vemos implantadas no alto dos seis cãesinhos.

Resta informar que os cães «dobermann» são conhecidos como particularmente astutos e utilizados como cães polícias.



FINALMENTE O PNEU ANTIFURO

A Sociedade Goodyear acaba de inventar um pneu à prova de todos os precalços. Este pneu não rebenta, nem à bala. Uma rajada de metralhadora não consegue esvaziá-lo. Quanto a pregos e vidros, nem se fala. Nada impede que o novo pneu deslize pelas estradas fora.



MÚSCULOS ELECTRÓNICOS

A experiência foi feita recentemente na Universidade de Tecnologia de Loughborough. Trata-se de aumentar a força muscular por meio de eléctrodos. Esta energia, por enquanto apenas aplicada em regime experimental a actividades desportivas, poderá ser um inapreciável reforço nos trabalhos onde a força muscular do homem é ainda necessária...



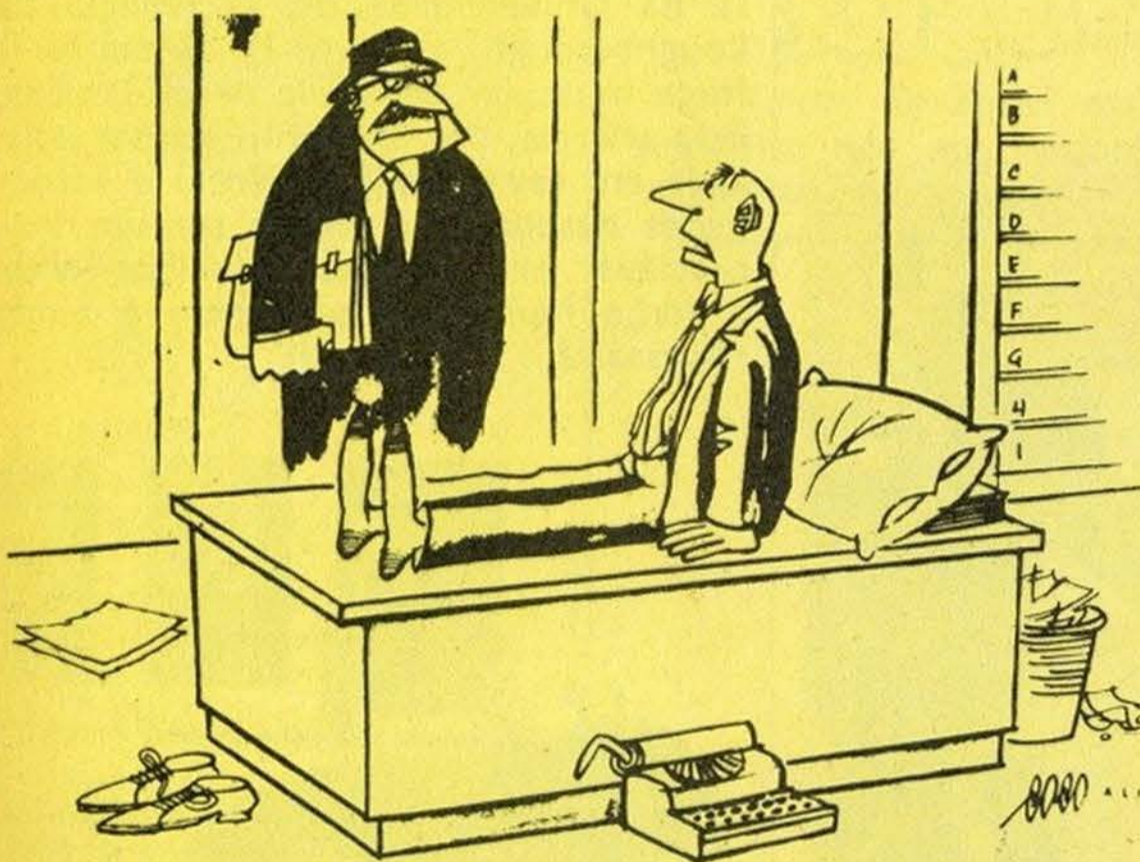
UM ESPANTA-GATOS ORIGINAL

Este «mighty mouse» afasta os gatos do jardim de «Mrs.» Pat Coombe, uma jardineira muito perspicaz. Cortou a silhueta do rato num arbusto plantado em frente da sua janela. «Mrs.» Coombe juntou um reflector de bicicleta a um olho, o qual à noite reflecte a luz dos faróis dos carros que passam e afugenta assim qualquer gato. O arbusto é um «pyranautha» e mede quase 2 metros da cabeça à cauda.

HUMOR



— Parece que o chefe pediu que lhe levassem o pequeno almoço à cama!...



— Desculpe, patrão, mas eu cheguei com dez minutos de avanço...

Haig

O WHISKY ESCOCÊS
DE MAIOR VENDA
EM INGLATERRA

apreciado
em todo
o mundo



SEMPRE QUE DESEJAR
BEBER WHISKY...
PEÇA E EXIJA
HAIG

CONHECIDO DESDE 1628

Kingfisher Vinyl

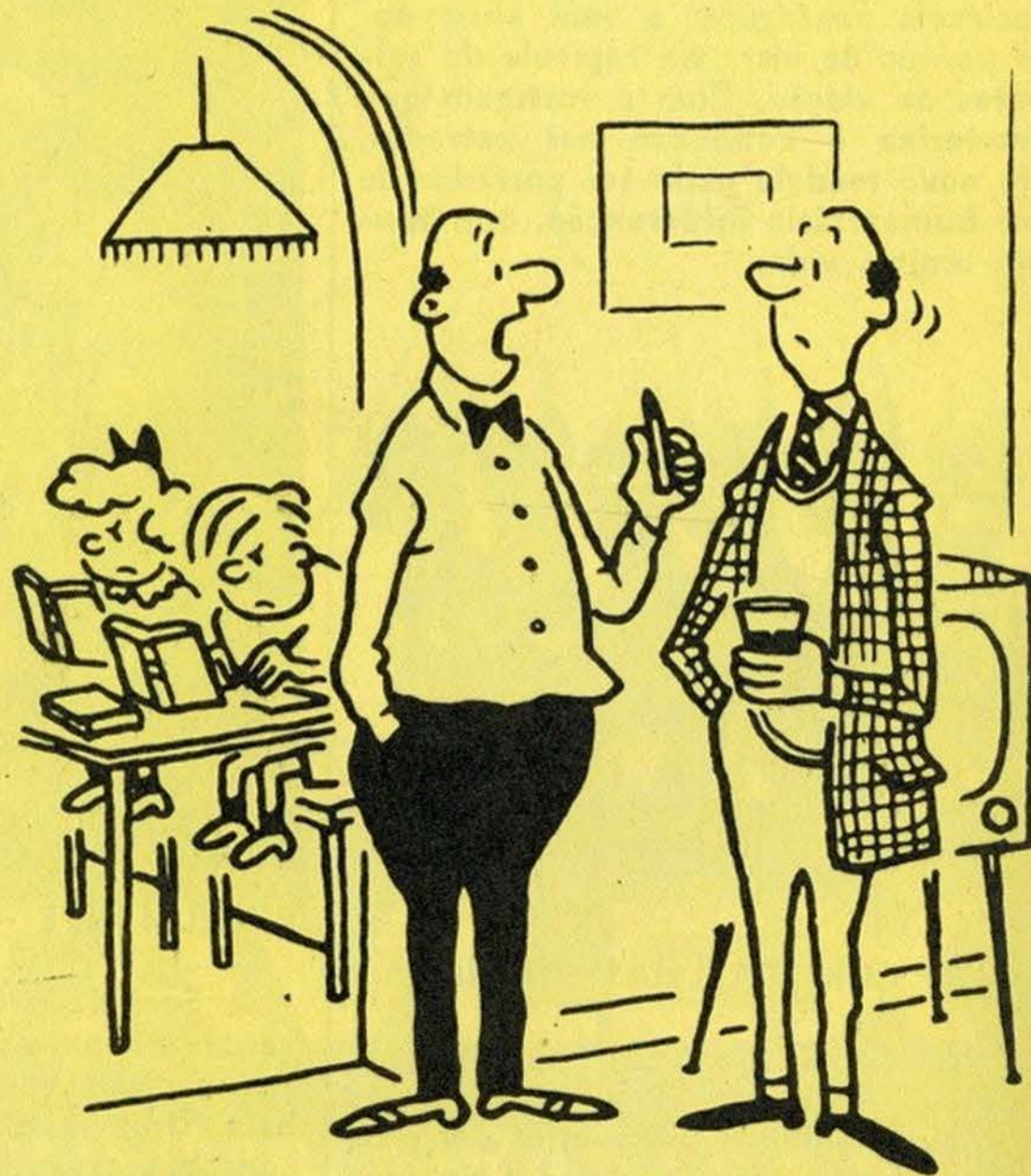
ÚLTIMAS NOVIDADES DE PAPÉIS LAVÁVEIS P. PAREDES

300
PADRÕES
DIFERENTES



EXPOSIÇÃO PERMANENTE

AVENIDA JOÃO CRISÓSTOMO, 10-B (Junto Av. Defensores Chaves)



— Os programas da televisão estão a tornar-se tão monótonos que as crianças preferem estudar...

si

DE SÁBADO A SÁBADO

AS FIGURAS



APERTO DE PATA REAL

Este grave representante dos canídeos é digno de medalha. Tem um ótimo coração, uma boa formação cívica e tudo isto acompanhado de um profundo amor ao próximo.

Calcule-se que este cão-lobo irlandês deu sangue.

Mas Honey, assim se chama, foi recompensado e... principescamente.

A princesa Ana de Inglaterra, que inaugurava um hospital para animais em Kennett, Suffolk, conheceu Honey e gostou muito dele. A simpatia foi mútua e o Honey chegou ao ponto de se sentar e de estender a pata para um aperto de mão à princesa.

Honey, de 18 meses, é o principal dador de sangue do hospital.

AS MULHERES DO VIETNAME

Estas mulheres são muito importantes na vida do seu país. Sem elas não eram só os homens que teriam de se adaptar a uma nova vida menos facilitada. Sem elas, que são na guerra tão operacionais como qualquer outro guerrilheiro, e são na vida civil tão úteis como qualquer outro cidadão, o seu país ver-se-ia a braços com um problema im-

portante e que nada tem a ver com a desigualdade de sexos — a falta de braços.

Estas mulheres, que podemos ver na foto, são membros de um clube de natação de uma escola de treinos de líderes. Fazem exercícios físicos nas margens de um rio numa aldeia a nordeste de Hanói.

Seis horas de exercícios físicos e quatro de ensino a preparar jogos atléticos internacionais — é esta a distribuição diária do seu trabalho.



O PASSEIO SOBRE AS ÁGUAS

Não, não se trata de um acontecimento tirado a 2000 anos de História! Esta não é a segunda edição do milagre de «Pedro Caminhando Sobre as Águas».

Na realidade, e apesar das exclama-



ções arrancadas de quem presenciou tal facto, isto nada tem de antinatural.

Simplesmente, este senhor — Rogger John Megera — caminha, não sobre a superfície fresca e lúzida de um rio, mas sim sobre uma conduta de gás natural colocada no leite do rio Yama em Victoria, Austrália. Esta conduta destina-se a ligar outras duas — a de Dandenong e a de West Melbourne.

Feliz passeio, «mr.» Megera!

ALUNOS — PRECISAM-SE

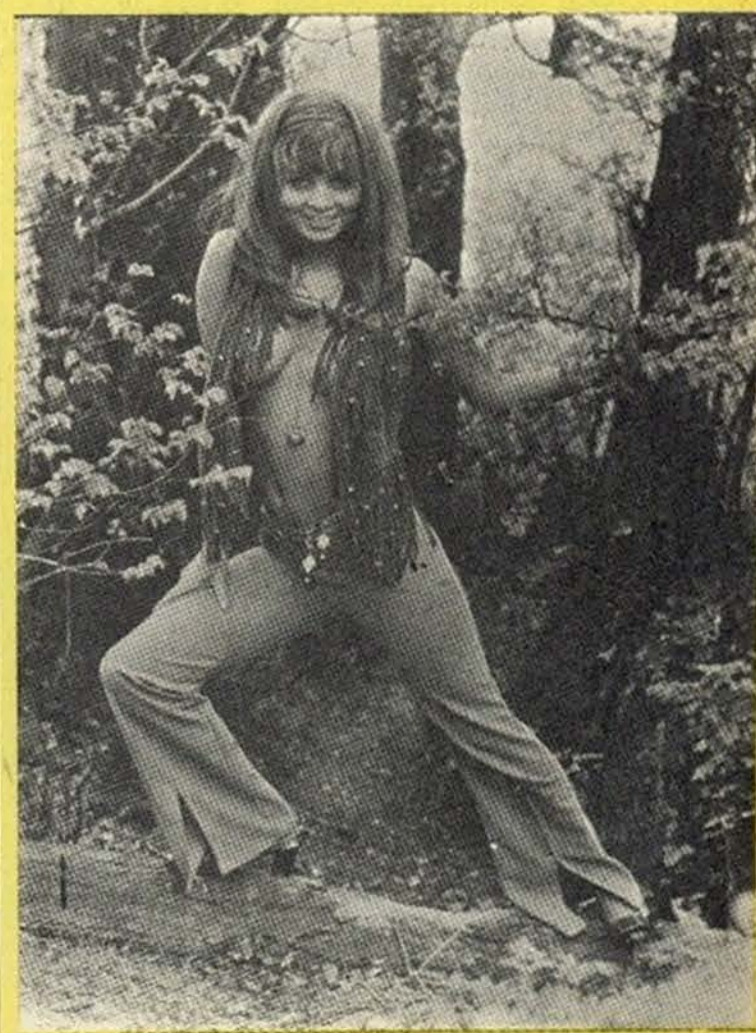
Era uma vez uma menina chamada Françoise Pascal. Era tão bonita como a foto (generosamente) mostra, e teve a sua primeira oportunidade no cinema nas filmagens de «Loving Feeling», que conta a história nada privada de uma «disc-jockey» londrina.

Apareceu-lhe depois nova oportunidade com o realizador Jean-Luc Godard, figurando em «One Plus One», com os Rolling Stones.

Em tais andanças a menina Françoise chegou até ao conhecimento de Vadim, que não perdeu tempo e a convidou para filmar e... viver em Paris. A Françoise ficou de pensar no assunto.

Entretanto vive em Londres onde roda «School For Sex»... Há vagas para alunos.

Alguém deixa de se inscrever?



GRANDE CONCURSO

3 DATSUN PARA VOCÊ!

ESCLARECEMOS OS CONCORRENTES DE QUE É INDIFERENTE FAZER O ENVIO DOS CUPÕES LOGO APÓS A SUA PUBLICAÇÃO, OU TODOS JUNTOS NO FINAL. SE O LEITOR DESEJA HABILITAR-SE COM NÚMEROS DISTANCIADOS, ENVIE OS CUPÕES SEMANALMENTE; SE, PELO CONTRÁRIO, PRETENDE CONCORRER COM NÚMEROS APROXIMADOS, VÁ REUNINDO OS CUPÕES E ENVIE-OS TODOS JUNTOS NO FINAL. A CADA CUPÃO ENVIADO CORRESPONDERÁ UM NÚMERO NO SORTEIO.

A CADA CUPÃO ENVIADO CORRESPONDERÁ UM NÚMERO QUE O HABILITARÁ AO SORTEIO

REGULAMENTO

- 1.º — «O SECULO ILUSTRADO», com a colaboração da prestigiosa firma Entrepósito Comercial de Automóveis, organiza entre os seus leitores o Concurso «TRÊS DATSUN PARA VOCÊ».
- 2.º — Os concorrentes, para ficarem habilitados aos 3 prémios que serão atribuídos por sorteio, deverão recortar de «O SECULO ILUSTRADO» os cupões publicados nos números dos dias 21 e 28 de Junho; 5, 12, 19 e 26 de Julho; 2, 9, 16, 23 e 30 de Agosto, e 6 de Setembro, colando cada cupão num bilhete-postal, que deverá ser enviado pelo correio (sem ser metido em sobrescrito), dirigido a CONCURSO DATSUN — «O SECULO ILUSTRADO» — APARTADO 2116 — LISBOA. É indispensável indicar com letra bem legível o nome completo e a morada.
- 3.º — Todos os cupões recebidos até às 18 horas do dia 6 de Outubro de 1969 e obedecendo às condições anteriores serão numerados para efeitos de sorteio (com numeração seguida a partir da unidade) segundo a sua ordem de entrada.
- 4.º — No dia 11 de Outubro de 1969, pelas 12 horas, no Salão de Festas de «O SECULO», Rua de «O Seculo», 51, em Lisboa, na presença de representantes do Governo Civil de Lisboa e dos concorrentes, proceder-se-á ao sorteio dos 3 prémios, extraindo das esferas que conterão as bolas numeradas, aquelas que determinarão os cupões premiados.

- 5.º — Os prémios a sortear serão:
Um automóvel DATSUN — 2300 SUPER SIX no valor de 170 000\$00.
Um automóvel DATSUN — 1300 no valor de 76 500\$00.
Um automóvel DATSUN — 1000 (4 portas) no valor de 64 000\$00, no valor total de 310 500\$00.
- 6.º — O Sorteio é um acto público, podendo assistir os concorrentes bem como qualquer pessoa.
- 7.º — Cada concorrente poderá enviar em seu nome quantos cupões desejar, corresponden-

do a cada cupão um número que habilitará ao sorteio.

- 8.º — A entrega dos prémios será efectuada desde o dia 13 de Outubro de 1969 até ao dia 12 de Abril de 1970, mediante identificação do premiado, o qual assinará recibo com reconhecimento notarial, comprovativo de ter entrado na posse do prémio que lhe coube.
- 9.º — Os prémios não reclamados dentro do prazo estabelecido, reverterão para o estabelecimento de assistência que a autoridade competente determinar.

CONCURSO

3 DATSUN PARA VOCÊ! N.º

ORGANIZADO POR
O SÉCULO ILUSTRADO

(PREENCHER COM LETRA BEM LEGÍVEL)

NOME COMPLETO _____

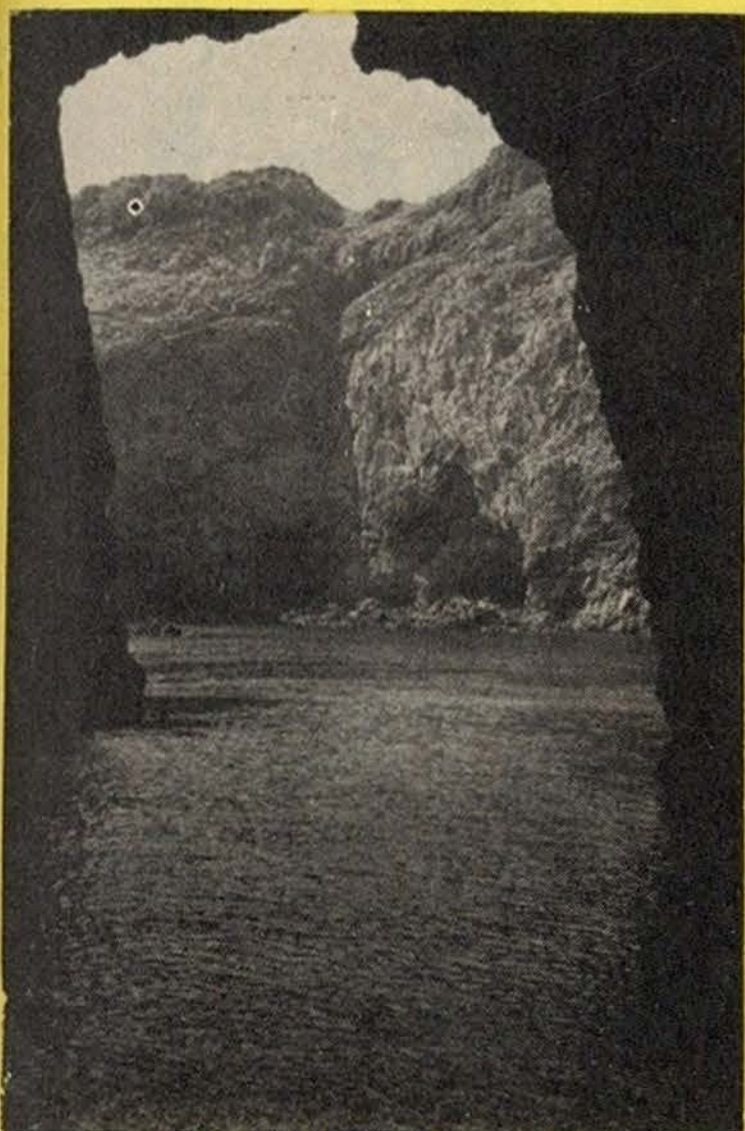
MORADA _____

LOCALIDADE _____

IMPORTANTE: Recorte este cupão pelo tracejado, preencha-o, cole-o num postal e remeta pelo correio para CONCURSO «TRÊS DATSUN PARA VOCÊ!» — «O SECULO ILUSTRADO» — Apartado 2116 — LISBOA.

CINCO MORTOS NA BERLENGA

Cinco mortos — este o balanço de um passeio marítimo na Berlenga. Foi no dia 30 de Julho, pelas 16 horas, que a tragédia se desenrolou: uma família constituída por D. Maria Alcina Ferreira, de 60 anos, doméstica, casada com o sr. Francisco José Ferreira, de 62; sua filha, D. Iria Alcina Ferreira, de 36, doméstica; o marido desta, sr. Henrique Guilherme Loureiro de Melo, empregado de escritório, de 34; a filha deste casal, Deolinda Maria Ferreira de Melo, de 8; uma outra filha da primeira senhora, D. Zulmira Branca Ferreira Rodrigues, de 32, doméstica; seu marido, sr. Adão Lopes Rodrigues, de 40, industrial de ourivesaria, e um filho deste casal, Augusto Ferreira Rodrigues, de 15, estudante, tomou lugar num barco a motor pertencente a Francisco Franco, de 70 anos, mais conhecido pelo «Chico Careca», um velho pescador de Peniche que no Verão ganhava a vida efectuando circuitos turísticos pelas grutas e recantos da pequena ilha. A certa altura, o pescador talvez para ser amável apontou imprudentemente o barco para a Gruta do Sono atravessando um túnel, o Furado, que tem ao fundo, à esquerda, uma curva denominada Ouvido do Furado, local de grande beleza, mas perigoso quan-



A saída da gruta «Furado»

OS SOBREVIVENTES

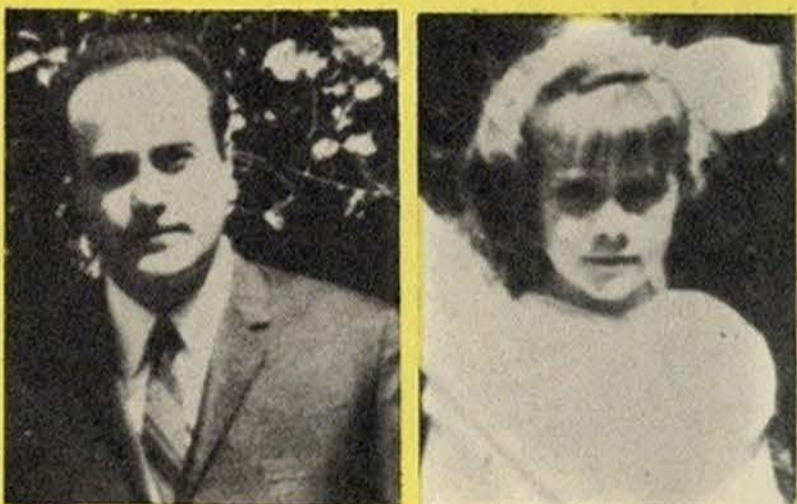


Augusto Ferreira Rodrigues

Adão Alves Rodrigues

Iria Alcina Ferreira

OS QUE MORRERAM



Henrique Guilherme de Melo

Deolinda de Melo



Maria Alcina Ferreira

Zulmira Branca Ferreira

do, como realmente acontecia, está maré cheia. Um inesperado «enchio» — vaga alta que acompanha a maré cheia — lançou o pequeno barco contra as rochas. Em poucos segundos, cinco dos seus ocupantes morriam enquanto outros três foram salvos pelo pescador Aníbal de Sousa Carriço que, ouvindo gritos, para lá acorreu com o seu bote. Além do «Chico Careca» há a lamentar a perda de Maria Alcina Ferreira, Henrique Guilherme de Melo, Deolinda de Melo e Zulmira Branca Ferreira.

Esta família era toda natural do Porto e o Henrique de Melo vivia com sua esposa e filha, há seis anos, em Paris, para onde emigrara. Os restantes residiam na Madalena, Vila Nova de Gaia.

ENTREGA DE CREDENCIAIS

No Palácio de Belém, o Chefe do Estado recebeu em audiência solene o embaixador dos Estados Unidos no nosso País, Richard Brewster Knight, que lhe entregou as respectivas credenciais. Depois da entrega das mesmas, que o acreditam como embaixador extraordinário e plenipotenciário, Richard Knight foi convidado pelo almirante Américo Thomaz a pasar à Sala do Conselho, onde conversaram durante alguns minutos juntamente com o ministro dos Negócios Estrangeiros.



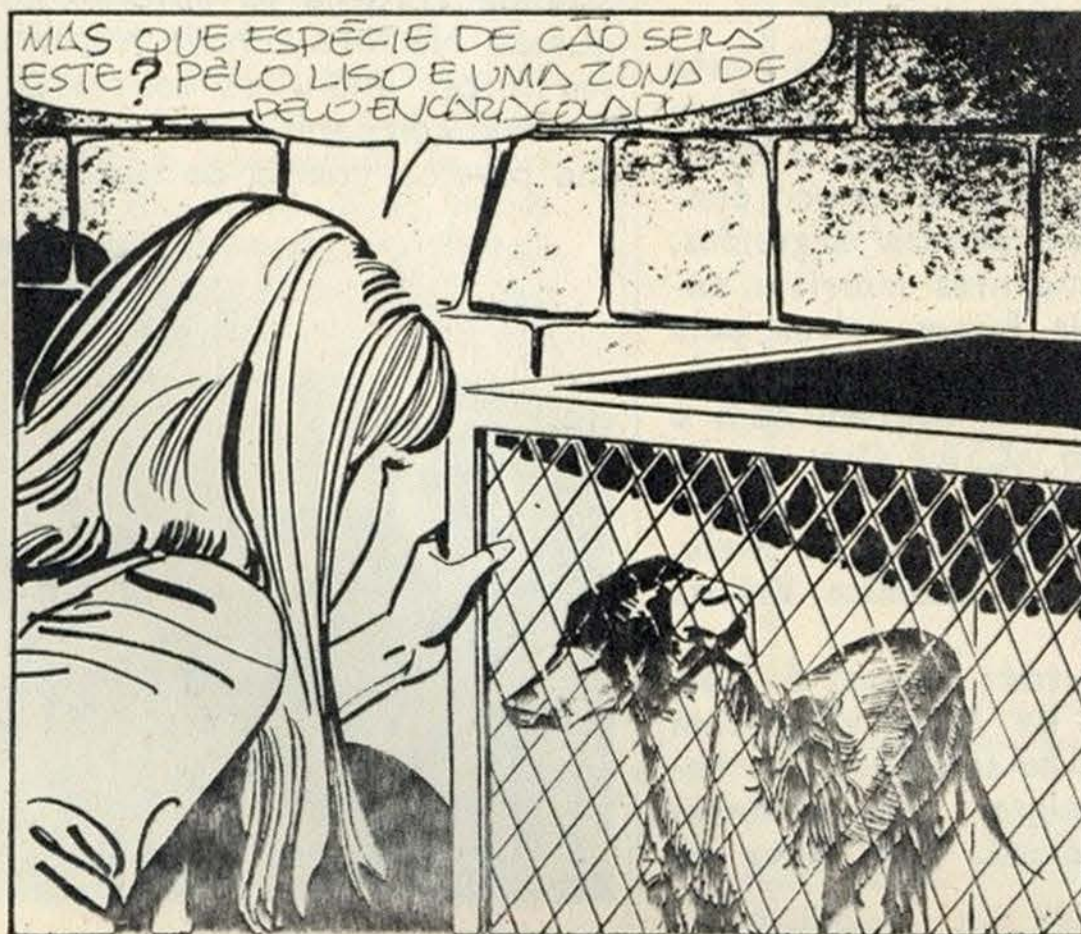
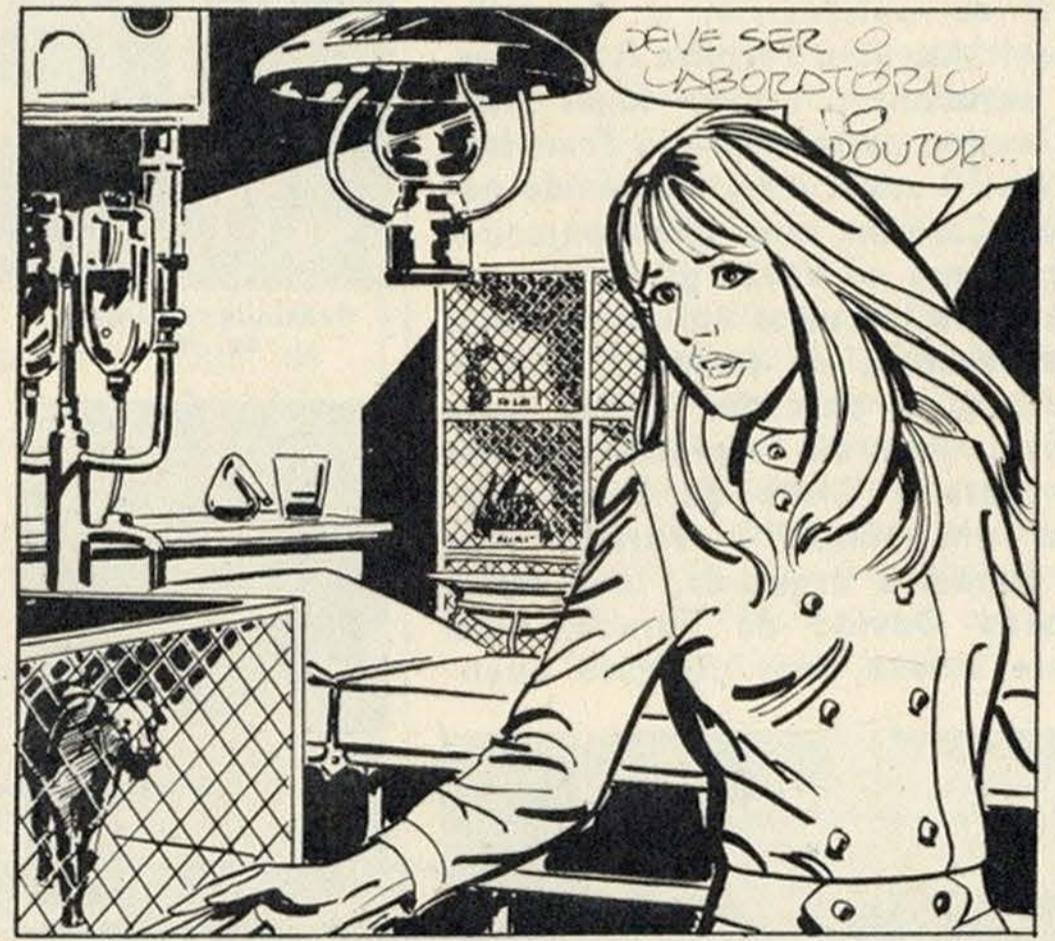
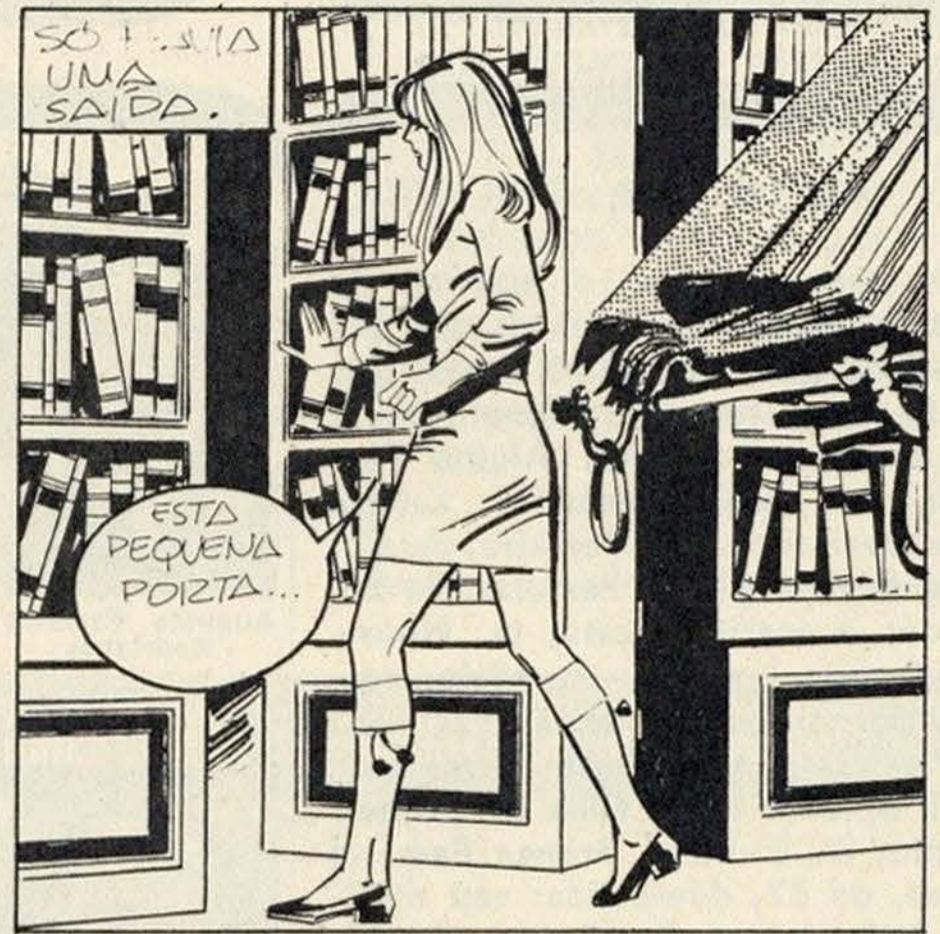
NOVO COMANDANTE DA ALIANÇA ATLÂNTICA

O general Andrew J. Goodpaster, novo comandante militar da Aliança Atlântica, esteve em Lisboa numa visita de cortesia às autoridades portuguesas. Na foto, o novo responsável pelas forças atlânticas assiste ao desfile de uma companhia da Força Aérea que lhe prestou guarda de honra.



SPY

em O HOMEM DA MASCARA DE COURO



EIS O DATSUN 2300/SUPER SIX



ESTE IMPONENTE AUTOMÓVEL
(ENTRE OUTROS)

PODE SER SEU !!

BASTA COMPRAR ^{O SÉCULO} **ilustrado**

PARTICIPE JÁ NO SENSACIONAL CONCURSO

3 DATSUN PARA VOCÊ!

a importância do grão de café



PROMO-C-69-19



puro na plantação! puro na chávena!

O GRÃO GUARDA INTACTO ÁTE AO ÚLTIMO INSTANTE O SEU TESOIRO DE AROMA E DELICADO PALADAR. E SÓ O GRÃO GARANTE A VERDADE E A PUREZA DO SEU ESTÍMULO PREFERIDO.

beba café puro! exclusivamente!

**CAFF
GAIL**

